

RICK RIORDAN

PERCY JACKSON

E OS OLIMPIANOS



A MALDIÇÃO DO TITÃ

SINOPSE: A MALDIÇÃO DO TITÃ

Um chamado do amigo Grover deixa Percy a postos para mais uma missão: dois novos meios-sangues foram encontrados, e sua ascendência ainda é desconhecida. Como sempre, Percy sabe que precisará contar com o poder de seus aliados heróis, com sua leal espada Contracorrente... e com uma caroninha da mãe. O que eles ainda não sabem é que os jovens descobertos não são os únicos em perigo: Cronos, o Senhor dos Titãs, arquitetou um de seus planos mais traiçoeiros, e nossos heróis serão presas fáceis. Um monstro ancestral foi despertado - um ser com poder suficiente para destruir o Olimpo -, e Ártemis, a única deusa capaz de encontrá-lo, desapareceu. Percy e seus amigos têm apenas uma semana para resgatar a deusa sequestrada e solucionar o mistério que ronda o monstro que ela caçava.

Divertidíssima e repleta de ação, essa terceira aventura da série coloca nosso herói e seus aliados frente a frente com o maior desafio de suas vidas: a terrível profecia da maldição do titã.

Em caso de erros enviar e-mail para:
victor.martins.oficial05@gmail.com

Com

Livro:

Página:

Erro:

RICK RIORDAN

PERCY
JACKSON
E OS OLIMPIANOS



A MALDIÇÃO DO TITÃ

Copyright © 2007 Rick Riordan

Edição em português negociada por intermédio de Nancy Gallt Literary Agency e Sandra Bruna Agência Literária, SL.

TÍTULO ORIGINAL

The Titan's Curse

338p.: 21 cm. (Percy Jackson e os Olimpianos; 3)

ISBN: 978-85-8057-541-5

1. Mitologia grega - Literatura infanto-juvenil. 2. Poseidon (Divindade grega) – Literatura infanto-juvenil. 3. Hades (Divindade grega) - Literatura infanto-juvenil. 4 Zeus (Divindade grega) - Literatura infanto-juvenil. 5. Literatura infanto-juvenil americana.

[2009]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 - Gávea

Rio de Janeiro - RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para Topher Bradfield,
um campista que fez toda a diferença.*

SUMÁRIO

UM	
MINHA OPERAÇÃO DE RESGATE TERMINA MUITO MAL	9
DOIS	
O VICE-DIRETOR TEM UM LANÇA-MÍSSEIS	26
TRÊS	
BIANCA DI ANGELO FAZ UMA ESCOLHA	37
QUATRO	
THALIA PÕE FOGO NA NOVA INGLATERRA	53
CINCO	
FAÇO UMA LIGAÇÃO SUBAQUÁTICA	66
SEIS	
UM VELHO AMIGO MORTO VEM ME VISITAR	84
SETE	
TODOS ME ODEIAM, MENOS O CAVALO	101
OITO	
FAÇO UMA PROMESSA PERIGOSA	123
NOVE	
APRENDO A CULTIVAR ZUMBIS	133
DEZ	
DESTRUO ALGUNS FOGUETES	150
ONZE	
GROVER FICA COM UM LAMBORGHINI	160

DOZE	
PRATICO SNOWBOARD COM UM PORCO	173
TREZE	
VISITAMOS O FERRO-VELHO DOS DEUSES	188
CATORZE	
TENHO UM PROBLEMA DE BARRAGEM	213
QUINZE	
LUTO COM O GÊMEO MALVADO DO PAPAI NOEL	235
DEZESSEIS	
ENCONTRAMOS O DRAGÃO DO MAU HÁLITO ETERNO	256
DEZESSETE	
LEVANTO ALGUNS MILHÕES DE QUILOS	277
DEZOITO	
UMA AMIGA DIZ ADEUS	291
DEZENOVE	
OS DEUSES VOTAM EM COMO NOS MATAR	299
VINTE	
GANHO UM INIMIGO COMO PRESENTE DE NATAL	316



MINHA OPERAÇÃO DE RESGATE TERMINA MUITO MAL

Na sexta-feira anterior às férias de inverno minha mãe arrumou uma sacola de viagem e algumas armas letais para mim e me levou para um novo internato. No caminho pegamos minhas amigas Annabeth e Thalia.

Eram oito horas de carro de Nova York até Bar Harbor, Maine. Chuva e neve castigavam a rodovia. Annabeth, Thalia e eu não nos víamos fazia meses, mas em meio à tempestade e à ideia do que estávamos prestes a fazer nos sentíamos nervosos demais para conversar muito. A exceção era minha mãe. Ela fala *mais* quando está nervosa. Quando finalmente chegamos a Westover Hall, já estava escurecendo e ela havia contado a Annabeth e Thalia todas as histórias constrangedoras de bebê que havia para contar a meu respeito.

Thalia limpou o vidro embaçado do carro e olhou para fora.

— Ah, sim! Isso vai ser divertido.

Westover Hall parecia o castelo de um cavaleiro malvado. Era toda de pedras pretas, com torres e janelas em fenda, e um grande conjunto de portas duplas de madeira. Ficava sobre um penhasco nevado que dava para uma grande floresta gelada de um lado e o oceano cinzento e turbulento do outro.

— Vocês têm certeza de que não querem que eu espere? — perguntou minha mãe.

— Não, mãe, obrigado — eu disse. — Não sei quanto tempo vai levar. Vai dar tudo certo.

— Mas como vocês vão voltar? Estou preocupada, Percy.

Esperei não estar corando. Já era bastante ruim ter de depender da minha mãe para me levar para as minhas batalhas.

— Está tudo bem, senhora Jackson. — Annabeth sorriu tranquilizadora. Seus cabelos loiros estavam enfiados em um gorro de esquiador e seus olhos cinzentos eram da mesma cor do oceano. — Nós vamos mantê-lo longe de encrencas.

Minha mãe pareceu relaxar um pouco. Ela acha que Annabeth é a semideusa mais sensata que já conseguiu chegar à oitava série. Está certa de que Annabeth quase sempre evita que eu seja morto. Tem razão, mas isso não quer dizer que eu tenha de gostar disso.

— Está bem, queridos — disse minha mãe. — Vocês têm tudo o que precisam?

— Sim, senhora Jackson — disse Thalia. — Obrigada pela carona.

— Pulôveres de reserva? Vocês têm o número do meu celular?

— Mãe...

— A sua ambrosia e o seu néctar, Percy? E um dracma de ouro para o caso de você precisar entrar em contato com o acampamento?

— Mãe, é sério! Tudo vai dar certo. Vamos, pessoal.

Ela pareceu um pouco magoada, e eu senti uma ponta de arrependimento por isso, mas estava pronto para sair daquele carro. Se minha mãe contasse mais uma história sobre a graci-

nha que eu era no banho quando tinha três anos eu ia me enterrar na neve e morrer congelado.

Annabeth e Thalia me seguiram. O vento soprou através do meu casaco como adagas de gelo.

Depois que o carro de minha mãe sumiu de vista, Thalia disse:

— Sua mãe é demais, Percy.

— Ela é bem legal — admiti. — Mas e você? Às vezes entra em contato com sua mãe?

Assim que disse isso me arrependi. Thalia era ótima em lançar olhares malignos, com aquelas roupas punk que ela sempre usa — o casaco militar rasgado, as calças de couro preto e as joias de correntes, o delineador preto naqueles intensos olhos azuis. Mas o olhar que ela me lançou naquela hora foi perfeitamente do mal:

— Como se isso fosse da sua conta, Percy...

— É melhor a gente entrar — interrompeu Annabeth. — Grover deve estar esperando.

Thalia olhou para o castelo e estremeceu.

— Você tem razão. Só queria saber o que ele encontrou aqui que o fez mandar o S.O.S.

Ergui os olhos para as torres escuras de Westover Hall.

— Nada de bom — presumi.

As portas de carvalho se abriram rangendo, e nós três entramos no saguão em um turbilhão de neve. Tudo o que pude dizer foi:

— Uau!

O lugar era imenso. As paredes eram forradas de estandartes de batalha e armas em exposição: rifles antigos, machados de guerra e um monte de outras coisas. Quer dizer, eu sabia que

Westover era uma escola militar e tudo, mas o exagero da decoração era massacrante. Literalmente.

Minha mão foi para o bolso onde eu guardava minha caneta esferográfica letal, Contracorrente. Eu já podia sentir que havia algo de errado naquele lugar. Algo perigoso. Thalia estava esfregando seu bracelete prateado, seu item mágico favorito. Percebi que pensávamos na mesma coisa. Havia uma luta pela frente.

Annabeth começou a dizer:

— Queria saber onde...

As portas se fecharam violentamente atrás de nós.

— Ops — murmurei. — Acho que vamos ficar mais um pouco.

Pude ouvir música ecoando do outro lado do saguão. Parecia *dance music*.

Deixamos nossas sacolas de viagem atrás de um pilar e começamos a atravessar o saguão. Não tínhamos ido muito longe quando ouvi passos no piso de pedra, e um homem e uma mulher marcharam saindo das sombras para nos interceptar.

Ambos tinham cabelos grisalhos curtos e uniforme preto em estilo militar com detalhes em vermelho. A mulher tinha um bigode ralo e o homem, a cara perfeitamente barbeada, o que me pareceu meio invertido. Os dois caminhavam rigidamente, como se tivessem cabos de vassoura grudados com fita adesiva nas costas.

— E então? — perguntou a mulher. — O que estão fazendo aqui?

— Ahn... — Percebi que não havia planejado nada para aquela situação. Estava tão concentrado em chegar até Grover e descobrir o que estava errado que não levava em consideração que alguém poderia questionar por que três crianças estavam se

esgueirando para dentro da escola no meio da noite. Não tínhamos conversado no carro sobre como faríamos para entrar. Eu disse:

— Madame, nós estamos só...

— Ah! — Disparou o homem, o que me fez dar um pulo.

— Não são permitidos visitantes no baile. Vocês vão ser *expulsos*!

Ele tinha um sotaque — francês, talvez. Pronunciava o *x* como *pixel*. Era alto, com cara de águia. Suas narinas se dilatavam quando ele falava, o que tornava difícil não olhar para o nariz dele, e os olhos tinham duas cores diferentes — um era castanho, e o outro, azul — como os de um gato de rua.

Calculei que ele estava a ponto de nos atirar na neve, mas então Thalia deu um passo à frente e fez algo muito estranho.

Ela estalou os dedos. O som foi nítido e forte. Talvez fosse apenas minha imaginação, mas senti um vento se propagando da mão dela pelo saguão. O vento passou por cima de todos nós e fez tremular os estandartes nas paredes.

— Ah! Mas não somos visitantes, senhor — disse Thalia. — Estudamos aqui. O senhor lembra: eu sou Thalia. E estes são Annabeth e Percy. Estamos na oitava série.

O professor estreitou os olhos de duas cores. Eu não sabia o que Thalia estava pensando. Agora provavelmente seríamos castigados por mentir e *também* atirados na neve. Mas o homem pareceu hesitar.

Ele olhou para sua colega.

— Senhorita Tengiz, conhece estes alunos?

A despeito do perigo que corríamos, tive de morder a língua para não rir. Uma professora chamada *Tem Giz*? Ele devia estar brincando.

A mulher piscou, como alguém que acabava de despertar de

um transe.

— Eu... sim. Acho que sim, senhor. — Ela nos olhou, car-rancuda. — Annabeth. Thalia. Percy. O que vocês estão fazendo fora do ginásio?

Antes que pudéssemos responder, ouvi mais passos, e Gro-ver veio correndo, sem fôlego.

— Vocês conseguiram chegar! Vocês...

— O que é isso, senhor Underwood? — disse o homem. Seu tom deixou claro que ele detestava Grover. — O que quis dizer com “conseguiram chegar”? Estes alunos moram aqui.

Grover engoliu em seco.

— Sim, senhor. É claro, Dr. Espinheiro. Eu só queria dizer que estou muito contente porque eles conseguiram... fazer o ponche para o baile! O ponche está uma delícia. E foram eles que fizeram!

O Dr. Espinheiro nos fulminou com o olhar. Concluí que um dos seus olhos só podia ser postiço. O castanho? O azul? Ele parecia querer nos atirar de cima da torre mais alta do castelo, mas então a Srta. Tengiz disse, com ar sonhador:

— Sim, o ponche está excelente. Agora vão andando, todos vocês. E não saiam do ginásio de novo!

Não esperamos ela falar duas vezes. Partimos com uma porção de “Sim, senhora!” e “Sim, senhor!”, e batemos um par de continências, só porque parecia ser a coisa certa a fazer.

Grover nos empurrou corredor abaixo na direção da música.

Pude sentir os olhos dos professores nas minhas costas, mas caminhei bem perto de Thalia e perguntei em voz baixa:

— Como você fez aquela coisa de estalar os dedos?

— Você quer dizer a Névoa? Quíron ainda não mostrou a você como fazer isso?

Um nó incômodo se formou na minha garganta. Quíron era

nosso principal treinador no acampamento, mas ele nunca me mostrara nada como aquilo. Por que mostrara a Thalia e não a mim?

Grover nos apressou até uma porta onde estava escrito GINÁSIO no vidro. Mesmo com minha dislexia, consegui ler aquilo.

— Essa foi por pouco! — disse Grover. — Graças aos deuses vocês chegaram!

Annabeth e Thalia abraçaram Grover. Ergui a mão e bati na dele. Foi bom vê-lo depois de tantos meses. Ele ficara um pouco mais alto e mais alguns fios de barba haviam nascido, mas, fora isso, sua aparência era a mesma de sempre quando ele passava por ser humano – um boné vermelho sobre o cabelo castanho encaracolado para esconder os chifres de bode, jeans folgados com pés falsos para esconder as pernas peludas e os cascos. Usava uma camiseta preta cujos dizeres levei alguns segundos para ler. Estava escrito: WESTOVER HALL: PRAÇA. Eu não sabia muito bem se aquilo era tipo o posto militar de Grover, ou quem sabe apenas o lema da escola.

— Então, qual é a emergência? — Perguntei.

Grover respirou fundo.

— Eu encontrei dois.

— Dois meio-sangues? — perguntou Thalia, surpresa. — Aqui?

Grover assentiu.

Encontrar um meio-sangue já era bastante raro. Naquele ano, Quíron pusera os sátiros para trabalhar horas extras e os enviara aos quatro cantos do país observando os alunos da quarta à oitava séries dos colégios em busca de possíveis recrutas. Eram tempos difíceis. Estávamos perdendo campistas. Pre-

cisávamos de todos os novos lutadores que pudéssemos encontrar. O problema era que não havia muitos semideuses por aí.

— Um irmão e uma irmã — disse ele. — Têm dez e doze anos. Não sei quem são seus pais, mas são fortes. E nosso tempo está se acabando. Eu preciso de ajuda.

— Monstros?

— Um — Grover parecia nervoso. — Ele suspeita. Não acredito que já tenha certeza, mas é o último dia antes das férias de inverno. Estou certo de que não permitirá que eles deixem a escola antes de descobrir. Pode ser nossa última chance! Cada vez que tento chegar perto deles o monstro está sempre lá, me impedindo. Não sei o que fazer!

Grover olhou desesperado para Thalia. Tentei não me sentir incomodado com isso. Normalmente, Grover olhava pra mim esperando respostas, mas Thalia tinha precedência. Não apenas porque o pai dela era Zeus. Thalia tinha mais experiência que qualquer um de nós em combater monstros no mundo real.

— Certo — disse ela. — Esses meio-sangues estão no baile?

Grover assentiu.

— Então vamos dançar — disse Thalia. — Quem é o monstro?

— Ah! — falou Grover olhando em volta, nervoso. — Você acabou de conhecê-lo. O vice-diretor, Dr. Espinheiro.

O estranho nas escolas militares é que as crianças ficam enlouquecidas quando acontece algum evento especial e elas podem tirar o uniforme. Acho que é porque tudo é tão rígido, o restante do tempo elas sentem que precisam compensar ao máximo, ou coisa assim.

Havia balões pretos e vermelhos espalhados por todo o piso do ginásio, e os caras os chutavam um na cara do outro, ou tentavam estrangular um ao outro com as correntes de papel crepom grudadas nas paredes. As meninas se moviam de lá para cá amontoadas como num jogo de futebol americano, do jeito como sempre fazem, usando montes de maquiagem, blusas de alças finas, calças de cores berrantes e sapatos que pareciam instrumentos de tortura. Volta e meia cercavam algum pobre coitado como um cardume de peixes, aos gritos e risadas, e quando finalmente se afastavam, o cara estava com fitas no cabelo e rabiscos de batom na cara inteira. Alguns dos caras mais velhos se pareciam mais comigo — pouco à vontade, junto às paredes do ginásio, tentando se esconder, como se a qualquer minuto fossem ter de lutar pelas suas vidas. No meu caso, é claro, isso era verdade...

— Lá estão eles — Grover acenou com a cabeça para duas crianças mais novas discutindo na arquibancada. — Bianca e Nico di Angelo.

A menina usava um gorro verde frouxo, como se estivesse tentando esconder o rosto. O menino era, obviamente, seu irmão menor. Ambos tinham cabelo escuro e sedoso e pele morena, e usavam muito as mãos quando falavam. O menino estava embaralhando algum tipo de figurinhas. A irmã parecia repreendê-lo por alguma razão. Ficava olhando em volta, como se sentisse que havia algo errado.

Annabeth disse:

— Eles já... quer dizer, você já contou a eles?

Grover sacudiu a cabeça.

— Você sabe como é. Isso poderia deixá-los ainda mais em perigo. Depois que se dão conta de quem são, seu cheiro fica mais forte.

Ele olhou para mim e eu assenti. Na verdade, nunca entendi qual é o “cheiro” dos meio-sangues para monstros e sátiros, mas sabia que o cheiro pode fazê-lo ser morto. E, quanto mais a gente se torna um semideus poderoso, mais tem cheiro de almoço de monstro.

— Então vamos pegá-los e dar o fora daqui — falei.

Dei um passo à frente, mas Thalia pôs a mão em meu ombro. O vice-diretor, Dr. Espinheiro, se esgueirara por uma porta ao lado da arquibancada e estava perto dos irmãos Di Angelo. Ele acenou friamente com a cabeça em nossa direção. Seu olho azul parecia incandescente.

A julgar pela expressão dele, adivinhei que Dr. Espinheiro não se deixara enganar pelo truque de Thalia com a Névoa, afinal. Ele suspeitava de quem éramos. Estava apenas aguardando para ver por que estávamos ali.

— Não olhe para os irmãos — ordenou Thalia. — Temos de esperar uma oportunidade de chegar até eles. Precisamos fingir que não estamos interessados neles. Despistá-los.

— Como?

— Somos três meio-sangues poderosos. Nossa presença deve confundi-lo. Misturem-se. Ajam naturalmente. Dancem um pouco. Mas fiquem de olho naquelas crianças.

— Dançar? — perguntou Annabeth.

Thalia assentiu. Ela prestou atenção na música e fez uma careta.

— Eca. Quem escolheu Jesse McCartney?

Grover pareceu ofendido.

— Eu.

— Ah, meus deuses, Grover! Isso é tão careta. Não dá para tocar Green Day ou coisa assim?

— Green o quê?

— Nada, não. Vamos dançar.

— Mas eu não sei dançar!

— Você consegue se eu conduzir — disse Thalia. — Vamos, garoto-bode.

Grover gritou, e Thalia pegou a mão dele e o levou para a pista de dança.

Annabeth sorriu.

— O quê? — perguntei.

— Nada. É bom ter Thalia de volta.

Annabeth havia ficado mais alta que eu desde o último verão, algo que eu achava um pouco incômodo. Ela não costumava usar joias a não ser seu colar de contas do Acampamento Meio-Sangue, mas agora usava pequenos brincos em forma de coruja — o símbolo de sua mãe, Atena. Tirou o gorro de esquiador e seus longos cabelos loiros caíram até os ombros. Por alguma razão, aquilo a fez parecer mais velha.

— Então...? — Tentei pensar em algo para dizer. *Ajam naturalmente*, falara Thalia. Quando se é um meio-sangue em uma missão perigosa, que diabo significa agir naturalmente? — Ahn, tem projetado alguns edifícios legais ultimamente?

Os olhos de Annabeth se iluminaram, como sempre acontecia quando ela falava sobre arquitetura.

— Ah, meus deuses, Percy! Na minha nova escola eu escolhi desenho em perspectiva como matéria eletiva, e tem aquele programa de computador muito legal que...

Ela prosseguiu explicando como projetara aquele enorme monumento que queria construir em Manhattan, no Marco Zero, o lugar onde ficavam as torres do World Trade Center. Falou sobre suportes estruturais, fachadas e outras coisas, e eu tentei ouvir. Sabia que ela queria ser uma superarquiteta quando crescesse — ela adora matemática, edifícios históricos e

tudo mais – mas eu mal entendia uma palavra do que ela dizia.

Na verdade eu estava desapontado por ouvir que ela gostava tanto da nova escola em Nova York. Eu tinha esperança de vê-la com mais frequência. Era um internato no Brooklyn, ela e Thalia estavam frequentando juntas, e era bastante perto do Acampamento Meio-Sangue para Quíron poder ajudá-las caso se metessem em alguma encrenca. Como era uma escola só para meninas, e eu estava frequentando a MS-54 em Manhattan, mal podia vê-las.

— É, ah, legal — eu disse. — Então você vai ficar por lá o resto do ano, ahn?

A expressão dela nublou.

— Bem, talvez, se eu não...

— Ei! — Thalia gritou para nós. Ela estava dançando lentamente com Grover, que ficava tropeçando nas próprias pernas, chutando-a nas canelas, parecia querer morrer. Pelo menos os pés dele eram falsos. Diferentemente de mim, ele tinha uma desculpa para ser desajeitado.

— Dancem vocês também! — ordenou Thalia. — Parecem bobos aí parados.

Olhei nervoso para Annabeth, e então para os grupos de meninas que perambulavam pelo ginásio.

— E então? — disse Annabeth.

— Ahn, quem devo tirar para dançar?

Ela me deu um soco na barriga.

— *Eu*, senhor Cabeça de Alga.

— Ah! Ah, certo.

Lá fomos nós para a pista de dança, e dei uma olhada para ver como Thalia e Grover estavam fazendo. Coloquei uma das mãos na cintura de Annabeth e ela pegou a outra como se fosse me dar um golpe de judô.

— Não vou morder — disse ela. — Francamente, Percy. Vocês não têm festas na sua escola?

Não respondi. A verdade é que tínhamos. Mas eu nunca gostei; na verdade, nunca *dancei*. Normalmente, eu era um dos caras jogando basquete no canto.

Arrastamos os pés de um lado para o outro durante alguns minutos. Tentei me concentrar em pequenas coisas, como as correntes de papel crepom e a tigela de ponche — tudo menos o fato de que Annabeth era mais alta que eu, e minhas mãos estavam suadas e provavelmente sem jeito, e eu ficava o tempo todo pisando os pés dela.

— O que você estava dizendo antes? — perguntei. — Está com problemas na escola, ou coisa assim?

Ela contraiu os lábios.

— Não é isso. É meu pai.

— Ahn-ahn. — Eu sabia que Annabeth tinha uma relação instável com o pai. — Achei que as coisas estavam melhorando entre vocês dois. É sua madrasta de novo?

Annabeth suspirou.

— Ele decidiu se mudar. Justamente quando eu estava me acostumando com Nova York ele aceitou aquele novo emprego bobo de pesquisar para um livro sobre a Primeira Guerra Mundial. Em *São Francisco*.

Disse isso do mesmo jeito que eu poderia dizer *Campos da Punição* ou *Uniforme de ginástica do Hades*.

— Então ele quer que você se mude para lá com ele?

— Para o outro lado do país — disse ela em um tom infeliz. — E meio-sangues não podem viver em São Francisco. Ele devia saber disso.

— O quê? Por que não?

Annabeth revirou os olhos. Talvez pensasse que eu estava

brincando.

— Você sabe. É bem *ali*.

— Ah! — eu disse. Não tinha ideia do que ela estava falando, mas não queria parecer bobo. — Então... você vai voltar a viver no acampamento ou o quê?

— É mais sério que isso, Percy. Eu... acho que devia contar uma coisa a você.

De repente ela gelou.

— Eles se foram.

— O quê?

Segui o olhar dela. A arquibancada. As duas crianças meio-sangues, Bianca e Nico, não estavam mais lá. A porta ao lado da arquibancada estava totalmente aberta. O Dr. Espinheiro não estava em lugar nenhum.

— Temos de achar Thalia e Grover! — Annabeth olhou em volta freneticamente. — Ah, para onde eles saíram dançando? Vamos!

Ela correu por entre a multidão. Eu já ia segui-la quando um bando de meninas ficou no meu caminho. Contornei-as para evitar o tratamento de fita e batom, e quando consegui me livrar Annabeth havia desaparecido. Girei o corpo procurando por ela, Thalia ou Grover. Em vez disso, vi algo que gelou meu sangue.

A cerca de quinze metros, caído no chão do ginásio, estava um gorro verde como o que Bianca di Angelo usava. Perto dele, algumas figurinhas espalhadas. Então vi de relance o Dr. Espinheiro. Saía às pressas por uma porta do lado oposto do ginásio, levando as crianças di Angelo pelo cangote como se fossem gatinhos.

Ainda não conseguia avistar Annabeth, mas sabia que ela estaria indo para o outro lado, à procura de Thalia e Grover.

Quase corri atrás dela, mas então pensei: *Espere*.

Lembrei-me do que Thalia me dissera no saguão, olhando surpresa para mim quando perguntei sobre o truque de estalar os dedos: *Quíron ainda não mostrou a você como fazer isso?* Pensei no modo como Grover a olhara, esperando que ela salvasse o dia.

Não que eu estivesse ressentido com Thalia. Ela era legal. Não era culpa dela se seu pai era Zeus e ela recebia toda a atenção... Ainda assim, eu não precisava correr atrás dela para resolver todos os problemas. Além disso, não dava tempo. Os di Angelo estavam em perigo. Eles poderiam já estar desaparecidos há muito tempo quando eu conseguisse encontrar meus amigos. Eu conhecia monstros. Era capaz de lidar com aquilo sozinho.

Tirei Contracorrente do bolso e corri atrás do Dr. Espinheiro.

A porta levava a um corredor escuro. Eu ouvi sons de pés se arrastando mais a frente, e então um doloroso grunhido. Eu desencapei Contracorrente.

A caneta cresceu em minhas mãos até que eu estava segurando uma espada grega de bronze com um metro de comprimento e punho envolvido em couro. A lâmina brilhava ligeiramente, lançando uma luz dourada na fileira de armários.

Eu corri pelo corredor, mas quando eu cheguei ao final, não havia ninguém lá. Eu abri uma porta e me achei de volta no corredor da entrada principal. Eu me virei completamente. Eu não via Dr. Espinheiro em lugar algum, mas ali no lado oposto do ambiente estavam as crianças di Angelo. Eles estavam paralisados em terror, olhando fixamente para mim.

Eu avancei lentamente, baixando a ponta da minha espada.
— Está tudo bem. Eu não vou machucar vocês.

Eles não responderam. Seus olhos estavam cheios de medo. O que estava errado com eles? Onde estava o Dr. Espinheiro? Talvez ele tenha sentido a presença de Contracorrente e recuado. Monstros odeiam armas de bronze celestial.

— Meu nome é Percy — eu disse, tentando manter o nível da minha voz. — Eu vou tirar vocês daqui, levá-los para um lugar seguro.

Os olhos de Bianca se arregalaram. Ela cerrou os punhos. Só tarde demais eu percebi o que seu olhar significava. Ela não estava com medo de mim. Ela estava tentando me avisar.

Eu rodopiei em volta e algo fez *WHIISH!* Dor explodiu em meu ombro. Uma força como uma mão gigante me puxou para trás e me lançou contra a parede.

Eu golpeei com minha espada, mas não havia nada para ser atingido.

Uma risada fria ecoou pelo corredor.

— Sim, Perseu *Jackson* — Dr. Espinheiro disse. Seu sotaque deformou o *J* em meu sobrenome. — Eu sei quem você é.

Eu tentei libertar meu ombro. Meu casaco e camiseta estavam pregados na parede por algum tipo de cravo — um projétil como uma adaga com trinta centímetros de comprimento. Ela havia esfolado a pele do meu ombro quando passou pelas minhas roupas, e o corte queimava. Eu havia sentido algo como isso antes. Veneno.

Eu fiz força para me concentrar. Eu *não* iria desmaiar.

Uma silhueta escura agora se movia em nossa direção. Dr. Espinheiro deu um passo para a luz fraca. Ele ainda parecia humano, mas sua face era macabra. Ele tinha dentes perfeitamente brancos e seus olhos castanho/azul refletiam a luz da minha espada.

— Obrigado por sair do ginásio — ele disse. — Eu odeio

bailes colegiais.

Eu tentei balançar minha espada novamente, mas ele estava fora de alcance.

WHIIISH! Um segundo projétil foi atirado de algum lugar atrás do Dr. Espinheiro. Ele não pareceu se mover. Era como se alguém invisível estivesse atrás dele, atirando facas.

Perto de mim, Bianca gritou. O segundo espinho cravou na parede de pedra, a milímetros do seu rosto.

— Vocês três virão comigo — Dr. Espinheiro disse. — Silenciosamente. Obedientemente. Se vocês fizerem um som que seja, se gritarem por ajuda ou tentarem fugir, eu vou mostrar a vocês quão precisamente eu posso atirar.



O VICE-DIRETOR TEM UM LANÇA-MÍSSEIS

Eu não sabia que tipo de monstro o Dr. Espinheiro era, mas ele era rápido.

Talvez eu pudesse me defender se conseguisse ativar meu escudo. Tudo que bastava era tocar no meu relógio de pulso. Mas defender os irmãos di Angelo era outro problema. Eu precisava de ajuda, e só tinha uma maneira de conseguir.

Fechi meus olhos.

— O que você está fazendo, Jackson? — sibilou Dr. Espinheiro. — Continue andando!

Abri meus olhos e continuei me arrastando.

— É o meu ombro — deitei tentando parecer sofrer, o que não foi muito difícil. — Queima.

— Besteira! Meu veneno causa dor. Não vai matá-lo. Ande!

Dr. Espinheiro nos guiou para fora, e eu tentei me concentrar. Imaginei o rosto de Grover. Foquei-me nos meus sentimentos e no perigo. No último verão, Grover criou uma conexão empática entre nós. Ele podia me mandar visões em meus sonhos para que eu soubesse que ele corria perigo. Eu sabia que a conexão ainda existia, mas eu nunca tinha tentado contatar Grover antes. Eu nem sabia se iria funcionar se ele estivesse acordado.

Ei, Grover! Pensei. Dr. Espinheiro está nos sequestrando! Ele é um maníaco atirador de espinhos! Ajude-me!

Dr. Espinheiro nos levou para a mata. Nós seguimos por um caminho de neve, palidamente iluminado por lamparinas antigas. Meu ombro doía. O vento soprando pelas minhas roupas rasgadas era tão frio que eu me senti um picolé de Percy.

— Tem uma clareira logo à frente — disse Dr. Espinheiro.
— Vamos chamar seu transporte.

— Transporte? — Bianca questionou. — Para onde está nos levando?

— Calada, garota infeliz!

— Não fale assim com minha irmã. — Disse Nico. Sua voz hesitou, mas fiquei impressionado por ele ter coragem de sequer dizer algo.

Dr. Espinheiro fez um som parecido com um rugido, que definitivamente não era humano. Fez os cabelos da base do meu pescoço se arrepiarem, mas me forcei a continuar andando e fingir que eu era um bom refém... Enquanto isso projetava loucamente meus pensamentos — tudo para conseguir a atenção de Grover:

Grover! Maças! Latas de tinta! Traz o seu traseiro de bode peludo aqui e traga amigos fortemente armados!

— Alto — disse Dr. Espinheiro.

A floresta tinha se aberto. Chegamos a um penhasco que dava vista para o mar. Ao menos, eu senti o mar lá embaixo, centenas de metros abaixo. Eu podia ouvir ondas se agitando e podia sentir a brisa fria e salgada. Mas tudo que podia ver era escuridão e neblina.

Dr. Espinheiro nos empurrou contra a beirada. Eu tropecei, e Bianca me segurou.

— Obrigado — murmurei.

— O *que* é ele? — ela sussurrou. — Como o enfrentamos?

— Eu... tô pensando nisso.

— Estou com medo — Nico murmurou. Ele estava segurando algo — um pequeno soldado de metal de brinquedo.

— Calados! — Dr. Espinheiro disse. — Olhem para mim! Nós viramos.

Os olhos bicolores de Dr. Espinheiro brilharam de fome. Ele puxou algo de dentro do casaco. Primeiro pensei ser um canivete, depois percebi que era apenas um telefone. Ele apertou um botão lateral e disse:

— A mercadoria está pronta para entrega.

Teve uma resposta distorcida, e percebi que Dr. Espinheiro estava no modo walkie-talkie. Isso parecia muito moderno e assustador — um monstro usando celular.

Eu olhei para trás, imaginando o tamanho da queda.

Dr. Espinheiro riu.

— Vá, Filho de Poseidon. *Pule! Ali* está o mar. Salve-se.

— Do que ele te chamou? — Bianca perguntou.

— Eu explico depois — respondi.

— Você tem um plano, certo?

Grover! Pensei desesperado. *Venha até mim!*

Talvez eu conseguisse fazer os di Angelo pularem comigo no oceano. Se sobrevivêssemos à queda, eu podia usar a água para nos proteger. Eu já fiz coisas assim antes. Se meu pai estivesse de bom humor, e ouvindo, ele podia ajudar. Talvez.

— Eu o mataria antes de você alcançar a água — disse Dr. Espinheiro, como se estivesse lendo meus pensamentos. — Você não sabe quem eu sou, sabe?

Um pequeno movimento atrás dele, e outro míssil assobiou tão perto de mim, que raspou na minha orelha. Algo estalou

atrás do Dr. Espinheiro — como uma catapulta, mas mais flexível... quase como um rabo.

— Infelizmente — disse Dr. Espinheiro, — pediram por você vivo. Senão, você já estaria morto.

— Quem? — Bianca exigiu. — Porque se você acha que vai conseguir resgate, você está errado. Nós não temos família. Nico e eu... — Seu tom de voz diminuiu. — Não temos ninguém salvo um ao outro.

— Hum — disse Dr. Espinheiro. — Não se preocupem, pentelhos. Vocês vão conhecer meu empregador logo. Então, terão uma família novinha em folha.

— Luke — eu disse. — Você trabalha para o Luke.

A boca do Dr. Espinheiro se mexeu com desgosto quando eu disse o nome do meu antigo inimigo — um antigo amigo que tentou me matar algumas vezes.

— Você não tem ideia do que está acontecendo, Perseu Jackson. Eu vou deixar o General lhe contar. Você vai lhe fazer um grande favor esta noite. Ele está ansioso para conhecê-lo.

— O General? — Perguntei. Depois eu percebi que falei com sotaque francês. — Quer dizer... quem é o General?

Dr. Espinheiro olhou para o horizonte.

— Ah, finalmente. Seu transporte.

Eu me virei e vi uma luz à distância, uma luz procurando algo, sobre o mar. Depois ouvi o barulho de pás de helicóptero, cada vez mais alto e perto.

— Para onde está nos levando? — perguntou Nico.

— Você deveria se sentir honrado, garoto. Terá a oportunidade de se juntar a um grande exército! Assim como aquele joguinho bobo que você brinca com cartas e bonecas.

— Não são bonecas! São miniaturas! E você pode pegar seu grande exército e...

— Não, não — Dr. Espinheiro interrompeu. — Você vai mudar de ideia sobre se unir a nós, garoto. E se você não quiser, bem... existem outras finalidades para meio-sangues. Temos várias bocas monstruosas para alimentar. A Grande Agitação está vindo.

— A Grande o quê? — perguntei. Tudo para fazê-lo falar enquanto pensava em um plano.

— O movimento de monstros — Dr. Espinheiro sorriu malignamente. — Os piores que existem, os mais poderosos, estão acordando. Monstros que não são vistos há milhares de anos. Eles vão causar mortes e destruição do tipo que mortais nunca viram antes. E logo teremos o mais importante monstro de todos — aquele que trará a queda do Olimpo!

— Certo — Bianca sussurrou para mim. — Ele é maluco.

— Nós temos que pular do penhasco — falei para ela baixinho. — No mar.

— Ah, boa ideia. Você é louco também.

Eu nunca tive a chance de tentar convencê-la, porque justo naquele momento, uma força invisível bateu em mim.

Prestando atenção, os movimentos de Annabeth foram brilhantes. Usando seu boné de invisibilidade, ela empurrou a mim e aos di Angelo nos jogando no chão. Por um segundo, Dr. Espinheiro foi pego de surpresa, então, sua primeira chuva de mísseis passou inofensivamente pelas nossas cabeças. Isso deu a Thalia e Grover uma chance de avançar pelas costas — Thalia equipada com seu escudo mágico, Égide.

Se você nunca viu Thalia em direção à batalha, você nunca ficou verdadeiramente assustado. Ela usa uma lança imensa que expande a partir de um bastão extensível que ela carrega no bolso, mas isso não é a parte assustadora. O escudo é uma cópia

baseada em um que seu pai Zeus usa – também chamado Égide – um presente de Atena. O escudo tem a cabeça da górgona Medusa moldada em bronze, e mesmo que não vá te transformar em pedra, é horrível. Várias pessoas entrariam em pânico e correriam assim que o vissem.

Mesmo Dr. Espinheiro estremeceu e rugiu quando o viu.

Thalia atacou empunhando sua lança.

— Por Zeus!

Eu pensei que Dr. Espinheiro já era. Thalia estocou em sua cabeça, mas ele rosnou e golpeou a lança para longe. Sua mão se transformou em uma pata laranja, com garras enormes que soltaram fagulhas contra o escudo de Thalia durante o golpe. Se não fosse por Égide, Thalia teria sido fatiada como um pedaço de pão. Mas ela conseguiu rolar para trás e cair de pé.

O som do helicóptero estava ficando mais alto atrás de mim, mas não me atrevi olhar.

Dr. Espinheiro lançou outra chuva de mísseis contra Thalia, e dessa vez, eu consegui ver como ele fez. Ele tinha um rabo – de couro, parecido com o de escorpião, só que com espinhos eriçados na ponta. Os mísseis rebateram em Égide, mas a força do impacto derrubou Thalia.

Grover saltou à frente. Ele colocou sua flauta nos lábios e começou a tocar – uma melodia frenética que parecia algo que piratas dançariam. Grama surgiu da neve. Em segundos, cordas grossas de erva daninha se prenderam nas pernas do Dr. Espinheiro, imobilizando-o.

Dr. Espinheiro gritou e começou a se transformar. Ele cresceu até estar na sua verdadeira forma – sua face ainda era humana, mas seu corpo era de um imenso leão. Seu rabo espinhento chicoteou espinhos assassinos em todas as direções.

— Uma manticora! — Annabeth disse, agora visível. Seu

boné mágico dos New York Yankees caiu quando ela pulou sobre nós.

— Quem *são* vocês? — Bianca di Angelo exigiu uma resposta. — E o que é *aquilo*?

— Uma manticora? — Nico engasgou. — Ele tem três mil pontos de ataque e mais cinco para lançamentos!

Eu não sabia o que ele estava falando, mas não tinha tempo para me preocupar com isso. A manticora arreventou com as garras as cordas mágicas de Grover em retalhos e se virou para nós com um rosnado.

— Abaixem-se! — Annabeth empurrou os di Angelo na neve. No último segundo, eu me lembrei do meu escudo. Eu encostei no meu relógio de pulso, e um trançado de metal se espiralou em um grosso escudo de bronze. No momento exato. Os espinhos bateram contra o escudo com tanta força, que amassou o metal. O bellissimo escudo, um presente do meu irmão, estava muito danificado. Eu não sabia nem se conseguiria defender um segundo ataque.

Ouvi um *track* e um guincho, e Grover pulou ao meu lado com um baque.

— Rendam-se! — gritou o monstro.

— Nunca! — Thalia gritou do outro lado do campo de batalha. Ela se lançou na direção do monstro, e por um segundo, achei que ela passaria direto por ele. Mas então veio o som de um trovão e um raio de luz atrás de nós. O helicóptero apareceu pela neblina, pairando logo adiante do penhasco. Era lustroso, preto, em estilo militar totalmente armado, com anexos dos lados que pareciam mísseis guiados a laser. O helicóptero tinha que ser manejado por mortais, mas o que estava fazendo aqui? Como mortais podiam estar trabalhando com monstros? A luz cegou Thalia, e a manticora a jogou para longe

usando o rabo. O escudo voou pela neve. A lança voou na outra direção.

— Não! — Corri para ajudá-la. Desviei um espinho logo antes de acertar o peito dela. Levantei meu escudo sobre nós, mas sabia que não seria o bastante.

Dr. Espinheiro riu.

— Agora percebe como não há esperanças? Rendam-se, pequenos heróis.

Estávamos cercados, entre o monstro e um helicóptero totalmente armado. Não havia chances.

Então ouvi um som claro e agudo: o chamado de uma corneta de caça, sendo tocada na mata.

A manticora parou. Por um momento ninguém se moveu. Só o barulho da neve caindo, do vento e das pás do helicóptero.

— Não — Dr. Espinheiro disse. — Não pode ser.

Sua frase foi interrompida quando alguma coisa passou por mim como um feixe do luar. Uma flecha de prata brilhante brotou no ombro do Dr. Espinheiro.

Ele cambaleou, gritando em agonia.

— Malditas sejam! — Dr. Espinheiro gritou. Ele liberou seus espinhos, dúzias deles de uma só vez na mata, na direção de onde veio a flecha, logo em seguida, flechas prateadas foram atiradas como resposta. Foi quase como se as flechas tivessem interceptado os espinhos no ar, e os cortado em dois, mas meus olhos devem ter me pregado peças. Ninguém, nem os filhos de Apolo no acampamento, podiam atirar com tanta precisão.

A manticora puxou a flecha de seu ombro com um grito de dor. Sua respiração estava mais pesada. Tentei acertá-lo com minha espada, mas ele não estava tão ferido quanto parecia. Ele desviou os meus ataques e bateu seu rabo contra meu escudo,

jogando-me de lado.

Então os arqueiros saíram da mata. Eram garotas, uma dúzia delas pelo menos. A mais nova devia ter 10 anos. A mais velha, uns catorze, como eu. Elas usavam casacos de esqui e jeans, e todas estavam armadas com arcos. Elas avançaram em direção à manticora com expressão determinada.

— As Caçadoras! — Annabeth gritou.

Ao meu lado, Thalia resmungou.

— Ah, maravilha.

Eu não tive chance de perguntar o que ela queria dizer.

Uma das arqueiras mais velhas deu um passo à frente com seu arco na mão. Ela era alta e graciosa com pele em tom de cobre. Diferente das outras, ela tinha uma tiara prateada entrelaçada no alto de seus longos cabelos negros, de forma que ela parecia um tipo de princesa persa.

— Permissão para matar, minha senhora?

Eu não podia ver com quem ela falava, porque ela mantinha os olhos na manticora.

O monstro lamentou.

— Não é justo! Interferência direta! É contra as Leis Antigas.

— Não mesmo — outra garota disse. Essa era um pouco mais nova do que eu, talvez doze ou treze anos. Ela tinha cabelo castanho avermelhado preso atrás em um rabo de cavalo e olhos estranhos, amarelos prateados como a lua. Seu rosto era tão bonito que me tirou o fôlego, mas sua expressão era firme e perigosa. — A caça de todas as bestas selvagens está no meu âmbito. E você, criatura abominável, é uma besta selvagem. — Ela olhou para a garota mais velha com a tiara. — Zoë, permissão concedida.

A manticora rugiu.

— Se não posso tê-los vivos, eu os terei mortos!

Ele investiu em mim e Thalia, sabendo que estávamos fracos e atordoados.

— Não — Annabeth gritou, e investiu na direção do monstro.

— Para trás, meio-sangue! — disse a garota com a tiara. — Saia da linha de tiro!

Mas Annabeth saltou nas costas do monstro e perfurou sua juba com uma faca. A manticora uivou, girou em círculos com seu rabo balançando enquanto Annabeth se segurava como se sua vida dependesse disso.

— Fogo! — Zoë ordenou.

— Não! — eu gritei.

Mas as Caçadoras fizeram suas flechas voarem. A primeira acertou o pescoço da manticora. Outra acertou seu tórax. A manticora cambaleou para trás, gemendo.

— Isso não é o fim, Caçadoras! Vocês pagarão por isso!

E antes que alguém pudesse reagir, o monstro, com Annabeth ainda nas suas costas, saltou do penhasco e caiu na escuridão.

— Annabeth! — gritei.

Eu comecei a correr na direção dela, mas nossos inimigos ainda tinham planos para nós. Houve um *snap-snap-snap* vindo do helicóptero — barulho de tiros.

A maioria das Caçadoras se dispersou em pequenos buracos na neve a seus pés, mas a garota de cabelo castanho avermelhado apenas olhou calmamente para o helicóptero.

— Mortais — ela anunciou, — não têm o direito de testemunhar minha caçada.

Ela levantou a mão, e o helicóptero explodiu, sendo reduzido à poeira — não, não era poeira. O metal negro se dissolveu

em um bando de pássaros — corvos, que se dispersaram na noite.

As Caçadoras vieram em nossa direção.

Aquela chamada Zoë parou assim que viu Thalia.

— Tu — ela disse com repugnância.

— Zoë Doce-Amarga. — A voz de Thalia tremeu de ódio.

— Chegou na hora certa, como sempre.

Zoë examinou o resto de nós.

— Quatro meio-sangues e um sátiro, minha senhora.

— Sim — a garota mais nova disse. — Alguns dos campistas de Quíron, percebe-se.

— Annabeth! — gritei. — Você tem que nos deixar salvá-la!

A garota de cabelo castanho avermelhado virou-se na minha direção.

— Sinto muito, Percy Jackson, mas sua amiga está além de nossa ajuda.

Eu lutei para ficar de pé, mas duas garotas me impediram.

— Você não está em condições de se lançar de penhascos — disse a garota.

— Deixe-me ir! — insisti. — Quem você acha que é?

Zoë deu um passo à frente como se fosse me beijar.

— Não — a outra garota ordenou. — Não sinto desrespeito, Zoë. Ele é simplesmente distraído. Ele não entende.

A jovem garota olhou para mim, seus olhos mais frios e brilhantes que a lua no inverno.

— Eu sou Ártemis — ela disse. — Deusa da Caça.



BIANCA DI ANGELO FAZ UMA ESCOLHA

Depois de ver o Dr. Espinheiro se transformar em um monstro e cair em um precipício com Annabeth, você poderia achar que nada mais me chocaria. Mas quando esta garota de doze anos de idade me disse que era a deusa Ártemis, eu disse algo inteligente como:

— Hum ... certo.

Isso não foi nada comparado ao Grover. Ele engasgou, então se ajoelhou apressadamente na neve e começou a tagarelar:

— Obrigado, Lady Ártemis! Você está tão... você é tão... uau!

— Levante-se, garoto-bode! — Thalia disse. — Temos outras coisas para nos preocupar. Annabeth está desaparecida!

— Opa. — Bianca di Angelo disse. — Espere aí. Só um minuto!

Todos olharam para ela. Ela apontou o dedo para todos nós em volta, como se ela estivesse tentando ligar os pontos.

— Quem... quem são vocês?

A expressão de Ártemis se suavizou.

— Poderia fazer uma pergunta melhor, minha querida menina, poderia perguntar quem é *você* ! Quem são seus pais?

Bianca olhou nervosamente para seu irmão, que ainda estava

olhando com temor para Ártemis.

— Nossos pais estão mortos — disse Bianca. — Somos órfãos. Há um fundo bancário que paga por nossa escola, mas...

Ela vacilou. Acho que ela podia dizer por nossas expressões que não acreditamos nela.

— O quê? — ela exigiu. — Estou dizendo a verdade.

— Vós sois meio-sangues — disse Zoë Doce-Amarga.

Era difícil saber de onde era o seu sotaque. Soava antiquada, como se ela estivesse lendo de um livro realmente velho.

— Um dos vossos pais era mortal. O outro era um Olímpiano.

— Um atleta... olímpico?

— Não — disse Zoë. — Um dos deuses.

— Legal! — Nico disse.

— Não! — a voz de Bianca tremeu. — Isto não é legal!

Nico dançou em volta como se precisasse usar o banheiro.

— Zeus tem mesmo relâmpagos que fazem seiscentos pontos de dano? Ele ganha pontos de movimento extras por...

— Nico, cale a boca! — Bianca levou as mãos ao rosto. — Este não é o seu estúpido jogo Mitomagia, ok? Não existem deuses!

Por mais que me sentisse ansioso com relação a Annabeth — tudo o que eu queria fazer era procurar por ela — eu não pude evitar me sentir penalizado pelos di Angelo. Eu me lembrei como foi para mim quando eu soube que era um semideus.

Thalia deve ter sentido algo semelhante, pois a raiva nos seus olhos acalmou um pouco.

— Bianca, eu sei que é difícil de acreditar. Mas os deuses ainda estão por aí. Confie em mim. Eles são imortais. E quando eles têm filhos com humanos normais, crianças como nós, bem... Nossas vidas são perigosas.

— Perigosas — disse Bianca — como a da menina que caiu. Thalia se afastou. Mesmo Ártemis olhou triste.

— Não se desespere por Annabeth — disse a deusa. — Ela foi uma corajosa donzela. Se ela puder ser encontrada, vou encontrá-la.

— Então por que você não nos deixa ir procurá-la? — eu perguntei.

— Ela se foi. Você pode senti-la, Filho de Poseidon? Algumas magias estão em movimento. Eu não sei exatamente como ou por que, mas a sua amiga desapareceu.

Eu ainda queria saltar no precipício e procurar por ela, mas eu tive a sensação de que Ártemis estava certa. Annabeth se fora. Se ela estivesse lá no mar, pensei, eu seria capaz de sentir a sua presença.

— Ei! — Nico levantou a mão. — E sobre o Dr. Espinheiro? Foi incrível como você atirou nele com flechas! Ele está morto?

— Ele era uma manticora — disse Ártemis. — Esperemos que ele esteja destruído por agora, mas monstros nunca morrem verdadeiramente. Eles retornam de novo e de novo, e devem ser caçados quando reaparecem.

— Ou eles irão nos caçar — disse Thalia.

Bianca di Angelo raciocinou.

— Isso explica... Nico, você se lembra do verão passado, daqueles caras que tentaram nos atacar em um beco em Washington?

— E aquele motorista de ônibus — disse Nico. — Com os chifres de carneiro. Eu *disse* a você que era real.

— É por isso que Grover tem observado vocês — eu disse. — Para mantê-los seguros, se vocês mostrassem ser meio-sangues.

— Grover? — Bianca olhou fixamente para ele. — Você é um semideus?

— Bem, um sátiro, na verdade. — Ele tirou seus sapatos e mostrou seus cascos de bode.

Pensei que Bianca fosse desmaiar bem ali.

— Grover, coloque os sapatos de volta — disse Thalia. — Você a está enlouquecendo.

— Ei, meus cascos estão limpos!

— Bianca — eu disse, — nós viemos aqui para ajudar vocês. Você e Nico precisam de treino para sobreviver. Dr. Espinho não será o último monstro que vocês vão conhecer. Vocês precisam vir para o acampamento.

— Acampamento? — ela perguntou.

— Acampamento Meio-Sangue — eu disse. — É onde os meio-sangues aprendem a sobreviver e outras coisas. Vocês podem se juntar a nós, e ficar durante todo o ano, se quiserem.

— Ótimo, vamos lá! — Nico disse.

— Espere — Bianca sacudiu sua cabeça. — Eu não...

— Há outra opção — disse Zoë.

— Não, não há! — Thalia disse.

Thalia e Zoë se encararam. Eu não sabia sobre o que estavam falando, mas eu podia dizer que havia uma história ruim entre elas. Por alguma razão, elas seriamente se odiavam.

— Temos sobrecarregado essas crianças o suficiente — anunciou Ártemis. — Zoë, vamos descansar aqui por algumas horas. Arrume as barracas. Trate os feridos. Recupere os pertences de nossos convidados na escola.

— Sim, minha senhora.

— E, Bianca, venha comigo. Gostaria de falar com você.

— E quanto a mim? — Nico perguntou.

Ártemis considerou o menino.

— Talvez você possa mostrar a Grover como se divertir com aquele jogo de cartas que você gosta. Tenho certeza que Grover ficaria feliz em entretê-lo por um tempo... como um favor para mim?

Grover tropeçou, tentando se levantar.

— Pode apostar! Vamos, Nico!

Nico e Grover saíram em direção à floresta, falando sobre bater pontos e classificação de armaduras e um monte de outras coisas nerds. Ártemis levou uma Bianca que parecia confusa ao longo do precipício. As caçadoras começaram a abrir suas mochilas e montar o acampamento.

Zoë lançou mais um olhar zangado para Thalia, depois saiu para supervisionar as coisas.

Logo que ela tinha ido embora, Thalia remexeu seu pé com frustração.

— Que raiva dessas caçadoras! Elas acham que são tão... Argh!

— Estou com você — eu disse. — Eu não confio...

— Ah, você está comigo? — Thalia se virou pra mim furiosamente. — O que estava pensando lá no ginásio, Percy? Você teria capturado Dr. Espinheiro totalmente sozinho? Você *sabia* que ele era um monstro!

— Se tivéssemos ficado juntos poderíamos tê-lo pego sem o envolvimento das Caçadoras. E Annabeth poderia ainda estar aqui. Você pensou nisso?

Meu maxilar rangeu. Pensei em algumas coisas duras para dizer, e eu poderia tê-las dito também, mas então olhei para baixo e vi uma coisa azul marinho na neve a meus pés. O boné de beisebol dos New York Yankees de Annabeth.

Thalia não disse mais nada. Ela limpou uma lágrima de seu rosto, virou-se, e marchou ao largo, deixando-me sozinho com

um boné pisoteado na neve.

As Caçadoras armaram seu acampamento em uma questão de minutos. Sete grandes tendas, todas de seda prateada, em uma curva crescente de um dos lados de uma fogueira. Uma das meninas soprou um apito canino prata, e uma dúzia de lobos brancos apareceram do bosque. Eles começaram a circular o acampamento como cães de guarda. As caçadoras andavam entre eles os alimentando e tratando, completamente sem medo, mas eu decidi me manter perto das barracas. Falcões nos observavam das árvores, os seus olhos cintilando na luz do fogo, e eu tive a sensação de que eles estavam de guarda, também. Mesmo o clima parecia se dobrar à vontade da deusa. O ar ainda estava frio, mas o vento morreu e a neve parou de cair, por isso era quase agradável sentar perto do fogo.

Quase... exceto pela dor no meu ombro e a culpa me pensando no chão. Eu não podia acreditar que Annabeth se fora. E mesmo tão irritado como eu estava com Thalia, eu tinha uma sensação que me afundava de que ela estava certa. A culpa *foi* minha.

O que Annabeth quis me dizer no ginásio? *Algo sério*, ela tinha dito. Agora eu poderia nunca descobrir. Pensei sobre como tínhamos dançado juntos pela metade de uma canção, e meu coração se sentiu ainda mais pesado.

Vi Thalia remexendo na neve da beira do campo, andando entre os lobos sem medo. Ela parou e olhou para trás para Westover Hall, que agora estava completamente escuro, assomando na encosta além da floresta. Imaginei sobre o que ela estaria pensando.

Sete anos atrás, Thalia tinha sido transformada em um pinheiro por seu pai, para evitar que ela morresse. Ela se defendeu

contra um exército de monstros no topo da Colina Meio-Sangue para dar a seus amigos Luke e Annabeth tempo para fugir. Ela voltou a ser humana há apenas alguns meses, e de vez em quando ela ia repousar tão imóvel que você poderia pensar que ela ainda era uma árvore.

Finalmente, uma das caçadoras trouxe a minha mochila. Grover e Nico voltaram da sua caminhada, e Grover me ajudou a consertar meu braço ferido.

— É verde! — Nico disse com alegria.

— Fique quieto — Grover me disse. — Aqui, coma alguma ambrosia enquanto eu limpo isso.

Eu estremeci enquanto ele limpava a ferida, mas o pedaço de ambrosia ajudou. O sabor era de bolo caseiro, dissolvendo em minha boca e enviando uma calorosa sensação pelo meu corpo inteiro. Entre isso e a mágica pomada que Grover utilizou, senti meu ombro melhor dentro de dois minutos.

Nico remexeu através da sua própria mochila, que as caçadoras tinham embalado por ele, mas como elas tinham escapado do Westover Hall sem ser vistas, eu não sabia.

Nico colocou um monte de estatuetas na neve – pequenas réplicas de batalhas de deuses e heróis gregos. Reconheci Zeus com um relâmpago, Ares com uma lança, Apolo com sua caruagem solar.

— Grande coleção — disse.

Nico sorriu.

— Eu tenho quase todos eles, mais as suas cartas holográficas! Bem, exceto por algumas realmente raras.

— Você começou a jogar isso há muito tempo?

— Somente este ano. Antes que... — Ele juntou suas sobancelhas.

— O quê? — eu perguntei.

— Eu esqueço. Isso é estranho.

Ele pareceu abalado, mas não durou muito.

— Ei, posso ver aquela espada que você estava usando?

Eu lhe mostrei Contracorrente, e expliquei como ela se transformava de uma caneta em uma espada bastando retirar a tampa.

— Legal! Será que nunca acaba a tinta?

— Hum, bem, eu realmente não escrevo com ela.

— Você é realmente o filho de Poseidon?

— Bem, sim.

— Você pode surfar muito bem, então?

Olhei para Grover, que com dificuldade tentava não rir.

— Caramba, Nico — eu disse. — Eu nunca tentei realmente.

Ele continuou fazendo perguntas. Eu brigava muito com Thalia, uma vez que ela era uma filha de Zeus? (Eu não respondi essa). Se a mãe de Annabeth era Atena, a deusa da sabedoria, então por que Annabeth não sabia nada melhor do que cair de um precipício? (Tentei não estrangular Nico por ter perguntado isso). Annabeth era a minha namorada? (Neste ponto, eu estava pronto para colocar a criança em um saco sabor carne e atirá-lo para os lobos).

Imaginei que a qualquer momento ele iria me perguntar quantos pontos de dano eu tinha, e eu perderia o controle completamente, mas então, Zoë Doce-Amarga veio até nós.

— Percy Jackson.

Ela tinha olhos castanhos escuros e um nariz ligeiramente empinado. Com sua tiara prateada e expressão orgulhosa, ela parecia tanto com realza que eu tive de resistir ao impulso de me sentar reto e dizer “Sim, minha senhora.” Ela me estudou com desgosto, como se eu fosse um saco de roupa suja que ela

tinha sido enviada para buscar.

— Vem comigo — disse ela. — Lady Ártemis deseja falar contigo.

Zoë me levou para a última barraca, que não parecia diferente das outras, e acenou para que eu entrasse. Bianca di Angelo estava sentada ao lado da menina de cabelo castanho avermelhado, que eu ainda tinha problemas em pensar como sendo Ártemis.

O interior da tenda estava quente e confortável. Tapetes de seda e almofadas cobriam o chão. No centro, um braseiro de ouro parecia queimar sem combustível ou fumaça. Por trás da deusa, em um aparato de carvalho polido, estava o seu grande arco de prata, esculpido para se assemelhar aos chifres de uma gazela. Penduradas nas paredes estavam peles de animais: urso preto, tigre, e vários outros que eu não reconheci. Achei que um ativista dos direitos dos animais teria um ataque cardíaco ao olhar para todas aquelas peles raras, mas talvez uma vez que Ártemis era a deusa da caça, ela podia reabastecer o que ela tenha tirado. Pensei que ela tinha outra pele de animal estendida ao lado dela, e então eu percebi que era um animal vivo — um veado com pelo brilhante e chifres prateados, sua cabeça descansando contente no colo de Ártemis.

— Junte-se a nós, Percy Jackson — disse a deusa.

Eu me sentei em frente a ela no chão da tenda. A deusa me estudou, o que me deixou desconfortável. Para uma menina ela tinha os olhos de um velho.

— Você está surpreso com a minha idade? — ela perguntou.

— Uh... um pouco.

— Eu poderia aparecer como uma mulher crescida, ou

como fogo resplandecente, ou qualquer outra coisa que eu quisesse, mas é isso que eu prefiro. Esta é a média de idade das minhas Caçadoras, e de todas as jovens donzelas para quem eu sou patrona, antes que elas se extraviem.

— Se extraviem? — perguntei.

— Cresçam. E convivam com rapazes. Tornem-se tolas, preocupadas, inseguras. Esqueçam de si.

— Ah.

Zoë se sentou à direita de Ártemis. Ela olhou para mim como se todas as coisas que Ártemis tinha acabado de falar fossem minha culpa, como se eu tivesse inventado a ideia de ser um rapaz.

— Você deve perdoar minhas caçadoras por não recebê-lo bem. — disse Ártemis. — É muito raro que tenhamos rapazes neste campo. Meninos são geralmente proibidos de ter qualquer contato com as Caçadoras. O último a ver este acampamento... — Ela olhou para Zoë. — Qual foi?

— O rapaz no Colorado — disse Zoë. — Tu o transformaste em uma lebre-antílope.

— Ah, sim. — Ártemis acenou com a cabeça, satisfeita. — Gosto de fazer lebres-antílopes. De qualquer forma, Percy, eu o chamei aqui para que você possa me dizer mais sobre a manticora. Bianca tem relatado algumas das... mmm, perturbadoras coisas que o monstro disse. Mas ela pode não tê-las entendido. Gostaria de ouvi-las de você.

Então eu contei a ela.

Quando terminei, Ártemis pôs a mão sobre seu arco pensativamente.

— Eu temia que essa fosse a resposta.

Zoë sentou mais a frente.

— O cheiro, minha senhora?

— Sim.

— Que cheiro? — perguntei.

— As coisas que estão em movimento não são caçadas por mim faz milênios — Ártemis murmurou. — Presas tão antigas que quase me esqueci delas.

Ela me encarou atentamente.

— Nós viemos aqui hoje à noite monitorando a manticora, mas ele não era o que eu procurava. Diga-me uma vez mais, exatamente o que o Dr. Espinheiro disse.

— Hum, “Eu odeio bailes colegiais.”

— Não, não. Depois disso.

— Ele disse que alguém chamado o General iria explicar as coisas para mim.

O rosto de Zoë empalideceu. Ela se virou para Ártemis e começou a dizer algo, mas Ártemis levantou a sua mão.

— Vá em frente, Percy — disse a deusa.

— Bem, então Dr. Espinheiro estava falando sobre o Grande Turbilhão...

— Agitação — Bianca corrigiu.

— Sim. E ele disse “Em breve teremos o mais importante monstro de todos, o que deve provocar a queda do Olimpo”

A deusa ficou tão imóvel que poderia ser uma estátua.

— Talvez ele estivesse mentindo — eu disse.

Ártemis balançou a cabeça.

— Não. Ele não estava. Eu fui demasiado lenta para ver os sinais. Devo caçar esse monstro.

Zoë parecia estar se esforçando muito para não ter medo, mas ela assentiu.

— Vamos partir imediatamente, minha senhora.

— Não, Zoë. Devo fazer isso sozinha.

— Mas, Ártemis...

— Esta tarefa é muito perigosa mesmo para as Caçadoras. Você sabe onde devo iniciar minha busca. Você não pode ir lá comigo.

— Como... como desejar, minha senhora.

— Vou encontrar essa criatura — Ártemis jurou. — E vou trazê-la de volta para o Olimpo no solstício de inverno. Isso será toda a prova de que preciso para convencer o Conselho dos Deuses do quanto estamos em perigo.

— Você sabe o que o monstro é? — perguntei.

Ártemis apertou seu arco.

— Rezemos para que eu esteja errada.

— Deuses podem rezar? — perguntei, porque eu realmente nunca havia pensado sobre isso.

A cintilação de um sorriso brincou pelos lábios de Ártemis.

— Antes de ir, Percy Jackson, eu tenho uma pequena missão para você.

— Envolve ser transformado em uma lebre-antílope?

— Infelizmente, não. Quero que escolte as Caçadoras de volta para o Acampamento Meio-Sangue. Elas podem ficar lá em segurança até que eu retorne.

— O quê? — Zoë disse rapidamente. — Mas, Ártemis, nós odiamos aquele lugar. A última vez que ficamos lá...

— Sim, eu sei — disse Ártemis. — Mas eu tenho certeza que Dioniso não vai guardar rancor apenas por causa de um pequeno, ah, mal-entendido. É o seu direito utilizar o Chalé Oito sempre que necessitarem. Além disso, soube que eles reconstruíram os chalés que você queimou.

Zoë murmurou algo sobre campistas insensatos.

— E agora há uma última decisão a ser feita. — Ártemis se virou para Bianca. — Você fez a sua escolha, minha menina?

Bianca hesitou.

— Eu ainda estou pensando nisso.

— Espere — eu disse. — Pensando sobre o quê?

— Elas... elas me convidaram para me unir à Caça.

— O quê? Mas você não pode! Você tem que vir para o Acampamento Meio-Sangue para que Quíron possa treinar você. É a única maneira para você aprender a sobreviver.

— Este *não* é o único caminho para uma garota. — disse Zoë.

Eu não podia acreditar que estava ouvindo isso.

— Bianca, o acampamento é legal! Ele tem um estábulo com pégasos e uma arena de combate e... Quero dizer, o que você ganha ao aderir às Caçadoras?

— Para começar, — disse Zoë, — imortalidade.

Eu a encarei, e depois a Ártemis.

— Ela está brincando, certo?

— Zoë raramente brinca sobre o que quer que seja — disse Ártemis. — Minhas Caçadoras me seguem em minhas aventuras. Elas são minhas servas, minhas companheiras, minhas irmãs-em-armas. Uma vez que juram fidelidade a mim, elas se tornam realmente imortais... a menos que caiam em batalha, o que é pouco provável. Ou quebrem seu juramento.

— Qual juramento? — eu disse.

— Para esquecer o amor romântico para sempre — disse Ártemis. — Para nunca crescer, nunca se casar. Para ser uma donzela eternamente.

— Como você?

A deusa concordou.

Tentei imaginar o que ela estava dizendo. Ser imortal. Passar meu tempo somente com garotas em idade escolar para sempre. Eu não conseguia formular meus pensamentos em torno disso.

— Então você só vai pelo país recrutando garotas meio-sangues...

— Não só meio-sangues — Zoë interrompeu. — Lady Ártemis não discrimina por nascimento. Todas que honram a deusa podem aderir. Meio-sangues, ninfas, mortais...

— Qual é você, então?

Raiva lampejou nos olhos de Zoë.

— Isso não te diz respeito, rapaz. O ponto é que Bianca pode aderir se ela quiser. A escolha é dela.

— Bianca, isso é loucura — eu disse. — E com relação ao seu irmão? Nico não pode ser um caçador.

— Certamente não — concordou Ártemis. — Ele vai para o acampamento. Infelizmente, isso é o melhor que meninos podem fazer.

— Ei! — protestei.

— Você pode vê-lo de vez em quando — Ártemis assegurou a Bianca. — Mas você estará livre de responsabilidade. Ele terá os conselheiros-chefe do acampamento para cuidar dele. E você terá uma nova família. Conosco.

— Uma nova família — Bianca repetiu sonhadoramente. — Livre de responsabilidade.

— Bianca, você não pode fazer isso — falei. — É loucura. Ela olhou para Zoë.

— Vale a pena?

Zoë acenou.

— Sim.

— O que tenho que fazer?

— Dizer isso — Zoë explicou a ela, — eu me submeto à deusa Ártemis.

— Eu... eu me submeto à deusa Ártemis.

— Eu abandono a companhia dos homens, aceito eterna

virgindade, e me junto à Caça.

Bianca repetiu as linhas.

— É isso?

Zoë concordou.

— Se Lady Ártemis aceitar tua submissão, então é obrigatório.

— Eu aceito — disse Ártemis.

As chamadas no braseiro se alegraram, lançando um brilho prateado sobre a sala. Bianca não parecia diferente, mas ela respirou fundo e abriu seus olhos amplamente.

— Eu me sinto... mais forte.

— Bem-vinda, irmã — disse Zoë.

— Lembre-se de seu juramento — disse Ártemis. — Agora é a sua vida.

Eu não podia falar. Senti-me como um transgressor. E um completo fracasso. Eu não podia acreditar que eu vim de tão longe e sofri tanto apenas para perder Bianca para algum clube eterno de garotas.

— Não se desespere, Percy Jackson — disse Ártemis. — Você ainda vai poder mostrar aos diabinhos seu acampamento. E se Nico assim escolher, ele pode ficar lá.

— Ótimo — disse, tentando não soar ríspido. — Como se supõe que cheguemos lá?

Ártemis fechou os olhos.

— A alvorada está se aproximando. Zoë, levante acampamento. Você deve ir para Long Island com rapidez e segurança. Vou convocar uma carona do meu irmão.

Zoë não pareceu muito feliz com essa ideia, mas ela concordou e disse a Bianca para segui-la. Quando ela estava saindo, Bianca parou na minha frente.

— Eu sinto muito, Percy. Mas eu quero isso. Eu realmente,

realmente quero.

Então ela tinha ido embora, e eu fui deixado sozinho com a deusa de doze anos de idade.

— Então — eu disse mal-humorado. — Vamos pegar uma carona com seu irmão, hein?

Os olhos prata de Ártemis cintilaram.

— Sim, garoto. Está vendo, Bianca di Angelo não é a única com um irmão irritante. Está na hora de você conhecer o meu irresponsável gêmeo, Apolo.



THALIA PÕE FOGO NA NOVA INGLATERRA

Ártemis nos assegurou que o amanhecer estava chegando, mas você poderia ter me enganado. Estava mais frio e mais escuro e nevando mais do que nunca. No alto da colina, as janelas de Westover Hall estavam completamente apagadas. Eu me perguntei se os professores teriam notado que os di Angelo e o Dr. Espinheiro ainda estavam desaparecidos. Eu não queria estar por perto quando notassem. Com a minha sorte, o único nome que a Srta. Tengiz se lembraria seria “Percy Jackson,” e então eu seria o objeto de uma caçada humana por todo o país... de novo.

As Caçadoras desmontaram acampamento mais rápido do que o montaram. Eu fiquei tremendo na neve (diferente das Caçadoras, que não pareciam sentir qualquer desconforto), e Ártemis encarava o leste como se ela estivesse esperando por algo.

Bianca estava sentada a um canto, conversando com Nico. Eu poderia dizer pelo semblante carregado dele que ela estava explicando sua decisão de se juntar às Caçadoras. Eu não pude evitar pensar o quão egoísta ela era, abandonando o irmão daquela forma.

Thalia e Grover vieram e se comprimiram junto a mim, ansiosos em ouvir o que aconteceu em minha audiência com a deusa. Quando eu disse a eles, Grover empalideceu.

— A última vez que as Caçadoras visitaram o acampamento, as coisas não correram bem.

— Como elas apareceram aqui? — eu me admirei. — Quero dizer, elas simplesmente surgiram do nada.

— E Bianca se *juntou* a elas — Thalia disse, aborrecida. — É tudo culpa de Zoë. Aquela exibida, malvada...

— Quem pode culpá-la? — Grover disse. — Eternidade com Ártemis? — Ele soltou um pesado suspiro.

Thalia rolou os olhos.

— Sátiros. Vocês estão todos apaixonados por Ártemis. Você não percebe que ela nunca vai te amar em resposta?

— Mas ela é tão... natural — Grover desfaleceu.

— Você é louco — disse Thalia.

— Louco e lunático — Grover disse sonhadoramente. — É.

Finalmente o céu começou a clarear. Ártemis murmurou:

— Já não era sem tempo. Ele é tão-lento durante o inverno.

— Você está, hum, esperando pelo nascer do sol? — eu perguntei.

— Pelo meu irmão. Sim.

Eu não tive a intenção de ser rude. Quero dizer, eu conhecia as lendas sobre Apolo – ou às vezes Hélios – dirigindo uma grande carruagem solar pelo céu. Mas eu também sabia que o sol era realmente uma estrela distante um zilhão de quilômetros. Eu me acostumei a alguns mitos gregos serem verdade, mas ainda assim... eu não conseguia ver como Apolo poderia

dirigir o sol.

— Não é exatamente como você pensa — Ártemis disse, como se ela estivesse lendo minha mente.

— Ah, certo. — Eu comecei a relaxar. — Então, não é como se ele fosse chegar puxando uma...

Houve uma súbita explosão de luz no horizonte. Um sopro de calor.

— Não olhe — Ártemis advertiu. — Não até que ele estacione.

Estacione?

Eu desviei meus olhos, e vi que as outras crianças estavam fazendo a mesma coisa. A luz e o calor se intensificaram até que meu casaco de inverno pareceu estar derretendo em mim. Então de repente a luz cessou.

Eu olhei. E não pude acreditar. Era o *meu* carro. Bem, o carro que eu queria, de qualquer forma. Um Maserati Spyder vermelho conversível. Era tão impressionante que brilhava. Então eu percebi que brilhava porque o metal estava quente. A neve havia derretido em volta do Maserati em um círculo perfeito, o que explicava por que eu estava agora sobre grama verde e meus sapatos estavam úmidos.

O motorista desceu, sorrindo. Ele parecia ter dezessete ou dezoito anos, e por um segundo eu tive a sensação inquietante de que era Luke, meu antigo inimigo. Este rapaz tinha o mesmo cabelo arenoso e aparência boa e aventureira. Mas não era Luke. Este rapaz era mais alto, sem qualquer cicatriz em seu rosto como Luke. Seu sorriso era mais brilhante e brincalhão. (Luke não fazia mais que carrancas e escárnio ultimamente). O motorista do Maserati vestia jeans e sapatos de viagem e camiseta sem mangas.

— Uau — Thalia murmurou. — Apolo é quente.

— Ele é o deus do sol — eu disse.

— Não foi o que eu quis dizer.

— Irmãzinha! — Apolo chamou. Se seus dentes fossem mais brancos ele poderia ter nos cegado sem o carro solar. — O que se passa? Você nunca liga. Você nunca escreve. Eu estava ficando preocupado!

Ártemis suspirou.

— Eu estou bem, Apolo. E eu não sou sua *irmãzinha*.

— Ei, eu nasci primeiro.

— Nós somos gêmeos! Quantos milênios nós vamos ter que discutir...

— Então o que se passa? — ele interrompeu. — Tem as meninas com você, eu vejo. Vocês todas precisam de algumas dicas sobre arco?

Ártemis rangeu seus dentes.

— Eu preciso de um favor. Eu tenho uma caçada a fazer, *sozinha*. Eu preciso que você leve minhas companheiras para o Acampamento Meio-Sangue.

— Claro, mana! — então ele ergueu suas mãos em um gesto *para tudo*. — Eu sinto um haicai vindo.

Todas as Caçadoras gemeram. Aparentemente elas já conheciam Apolo.

Ele limpou sua garganta e ergueu uma mão dramaticamente.

Grama verde quebra através da neve

Ártemis pede por minha ajuda

Eu sou legal

Ele sorriu largamente para nós, esperando por aplausos.

— Aquela última linha tinha apenas quatro sílabas — Ártemis disse.

Apolo amarrou a cara.

— Tinha?

— Sim. Que tal *eu sou cabeçudo*?

— Não, não, aí são seis sílabas. Hmm. — Ele começou a murmurar consigo.

Zoë Doce-Amarga se virou para nós.

— Lorde Apolo está nessa fase de haikai desde que visitou o Japão. Não é tão ruim como na vez em que ele visitou Limerick. Se eu tiver que ouvir mais um poema que comece com *Ha-via uma deusa de Esparta...*

— Consegui! — Apolo anunciou. — *Eu sou terrível*. São cinco sílabas! — Ele se inclinou, parecendo muito satisfeito consigo mesmo. — E agora, mana. Transporte para as Caçadoras, você diz? Bom momento. Eu já estava pronto para rodar.

— Esses semideuses também vão precisar de uma carona — Ártemis disse, apontando para nós. — Alguns campistas de Quíron.

— Sem problemas! — Apolo nos checou. — Vamos ver... Thalia, certo? Eu ouvi tudo sobre você.

Thalia enrubesceu.

— Oi, Lorde Apolo.

— A garota de Zeus, sim? Faz de você minha meia irmã. Costumava ser uma árvore, não é? Que bom que você voltou. Eu odeio quando garotas bonitas são transformadas em árvores. Cara, eu me lembro de uma vez...

— Irmão — Ártemis disse. — Você deve ir.

— Oh, certo. — Então ele olhou para mim, e seus olhos se estreitaram. — Percy Jackson?

— É. Eu quero dizer... sim, senhor.

Parecia estranho chamar um adolescente de ‘senhor’, mas eu havia aprendido a ser cuidadoso com imortais. Eles tendiam a

se ofender facilmente. Então eles arrebatavam coisas.

Apolo me estudou, mas não disse nada, o que eu achei um pouco arrepiante.

— Bem! — ele disse por fim. — É melhor carregarmos, não é? O percurso só vai em um sentido, oeste. E se você perde, você perde.

Eu olhei para o Maserati, no qual podiam se sentar duas pessoas no máximo. Havia aproximadamente vinte de nós.

— Carro legal — Nico disse.

— Obrigado, garoto — Apolo falou.

— Mas como nós todos vamos caber?

— Ah. — Apolo pareceu notar o problema pela primeira vez. — Bem, é. Eu odeio alterar o modo carro esportivo, mas eu suponho...

Ele tirou as chaves do carro e bipou o botão do alarme de segurança. *Chirp, chirp.*

Por um momento, o carro brilhou intensamente de novo. Quando o brilho cessou, o Maserati havia sido substituído por um daqueles furgões Turtle Top como os que usávamos para os jogos de basquete da escola.

— Certo — ele disse. — Todos dentro.

Zoë ordenou às Caçadoras que começassem a carregar. Ela pegou sua mochila de acampar, e Apolo disse:

— Aqui, querida. Deixe-me levar isto.

Zoë recuou. Seus olhos lampejaram perigosamente.

— Irmão — Ártemis censurou. — Você não ajuda minhas Caçadoras. Você não olha, conversa ou flerta com minhas Caçadoras. E você *não* as chama de querida.

Apolo abriu suas mãos.

— Desculpe. Esqueci. Ei, mana, de qualquer maneira, para onde você vai?

— Caçar — Ártemis disse. — Não é da sua conta.

— Eu vou descobrir. Eu vejo tudo. Sei tudo.

Ártemis bufou.

— Apenas os deixe, Apolo. E sem ficar enrolando!

— Não, não! Eu nunca enrolo.

Ártemis rolou seus olhos, então olhou para nós.

— Eu os verei no solstício de inverno. Zoë, você está no comando das Caçadoras. Faça bem. Faça como eu faria.

Zoë se endireitou.

— Sim, minha senhora.

Ártemis se ajoelhou e tocou o chão como se estivesse procurando por pistas. Quando se levantou, parecia preocupada.

— Tanto perigo. A besta deve ser encontrada.

Ela disparou em direção ao bosque e se misturou à neve e às sombras.

Apolo se virou e sorriu, girando a chave do carro em seu dedo.

— Então — ele disse. — Quem quer dirigir?

As Caçadoras se amontoaram no furgão. Elas todas se abarrotaram nos fundos para que ficassem o mais longe possível de Apolo e do resto de nós, como se fôssemos altamente infecciosos. Bianca se sentou com elas, deixando seu irmão mais novo pendurado na frente conosco, o que me pareceu frio, mas Nico não pareceu se importar.

— Isto é tão legal! — Nico disse, pulando para cima e para baixo no banco do motorista. — Isto é realmente o sol? Eu pensei que Hélios e Selene eram os deuses do sol e da lua. Como pode ser às vezes eles e às vezes você e Ártemis?

— Redução de custos — Apolo disse. — Os romanos co-

meçaram com isso. Eles não davam conta de todos aqueles templos de sacrifícios, então eles demitiram Hélios e Selene e vincularam suas funções à nossa descrição de trabalho. Minha mana ficou com a lua. Eu com o sol. Era bem irritante no começo, mas pelo menos eu peguei este carro legal.

— Mas como isso funciona? — Nico perguntou. — Eu pensei que o sol fosse uma grande bola flamejante de gás!

Apolo riu entre os dentes e afagou os cabelos de Nico.

— Este rumor provavelmente começou porque Ártemis costumava me chamar de grande bola flamejante de gás. Sério, criança, isso depende se você está falando de astronomia ou de filosofia. Você quer falar de astronomia? Besteira, que graça há nisso? Você quer falar sobre como os humanos *pensam* sobre o que é o sol? Ah, isso é mais interessante. Eles têm muito que andar no sol... er, por assim dizer. Ele os mantém aquecidos, aumenta suas culturas, move motores, faz tudo parecer, bem, mais ensolarado. Este carro foi construído fora do humano, *sonhos* sobre o sol, garoto. É tão velho quanto a Civilização Ocidental. Todos os dias, ele dirige através do céu de leste a oeste, iluminando aquelas franzinas vidas mortais. O carro é uma manifestação do poder do sol, o modo como os mortais o percebem. Faz sentido?

Nico balançou sua cabeça.

— Não.

— Então, bem, somente o veja como um poderoso, realmente perigoso, carro solar.

— Posso dirigir?

— Não. Muito novo.

— Oo! Oo! — Grover levantou sua mão.

— Mm, não — Apolo disse. — Muito peludo. — Ele olhou além de mim e focou em Thalia. — Filha de Zeus! —

ele disse. — Senhor dos Céus. Perfeito.

— Ah, não. — Thalia balançou sua cabeça. — Não, obrigada.

— Vamos — Apolo disse. — Quantos anos você tem?
Thalia hesitou.

— Eu não sei.

Era triste, mas verdadeiro. Ela fora transformada em árvore quando tinha doze anos, mas isso foi há sete anos. Então ela teria dezenove, se você contar pelos anos. Mas ela ainda sentia como se tivesse doze, e se você olhasse para ela, ela parecia estar em algum lugar no meio. O melhor que Quíron pode deduzir foi que ela continuou a envelhecer enquanto estava como árvore, mas muito mais devagar.

Apolo bateu os dedos em seus lábios.

— Você tem quinze, quase dezesseis.

— Como você sabe isso?

— Ei, eu sou o deus da profecia. Eu sei coisas. Você vai fazer dezesseis em cerca de uma semana.

— É meu aniversário! Vinte e dois de dezembro.

— O que significa que você tem agora idade suficiente para dirigir com uma licença de aluno!

Thalia mexeu seu pé nervosamente.

— Hum...

— Eu sei o que você vai dizer — Apolo disse. — Você não merece a honra de dirigir o carro solar.

— Isso não era o que eu ia dizer.

— Não se preocupe! Maine até Long Island é realmente uma viagem curta, e não se preocupe com o que aconteceu com a última criança que eu treinei. Você é filha de Zeus. Ele não vai jogar *você* para fora do céu.

Apolo riu naturalmente. O resto de nós não se juntou a ele.

Thalia tentou protestar, mas Apolo absolutamente não ia aceitar ‘não’ como resposta. Ele apertou um botão no painel do carro, e um letreiro apareceu ao longo da parte superior do para-brisa. Eu tive que lê-lo em sentido contrário (o que, para um disléxico, realmente não é diferente do que ler para frente). Eu tinha certeza que dizia CUIDADO: MOTORISTA ESTUDANTE.

— Tira isso daí! — Apolo disse a Thalia. — Vai ser natural para você!

Eu vou admitir que estava com inveja. Eu mal podia esperar para começar a dirigir. Algumas vezes naquele outono, minha mãe me levou para Montauk quando a estrada da praia estava vazia, e ela me deixou tentar em seu Mazda. Quero dizer, era um compacto japonês, e este é um carro solar, mas quão diferente poderia ser?

— Velocidade igual calor — Apolo advertiu. — Então comece devagar, e tenha certeza que ganhou uma boa altitude antes de você realmente acelerar.

Thalia agarrou o volante com tanta força que seus nós ficaram brancos. Ela parecia que ia passar mal.

— O que está errado? — perguntei a ela.

— Nada — ela disse tremulamente. — Nada está errado.

Ela puxou o volante. Ele se inclinou, e o furgão pulou diante tão rápido que eu caí para trás e bati em algo macio.

— Ai — Grover disse.

— Desculpe.

— Mais devagar! — Apolo disse.

— Desculpe! — Thalia falou. — Eu tenho tudo sob controle!

Eu consegui me levantar. Olhando pela janela, eu vi um anel de árvores fumegando na clareira de onde decolamos.

— Thalia — eu disse, — devagar com o acelerador.

— Eu *sei*, Percy — ela falou, rangendo seus dentes. Mas o manteve pressionado.

— Fique calma — eu disse a ela.

— Eu estou calma! — Thalia disse. Ela estava tão rígida que parecia que era feita de madeira compensada.

— Nós precisamos nos desviar para o sul, para Long Island — Apolo disse. — Incline para a esquerda.

Thalia deu um puxão no volante e novamente me jogou em cima de Grover, que uivou.

— A outra esquerda — Apolo sugeriu.

Eu cometi o erro de olhar pela janela novamente. Nós estávamos na altura de aviões agora — tão alto que o céu começava a parecer escuro.

— Ah... — Apolo disse, e tive a impressão de que ele estava se forçando a parecer calmo. — Um pouco mais baixo, querida. Cabo Cod está congelando.

Thalia inclinou a direção. Seu rosto estava branco feito cal, sua nuca gotejava de suor. Algo definitivamente estava errado. Eu nunca a vi assim.

O furgão arremeteu para baixo e alguém gritou. Talvez fosse eu. Agora estávamos indo na direção do oceano Atlântico a mil quilômetros por hora, o litoral da Nova Inglaterra à nossa direita. E estava ficando quente no furgão.

Apolo havia sido jogado em algum lugar na traseira do furgão, mas ele começou a escalar as fileiras de bancos.

— Pegue o volante! — Grover implorou a ele.

— Não se preocupe — Apolo disse. Ele parecia muito preocupado. — Ela só tem que aprender a... OPA!

Eu vi o que ele estava vendo. Abaixo de nós havia uma pequena, coberta de neve, cidade da Nova Inglaterra. Pelo menos,

costumava ser coberta de neve. Conforme eu olhava, a neve derreteu das árvores e dos telhados e dos gramados. A branca torre do campanário de uma igreja se tornou marrom e começou a arder sem chamas. Pequenas plumas de fumaça, como velas de aniversário, estavam pipocando por toda cidade. Árvores e topos de telhados estavam pegando fogo.

— Pare! — gritei.

Havia uma luz selvagem nos olhos de Thalia. Ela puxou de volta a direção, e eu estava preparado desta vez. Conforme nos distanciamos, eu pude ver pela janela de trás que os focos de incêndio na cidade estavam sendo varridos pela súbita corrente de ar frio.

— Ali! — Apolo apontou. — Long Island, mortalmente à frente. Vamos desacelerar, querida. ‘Mortalmente’ é só uma expressão.

Thalia estava ribombando em direção à costa norte de Long Island. Ali estava o Acampamento Meio-Sangue: o vale, as florestas, a praia. Eu podia ver o pavilhão-refeitório, os chalés e o anfiteatro.

— Eu estou sob controle — Thalia murmurou. — Eu estou sob controle.

Nós estávamos apenas a algumas centenas de metros agora.

— Freie — Apolo disse.

— Eu posso fazer isso.

— FREIE!

Thalia enfiou seu pé no freio, e o furgão solar se arremessou para frente em um ângulo de 45°, batendo no lago de canoagem do Acampamento Meio-Sangue com um grande *FLOOOOOOSH!* Vapor emergia, fazendo com que várias náiades assustadas saíssem da água com cestas de vime meio tecidas.

O furgão flutuou na superfície, juntamente com um par de canoas viradas e meio queimadas.

— Bem. — disse Apolo com um bravo sorriso. — Você estava certa, minha querida. Você tinha tudo sob controle! Que tal vermos se queimamos alguém importante, vamos?



FAÇO UMA LIGAÇÃO SUBAQUÁTICA

Eu nunca tinha visto o Acampamento Meio-Sangue no inverno antes, e a neve me surpreendeu.

Veja, o acampamento tem controle climático de última geração. Nada passa pelas fronteiras a não ser que o diretor, Sr. D, queira isso. Eu pensei que estaria quente e ensolarado, mas ao invés disso a neve estava permitida a cair levemente. A geada cobria a pista de bigas e os campos de morango. Os chalés estavam decorados com pequenas luzes cintilantes, como luzes de Natal, exceto que elas pareciam bolas de fogo de verdade. Mais luzes brilhavam na floresta, e o mais estranho de tudo, um fogo tremeluziu na janela do sótão da Casa Grande, onde habitava o Oráculo, aprisionado em um velho corpo mumificado. Perguntei-me se o espírito de Delfos estava assando marshmallows lá em cima ou alguma coisa assim.

— Uau — Nico falou enquanto descia do furgão. — Isso é um muro de escalada?

— É — respondi.

— Porque tem lava escorrendo por ele?

— Um pequeno desafio extra. Venha, vou apresentá-lo a Quíron. Zoë, você conhece...

— Eu conheço Quíron — Zoë falou duramente. — Dizei

a ele que nós estaremos no Chalé Oito. Caçadoras, sigam-me.

— Vou mostrá-las o caminho — ofereceu Grover.

— Nós sabemos o caminho.

— Ah, sério, isso não é problema. É fácil se perder aqui, se você não — ele tropeçou em uma canoa e voltou ainda falando — como meu velho pai bode costumava falar! Vamos lá!

Zoë rolou os olhos, mas eu acho que ela percebeu que não se livraria de Grover. As Caçadoras puseram suas sacolas e arcos sobre os ombros e partiram em direção aos chalés. Quando Bianca di Angelo estava saindo, ela se abaixou e sussurrou algo no ouvido de seu irmão. Ela olhou para ele esperando resposta, mas Nico apenas franziu as sobrancelhas e se afastou.

— Cuidem-se, queridas! — Apolo falou para as Caçadoras. Ele piscou para mim. — Tome cuidado com essas profecias, Percy. Vejo você em breve.

— O que você quer dizer?

Em vez de responder, ele pulou de volta para dentro do furgão.

— Até mais, Thalia — ele disse. — E, hum, fique bem!

Ele deu a ela um sorriso cruel, como se soubesse alguma coisa que ela não sabia. Então ele fechou as portas e ligou o motor. Eu me virei de lado enquanto a carruagem solar partia numa explosão de calor. Quando olhei de volta, o lago estava evaporando. A Maserati vermelha subiu alto por cima da floresta, brilhando mais forte e escalando mais alto até que desapareceu em um raio de sol.

Nico ainda parecia irritado. Eu imaginava o que sua irmã havia lhe dito.

— Quem é Quíron? — ele perguntou. — Não tenho sua estatueta.

— Nosso diretor de atividades — falei. — Ele é... Bem,

você verá.

— Se essas garotas Caçadoras não gostam dele — resmungou Nico, — isso é bom o suficiente para mim. Vamos.

A segunda coisa que me deixou surpreso sobre o acampamento foi o quanto ele estava vazio. Quero dizer, eu sabia que a maioria dos meio-sangues treinava somente durante o verão. Apenas aqueles que passam o ano inteiro estariam aqui — os que não tinham casas para ir, ou que seriam muito atacados por monstros se saíssem. Mas também não parecia haver muitos deles.

Avistei Charles Beckendorf do chalé de Hefesto alimentando a fornalha do lado de fora do depósito de armas. Os irmãos Stoll, Travis e Connor, do chalé de Hermes, estavam tentando arrombar a tranca da loja do acampamento. Algumas poucas crianças do chalé de Ares estavam fazendo uma guerra de neve com as Ninfas nos limites da floresta. Era só isso. Até minha antiga rival do chalé de Ares, Clarisse, não parecia estar por perto.

A Casa Grande estava decorada com fios amarelos e vermelhos de bolas de fogo que aqueciam a varanda, mas não ateavam fogo em nada. Lá dentro, chamas crepitavam na lareira. O ar cheirava a chocolate quente. Sr. D, o diretor do acampamento, e Quíron estavam jogando cartas calmamente na sala.

A barba marrom de Quíron estava mais desgrenhada no inverno. Seu cabelo enrolado tinha crescido um pouco mais. Ele não estava no cargo de professor este ano, então acho que estava permitido ficar um pouco mais à vontade. Ele vestia um suéter felpudo com o desenho de uma pegada de casco, e tinha um cobertor no seu colo que escondia quase completamente a cadeira de rodas.

Ele sorriu quando nos viu.

— Percy! Thalia! Ah, e esse deve ser...

— Nico di Angelo — falei. — Ele e sua irmã são meio-sangues.

Quíron deu um suspiro de alívio.

— Vocês obtiveram sucesso, então.

— Bem...

O sorriso dele derreteu.

— O que está errado? E onde está Annabeth?

— Oh, querido — Sr. D disse numa voz chateada, — não mais um perdido.

Estava tentando não prestar atenção no Sr. D, mas era difícil ignorá-lo em seu agasalho laranja-neon de pele de leopardo e seus sapatos roxos de corrida. (Como se o Sr. D tivesse corrido ao menos um dia em sua vida imortal). Uma coroa de louros dourada estava inclinada de lado em seu cabelo escuro e encaracolado, o que devia significar sua vitória na última rodada de cartas.

— O que você quer dizer? — perguntou Thalia — Quem mais está perdido?

Nesse exato momento, Grover trotou dentro da sala, sorrindo como louco. Ele tinha um olho roxo e linhas vermelhas em seu rosto que pareciam a marca de um tapa.

— As Caçadoras estão todas acomodadas!

Quíron franziu a testa.

— As Caçadoras, é? Vejo que temos muito o que conversar. — Ele olhou Nico de relance. — Grover, talvez você deva levar nosso jovem amigo para a gruta e mostrar a ele nosso filme de orientação.

— Mas... Oh, tudo bem. Sim, senhor.

— Filme de orientação? — perguntou Nico. — É censura

livre ou até 10 anos? Porque Bianca é meio rigorosa.

— É censura 13 anos — Grover falou.

— Legal! — Nico o seguiu felizmente para fora da sala.

— Agora — Quíron falou para Thalia e eu, — talvez vocês dois devam se sentar e nos contar a história completa.

Quando terminamos, Quíron se virou para o Sr. D.

— Nós deveríamos mandar uma busca por Annabeth imediatamente.

— Eu vou — Thalia e eu falamos ao mesmo tempo.

Sr. D fungou.

— Certamente não!

Thalia e eu começamos a reclamar, mas o Sr. D ergueu sua mão. Ele tinha aquele fogo arroxeadado e furioso em seus olhos que geralmente dizia que alguma coisa ruim e divina ia acontecer se a gente não se calasse.

— Pelo que vocês me disseram — Sr. D disse, — nós saímos empatados nessa escapada. Nós, ah, infelizmente perdemos Annie Bell...

— Annabeth — eu falei rapidamente. Ela ia para o acampamento desde os sete anos, e o Sr. D ainda fingia não conhecer o nome dela.

— Sim, sim — ele falou. — E vocês arranjaram um garotinho chato para substituí-la. Então não vejo razão para arriscar outros meio-sangues num resgate ridículo. A possibilidade é muito grande que essa menina Annie esteja morta.

Eu queria estrangular o Sr. D. Não era justo que Zeus tivesse mandado ele aqui para ressecar como diretor do acampamento por cem anos. Era para ser uma punição pelo mau comportamento do Sr. D no Olimpo, mas acabou sendo uma punição para todos nós.

— Annabeth ainda pode estar viva — disse Quíron, mas eu podia ver que ele estava tendo problemas em soar otimista. Ele praticamente criou Annabeth todos esses anos em que ela era uma campista integral, antes de ela dar uma segunda chance a seu pai e sua madrasta. — Ela é muito brilhante. Se... se nossos inimigos a tiverem, ela vai tentar jogar por tempo. Ela pode até fingir cooperar.

— Isso é verdade — Thalia falou. — Luke iria querer ela viva.

— Se for esse o caso — disse Sr. D, — receio que ela terá que ser esperta o bastante para fugir por conta própria.

Eu me levantei da mesa.

— Percy. — O tom de Quíron estava bastante alarmado. No fundo da minha mente, eu sabia que o Sr. D não era alguém para contrariar. Nem se você fosse um impulsivo garoto com hiperatividade como eu, ele não daria nenhuma folga. Mas eu estava com tanta raiva que não me importei.

— Você está feliz de ter perdido outro campista — falei. — Você gostaria que todos nós sumíssemos!

Sr. D abafou um bocejo.

— Você tem um argumento?

— É — eu rosnei. — Só porque você foi mandado aqui como punição não significa que você tem que ser um babaca preguiçoso! Esta é a sua civilização, também. Talvez você pudesse tentar ajudar um pouco!

Por um segundo, não houve barulho exceto pelo crepitar do fogo. A luz refletia nos olhos do Sr. D, dando a ele um olhar sinistro. Ele abriu sua boca para dizer algo — provavelmente uma maldição que ia me explodir em pedacinhos — quando Nico entrou na sala, seguido por Grover.

— TÃO LEGAL! — gritou Nico, oferecendo as mãos para

Quíron. — Você é... você é um centauro!

Quíron deu um sorriso nervoso.

— Sim, Sr. di Angelo, como queira. Porém, eu prefiro ficar na forma humana nessa cadeira de rodas para, hã, primeiros encontros.

— E, uau! — Ele olhou para o Sr. D. — Você é o cara do vinho? Não pode ser!

Sr. D tirou os olhos de mim e deu a Nico um olhar de repugnância.

— O cara do vinho?

— Dioniso, certo? Oh, uau! Eu tenho sua estatueta!

— Minha estatueta.

— No meu jogo Mitomagia. E uma carta holográfica, também! E mesmo que você tenha apenas quinhentos pontos de ataque e todo mundo ache que você é a carta de deus mais fajuta, eu realmente acho que seus poderes são legais!

— Ah — Sr. D parecia verdadeiramente confuso, o que provavelmente salvou minha vida. — Bem, isso é... gratificante.

— Percy — Quíron falou rapidamente, — você e Thalia desçam para os chalés. Informem aos campistas que iremos jogar captura da bandeira amanhã à tarde.

— Capture a bandeira? — perguntei. — Mas nós não temos suficientes...

— É uma tradição — disse Quíron. — Uma partida amistosa, sempre que as Caçadoras visitam.

— É — murmurou Thalia. — Aposto que é realmente amistosa.

Quíron agitou a cabeça na direção do Sr. D, que continuava franzindo a testa enquanto Nico falava de quantos pontos de defesa todos os deuses tinham no seu jogo.

— Corram agora — Quíron nos disse.

— Ah, certo — falou Thalia. — Vamos, Percy.

Ela me arrastou para fora da Casa Grande antes que Dioniso pudesse lembrar que pretendia me matar.

— — Você já tem Ares contra você — Thalia me lembrou enquanto nós marchávamos em direção aos chalés. — Você precisa de outro inimigo imortal?

Ela estava certa. Em meu primeiro verão como campista entrei numa briga com Ares, agora ele e todos os seus filhos queriam me matar. Eu não precisava aborrecer Dioniso também.

— Desculpe — falei. — Não pude evitar. É apenas tão injusto.

Ela parou perto do arsenal e olhou através do vale, em direção ao topo da Colina Meio-Sangue. Seu pinheiro ainda estava lá, o Velocino de Ouro brilhando no seu ramo mais baixo. A magia da árvore ainda protegia as fronteiras do acampamento, mas não usava mais o espírito de Thalia como energia.

— Percy, tudo é injusto — balbuciou Thalia. — Às vezes eu desejo...

Ela não terminou, mas seu tom era tão triste que eu senti pena dela. Com seu cabelo negro irregular e suas roupas punk pretas, um velho casacão de lã amarrado em volta dela, ela parecia algum tipo de corvo gigante, completamente fora da paisagem esbranquiçada.

— Nós vamos pegar Annabeth de volta — prometi. — Apenas não sei como, ainda.

— Primeiro eu descubro que Luke está perdido — ela falou. — Agora Annabeth...

— Não pense assim.

— Você está certo. — Ela se endireitou. — Nós acharemos um jeito.

Na quadra de basquete, algumas Caçadoras estavam arremessando nos aros. Uma delas estava discutindo com um cara do chalé de Ares. O garoto de Ares tinha a mão na sua espada e a garota Caçadora parecia que ia trocar a bola de basquete por um arco e flecha a qualquer segundo.

— Eu vou acabar com aquilo — Thalia disse. — Você circula pelos chalés. Fale para todo mundo sobre a captura da bandeira amanhã.

— Tudo bem. Você devia ser capitã do time.

— Não, não — ela falou. — Você está há mais tempo no acampamento. Você faz isso.

— Nós podemos, hã... ter um co-capitão ou algo assim.

Ela pareceu se sentir tão confortável quanto eu em relação a isso, mas ela assentiu.

Enquanto ela se encaminhava para a quadra, eu falei:

— Ei, Thalia.

— Sim?

— Desculpe-me pelo que aconteceu em Westover. Eu devia ter esperado por vocês.

— Tá ok, Percy. Eu provavelmente teria feito a mesma coisa. — Ela trocava de um pé para o outro, como se estivesse tentando decidir se falava mais ou não. — Sabe, você me perguntou sobre minha mãe e eu meio que fui grossa com você. É que... eu voltei para encontrá-la depois de sete anos, e descobri que ela tinha morrido em Los Angeles. Ela, hum... ela era uma alcoólatra pesada, e aparentemente estava dirigindo tarde em uma noite há cerca de dois anos, e... — Thalia piscou forte.

— Sinto muito.

— Sim, bem. Não... não é como se alguma vez nós tivéssemos sido próximas. Eu fugi quando tinha dez anos. Os melhores dois anos de minha vida foram quando estava correndo por

aí com Luke e Annabeth. Mas mesmo assim...

— Por isso que você teve problemas com o furgão do sol.

Ela me deu um olhar desconfiado.

— O que você quer dizer?

— O jeito como você ficou tensa. Você devia estar pensando na sua mãe, não querendo ficar atrás do volante.

Eu me arrependi de ter falado qualquer coisa. A expressão de Thalia estava perigosamente parecida com a de Zeus, na única vez em que eu o tinha visto se zangar – como se a qualquer minuto, os olhos dela fossem disparar um milhão de volts.

— É — ela murmurou. — É, deve ter sido isso.

Ela marchou em direção à quadra, onde o campista de Ares e a Caçadora estavam tentando se matar com uma espada e uma bola de basquete.

Os chalés eram o mais esquisito conjunto de prédios que eu já tinha visto. As grandes construções de colunas brancas de Zeus e Hera, Chalés Um e Dois, ficavam no meio, com cinco chalés de deuses à esquerda e cinco chalés de deusas à direita, então eles formavam um U em torno do gramado central e da churrasqueira.

Eu fiz as voltas, falando para todo mundo da captura da bandeira. Acordei uma criança de Ares do seu cochilo do meio-dia e ele gritou para eu ir embora. Quando perguntei a ele onde estava Clarisse, ele falou:

— Foi numa missão para Quíron. Supersecreta!

— Ela está bem?

— Não escuto dela faz um mês. Ela está desaparecida. Como seu traseiro vai estar se você não der o fora daqui!

Decidi deixá-lo voltar a dormir.

Finalmente eu cheguei ao Chalé Três, o chalé de Poseidon.

Era uma construção baixa e cinza talhada em pedra marinha, com conchas e fósseis de coral gravados na rocha. Dentro, estava vazio como sempre, exceto pelo meu beliche. Um chifre de Minotauro estava pendurado na parede ao lado do meu traverseiro.

Eu tirei o boné de beisebol de Annabeth da minha mochila e o coloquei no criado mudo. Devolveria para ela quando a encontrasse. E eu *iria* encontrá-la.

Tirei meu relógio de pulso e ativei o escudo. Ele rangeu barulhento enquanto se espiralava para fora. Os espinhos de Dr. Espinheiro dentearam o metal em uma dúzia de lugares. Um corte profundo impedia o escudo de se abrir completamente, então estava parecendo uma pizza com duas fatias a menos. As bonitas figuras de metal que meu irmão tinha feito estavam todas destruídas. Na figura em que eu e Annabeth combatíamos a Hidra, parecia que um meteoro havia aberto uma cratera na minha cabeça. Pendurei o escudo em seu gancho, ao lado do chifre do Minotauro, mas era doloroso olhar agora. Talvez Beckendorf do chalé de Hefesto pudesse consertá-lo para mim. Ele era o melhor ferreiro de armas do acampamento. Eu perguntaria a ele no jantar.

Eu estava olhando para o escudo quando notei um som estranho — água gorgolejando — e percebi que tinha alguma coisa nova no quarto. No fundo do chalé estava uma grande bacia de pedra marinha cinza, com uma bica que nem a cabeça de um peixe gravada na pedra. De sua boca saía um fluxo de água, uma fonte de água salgada que gotejava dentro do tanque. A água devia estar quente, porque criava uma névoa no ar frio do inverno como uma sauna. Aquilo fazia o quarto parecer morno e lembrava o verão, fresco com o cheiro do mar.

Andei para o tanque. Não havia nenhum recado nem nada,

mas eu sabia que só podia ser um presente de Poseidon. Olhei para a água e falei:

— Obrigado, pai.

A superfície ondulou. No fundo do tanque, moedas cintilaram — mais ou menos uma dúzia de dracmas dourados. Eu percebi para que servia a fonte. Era um lembrete para manter contato com a minha família.

Eu abri a janela mais próxima, e a luz do sol de inverno produziu um arco-íris na névoa. Então eu pesquei uma moeda de dentro da água quente.

— Íris, ó Deusa do Arco-íris — eu disse, — aceite minha oferenda.

Joguei uma moeda na névoa e ela desapareceu. Aí eu percebi que não sabia com quem me comunicar primeiro.

Minha mãe? Isso seria coisa para o ‘bom filho’ fazer, mas ela ainda não estaria preocupada comigo. Ela estava acostumada comigo desaparecendo por dias ou semanas de uma vez.

Meu pai? Tinha sido há muito tempo, quase dois anos, desde que eu realmente falei com ele. Mas você poderia mesmo mandar uma mensagem de Íris para um deus? Eu nunca tentei. Iria aborrecê-los, como uma chamada de vendas ou algo do tipo?

Eu hesitei. Então me decidi.

— Mostre-me Tyson — eu pedi. — Nas forjas dos Ciclopes.

A névoa brilhou e a imagem do meu meio-irmão apareceu. Ele estava rodeado de fogo, o que seria um problema se ele não fosse um ciclope. Ele estava inclinado sobre uma bigorna, martelando uma espada vermelha de calor. Faíscas voavam e chamas rodopiavam ao redor de seu corpo. Havia uma janela com moldura de mármore atrás dele, e ela dava direto para água azul

escura — o fundo do oceano.

— Tyson! — gritei.

Ele não me escutou de primeira por causa das marteladas e do rugido das chamas.

— TYSON!

Ele se virou, e seu enorme olho se arregalou. Seu rosto se dobrou em um sorriso torto e amarelo.

— Percy!

Ele derrubou a lâmina da espada e correu até mim, tentando me abraçar. A visão ficou borrada e eu fui instintivamente para trás.

— Tyson, essa é uma mensagem de Íris. Eu não estou realmente aqui.

— Ah. — Ele voltou para o campo visual, parecendo envergonhado. — Ah, eu sabia disso. Sim.

— Como você está? — perguntei. — Como está o trabalho?

O olho dele se acendeu.

— Amo o trabalho! Olhe! — Ele pegou a lâmina quente com as mãos desprotegidas. — Eu fiz isso!

— Isso é bem legal.

— Escrevi meu nome nela. Bem ali.

— Incrível. Escute, você fala muito com o papai?

O sorriso de Tyson sumiu.

— Não muito. Papai está ocupado. Ele está preocupado com a guerra.

— O que você quer dizer?

Tyson suspirou. Ele botou a lâmina para fora da janela, onde produziu uma nuvem de bolhas ferventes. Quando Tyson trouxe de volta, o metal estava frio.

— Velhos espíritos do mar criando problemas. Egeão.

Oceano. Esses caras.

Eu meio que sabia do que ele estava falando. Ele queria dizer os imortais que controlavam os oceanos na época dos Titãs. Antes dos Olímpianos ascenderem. O fato de eles estarem de volta agora, com o Lorde Titã Cronos e seus aliados ganhando força, não era bom.

— Tem algo que eu possa fazer? — perguntei.

Tyson balançou sua cabeça tristemente.

— Nós estamos armando as sereias. Elas precisam de mais mil espadas para amanhã. — Ele olhou para sua lâmina e suspirou. — Velhos espíritos estão protegendo o barco malvado.

— O *Princesa Andrômeda*? — eu disse. — O barco de Luke?

— Sim. Eles tornam o barco difícil de encontrar. Protegem contra as tempestades do papai. Se não fosse isso ele acabaria com o barco.

— Acabar com o barco seria bom.

Tyson empertigou-se, como se tivesse tido outra ideia.

— Annabeth! Ela está aí?

— Ah, bem... — Meu coração parecia uma bola de boliche. Tyson pensava que Annabeth era a coisa mais legal desde a manteiga de amendoim (e ele sinceramente amava manteiga de amendoim). Eu não tinha coragem de dizer a ele que ela estava desaparecida. Ele começaria a chorar tanto que poderia apagar suas fogueiras.

— Bem, não... ela não está aqui no momento.

— Diga olá para ela! — ele sorriu. — Olá para Annabeth!

— Ok. — Eu lutei contra um nó na minha garganta. — Farei isso.

— E, Percy, não se preocupe com o barco malvado. Ele está indo embora.

— Como assim?

— Canal do Panamá! Muito longe daqui.

Eu franzi a testa. Porque Luke levaria seu barco de cruzeiro infestado de demônios por todo esse caminho até lá? A última vez que nós o vimos, ele estava navegando pela Costa Leste, recrutando meio-sangues e treinando seu exército monstruoso.

— Tudo bem — falei, sem me sentir seguro. — Isso é... bom. Eu acho.

Nas forjas, uma voz profunda berrou algo que eu não consegui entender. Tyson recuou.

— Tenho que voltar ao trabalho! O chefe vai ficar bravo. Boa sorte, irmão!

— Ok, diga ao pai...

Mas antes que eu pudesse terminar, a visão brilhou e desapareceu. Eu estava sozinho de novo no meu chalé, sentindo-me ainda mais solitário do que antes.

Eu estava bastante infeliz no jantar daquela noite.

Quero dizer, a comida estava excelente como sempre. Você não pode ficar mal com churrasco, pizza e cálices de refrigerante que nunca esvaziam. As tochas e os braseiros mantinham aquecido o pavilhão ao ar livre, mas todos nós tínhamos de sentar com nossos companheiros de chalé, o que significava que eu estava só na mesa de Poseidon. Thalia sentou sozinha na mesa de Zeus, mas nós não podíamos sentar juntos. Regras do acampamento. Pelo menos os chalés de Hefesto, Ares e Hermes tinham algumas pessoas cada um. Nico sentou com os irmãos Stoll, desde que os novatos sempre são mantidos no chalé de Hermes se seu parente Olímpiano é desconhecido. Os irmãos Stoll estavam tentando convencer Nico que pôquer era um jogo bem melhor que Mitomagia. Eu esperava que Nico não tivesse nenhum dinheiro a perder.

A única mesa que parecia estar realmente tendo um bom momento era a de Ártemis. As Caçadoras bebiam e comiam e riam como uma grande e feliz família. Zoë estava sentada na cabeceira como se fosse a mamãe. Ela não ria tanto quanto as outras, mas sorria de vez em quando. Sua tiara prateada de tenente brilhava nas tranças escuras de seu cabelo. Pensei que sua aparência ficava bem melhor quando ela sorria. Bianca di Angelo parecia estar num grande momento. Ela estava tentando aprender queda de braço com a moça que tinha armado uma briga com a criança de Ares na quadra de basquete. A mulher maior estava ganhando dela toda hora, mas Bianca não parecia se importar.

Quando terminamos de comer, Quíron fez o tradicional brinde aos deuses e formalmente deu as boas-vindas às Caçadoras de Ártemis. Os aplausos foram meio fracos. Então ele anunciou a ‘boa nova’, o jogo da captura da bandeira na noite de amanhã, o que teve uma recepção muito melhor.

Depois disso, nós todos seguimos de volta para nossos chalés para um apagar de luzes cedo, de inverno. Eu estava exausto, o que significou que eu dormi facilmente. Esta foi a parte boa. A parte ruim foi que eu tive um pesadelo, e até para os meus padrões aquilo foi demais.

Annabeth estava numa encosta escura, coberta de névoa. Quase parecia com o Mundo Inferior, porque eu imediatamente me senti claustrofóbico e não conseguia ver o céu acima – somente uma fechada, pesada escuridão, como se eu estivesse numa caverna.

Annabeth se esforçava para subir a colina. Velhas colunas gregas de mármore preto estavam quebradas e espalhadas ao redor, como se alguma coisa tivesse explodido uma grande

construção em ruínas.

— Dr. Espinheiro! — Annabeth gritou. — Onde você está? Porque você me trouxe aqui? — ela subiu em um pedaço de parede quebrada e alcançou o pico da colina.

Ela se espantou.

Ali estava Luke. E ele estava sentindo dor.

Ele estava caído no chão de pedra, tentando se levantar. A escuridão parecia ser mais espessa em volta dele, névoa rodopiando impaciente. Suas roupas estavam esfarrapadas e seu rosto estava arranhado e úmido de suor.

— Annabeth! — ele chamou. — Ajude-me! Por favor!

Ela correu adiante.

Eu tentei gritar: *Ele é um traidor! Não acredite nele!*

Mas minha voz não funcionava no sonho.

Annabeth tinha lágrimas em seus olhos. Ela se aproximou como se quisesse tocar o rosto de Luke, mas hesitou no último segundo.

— O que aconteceu? — ela perguntou.

— Eles me deixaram aqui — gemeu Luke. — Por favor. Está me matando.

Eu não conseguia ver o que havia de errado com ele. Ele parecia estar lutando contra alguma maldição invisível, como se a névoa estivesse espremendo-o até a morte.

— Por que eu deveria confiar em você? — perguntou Annabeth. Sua voz estava cheia de mágoa.

— Não deveria — disse Luke. — Eu fui terrível com você. Mas se você não me ajudar, eu vou morrer.

Deixe ele morrer!, eu queria gritar. Luke tentou nos matar a sangue frio vezes demais. Ele não merecia nada de Annabeth.

Então a escuridão em cima de Luke começou a ruir, como o teto de uma caverna em um terremoto. Grandes blocos de

pedra negra começaram a cair. Annabeth entrou rapidamente assim que uma fresta se abriu, e todo o telhado desabou. Ela segurou aquilo de alguma forma — toneladas de pedra. Ela impediu que desabasse em cima dela e de Luke apenas com sua própria força. Era impossível. Ela não deveria ser capaz de fazer aquilo.

Luke rolou livre, respirando pesadamente.

— Obrigado — ele completou.

— Ajude-me a segurar isto — gemeu Annabeth.

Luke prendeu a respiração. Seu rosto estava coberto de sujeira e suor. Ele se levantou desequilibrado.

— Eu sabia que podia contar com você. — Ele começou a ir embora enquanto a escuridão instável ameaçava destruir Annabeth.

— AJUDE-ME! — ela protestou.

— Ah, não se preocupe — disse Luke. — Sua ajuda está a caminho. É tudo parte do plano. Enquanto isso tente não morrer.

O teto de escuridão começou a desabar novamente, empurrando Annabeth contra o solo.

Eu sentei repentinamente ereto na cama, agarrando as cobertas. Não havia nenhum som no meu chalé exceto pelo gorgolejar da fonte de água salgada. O relógio no meu criado mudo apontava que era pouco mais que meia-noite.

Somente um sonho, mas eu estava certo de duas coisas: Annabeth estava em terrível perigo. E Luke era o responsável.

UM VELHO AMIGO MORTO VEM ME
VISITAR

Na outra manhã depois do café, falei para Grover do meu sonho. Nós sentamos na campina vendo os sátiros caçarem as ninfas da floresta pelo meio da neve. As ninfas tinham prometido beijar os sátiros se fossem pegas, mas eles raramente conseguiam. Geralmente a ninfa deixaria o sátiro ficar com a cabeça cheia de vapor, então ela se transformaria em uma árvore coberta de neve e o pobre sátiro bateria com a cabeça nela e uma pilha de neve seria despejada nele.

Quando eu contei a Grover meu pesadelo, ele começou a enrolar seu dedo no pelo desgrenhado de sua perna.

— Um teto de caverna desabou sobre ela? — ele perguntou.

— Isso. O que diabos isso significa?

Grover balançou a cabeça.

— Eu não sei. Mas depois do que Zoë sonhou...

— Opa. O que você quer dizer? Zoë teve um sonho como esse?

— Eu... Eu não sei, exatamente. Por volta das três da manhã ela veio à Casa Grande e exigiu falar com Quíron. Ela parecia realmente em pânico.

— Espere, como você sabe isso?

Grover corou.

— Eu estava meio que acampado do lado de fora do chalé de Ártemis.

— Para quê?

— Apenas para estar, você sabe, perto delas.

— Você é um perseguidor com cascos.

— Não sou! De qualquer maneira, eu a segui até a Casa Grande e me escondi num arbusto e observei a coisa toda. Ela ficou realmente perturbada quando Argos não a deixou entrar. Foi uma cena meio perigosa.

Eu tentei imaginar aquilo. Argos era o chefe da segurança do acampamento – um grande cara loiro com olhos por todo o seu corpo. Ele raramente aparecia a menos que alguma coisa séria estivesse acontecendo. Eu não ia querer fazer apostas em uma luta entre ele e Zoë Doce-Amarga.

— O que ela falou? — eu perguntei.

Grover fez uma careta.

— Bem, ela começa realmente a falar à moda antiga quando fica contrariada, então estava um pouco difícil de entender. Mas alguma coisa sobre Ártemis estar com problemas e precisando das Caçadoras. Aí ela chamou Argos de palhaço de cérebro fervido... Eu acho que isso é uma coisa ruim. Então ele a chamou de...

— Opa, espera. Como pode Ártemis estar com problemas?

— Eu... bem, finalmente Quíron veio com seus pijamas e sua cauda de cavalo com cachinhos e...

— Ele faz cachinhos em sua cauda?

Grover tapou sua boca.

— Desculpe — falei. — Continue.

— Bem, Zoë disse que precisava de permissão para abandonar o acampamento imediatamente. Quíron recusou. Ele

lembrou Zoë que as Caçadoras deviam ficar até receberem ordens de Ártemis. E ela falou... — Grover engoliu em seco. — Ela falou ‘Como nós vamos receber ordens de Ártemis se Ártemis está perdida?’

— Como assim perdida? Como se ela precisasse de direções?

— Não. Acho que ela quis dizer desaparecida. Capturada. Sequestrada.

— *Sequestrada?* — eu tentei focar minha mente em torno dessa ideia. — Como você sequestraria uma deusa imortal? Isso é ao menos possível?

— Bem, é. Digo, isso aconteceu com Perséfone.

— Mas ela era tipo, a deusa das *flores*.

Grover pareceu ofendido.

— Primavera.

— Que seja. Ártemis é muito mais poderosa que isso. Quem poderia sequestrá-la? E por quê?

Grover balançou sua cabeça miseravelmente.

— Eu não sei. Cronos?

— Ele não pode já estar tão poderoso. Pode?

A última vez que nós vimos Cronos, ele estava em pedacinhos. Bem... nós na verdade não o *vimos*. Milhares de anos atrás, depois da grande guerra dos Titãs, os deuses o fatiaram em bocadinhos com sua própria foice e espalharam os restos no Tártaro, que é tipo uma caixa de reciclagem sem fundo dos deuses para seus inimigos. Dois verões atrás, Cronos nos iludiu até a beira do precipício e quase nos empurrou dentro. Aí no último verão, a bordo do navio de cruzeiro demoníaco de Luke, nós vimos um caixão dourado, onde Luke afirmou que estava convocando o Lorde Titã para fora do abismo, pedacinho por

pedacinho, toda vez que alguém novo unia-se à sua causa. Cronos podia influenciar pessoas com sonhos e enganá-las, mas eu não conseguia ver como ele poderia sobrepor Ártemis fisicamente se ele ainda estava como uma pilha maligna de restos de casca de árvore.

— Eu não sei — Grover falou. — Eu acho que alguém saberia se Cronos tivesse se reconstruído. Os deuses estariam mais nervosos. Mesmo assim, é estranho, você tendo um pesadelo na mesma noite que Zoë. É quase como...

— Se eles estivessem conectados — eu disse.

Por cima do gramado congelado, um sátiro derrapou nos cascos enquanto perseguia uma ruiva ninfa das árvores. Ela sorriu e cruzou os braços enquanto ele corria em sua direção. *Pop!* Ela se transformou num pinheiro escocês e ele beijou o tronco a toda velocidade.

— Ah, o amor — Grover falou, sonhador.

Eu pensei sobre o pesadelo de Zoë, que ela teve apenas algumas horas depois de mim.

— Eu tenho que falar com Zoë — falei.

— Hum, antes de você fazer isso... — Grover tirou algo do bolso do casaco. Era algo dobrado em forma de árvore, como um folheto de viagens. — Você se lembra do que disse sobre como foi estranho as Caçadoras aparecerem do nada no Westover Hall? Acho que elas poderiam estar nos vigiando.

— Vigiando a gente? O que quer dizer?

Ele me deu o folheto. Era sobre as Caçadoras de Ártemis. A capa dizia, UMA SÁBIA ESCOLHA PARA O SEU FUTURO! Dentro havia fotos de jovens donzelas fazendo coisas de Caçadora, perseguindo monstros, atirando com arcos. Havia legendas como: BENEFÍCIOS PARA SAÚDE: IMORTALIDADE E O QUE ELA SIGNIFICA PARA VOCÊ! e UM AMANHÃ LIVRE DE GAROTOS!

— Encontrei isso na mochila de Annabeth — disse Grover.
Eu o encarei.

— Não entendo.

— Bem, eu acho que... talvez Annabeth estivesse pensando em se afiliar.

Eu gostaria de falar que recebi bem as notícias.

A verdade era que eu queria estrangular as Caçadoras de Ártemis. Uma donzela imortal de cada vez. O resto do dia eu tentei me manter ocupado, mas estava doente de preocupação com Annabeth. Fui à aula de arremesso de dardo, mas o campista de Ares encarregado me botou para fora depois que eu me distraí e arremessei o dardo no alvo antes que ele saísse do caminho. Pedi desculpas pelo buraco em suas calças, mas assim mesmo ele me mandou arrumar minhas coisas.

Visitei os estábulos dos pégasos, mas Silena Beauregard do chalé de Afrodite estava discutindo com uma das Caçadoras, e decidi que era melhor não me envolver.

Depois disso, sentei no depósito de bigas vazio e fiquei emburrado. Lá embaixo, nos campos de arco e flecha, Quíron estava conduzindo o treino com alvos. Eu sabia que ele era a melhor pessoa para conversar. Talvez ele pudesse me dar alguns conselhos, mas alguma coisa me segurou. Tive um pressentimento de que Quíron tentaria me proteger, como ele sempre fez. Ele poderia não me contar tudo que sabia.

Olhei na outra direção. No topo da Colina Meio-Sangue, Sr. D e Argos estavam alimentando o bebê dragão que guardava o Velocino de Ouro.

Então me ocorreu: ninguém estaria na Casa Grande. Havia mais alguém... *algo* mais a quem eu poderia perguntar por orientação.

Meu sangue estava zunindo nos meus ouvidos enquanto eu corria para dentro da casa e subia as escadas. Eu apenas tinha feito isso uma vez, e ainda tinha pesadelos sobre isso. Eu abri a escotilha e entrei no sótão.

A sala estava escura e empoeirada e bagunçada com tralhas, do jeito que eu me lembrava. Havia escudos com mordidas de monstros, e espadas entortadas no formato de cabeças de demônios, e muitas coisas empalhadas, como uma harpia estufada e uma brilhante píton laranja.

Perto da janela, sentada num banquinho de três pernas, estava a múmia enrugada de uma idosa num vestido hippie tingido. O Oráculo.

Eu me forcei a andar em direção a ela. Esperei a neblina esverdeada ondular para fora da boca da múmia, como da última vez, mas nada aconteceu.

— Oi — eu disse. — Hã, tudo em cima?

Eu estremeci com quão estúpido aquilo soava. Quase nada estaria para “cima” quando você está morto e preso no sótão. Mas eu sabia que o espírito do Oráculo estava ali em algum lugar. Podia sentir uma presença gelada no recinto, como uma cobra dormindo enrolada.

— Tenho uma pergunta — eu falei um pouco mais alto. — Preciso saber de Annabeth. Como eu posso salvá-la?

Sem resposta. O sol se esgueirou pela janela suja do sótão, iluminando as partículas de poeira dançando no ar.

Esperei mais.

Então me aborreci. Eu estava tomando um chá de cadeira de um cadáver.

— Tudo bem — falei. — Muito bem, vou dar um jeito por conta própria.

Eu me virei e bati numa grande mesa cheia de lembranças. Parecia mais desorganizada do que na última vez em que estive aqui. Heróis guardavam todo tipo de coisa no sótão: troféus de missões que eles não queriam mais manter em seus chalés, ou coisas que continham memórias dolorosas. Sabia que Luke tinha armazenado uma garra de dragão em algum lugar aqui em cima – a que tinha deixado a cicatriz em seu rosto.

Havia o cabo de uma espada quebrada etiquetado: *Isto quebrou e Leroy foi morto. 1999.*

Então percebi um cachecol rosa de seda com uma etiqueta presa a ele. Peguei a etiqueta e tentei ler:

CACHECOL DA DEUSA AFRODITE
RECUPERADO NO PARQUE AQUÁTICO AQUALÂNDIA, DENVER, CO.
POR ANNABETH CHASE E PERCY JACKSON

Encarei o cachecol. Tinha esquecido totalmente dele. Dois anos atrás, Annabeth tinha tomado esse cachecol das minhas mãos e dito algo como, *Ah, não. Sem magia do amor pra você!*

Eu achava que ela tinha jogado fora. E agora aqui estava ele. Ela guardou isso todo esse tempo? E por que ela tinha escondido isso no sótão?

Eu me virei para a múmia. Ela não tinha se mexido, mas as sombras através de sua face faziam parecer que ela estava sorrindo horivelmente.

Deixei cair o cachecol e tentei não correr até a saída.

Naquela noite após o jantar, eu estava seriamente disposto a ganhar das Caçadoras na captura da bandeira. Seria um jogo pequeno: somente treze Caçadoras, incluindo Bianca di Angelo, e quase o mesmo número de campistas.

Zoë Doce-Amarga aparentava estar bem chateada. Ela ficava olhando com ressentimento para Quíron, como se não acreditasse que ele a estava obrigando a fazer isso. As outras Caçadoras não pareciam muito felizes, também. Ao contrário da última noite, elas não estavam rindo e brincando. Elas apenas se juntaram no refeitório, sussurrando nervosamente umas com as outras enquanto botavam suas armaduras. Algumas delas até pareciam ter chorado. Imagino que Zoë contou a elas sobre seu pesadelo.

Do nosso lado, tínhamos Beckendorf e outros dois caras de Hefesto, alguns do chalé de Ares (ainda que parecesse estranho Clarisse não estar ali), os irmãos Stoll e Nico do chalé de Hermes e algumas crianças de Afrodite. Era estranho que o chalé de Afrodite quisesse jogar. Geralmente elas sentavam pelos cantos, conversavam, e checavam seus reflexos no rio e coisas assim, mas quando ouviram que estávamos lutando contra as Caçadoras, ficaram ansiosas por participar.

— Vou mostrar a elas o quanto o ‘amor é inútil’ — Silena Beauregard resmungou enquanto afivelava sua armadura. — Vou pulverizá-las!

Sobramos Thalia e eu.

— Vou ficar com o ataque — Thalia se voluntariou. — Você fica na defesa.

— Ah. — Eu hesitei, porque estava para dizer a mesma coisa, só que invertida. — Você não acha que com seu escudo e tudo mais, você ficaria melhor na defesa?

Thalia já estava com Égide em seu braço, e até nossos companheiros de equipe estavam dando um amplo espaço para ela, tentando não se acovardar diante da cabeça de bronze da Medusa.

— Bem, estava pensando que isso ficaria melhor no ataque

— Thalia disse. — Além disso, você treinou mais na defesa.

Eu não estava certo se ela estava me importunando. Tive algumas experiências ruins na defesa da captura da bandeira. No meu primeiro ano, Annabeth me colocou como uma espécie de isca, e eu quase fui espetado até a morte com lanças e assassinado por um cão infernal.

— É, sem problemas — eu menti.

— Legal. — Thalia se virou para ajudar algumas crianças de Afrodite, que estavam tendo problemas em vestir suas armaduras sem quebrar as unhas. Nico di Angelo correu até mim com um grande sorriso em seu rosto.

— Percy, isto é incrível! — Seu elmo de bronze com penacho azul estava caindo em seus olhos, e sua placa peitoral era quase seis vezes maior. Imaginei se havia alguma maneira de eu ter aparentado ser ridículo daquele jeito da primeira vez que eu cheguei. Infelizmente, provavelmente havia.

Nico levantou sua espada com esforço.

— Nós temos que matar o outro time?

— Bem... Não.

— Mas as Caçadoras são imortais, certo?

— Isso é apenas se elas não caírem em batalha. Além do mais...

— Seria incrível se nós apenas, tipo, ressuscitássemos assim que fôssemos mortos, então poderíamos continuar lutando, e...

— Nico, isto é sério. Espadas de verdade. Estas podem machucar.

Ele me encarou, um pouco desapontado, e percebi que tinha acabado de soar como a minha mãe. Opa. Não é um bom sinal.

Bati de leve no ombro de Nico.

— Ei, está tudo bem. Apenas siga o time. Fique fora do caminho de Zoë. Nós vamos nos divertir muito.

O casco de Quíron retumbou no chão do pavilhão.

— Heróis! — ele chamou. — Vocês sabem as regras! O riacho é a fronteira. Time azul — Acampamento Meio-sangue — deve pegar a floresta oeste. Caçadoras de Ártemis — time vermelho — devem pegar a floresta leste. Eu serei o árbitro e médico do campo de batalha. Nada de mutilações intencionais, por favor! Todos os itens mágicos estão permitidos. Para suas posições!

— Bacana — Nico sussurrou ao meu lado. — Que tipos de itens mágicos? Eu fico com um?

Estava prestes a cortá-lo dizendo que não, quando Thalia falou:

— Time azul! Siga-me!

Eles se animaram e seguiram. Tive que correr para alcançá-los, e tropecei no escudo de alguém, assim eu não parecia muito como um co-capitão. Mais como um idiota.

Nós posicionamos nossa bandeira no topo do Punho de Zeus. É o aglomerado de pedras no meio da floresta oeste que, se você olhar do ângulo certo, parece um grande punho saindo do chão. Se você olhar de qualquer outro lado, parece uma pilha de excrementos de veado, mas Quíron não nos deixaria chamar o lugar de Pilha de Cocô, especialmente depois de ter sido nomeado para Zeus, que não tem muito senso de humor.

De qualquer maneira, era um bom lugar para colocar a bandeira. A rocha do topo tinha seis metros de altura e era realmente difícil de escalar, então a bandeira estava claramente visível, como as regras falavam que tinha de estar, e não importava que os guardas não estivessem permitidos a permanecer a pelo menos nove metros de distância dela.

Coloquei Nico encarregado da guarda com Beckendorf e os

irmãos Stoll, calculando que ele estaria seguramente fora do caminho.

— Nós vamos mandar uma isca pela esquerda — Thalia falou ao time. — Silena, você lidera isso.

— Entendido!

— Leve Laurel e Jason. Eles são bons corredores. Faça um amplo arco em volta das Caçadoras, atraia o máximo que conseguir. Leverei o grupo de assalto principal pela direita e as pegaremos de surpresa.

Todos confirmaram com a cabeça. Soava bom, e Thalia falou com tanta confiança que você não podia fazer nada a não ser acreditar que iria funcionar.

Thalia olhou para mim.

— Algo a acrescentar, Percy?

— Hum, sim. Fiquem espertos na defesa. Nós temos quatro guardas, dois batedores. Isso não é muito para uma grande floresta. Estarei andando por aí. Gritem se precisarem de ajuda.

— E não deixem seus postos! — Thalia disse.

— A não ser que vejam uma oportunidade de ouro — acrescentei.

Thalia fez uma expressão de desgosto.

— Apenas não deixem seus postos.

— Certo, a não ser...

— Percy! — Ela tocou meu braço e me eletrocutou. Quero dizer, todo mundo dá choques estáticos no inverno, mas quando Thalia o faz, dói. Acho que é porque seu pai é o deus do trovão. Ela é conhecida por fritar as sobrancelhas das pessoas.

— Desculpe — disse Thalia, ainda que não soasse particularmente sentida. — Agora, está claro para todos?

Todos concordaram. Nós nos dividimos em nossos grupos

menores. A corneta soou, e o jogo começou.

O grupo de Silena desapareceu na floresta à esquerda. O grupo de Thalia deu alguns segundos, então se lançaram pela direita.

Esperei algo acontecer. Escalei o Punho de Zeus e obtive uma boa visão de cima da floresta. Lembrei de como as Caçadoras saíram de repente do bosque quando enfrentaram a manticora, e eu estava preparado para algo assim — uma carga enorme que nos esmagaria. Mas nada aconteceu.

Captei um relance de Silena e seus dois batedores. Eles correram através de uma clareira, perseguidos por cinco das Caçadoras, conduzindo-as mais para dentro da floresta e para longe de Thalia. O plano parecia estar dando certo. Então eu mirei outro amontoado de Caçadoras dirigindo-se para a direita, arcos preparados. Elas deviam ter visto Thalia.

— O que está acontecendo? — perguntou Nico, tentando escalar ao meu lado.

Minha mente estava acelerada. Thalia nunca conseguiria passar, mas as Caçadoras estavam divididas. Com tantas assim em cada flanco, o centro deveria estar aberto. Se eu fosse rápido...

Olhei para Beckendorf.

— Vocês conseguem proteger o forte?

Beckendorf bufou.

— É claro.

— Vou entrar.

Os irmãos Stoll e Nico me apoiaram enquanto eu corria em direção às linhas de fronteira.

Estava correndo a toda velocidade e me sentia ótimo. Saltei sobre o riacho para dentro do território inimigo. Eu podia ver

sua bandeira prateada acima, apenas uma guarda, que nem estava olhando na minha direção. Escutei lutas à esquerda e à direita, em algum lugar no bosque. Eu tinha conseguido.

A guarda virou no último minuto. Era Bianca di Angelo. Os olhos dela se arregalaram enquanto eu lhe dava uma trombada e ela ia se esparramando pela neve.

— Desculpe! — gritei. Arranquei da árvore a bandeira prateada de seda e parti.

Estava a dez metros de distância quando Bianca conseguiu gritar por ajuda. Pensei que estava livre.

ZIP. Um cordão prateado passou pelos meus tornozelos e fincou na árvore próxima a mim. Um fio para tropeçar, disparado de um arco! Antes que eu pudesse ao menos pensar em parar, eu fui pra baixo duramente, estatelado na neve.

— Percy! — gritou Thalia, na minha esquerda. — O que você está *fazendo*?

Antes que ela me alcançasse, uma flecha explodiu aos seus pés e uma nuvem de fumaça amarela ondulou em volta de sua equipe. Eles começaram a tossir e a engasgar. Eu podia sentir o cheiro do gás por toda a floresta – o horrível cheiro de enxofre.

— Não é justo! — Thalia ofegou. — Flechas de peido são antiesportivas!

Levantei e comecei a correr de novo. Apenas mais alguns metros até o riacho e eu teria o jogo. Mais flechas zuniram pelo meu ouvido. Uma Caçadora surgiu do nada e me golpeou com sua faca, mas eu desviei e continuei correndo.

Escutei gritos do nosso lado do riacho. Beckendorf e Nico estavam correndo na minha direção. Pensei que eles estavam vindo para me receber de volta, mas aí eu vi que eles estavam perseguindo alguém – Zoë Doce-Amarga, correndo até mim

como um leopardo, esquivando de campistas sem nenhum problema. E ela tinha nossa bandeira em suas mãos.

— Não! — gritei, e aumentei a velocidade.

Estava a meio metro da água quando Zoë passou de volta para seu lado, trombando comigo como medida de segurança. As Caçadoras se animavam enquanto os dois lados convergiam para o riacho. Quíron apareceu do meio das árvores, parecendo ameaçador. Ele tinha os irmãos Stoll em suas costas, e ao que parecia os dois tinham tomado umas desagradáveis pancadas na cabeça. Connor Stoll tinha duas flechas cravadas em seu elmo como antenas.

— As Caçadoras vencem! — Quíron anunciou sem prazer. Então ele murmurou, — Pela quinquagésima sexta vez seguida.

— Perseu Jackson! — gritou Thalia, apressando-se até mim. Ela cheirava a ovo podre, e ela estava tão brava que faíscas azuis tremeluziam em sua armadura. Todos encolheram e recuaram por causa de Égide. Precisei de toda a minha força de vontade para não me acovardar.

— O que em nome dos deuses você estava PENSANDO? — ela rugiu.

Correi os punhos. Já havia tido suficientes coisas ruins acontecendo comigo para um dia. Eu não precisava disto.

— Eu peguei a bandeira, Thalia! — balancei-a na cara dela. — Vi uma chance e aproveitei!

— EU ESTAVA NA BASE DELAS! — Thalia gritou. — Mas a bandeira tinha sumido. Se você não tivesse se intrometido, nós teríamos ganhado.

— Havia muitas em cima de você!

— Ah, então é minha culpa?

— Eu não falei isso.

— Argh! — Thalia me empurrou, um choque percorreu

meu corpo e me jogou três metros para trás, dentro da água. Alguns campistas sobressaltaram-se. Um par de Caçadoras abafou risadas.

— Desculpe! — Thalia disse, ficando pálida. — Eu não queria...

Raiva rugiu nos meus ouvidos. Uma onda emergiu do riacho, chocando-se na cara de Thalia e ensopando-a da cabeça aos pés.

Eu levantei.

— É — rosnei. — Eu não queria, também.

Thalia estava respirando pesadamente.

— Basta! — ordenou Quíron.

Mas Thalia segurou sua lança.

— Você quer um pouco, Cabeça de Alga?

De algum jeito, estava tudo bem quando Annabeth me chamava assim — pelo menos, eu já tinha me acostumado — mas escutar isso de Thalia não era legal.

— Pode vir, Cara de Pinha!

Levantei Contracorrente, mas antes que eu pudesse ao menos me defender, Thalia gritou, e uma explosão de raios caiu do céu, atingiu sua lança como um para-raios, e chocou-se contra o meu peito.

Caí sentado duramente. Havia um cheiro de queimado; tive a sensação de que eram as minhas roupas.

— Thalia! — disse Quíron. — Já *basta!*

Coloquei-me de pé e desejei que o riacho inteiro se levantasse. Ele rodopiou, milhares de litros de água numa nuvem maciça e gelada em forma de funil.

— Percy! — Quíron protestou.

Eu estava prestes a arremessar tudo em Thalia quando vi algo entre as árvores. Perdi minha raiva e minha concentração

de uma vez. A água se espalhou de volta na base do riacho. Thalia estava tão surpresa que se virou para ver o que eu estava olhando.

Alguém... algo estava se aproximando. Estava imerso numa tenebrosa névoa verde, mas enquanto se aproximava, campistas e Caçadoras se sobressaltaram.

— Isto é impossível — Quíron disse. Eu nunca o tinha visto soar tão nervoso. — Aquilo... Ela nunca deixou o sótão. Nunca.

Ainda assim, a múmia esmirrada que carregava o Oráculo vacilou para frente até que ficou no centro do grupo. Neblina circundava seus pés, deixando a neve com uma doentia tonalidade verde.

Nenhum de nós se atreveu a se mexer. Então sua voz sibilou na minha cabeça.

Aparentemente todos podiam ouvi-la, porque muitos apertaram suas mãos contra os ouvidos.

Eu sou o espírito de Delfos, a voz falou. Orador das profecias de Febo Apolo, matador da poderosa Píton.

O Oráculo me olhou com seus olhos frios, mortos. Então ela se virou sem erro na direção de Zoë Doce-Amarga.

Aproxime-se, Buscadora, e pergunte.

Zoë engoliu em seco.

— O que eu devo fazer para ajudar minha deusa?

A boca do Oráculo se abriu, e névoa verde espalhou-se para fora. Eu vi a vaga imagem de uma montanha, e uma mulher em pé no pico árido. Era Ártemis, mas ela estava presa em grilhões, acorrentada às pedras. Ela estava se ajoelhando, suas mãos levantadas como para se defender de um atacante, e parecia que ela estava com dores. O Oráculo falou:

*A oeste, cinco buscarão a deusa acorrentada,
Um se perderá na terra ressecada.
A desgraça do Olimpo aponta a trilha,
Campistas e Caçadoras, cada um brilha.
A maldição do titã um deve sustentar,
E pela mão do pai, um irá expirar.*

Então, enquanto nós olhávamos, a névoa rodopiou e recuou como uma grande serpente verde para dentro da boca da múmia. O Oráculo se sentou numa rocha e ficou parada como se ela estivesse no sótão, como se ela tivesse sentado perto do riacho por cem anos.



TODOS ME ODEIAM, MENOS O CAVALO

O mínimo que o Oráculo podia ter feito era andar de volta para o sótão por si mesmo.

Ao invés disso, Grover e eu fomos eleitos para carregá-lo. Eu não percebi que isso era por causa da nossa grande popularidade.

— Cuidado com a cabeça dela! — Grover avisou enquanto subíamos as escadas. Mas foi tarde demais.

Bonc!

Eu bati com sua cara mumificada contra a borda da escotilha e poeira voou.

— Ah, cara. — Eu a coloquei no chão e conferi o estrago.
— Quebrei alguma coisa?

— Não sei dizer — Grover admitiu.

Nós a levantamos e a pusemos em seu banquinho tripé, ambos ofegantes e suados. Quem sabia que uma múmia podia pesar tanto?

Presumi que ela não falaria comigo, e eu estava certo. Fiquei aliviado quando nós finalmente saímos e fechamos a porta do sótão.

— Bem. — disse Grover, — isso foi nojento.

Eu sabia que ele estava tentando manter as coisas leves pelo

meu bem, mas eu ainda me sentia muito mal. O acampamento inteiro estaria bravo comigo por perder o jogo para as Caçadoras, e também havia a nova profecia do Oráculo. Era como se o espírito de Delfos tivesse saído de seu caminho para me excluir. Ela ignorou minha pergunta e andou meio quilômetro para falar com Zoë. *E* ela não falou nada, nem ao menos uma dica, sobre Annabeth.

— O que Quíron vai fazer? — perguntei para Grover.

— Eu queria saber. — Ele olhou ansiosamente pela janela do segundo andar para as colinas onduladas cobertas de neve. — Eu queria estar lá fora.

— Procurando por Annabeth?

Ele teve um pouco de dificuldade para prestar atenção em mim. Então ele corou.

— Ah, certo. Isso também. É claro.

— Por quê? — perguntei. — O que você estava pensando? Ele bateu seus cascos, inquieto.

— Somente uma coisa que a manticora falou, sobre a Grande Agitação. Não consigo parar de imaginar... se todos esses poderes antigos estão acordando, talvez... talvez nem todos sejam malignos.

— Quer dizer Pã.

Eu me senti meio egoísta, porque esqueci totalmente sobre a ambição da vida de Grover. O deus da natureza havia desaparecido duzentos anos atrás. Os rumores diziam que ele estava morto, mas os sátiros não acreditavam nisso. Eles estavam determinados a achá-lo. Estiveram procurando em vão por séculos, e Grover estava convencido que seria ele quem obteria sucesso. Este ano, com Quíron botando todos os sátiros em estado de emergência para achar meio-sangues, Grover não foi capaz de continuar sua busca. Isso devia estar deixando ele

louco.

— Deixei a trilha esfriar — ele falou. — Fico inquieto, como se estivesse perdendo alguma coisa realmente importante. Ele está lá em algum lugar. Simplesmente sinto isso.

Eu não sabia o que falar. Queria encorajá-lo, mas não sabia como. Meu otimismo estava bem pisoteado na neve lá da floresta, junto com todas as esperanças da captura da bandeira.

Antes que eu pudesse responder, Thalia subiu pesadamente as escadas. Ela oficialmente não estava falando comigo agora, mas ela olhou para Grover e disse:

— Fale para o Percy levar a bunda dele lá para baixo.

— Por quê? — perguntei.

— Ele falou alguma coisa? — Thalia perguntou a Grover.

— Hum, ele perguntou por quê.

— Dioniso está convocando o conselho dos líderes de chalé para discutir a profecia — ela falou. — Infelizmente, isso inclui Percy.

O conselho tomou lugar em torno de uma mesa de pingue-pongue na sala de recreação. Dioniso acenou com a mão e forneceu lanches: patê de queijo, bolachas e diversas garrafas de vinho tinto. Então Quíron o lembrou que vinho era contra as suas restrições e que muitos de nós éramos menores de idade. Sr. D suspirou. Com um estalo de dedos o vinho se transformou em Coca Diet. Ninguém bebeu isso também.

Sr. D e Quíron (na cadeira de rodas) sentaram numa ponta da mesa. Zoë e Bianca di Angelo (que havia se tornado um tipo de assistente pessoal de Zoë) pegaram a outra ponta. Thalia, Grover e eu sentamos à direita, e os outros conselheiros-chefe — Beckendorf, Silena Beauregard e os irmãos Stoll — sentaram

na esquerda. Os filhos de Ares deveriam ter mandado um representante também, mas todos eles haviam fraturado algum membro (acidentalmente) durante a captura da bandeira, cortesia das Caçadoras. Eles estavam descansando na enfermaria.

Zoë deu início à reunião com um recado positivo.

— Isto é inútil.

— Patê de queijo! — Grover falou subitamente. Ele começou a catar bolachas e bolas de pingue-pongue e a passar cobertura nelas.

— Não há tempo para conversa — Zoë continuou. — Nossa deusa precisa de nós. As Caçadoras devem partir imediatamente.

— E ir para onde? — Quíron perguntou.

— Oeste! — Bianca falou. Estava impressionado com o quanto ela parecia diferente depois de apenas poucos dias com as Caçadoras. Seu cabelo preto estava trançado como o de Zoë agora, então você poderia realmente ver o rosto dela. Ela tinha um punhado de sardas pelo nariz, e seus olhos negros me lembravam vagamente de alguém famoso, mas eu não sabia quem. Parecia que ela estava se exercitando, e sua pele brilhava fracamente, como a das outras Caçadoras, como se ela estivesse tomando banho de luar líquido. — Você escutou a profecia. *A oeste, cinco buscarão a deusa acorrentada.* Nós podemos reunir cinco caçadoras e ir.

— Sim — concordou Zoë. — Ártemis está sendo mantida refém! Nós devemos achá-la e libertá-la.

— Você está deixando passar alguma coisa, como sempre — Thalia falou. — *Campistas e Caçadoras, cada um brilha.* Nós devemos fazer isso juntos.

— Não! — disse Zoë. — As Caçadoras não precisam da vossa ajuda.

— *Sua* — Thalia resmungou. — Ninguém tem falado vossa em, tipo, trezentos anos, Zoë. Se liga.

Zoë hesitou, como se estivesse tentando formar a palavra corretamente.

— *Sôôôa*. Nós não precisamos de *sôôôa* ajuda.

Thalia revirou os olhos.

— Esquece.

— Temo que a profecia diga que vocês *precisam* de nossa ajuda — Quíron disse. — Campistas e Caçadoras devem cooperar.

— Ou não devem? — Sr. D disse, sonhador, agitando sua Coca Diet embaixo do nariz como se tivesse uma bela fragrância. — *Um se perderá na terra ressecada*. Isso soa um pouco macabro, não é? E se vocês falharem *porque* tentaram cooperar?

— Sr. D — Quíron suspirou — com todo o respeito, de que lado você está?

Dioniso ergueu as sobrancelhas.

— Desculpe, meu querido centauro. Apenas tentando ajudar.

— Nós devemos trabalhar juntos — Thalia disse, teimosa. — Eu também não gosto disso, Zoë, mas você conhece profecias. Você quer lutar contra uma?

Zoë fez uma careta, mas eu podia dizer que Thalia tinha marcado um ponto.

— Não devemos nos atrasar — Quíron avisou. — Hoje é domingo. Nesta sexta, vinte e um de dezembro, é o solstício de inverno.

— Ah, que prazer — Dioniso murmurou. — Outra chata reunião anual.

— Ártemis deve estar presente no solstício — Zoë falou.

— Ela tem sido uma das mais atuantes no conselho, argumentando por ações contra os servos de Cronos. Se ela estiver ausente, os deuses não vão decidir nada. Nós vamos perder outro ano com preparativos de guerra.

— Você está sugerindo que os deuses têm problemas em agir juntos, mocinha? — Dioniso perguntou.

— Sim, Lorde Dioniso.

Sr. D balançou a cabeça.

— Apenas conferindo. Você está certa, é claro. Continue.

— Devo concordar com Zoë — disse Quíron. — A presença de Ártemis no conselho de inverno é de grande importância. Nós temos apenas uma semana para achá-la. E possivelmente ainda mais importante: localizar o monstro que ela estava caçando. Agora, devemos decidir quem vai nessa missão.

— Três e dois — eu falei.

Todos olharam para mim. Thalia até se esqueceu de me ignorar.

— Nós devemos ter cinco — eu disse, constrangido. — Três Caçadoras, dois do Acampamento Meio-Sangue. É mais do que justo.

Thalia e Zoë trocaram olhares.

— Bem — Thalia disse. — Faz sentido.

Zoë grunhiu.

— Preferia levar *todas* as Caçadoras. Precisaremos de força numérica.

— Vocês estariam refazendo o trajeto da deusa — Quíron a lembrou. — Movendo-se rapidamente. Sem dúvida Ártemis rastreou o cheiro desse monstro raro, o que quer que seja, enquanto ela se movia para oeste. Vocês precisarão fazer o mesmo. A profecia foi clara: *A desgraça do Olimpo aponta a trilha*. O que sua senhora falaria? “Caçadoras demais estragam o cheiro”.

É melhor um grupo menor.

Zoë pegou uma raquete de pingue-pongue e estudou-a como se fosse decidir em quem ela queria bater primeiro.

— Esse monstro — a desgraça do Olimpo. Estive caçando ao lado de Lady Ártemis por muitos anos, ainda assim não tenho ideia do que essa fera pode ser.

Todos olharam para Dioniso, acho que por ele ser o único deus presente e deuses supostamente sabem das coisas. Ele estava folheando uma revista de vinhos, mas quando todos se calaram ele olhou de relance.

— Bem, não olhem para mim. Sou um deus jovem, lembram? Não acompanho todos esses monstros antigos e titãs empoeirados. Eles são um terrível assunto de conversa para uma festa.

— Quíron — falei, — você não tem nenhuma ideia sobre o monstro?

Quíron mordeu os lábios.

— Tenho muitas ideias, nenhuma é boa. E nenhuma delas faz sentido. Tifão, por exemplo, encaixaria na descrição. Ele foi uma verdadeira desgraça para o Olimpo. Ou o monstro marinho Ceto. Mas se um desses estivesse se agitando, nós saberíamos. Eles são monstros marinhos do tamanho de arranha-céus. Seu pai, Poseidon, já teria soado o alarme. Temo que esse monstro possa ser mais esperto. Talvez até mais poderoso.

— É um perigo bem sério que vocês estão encarando — Connor Stoll disse. (Gostei de como ele falou *vocês* e não nós). — Parece que pelo menos dois dos cinco vão morrer.

— *Um se perderá na terra ressecada* — Beckendorf falou. — Se eu fosse vocês, ficaria longe do deserto.

Houve murmúrios de concordância.

— E *A maldição do titã um deve sustentar* — disse Silena. — O

que isso pode significar?

Vi Quíron e Zoë trocarem olhares nervosos, mas seja o que for que estivessem pensando, eles não compartilharam.

— *E pela mão do pai, um irá expirar* — Grover falou entre mordidas de bolas de pingue-pongue e patê de queijo. — Como isso é possível? Qual parente iria matá-los?

Houve um pesado silêncio em volta da mesa.

Olhei de relance para Thalia e imaginei se ela estava pensando o mesmo que eu. Anos atrás, Quíron escutou a Grande Profecia, que falava sobre a próxima criança filha de um dos Três Grandes – Zeus, Poseidon e Hades – que fizesse dezesseis anos. Supostamente, essa criança tomaria uma decisão que iria salvar ou destruir os deuses para sempre. Por causa disso, os Três Grandes fizeram um juramento depois da Segunda Guerra Mundial de não ter mais filhos. Mas Thalia e eu nascemos mesmo assim, e agora nós dois estávamos próximos dos dezesseis.

Lembrei de uma conversa que tive ano passado com Annabeth. Perguntei a ela, se eu era tão potencialmente perigoso, porque os deuses simplesmente não me matavam.

Alguns dos deuses gostariam de matar você, ela falou. Mas eles estão com medo de ofender Poseidon.

Poderia um parente Olímpiano se voltar contra seu filho meio-sangue? Seria às vezes mais seguro apenas deixá-los morrer? Se em algum momento existiram meio-sangues que precisavam se preocupar com isso, éramos Thalia e eu. Imaginei se eu deveria ter mandado para Poseidon aquela gravata modelo concha pelo Dia dos Pais, afinal.

— Haverá mortes — Quíron decidiu. — Esse tanto nós sabemos.

— Oh, que bom! — Dioniso falou.

Todos olharam para ele. Ele olhou de volta inocentemente de dentro das páginas da revista *Apreciador de Vinho*.

— Ah, pinot noir está fazendo um grande retorno. Não se importem comigo.

— Percy está certo — Silena Beauregard falou. — Dois campistas devem ir.

— Ah, percebo — Zoë disse sarcasticamente. — E suponha que tu desejas ser voluntária?

Silena ruborizou.

— Não vou a lugar nenhum com as Caçadoras. Não olhe para mim!

— Uma filha de Afrodite que não quer ser olhada — zombou Zoë. — O que tua mãe diria?

Silena começou a se levantar, mas os irmãos Stoll a puxaram de volta.

— Parem com isso — disse Beckendorf. Ele era um cara grande com uma voz mais grave. Ele não falava muito, mas quando o fazia, as pessoas tendiam a escutar. — Vamos começar com as Caçadoras. Quais são as três de vocês que irão?

Zoë levantou.

— Eu devo ir, é claro, e vou levar Phoebe. Ela é nossa melhor rastreadora.

— A garota grande que gosta de bater na cabeça das pessoas? — Travis Stoll perguntou cautelosamente.

Zoë confirmou com a cabeça.

— A que botou flechas no meu elmo? — Connor acrescentou.

— Sim — Zoë cortou. — Por quê?

— Ah, nada — disse Travis. — É que nós temos uma camisa para ela da loja do acampamento. — Ele mostrou uma

grande camisa prateada que dizia ÁRTEMIS, A DEUSA DA LUA, PASSEIO DE CAÇA, OUTONO 2002, com uma enorme lista de parques nacionais e coisas abaixo. — É um item de colecionador. Ela estava admirando isto. Você quer dar a ela?

Eu sabia que os Stoll estavam aprontando algo. Eles sempre estavam. Mas acho que Zoë não os conhecia tão bem quanto eu. Ela apenas suspirou e pegou a camisa.

— Como eu estava falando, vou levar Phoebe. E queria que Bianca fosse.

Bianca parecia paralisada.

— Eu? Mas... sou tão nova. Eu não seria de nenhuma utilidade.

— Tu te sairás bem — Zoë insistiu. — Não há melhor maneira de te provar.

Bianca fechou a boca. Eu me senti meio penalizado por ela. Lembrei da minha primeira missão quando tinha doze anos. Tinha me sentido totalmente despreparado. Um pouco honrado, talvez, mas muito ressentido e bastante assustado. Percebi que as mesmas coisas estavam passando pela cabeça de Bianca nesse momento.

— E dos campistas? — Quíron perguntou. Os olhos deles encontraram os meus, mas não pude falar o que ele estava pensando.

— Eu! — Grover se levantou tão rápido que se chocou com a mesa de pingue-pongue. Ele limpou migalhas de bolacha e restos de bolas de pingue-pongue de seu colo. — Qualquer coisa para ajudar Ártemis!

Zoë entortou o nariz.

— Acho que não, sátiro. Tu nem ao menos és um meio-sangue.

— Mas ele é um campista — Thalia falou. — E ele tem os

sentidos dos sátiros e magia da floresta. Você já consegue tocar uma canção de rastreador, Grover?

— Claro que sim!

Zoë vacilou. Eu não sabia o que era uma canção de rastreador, mas aparentemente Zoë achava que era uma coisa boa.

— Muito bem — Zoë disse. — E o segundo campista?

— Eu irei. — Thalia levantou e olhou em volta, desafiando alguém a questioná-la.

Agora, tudo bem, talvez minhas habilidades matemáticas não fossem as melhores, mas de repente me ocorreu que já tínhamos atingido o número cinco, e eu não estava no grupo.

— Ei, espere um pouco — falei. — Eu também quero ir.

Thalia não falou nada. Quíron continuava me estudando, com seus olhos tristes.

— Ah — disse Grover, repentinamente ciente do problema. — Caramba, é, eu esqueci! Percy tem que ir. Eu não quis... Vou ficar. Percy deve ir no meu lugar.

— Ele não pode — disse Zoë. — Ele é um garoto. Não terei Caçadoras viajando com um garoto.

— Vocês viajaram até aqui comigo — eu a lembrei.

— Foi uma emergência de curto prazo, e foram ordens da deusa. Não vou atravessar o país e combater diversos perigos na companhia de um garoto.

— E o Grover? — protestei.

Zoë balançou a cabeça.

— Ele não conta. Ele é um sátiro. Ele não é tecnicamente um garoto.

— Ei! — replicou Grover.

— Eu *tenho* que ir — falei. — Preciso estar nessa missão.

— Por quê? — Zoë perguntou. — Por causa de tua amiga Annabeth?

Eu me senti ficando vermelho. Odiava que todo mundo estivesse me olhando.

— Não! Quero dizer, em parte. Apenas sinto que devo ir!

Ninguém se levantou em minha defesa. Sr. D parecia entediado, ainda lendo sua revista. Silena, os irmãos Stoll e Beckendorf estavam encarando a mesa. Bianca me deu um olhar de pena.

— Não — Zoë disse terminantemente. — Insisto nisso. Levo um sátiro se for preciso, mas não um herói.

Quíron suspirou.

— A missão é para Ártemis. As Caçadoras devem ser permitidas a aprovar seus companheiros.

Minhas orelhas estavam zunindo quando me sentei. Sabia que Grover e alguns dos outros estavam olhando para mim simpaticamente, mas eu não podia retornar o olhar.

Apenas fiquei sentado lá enquanto Quíron encerrava o conselho.

— Assim seja — ele falou. — Thalia e Grover vão acompanhar Zoë, Bianca e Phoebe. Vocês devem partir na primeira luz do dia. E que os deuses — ele olhou para Dioniso — incluindo a presente companhia, esperemos - estejam com vocês.

Não apareci para o jantar naquela noite, o que foi um erro, porque Quíron e Grover vieram me procurar.

— Percy, eu sinto muito! — Grover disse, sentando ao meu lado no beliche. — Eu não sabia que elas... que você... Honestamente!

Ele começou a fungar, e percebi que se não o animasse ele iria começar a berrar ou mastigar meu colchão. Ele tende a comer objetos da mobília toda vez que fica triste.

— Está tudo bem — eu menti. — Sério. Está bem.

O lábio inferior de Grover tremeu.

— Eu nem estava pensando... Estava tão concentrado em ajudar Ártemis. Mas eu prometo, vou olhar em todo lugar por Annabeth. Se eu puder achá-la, eu o farei.

Concordei com a cabeça e tentei ignorar a grande cratera que estava se abrindo no meu peito.

— Grover — Quíron disse, — você me deixaria ter uma palavra com Percy?

— Claro — ele fungou.

Quíron esperou.

— Ah — Grover falou. — Você quis dizer a sós. Claro, Quíron. — Ele me olhou, miserável. — Viu? Ninguém precisa de um bode.

Ele trotou para fora, assoando o nariz na manga da camisa.

Quíron suspirou e se ajoelhou em suas patas de cavalo.

— Percy, eu não tento entender profecias.

— É — eu disse. — Bem, talvez seja porque elas não fazem nenhum sentido.

Quíron olhava fixamente a fonte de água salgada gorgolejando no canto do quarto.

— Thalia não teria sido minha primeira escolha para ir nessa missão. Ela é muito impetuosa. Age sem pensar. Ela é muito confiante em si mesma.

— Você teria me escolhido?

— Francamente, não — ele disse. — Você e Thalia são muito parecidos.

— Muito obrigado.

Ele sorriu.

— A diferença é que você é menos autoconfiante que Thalia. Isso pode ser bom ou ruim. Mas uma coisa eu posso dizer: vocês dois juntos seria algo perigoso.

— Nós conseguiríamos lidar com isso.

— Do jeito que lidaram no riacho esta noite?

Não respondi. Ele tinha me pegado.

— Talvez seja melhor assim — Quíron refletiu. — Você pode ir para casa com sua mãe no feriado. Se precisarmos de você, nós podemos ligar.

— É — falei. — Talvez.

Tirei Contracorrente do meu bolso e coloquei em cima do criado mudo. Não parecia que eu iria usá-la para nada além de escrever cartões de Natal.

Quando olhou a caneta, Quíron fez uma careta.

— Não é surpresa Zoë não querer você por perto, suponho. Não enquanto você estiver carregando essa arma em particular.

Não entendi o que ele queria dizer com isso. Então me lembrei de algo que ele havia me dito há um longo tempo atrás, na primeira vez que me entregou a espada mágica: *Ela tem uma história longa e trágica, que nós não precisamos entrar em detalhes.*

Queria perguntar a ele sobre isso, mas ele puxou um dracma de ouro de seu alforje e jogou para mim.

— Ligue para sua mãe, Percy. Deixe-a saber que você está indo para casa pela manhã. E, ah, se vale a pena saber... Eu quase me voluntariei para essa missão. Teria ido, se não fosse pela última frase.

— *E pela mão do pai, um irá expirar. É.*

Nem precisava perguntar. Eu sabia que o pai de Quíron era Cronos, o maligno Lorde Titã em pessoa. A frase faria perfeito sentido se Quíron fosse na missão. Cronos não se importava com ninguém, incluindo seus próprios filhos.

— Quíron — eu disse. — Você sabe o que é essa maldição do Titã, não sabe?

Sua face escureceu. Ele fez uma garra sobre seu coração e

empurrou para fora – um antigo gesto para se proteger contra o mal.

— Vamos torcer para que a profecia não signifique o que eu penso. Agora, boa noite, Percy. E sua vez irá chegar. Estou convencido disso. Não precisa ter pressa.

Ele disse *sua vez* do jeito que as pessoas falam quando querem dizer *sua morte*. Não sabia se Quíron fez de propósito, mas o brilho em seus olhos me deixou assustado para perguntar.

Fiquei em pé junto à fonte de água salgada, esfregando a moeda de Quíron em minhas mãos. Eu realmente não estava disposto a ter outro adulto me falando que fazer nada era a melhor coisa que eu podia fazer, mas achei que minha mãe precisava de uma atualização.

Finalmente, respirei fundo e arremessei a moeda.

— Ó deusa, aceite minha oferenda.

A névoa cintilou. A luz do banheiro era suficiente para fazer um fraco arco-íris.

— Mostre-me Sally Jackson — eu disse. — Upper East Side, Manhattan.

E na névoa estava uma cena que eu não esperava. Minha mãe estava sentada em nossa cozinha com um... cara. Eles estavam rindo histericamente. Havia uma grande pilha de livros entre eles. O homem tinha, não sei, trinta e poucos anos, com longos cabelos grisalhos e uma jaqueta marrom por cima de uma camiseta preta. Ele parecia um ator – como um rapaz que atuaria como um policial disfarçado na televisão.

Estava muito surpreso para dizer algo, e por sorte, minha mãe e o cara estavam muito ocupados rindo para notar minha mensagem de Íris.

O rapaz disse:

— Sally, você é uma bagunceira. Quer mais vinho?

— Ah, eu não devo. Pode continuar se quiser.

— Na verdade, acho que devo usar seu banheiro. Posso?

— No fim do corredor — ela disse, tentando não rir.

O cara ator sorriu, levantou-se e saiu.

— Mãe! — eu disse.

Ela pulou tão forte que quase derrubou os livros da mesa. Finalmente ela se concentrou em mim.

— Percy! Oh, querido! Está tudo bem?

— O que você está fazendo? — eu exigi.

Ela piscou.

— Dever de casa. — Então parece que ela entendeu minha expressão facial.

— Ah, querido, é apenas o Paul... hum, Sr. Blofis. Ele está no meu seminário de redação.

— Sr. Baiacu?

— *Blofis*. Ele estará de volta em um minuto, Percy. Diga-me o que está errado.

Ela sempre sabia quando tinha algo errado. Falei para ela sobre Annabeth. As outras coisas também, mas girou principalmente em torno de Annabeth.

Os olhos de minha mãe começaram a lacrimejar. Eu podia dizer que ela estava tentando ao máximo se segurar por minha causa.

— Oh, Percy...

— É. Então eles me falam que não há nada que eu possa fazer. Acho que vou voltar para casa.

Ela girou seu lápis entre os dedos.

— Percy, por mais que eu queira que você venha para casa — ela suspirou como se estivesse com raiva de si mesma — por mais que eu queira a sua segurança, quero que você entenda

uma coisa. Você precisa fazer aquilo que acha que deve fazer.

Eu a encarei.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer, você realmente, lá no fundo, acredita que precisa ajudar a salvá-la? Você acha que é a coisa certa a fazer? Porque eu sei uma coisa sobre você, Percy. Seu coração está sempre no lugar certo. Escute-o.

— Você... você está falando para eu ir?

Minha mão mordeu os lábios.

— Estou falando que... você está ficando muito velho para eu ficar dizendo o que deve fazer. Estou falando que vou te apoiar, mesmo que o que você decida fazer seja perigoso. Não acredito que estou dizendo isso.

— Mãe...

A descarga fez barulho no fim do corredor do nosso apartamento.

— Eu não tenho muito tempo — minha mãe falou. — Percy, qualquer coisa que decidir, eu amo você. E *sei* que você vai fazer o que for melhor para Annabeth.

— Como você pode ter certeza?

— Porque ela faria o mesmo por você.

E com isso, minha mãe passou a mão por cima da névoa, e a conexão se dissolveu, deixando-me com uma imagem final de seu amigo, Sr. Baiaçu, sorrindo para ela.

Não me lembro de ter dormido, mas lembro do sonho.

Eu estava de volta naquela caverna estéril, o teto pesado e baixo acima de mim. Annabeth estava ajoelhada debaixo do peso de uma massa escura que parecia uma pilha de rochas. Ela estava cansada demais mesmo para gritar. Suas pernas tremiam. A qualquer segundo, sabia que ela ficaria sem forças e o teto da

caverna desabariria sobre ela.

— Como está nossa hóspede mortal? — uma voz masculina ressoou.

Não era Cronos. A voz de Cronos era ríspida e metálica, como uma faca arranhando uma pedra. Já havia escutado-a me insultando várias vezes antes em meus sonhos. Mas essa voz era mais profunda e baixa, como um contrabaixo. Sua força fazia o chão vibrar.

Luke emergiu das sombras. Ele correu até Annabeth, ajoelhou-se ao lado dela, então olhou de volta para o homem oculto.

— Ela está enfraquecendo. Devemos nos apressar.

O hipócrita. Como se ele realmente se importasse com o que aconteceria a ela.

A voz grave riu entre dentes. Pertencia a alguém nas sombras, no limite do meu sonho. Então uma mão carnuda empurrou alguém a frente para dentro da luz — Ártemis — suas mãos e pés confinados em correntes de bronze celestial.

Respirei com dificuldade. Seu vestido prateado estava rasgado e esfarrapado. Seu rosto e braços estavam cortados em vários lugares, e ela estava sangrando icor, o sangue dourado dos deuses.

— Você ouviu o garoto — falou o homem nas sombras. — Decida-se!

Os olhos de Ártemis reluziam de raiva. Eu não sabia por que ela simplesmente não arrebatava as correntes, ou desaparecia, mas ela não parecia ser capaz de fazê-lo. Talvez as correntes a impedissem, ou alguma magia desse sombrio, horrível lugar.

A deusa olhou para Annabeth e sua expressão mudou para preocupação e ofensa.

— Como ousa torturar uma donzela dessa maneira!

— Ela vai morrer em breve — Luke disse. — Você pode salvá-la.

Annabeth emitiu um fraco som de protesto. Sentia que seu coração estava sendo enroscado em um nó. Queria correr até ela, mas não podia me mexer.

— Liberte minhas mãos — Ártemis disse.

Luke trouxe sua espada, Mordecostas. Com um golpe preciso, ele quebrou as algemas da deusa.

Ártemis correu até Annabeth e tomou o fardo dos seus ombros. Annabeth desabou no chão e ficou lá, tremendo. Ártemis cambaleou, tentando suportar o peso das pedras escuras.

O homem nas sombras abafou uma risada.

— Você é tão previsível quanto foi fácil de derrotar, Ártemis.

— Você me pegou de surpresa — a deusa falou, esforçando-se debaixo de seu fardo. — Não vai acontecer de novo.

— Realmente não vai — o homem disse. — Agora você está fora do caminho de vez! Eu sabia que você não resistiria em ajudar uma jovem donzela. Esta é, afinal, sua especialidade, minha querida.

Ártemis resmungou.

— Você não sabe nada sobre misericórdia, seu porco.

— Nisso — o homem disse, — nós podemos concordar. Luke, você pode matar a garota agora.

— Não! — Ártemis gritou.

Luke hesitou.

— Ela — ela pode ser útil, senhor. Isca adicional.

— Argh! Você realmente acredita nisso?

— Sim, General. Eles virão atrás dela. Tenho certeza.

O homem considerou.

— Então as mulheres-dragão podem mantê-la aqui. Assumindo que ela não morra dos ferimentos, você pode deixá-la viva até o solstício de inverno. Depois disso, se o nosso sacrifício for de acordo com o planejado, a vida dela não significará nada. A vida de *todos* os mortais não significará nada.

Luke recolheu o corpo inerte de Annabeth e a carregou para longe da deusa.

— Você nunca vai encontrar o monstro que procura — Ártemis disse. — Seu plano vai falhar.

— Quão pouco você sabe, minha jovem deusa — disse o homem nas sombras. — Mesmo agora, suas queridas servas iniciam uma missão para encontrar você. Elas devem cair direto em minhas mãos. Agora, se nos der licença, temos uma longa jornada a fazer. Devemos saudar suas Caçadoras e ter certeza de que a missão delas será... desafiadora.

A risada do homem ecoou na escuridão, estremecendo o chão até parecer que todo o teto da caverna ia desabar.

Acordei com um solavanco. Tinha certeza de ter escutado uma batida forte. Olhei em volta no chalé. Estava escuro lá fora. A fonte salgada ainda gorgolejava. Nenhum outro som a não ser o pio de uma coruja no bosque e a distante rebentação na praia. À luz do luar, em meu criado mudo estava o boné do New York Yankees de Annabeth. Olhei para ele por um segundo e então: BANG! BANG!

Alguém, ou alguma coisa, estava esmurrando a minha porta. Segurei Contracorrente e levantei da cama.

— Olá? — eu chamei. THUMP! THUMP! Arrastei-me até a porta.

Desencapei a espada, abri a porta, e me encontrei cara a cara com um pégaso negro.

Opa, chefe! Sua voz falou na minha cabeça enquanto ele cavalgava para longe da lâmina da espada. *Não quero virar espetinho de cavalo!*

Suas asas negras se abriram em alarme, e o vento me empurrou de volta um passo.

— Blackjack — falei aliviado, mas um pouco irritado. — É madrugada!

Blackjack respondeu, magoado.

Nem tanto, chefe. São cinco da manhã. Por que você ainda está dormindo?

— Quantas vezes eu tenho que falar? Não me chame de chefe.

Como quiser, chefe. Você é o cara. Meu número um.

Esfreguei o sono para fora dos meus olhos e tentei não deixar o pégaso ler meus pensamentos. Esse é o problema de ser filho de Poseidon: desde que ele criou os cavalos da espuma do mar, eu consigo entender a maioria dos animais equinos, mas eles conseguem me entender, também. Às vezes, como no caso de Blackjack, eles meio que me escolhem.

Veja, Blackjack foi prisioneiro a bordo do barco de Luke no verão passado, até que nós causamos uma pequena distração que o permitiu escapar. Eu realmente tive muito pouco a ver com isso, sério, mas Blackjack me dava os créditos por tê-lo salvo.

— Blackjack, — eu disse, — você deveria permanecer nos estábulos.

Bem, os estábulos. Você vê Quíron ficando nos estábulos?

— Bem... não.

Exatamente. Escute, temos outro amigo marinho que precisa de sua ajuda.

— De novo?

Sim. Falei aos hipocampus que viria pegar você.

Resmunguei. Sempre que estava perto da praia, os hipocampus me pediam para ajudá-los com seus problemas. E eles tinham muitos problemas. Baleias encalhadas, golfinhos capturados em redes de pesca, sereias com cutículas inflamadas — eles me chamavam para ir debaixo d'água e ajudar.

— Tudo bem — eu disse. — Estou indo.

Você é o melhor, chefe.

— E não me chame de chefe!

Blackjack relinchou suavemente. Deve ter sido uma risada.

Olhei de volta para a minha cama confortável. Meu escudo de bronze ainda pendurado na parede, denteado e inutilizável. E no meu criado mudo estava o boné mágico dos Yankees de Annabeth. Em um impulso, coloquei o boné no meu bolso. Acho que tive um pressentimento, mesmo naquela hora, que eu não voltaria para o meu chalé por um longo, longo tempo.

FAÇO UMA PROMESSA PERIGOSA

Blackjack me deu uma carona até a praia, e admito que foi legal. Estar em um cavalo alado, tocando de leve nas ondas a cem quilômetros por hora com o vento no meu cabelo e o bor-rifo do mar no meu rosto — ei, é melhor que esqui aquático em qualquer dia.

Aqui. Blackjack reduziu a velocidade e virou em círculo. *Di-retamente abaixo.*

— Obrigado. — Desmontei de suas costas e mergulhei no mar gelado.

Estava me sentindo mais confortável fazendo acrobacias como essa nos últimos anos. Podia me mover praticamente do jeito que eu quisesse dentro d'água, apenas desejando que as correntes marinhas mudassem ao meu redor e me impulsiona-ssem para frente, eu podia respirar embaixo d'água, sem proble-mas, e minhas roupas nunca molhavam a não ser que eu qui-sesse.

Disparei para baixo na escuridão.

Cinco, dez, quinze metros. A pressão não era desconfortá-vel. Eu nunca tentei forçar — para ver se havia um limite para quão profundamente eu podia mergulhar. Sabia que a maioria dos humanos normais não conseguia passar de sessenta metros

sem ser amassado como uma lata de alumínio. Eu deveria estar cego também, tão fundo na água à noite, mas eu conseguia ver o calor das formas de vida, e o frio das correntes. É difícil descrever. Não era como uma visão comum, mas eu podia dizer onde todas as coisas estavam.

Quando cheguei mais perto do fundo do mar, vi três hipocampos – cavalos com rabos de peixe – nadando em círculo ao redor de um barco revirado. Os hipocampos eram bonitos de observar. Suas caudas de peixe reluziam nas cores do arco-íris, brilhando fosforescentes. Suas crinas eram brancas, e eles galopavam pela água do jeito que cavalos nervosos fazem em uma tempestade. Alguma coisa os estava perturbando.

Cheguei mais perto e vi o problema. Uma forma escura – algum tipo de animal – estava presa pela metade debaixo do barco e enroscado em uma rede de pesca, uma dessas grandes redes que se usam em navios pesqueiros para capturar tudo de uma vez.

Odiava essas coisas. Era suficientemente ruim eles afogarem botos e golfinhos, mas eles de vez em quando também capturavam animais mitológicos. Quando as redes ficavam emaranhadas, alguns pescadores preguiçosos apenas as cortavam e deixavam os animais presos morrerem.

Aparentemente esta pobre criatura esteve fertilizando o fundo do mar do Estuário de Long Island e de algum jeito se enroscou na rede deste barco pesqueiro afundado. Ela tinha tentado sair, mas conseguiu ficar ainda mais desesperadamente presa, virando o barco no processo. Agora os destroços do casco, que estava apoiado contra uma grande pedra, estavam oscilando e ameaçando desabar em cima do animal enroscado.

Os hipocampos estavam nadando ao redor freneticamente, querendo ajudar, mas sem saber como. Um estava tentando

mastigar a rede, mas dentes de hipocampos simplesmente não são feitos para cortar cordas. Hipocampos são realmente fortes, mas eles não têm mãos, e não são (shhh) tão inteligentes.

Liberte, lorde! Um hipocampo disse quando me viu. Os outros se juntaram, pedindo a mesma coisa.

Nadei para olhar mais de perto a criatura enroscada. Primeiramente pensei que fosse um jovem hipocampo. Já tinha resgatado muitos deles antes. Mas aí eu ouvi um barulho estranho, algo que não pertencia ao ambiente subaquático.

— Mooooooooo!

Eu me aproximei da coisa e vi que era uma vaca. Quero dizer... já tinha ouvido falar de vacas marinhas, tipo peixe-boi e coisas assim, mas essa era realmente uma vaca com a traseira de uma serpente. A metade da frente era um bezerro — um bebê, com pelo negro e olhos castanhos grandes e tristes, com focinho branco — e sua metade de trás era uma cauda de serpente preta e marrom com barbatanas correndo do início ao fim, como uma enguia gigante.

— Uau, pequenino — eu falei. — De onde você vem?

A criatura me olhou, triste.

— Mooooo!

Mas eu não consegui entender seus pensamentos. Apenas falava com cavalos.

Nós não sabemos o que é, lorde, um dos hipocampos disse. *Muitas coisas estranhas estão se agitando.*

— Sim — murmurei. — Também ouvi falar.

Desencapei Contracorrente, e a espada cresceu até o tamanho total em minhas mãos, sua lâmina de bronze reluzindo no escuro.

A vaca-serpente enlouqueceu e começou a se debater contra a rede, seus olhos cheios de terror.

— Opa! — eu disse. — Não vou machucar você! Apenas me deixe cortar a rede.

Mas a vaca-serpente se descontrolou de vez e ficou ainda mais enroscada. O barco começou a inclinar, remexendo a imundice do fundo do mar e ameaçando tombar por cima da vaca-serpente. Os hipocampos relinchavam em pânico fazendo ondas na água, o que não ajudava.

— Ok, ok! — eu disse. Guardei a espada e comecei a falar o mais calmo que podia, para os hipocampos e a vaca-serpente pararem com o pânico. Não sabia se era possível ser pisoteado dentro d'água, mas eu não queria realmente descobrir. — Tá legal. Nada de espada. Viu? Sem espada. Pensamentos calmos. Algas marinhas. Mamãe vaca. Vegetarianismo.

Eu duvidava que a vaca-serpente tivesse entendido o que eu estava falando, mas ela respondeu ao tom da minha voz. Os hipocampos ainda estavam fazendo drama, mas eles pararam de rodopiar à minha volta bem rapidamente.

Liberte, lorde! eles imploravam.

— É. — eu disse. — Isso eu já entendi. Estou pensando.

Mas como eu poderia libertar a vaca-serpente quando ela (decidi que era provavelmente uma fêmea) entrava em pânico ao avistar uma lâmina? Era como se ela tivesse visto espadas antes e soubesse o quanto eram perigosas.

— Tudo bem — falei aos hipocampos. — Preciso que vocês todos empurrem do jeito que eu falar.

Primeiro começamos com o barco. Não foi fácil, mas com a força de três cavalos vigorosos nós conseguimos virar os destroços, então não estava mais ameaçando desabar na vaca-serpente bebê. Depois fui trabalhar na rede, desemaranhando parte por parte, retirando pesos de chumbo e anzóis retorcidos, arrancando nós em torno dos cascos da vaca-serpente. Levou

uma eternidade – quero dizer, foi pior que a vez em que tive que desemaranhar todos os fios dos meus controles de vídeo game. O tempo todo continuei conversando com o peixe vaca, falando que tudo estava bem enquanto ela mugia e gemia.

— Está tudo bem, Bessie — eu disse. Não me pergunte por que comecei a chamá-la assim. Apenas parecia um bom nome para uma vaca. — Boa vaca. Vaca simpática.

Finalmente, a rede saiu e a vaca-serpente disparou pela água e deu uma feliz cambalhota.

Os hipocampos relincharam de alegria.

Obrigado, lorde!

— Moooo! — A vaca-serpente encostou o focinho em mim e me olhou com seus grandes olhos castanhos.

— Sim — eu disse. — Tudo ok. Vaca simpática. Bem... fique longe de problemas.

O que me lembrou, eu estava debaixo d'água há quanto tempo? Uma hora, pelo menos. Precisava voltar para o meu chalé antes que Argos ou as harpias descobrissem que eu estava desobedecendo ao toque de recolher.

Disparei para cima e atravessei a superfície da água. Imediatamente, Blackjack desceu e me deixou segurar em seu pescoço. Ele me levantou no ar e me levou de volta ao litoral.

Sucesso, chefe?

— Sim. Nós resgatamos um bebê... ou algo assim. Demorou uma eternidade. Quase fui pisoteado.

Bons feitos são sempre perigosos. Você salvou minha pobre crina, não foi?

Não pude evitar pensar no meu sonho, com Annabeth machucada e sem vida nos braços de Luke. Eu estava aqui, resgatando bebês monstros, mas não podia salvar minha amiga.

Enquanto Blackjack voava de volta para o meu chalé, olhei

de relance para o refeitório. Vi uma figura — um garoto agachado atrás de uma coluna grega, como se estivesse se escondendo de alguém.

Era Nico, mas não era alvorada ainda. Nem um pouco perto do horário do café da manhã. O que ele estava fazendo ali?

Eu hesitei. A última coisa que eu queria era mais tempo para Nico me falar sobre seu jogo Mitomagia. Mas algo estava errado. Podia falar pelo jeito como ele estava agachado.

— Blackjack — eu disse. — Deixe-me bem ali, pode ser? Atrás daquela coluna.

Eu quase estraguei tudo.

Eu estava subindo os degraus atrás de Nico. Ele não havia me visto. Estava atrás de uma coluna, espiando pelo canto, toda a atenção voltada para a área de refeições. Eu estava a um metro e meio de distância, prestes a falar *O que você está fazendo?* bem alto, quando me ocorreu que ele estava dando uma de Grover: ele estava espiando as Caçadoras.

Havia vozes — duas garotas conversando em uma das mesas de jantar. A essa hora despropositada da manhã? Bem, a não ser que você seja a deusa da alvorada, eu acho.

Tirei o boné mágico de Annabeth do meu bolso e coloquei na cabeça.

Não me senti nem um pouco diferente, mas quando levantei os braços, não conseguia vê-los. Eu estava invisível.

Eu me arrastei até Nico e me esgueirei em torno dele. Não conseguia ver muito bem as garotas no escuro, mas conhecia as vozes delas: Zoë e Bianca. Parecia que elas estavam discutindo.

— *Não pode* ser curado — Zoë estava dizendo. — Não rapidamente, de qualquer maneira.

— Mas como isso aconteceu? — Bianca perguntou.

— Uma travessura boba — rosnou Zoë. — Esses garotos Stoll do chalé de Hermes. Sangue de centauro é como ácido. Todo mundo sabe disso. Eles borrifaram a parte de dentro daquela camiseta do Passeio de Caça de Ártemis com isso.

— Isso é terrível!

— Ela vai viver — Zoë disse. — Mas ela vai ficar de cama por semanas com horríveis marcas de alergia. De forma alguma ela poderá ir. Cabe a mim... e a ti.

— Mas a profecia — Bianca disse. — Se Phoebe não pode ir, nós só temos quatro. Teremos que escolher outro.

— Não há tempo — disse Zoë. — Nós devemos partir à primeira luz. Isto é imediatamente. Além do mais, a profecia disse que perderíamos um.

— Na terra ressecada — Bianca disse, — mas isso não pode ser aqui.

— Pode ser — Zoë disse, mesmo que não soasse convincente. — O acampamento tem fronteiras mágicas. Nada, nem mesmo o clima, pode entrar sem permissão. *Poderia* ser uma terra ressecada.

— Mas...

— Bianca, escuta-me — a voz de Zoë estava cansada. — Eu... eu não posso explicar, mas tenho um pressentimento de que *não* devemos escolher outra pessoa. Seria muito perigoso. Eles iriam conhecer um fim pior que o de Phoebe. Não quero Quíron escolhendo um campista como nosso quinto companheiro. E... não quero arriscar outra Caçadora.

Bianca estava em silêncio.

— Você devia falar para Thalia o resto do seu sonho.

— Não. Não iria ajudar.

— Mas se suas suspeitas estiverem corretas, sobre o General...

— Tenho tua palavra de não falar sobre isso. — Zoë disse. Ela parecia realmente angustiada. — Nós vamos descobrir muito em breve. Agora vem. A alvorada está surgindo.

Nico saiu do caminho delas. Ele foi mais rápido do que eu.

Enquanto as garotas desciam os degraus, Zoë quase encostou em mim. Ela congelou, os olhos estreitando. Sua mão se arrastou até o arco, mas então Bianca disse:

— As luzes da Casa Grande estão acesas. Vamos!

E Zoë a seguiu para fora do pavilhão.

Eu podia dizer o que Nico estava pensando. Ele respirou fundo e estava prestes a correr atrás de sua irmã quando eu tirei o boné de invisibilidade e disse:

— Espere.

Ele quase escorregou nos degraus congelados enquanto girava em volta para me achar.

— De onde você veio?

— Estive aqui o tempo todo. Invisível.

Ele fez com a boca a palavra *invisível*

— Uau. Legal.

— Como você sabia que Zoë e sua irmã estavam aqui?

Ele ficou vermelho.

— Eu as ouvi andando perto do chalé de Hermes. Eu não... eu não durmo tão bem no acampamento. Então escutei passos, e elas sussurrando. E eu meio que segui.

— E agora você está pensando em segui-las na missão — eu adivinhei.

— Como você sabia disso?

— Porque se fosse minha irmã, provavelmente estaria pensando a mesma coisa. Mas você não pode.

Ele olhou desafiador.

— Por que sou muito novo?

— Porque elas não vão deixar. Vão capturá-lo e mandá-lo de volta para cá. E... sim, porque você é muito novo. Você se lembra da manticora? Haverá muitos outros como aquilo. Mais perigosos. Alguns dos heróis vão morrer.

Seus ombros caíram. Ele jogava o peso de um pé para o outro.

— Talvez você esteja certo. Mas, mas *você* pode ir por mim.

— O que disse?

— Você pode ficar invisível. Você pode ir!

— As Caçadoras não gostam de garotos — eu o lembrei.

— Se elas descobrirem...

— Não as deixe descobrirem. Siga-as invisível. Fique de olho na minha irmã! Você tem que fazer isso. Por favor?

— Nico...

— Você está planejando ir de qualquer jeito, não é?

Eu queria dizer que não. Mas ele me olhou nos olhos, e de alguma forma eu não consegui mentir para ele.

— É — eu disse. — Tenho que achar Annabeth. Tenho que ajudar, mesmo que elas não queiram.

— Não vou dedurar você — ele disse. — Mas você tem que prometer que vai manter minha irmã segura.

— Eu... isso é algo muito grande para prometer, Nico, em uma viagem como essa. Além disso, ela tem Zoë, Grover e Thalia...

— Prometa — ele insistiu.

— Vou fazer o meu melhor. Prometo isso.

— Vá indo, então! — ele disse. — Boa sorte!

Era loucura. Eu não tinha arrumado as malas. Não tinha nada além do boné, a espada e as roupas que estava vestindo. Supostamente, devia ir para minha casa em Manhattan nesta

manhã.

— Diga a Quíron...

— Vou inventar alguma coisa. — Nico sorriu torto. — Sou bom nisso. Pode ir!

Corri, colocando o boné de Annabeth. Enquanto o sol aparecia, eu me tornei invisível. Cheguei ao topo da Colina Meio-Sangue a tempo de ver a van do acampamento desaparecendo pela estrada da fazenda, provavelmente Argos levando o grupo da missão até a cidade. Após isso eles estariam por conta própria.

Senti uma pontada de culpa, e estupidez, também. Como eu deveria acompanhá-las? Correndo?

Então escutei o bater de imensas asas. Blackjack pousou ao meu lado. Ele começou casualmente a fuçar alguns tufo de grama que escapavam através do gelo.

Se eu fosse adivinhar, chefe, diria que você precisa de um cavalo de fuga. Está interessado?

Um caroco de gratidão se formou na minha garganta, mas eu consegui falar:

— Sim. Vamos voar.



APRENDO A CULTIVAR ZUMBIS

O negócio de voar em um pégaso durante o dia é que se você não for cauteloso, você pode causar um sério acidente de trânsito na Via Expressa de Long Island. Tive que manter Blackjack entre as nuvens, que estavam, felizmente, bem baixas no inverno. Nós voamos ao redor, tentando manter a van branca do Acampamento Meio-Sangue à vista. E se estava frio no solo, estava extremamente frio no ar, com granizo picando minha pele.

Desejava ter trazido algumas das camisetas térmicas laranjas do Acampamento Meio-Sangue que eles vendiam na loja do acampamento, mas depois da história de Phoebe e da camisa com sangue de centauro, não estava tão certo se ainda confiava nos produtos de lá.

Nós perdemos a van duas vezes, mas eu tinha um bom sentimento que eles iriam para dentro de Manhattan primeiro, então não era tão difícil pegar de novo o rastro deles.

O trânsito estava ruim com os feriados e tudo mais. Já era o meio da manhã antes que elas entrassem na cidade. Aterrissei com Blackjack perto do topo do prédio Chrysler e observei a van branca do acampamento, pensando que iria encostar na estação de ônibus, mas ela apenas continuou dirigindo.

— Aonde Argos os está levando? — eu murmurei.

Ab, Argos não está dirigindo, chefe — Blackjack me disse. — *Aquela garota está.*

— Qual garota?

A garota Caçadora. Com um tipo de coroa prateada no cabelo.

— Zoë?

Essa mesma. Ei, olhe! Ali tem uma loja de rosquinhas. Podemos pegar alguma coisa para viagem?

Tentei explicar para Blackjack que levar um cavalo alado para uma loja de rosquinhas provocaria um ataque cardíaco em qualquer policial de lá, mas ele não parecia entender. Enquanto isso, a van continuou serpenteando pelo caminho em direção ao Túnel Lincoln. Nunca tinha me ocorrido que Zoë podia dirigir. Quero dizer, ela não parecia ter dezesseis anos. E, de novo, ela era imortal. Imaginei se ela tinha uma licença de Nova York, e se tinha, o que dizia na data de nascimento.

— Bem — eu disse. — Vamos atrás delas.

Estávamos prestes a pular do prédio Chrysler quando Blackjack relinchou alarmado e quase me jogou. Alguma coisa estava se enrolando na minha perna como uma serpente. Alcancei minha espada, mas quando olhei para baixo, não havia nenhuma serpente.

Vinhas — videiras — tinham brotado das rachaduras entre as pedras da construção. Elas estavam envolvendo as patas de Blackjack, chicoteando meus tornozelos de forma que não podíamos nos mover.

— Indo a algum lugar? — Sr. D perguntou.

Ele estava inclinado sobre o prédio com os pés levitando no ar, seu agasalho de pele de leopardo e seu cabelo negro balançando no vento.

Alerta de deus! Blackjack gritou. É o cara do vinbo!

Sr. D suspirou, irritado.

— A próxima pessoa, *ou cavalo*, que me chamar de ‘cara do vinho’ vai acabar em uma garrafa de Merlot!

— Sr. D — tentei manter minha voz calma enquanto as videiras continuavam envolvendo meus tornozelos — o que você quer?

— Oh, o que eu quero? Você pensou, talvez, que o imortal, todo-poderoso diretor do acampamento não ia perceber você saindo sem permissão?

— Bem... Talvez.

— Eu deveria jogar você desse prédio, sem o cavalo alado, e ver o quão heroico você vai parecer no caminho para baixo.

Correi os punhos. Sabia que devia manter a boca fechada, mas o Sr. D estava a ponto de me matar ou me arrastar de volta para o acampamento coberto de vergonha, e eu não suportava qualquer das ideias.

— Por que você me odeia tanto? O que eu fiz para você?

Chamas púrpuras tremeluziram em seus olhos.

— Você é um herói, garoto. Não preciso de outra razão.

— Eu *tenho* que ir nessa missão! Tenho que ajudar meus amigos. Isso é algo que você não entenderia!

Hum, chef, Blackjack disse nervosamente. *Vendo como estamos presos por videiras a quase trezentos metros do chão, você poderia ser mais simpático.*

As videiras enrolaram-se com mais força em torno de mim. Abaixo de nós, a van branca estava cada vez mais distante. Logo estaria fora de vista.

— Já lhe contei sobre Ariadne? — Sr. D perguntou. — Princesa jovem e bonita de Creta? Ela gostava de ajudar os amigos, também. De fato, ela ajudou um jovem herói chamado Te-seu, também um filho de Poseidon. Ela deu a ele um novelo de

fios mágicos que o permitiu achar seu caminho para fora do Labirinto.

E você sabe como Teseu retribuiu?

A resposta que eu queria dar era *Eu não me importo!* Mas não achava que isso faria o Sr. D terminar a história mais rápido.

— Eles se casaram — eu disse. — Felizes para sempre. Fim. Sr. D zombou.

— Nem tanto. Teseu disse que se casaria com ela. Ele a levou em seu barco e navegou para Atenas. Na metade do caminho de volta, em uma pequena ilha chamada Naxos, ele... Qual é a expressão que vocês mortais usam hoje em dia?... Ele *deu o fora* nela. Eu a encontrei lá, você sabe. Sozinha. Coração partido. Chorando rios de lágrimas. Ela tinha desistido de tudo, deixado para trás tudo que conhecia, para ajudar um jovem herói que a jogou fora como a uma sandália quebrada.

— Isso foi errado — eu disse. — Mas aconteceu há séculos atrás. O que isso tem a ver comigo?

Sr. D me olhou friamente.

— Eu me apaixonei por Ariadne, garoto. Curei seu coração partido. E quando ela morreu, fiz dela minha esposa imortal no Olimpo. Ela espera por mim mesmo agora. Devo voltar para ela quando tiver terminado com esse maldito século de punição no seu acampamento ridículo.

Eu o encarei.

— Você... você é casado? Mas eu pensei que você estivesse metido em problemas por perseguir uma ninfa da floresta...

— Meu ponto é que vocês heróis nunca mudam. Vocês acusam a nós deuses de sermos convencidos. Deviam olhar para si mesmos. Vocês pegam o que querem, usam quem tiverem que usar, e depois traem todos que estiverem em volta. Então me desculpe se eu não tenho nenhum amor pelos heróis. Eles

são um bando de egoístas ingratos. Pergunte a Ariadne. Ou Medeia. Sobre essa questão, pergunte a Zoë Doce-Amarga.

— Como assim, perguntar a Zoë?

Ele balançou a mão em despedida.

— Vá. Siga seus tolos amigos.

As vinhas se desenrolaram das minhas pernas.

Pisquei sem acreditar.

— Você... você está me deixando ir? Assim?

— A profecia diz que pelo menos dois de vocês morrerão. Talvez eu terei sorte e você será um deles. Mas marque minhas palavras, Filho de Poseidon, vivo ou morto, você não provará ser melhor que os outros heróis.

Com isso, Dioniso estalou os dedos. Sua imagem se dobrou como se fosse de papel. Houve um *pop* e ele tinha sumido, deixando um suave aroma de uvas que rapidamente foi soprado pelo vento.

Perto demais, Blackjack disse.

Concordei com a cabeça, embora por pouco eu não teria ficado menos preocupado se o Sr. D tivesse me arrastado de volta para o acampamento. O fato de ele ter me deixado ir significava que ele realmente acreditava que nós tínhamos uma grande chance de sermos destruídos e carbonizados nessa missão.

— Vamos, Blackjack — eu disse, tentando soar otimista.
— Vou comprar umas rosquinhas para você em Nova Jersey.

No fim das contas, não comprei as rosquinhas para Blackjack em Nova Jersey. Zoë dirigiu para o sul como uma louca, e nós já estávamos em Maryland quando ela finalmente encostou em uma parada de descanso. Blackjack praticamente despencou do céu, ele estava tão cansado.

Vou ficar bem, chefe, ele ofegou. Apenas... apenas recuperando o fôlego.

— Fique aqui — falei para ele. — Vou explorar.

“Fique aqui” eu consigo lidar. Posso fazer isso.

Coloquei meu boné de invisibilidade e andei até a loja de conveniência. Era difícil não se esgueirar. Tinha que ficar me lembrando que ninguém podia me ver. Era difícil, também, porque eu tinha que lembrar de sair da frente das pessoas para que elas não trombassem comigo.

Pensei em entrar e me aquecer, talvez pegar uma xícara de chocolate quente ou algo assim. Eu tinha uns trocados no bolso. Podia deixar no balcão. Estava pensando se a xícara ficaria invisível quando eu a pegasse, ou se ia ter que lidar com um problema de chocolate quente flutuante, quando todo meu plano foi arruinado por Zoë, Thalia, Bianca e Grover saindo da loja.

— Grover, você tem certeza? — Thalia estava dizendo.

— Bem... quase certeza. Noventa e nove por cento. Tudo bem, oitenta e cinco por cento.

— E você fez isso com bolotas? — Bianca perguntou, como se não pudesse acreditar.

Grover pareceu ofendido.

— É um encanto de rastreamento honrado pelo tempo. Quero dizer. Estou praticamente certo que fiz corretamente.

— Washington D.C. fica a quase cem quilômetros daqui — Bianca disse. — Nico e eu... — ela franziu a testa. — Nós morávamos lá. Isso... Isso é estranho. Eu tinha esquecido.

— Não gosto disso — Zoë disse. — Nós devíamos ir direto para oeste. A profecia disse oeste.

— Ah, como se suas habilidades de rastreamento fossem melhores? — rosnou Thalia.

Zoë deu um passo na direção dela.

— Questionas minhas habilidades, sua serviçal? Tu não sabes *nada* sobre ser uma Caçadora.

— Ah, *serviçal*. Você está *me* chamando de serviçal? Que raios é uma serviçal?

— Opa, vocês duas — Grover disse, nervoso. — Vamos lá. De novo, não!

— Grover tem razão. — Bianca disse. — Washington D.C. é nossa melhor aposta.

Zoë não parecia convencida, mas concordou com a cabeça, relutante.

— Muito bem. Vamos continuar andando.

— Você dirigindo vai causar a nossa prisão. — Thalia resmungou. — Eu pareço mais perto de dezesseis anos que você.

— Talvez — Zoë rebateu. — Mas eu dirijo desde que os automóveis foram inventados. Vamos andai.

Enquanto Blackjack e eu continuamos para o sul, seguindo a van, imaginei se Zoë estivera brincando. Eu não sabia quando os carros tinham sido inventados, mas percebi que era como tempos pré-históricos — quando as pessoas assistiam TV preto-e-branco e caçavam dinossauros.

Quantos anos Zoë *tinha*? E sobre o que o Sr. D tinha falado? Qual experiência ruim ela teve com heróis?

Enquanto chegávamos mais perto de Washington, Blackjack começou a ir mais devagar e perder altitude. Ele estava respirando pesadamente.

— Você está bem? — perguntei a ele.

Tô legal, chefe. Poderia... poderia enfrentar um exército.

— Você não parece tão bem. — Subitamente me senti culpado, porque estive correndo com o pégaso por metade do dia,

sem parar, tentando acompanhar o trânsito da rodovia. Mesmo para um cavalo alado, isso tinha que ser duro.

Não se preocupe comigo, chefe! Sou um cara durão.

Percebi que ele estava bem, mas também percebi que Blackjack iria cair no chão antes de reclamar, e eu não queria isso.

Felizmente, a van começou a desacelerar. Cruzou o Rio Potomac para dentro do centro de Washington. Comecei a pensar sobre patrulhas aéreas, mísseis e coisas do gênero. Não sabia exatamente como todas essas defesas funcionavam, e não tinha certeza se pégasos apareciam nos radares militares convencionais, mas não queria descobrir sendo atingido no céu.

— Deixe-me ali — disse para Blackjack. — É perto o suficiente.

Blackjack estava tão cansado que nem reclamou. Ele desceu em direção ao Monumento de Washington e me deixou na grama.

A van estava apenas alguns quarteirões adiante. Zoë tinha estacionado no meio-fio.

Olhei para Blackjack.

— Quero que você volte para o acampamento. Descanse um pouco. Vá pastar. Ficarei bem.

Blackjack ergueu sua cabeça, cético.

Tem certeza, chefe?

— Você já fez o suficiente — eu disse. — Vou ficar bem. E muito obrigado.

Uma tonelada de feno, talvez, meditou Blackjack. *Soa bom. Tudo bem, mas tome cuidado, chefe. Tenho um pressentimento que eles não vieram até aqui para conhecer algo amigável e bonito como eu.*

Prometi tomar cuidado. Então Blackjack foi embora, dando duas voltas em torno do monumento antes de desaparecer entre as nuvens.

Olhei para a van branca. Todos estavam saindo. Grover apontou na direção de um dos grandes prédios alinhados ao shopping. Thalia confirmou, e os quatro marcharam contra o vento frio.

Eu comecei a seguir. Mas então congelei.

Uma quadra depois, a porta de um sedan preto se abriu. Um homem de cabelo cinza e corte militar saiu. Ele estava usando óculos escuros e um sobretudo preto. Agora, talvez em Washington, você espere ver caras assim em todo lugar. Mas ficou claro para mim que eu tinha visto esse mesmo carro várias vezes na rodovia, indo para o sul. Esteve seguindo a van.

O sujeito pegou seu telefone celular e falou alguma coisa nele. Então ele olhou em volta, como se estivesse se assegurando de que a orla estava limpa, e começou a andar pelo shopping na direção dos meus amigos.

O pior disso: quando ele se virou para mim, reconheci seu rosto. Era o Dr. Espinheiro, a manticora do Westover Hall.

Com o boné de invisibilidade na cabeça, segui Dr. Espinheiro à distância. Meu coração estava acelerado. Se *ele* tinha sobrevivido à queda daquele penhasco, então Annabeth devia ter também. Meus sonhos estavam certos. Ela estava viva e sendo mantida prisioneira.

Dr. Espinheiro manteve distância de meus amigos, tomando cuidado para não ser visto.

Finalmente, Grover parou na frente de um grande prédio que dizia MUSEU NACIONAL DO AR E ESPAÇO. O Smithsonian! Estive aqui um milhão de anos atrás com minha mãe, mas tudo pareceu maior naquela vez.

Thalia checou a porta. Estava aberta, mas não havia muitas pessoas entrando. Muito frio, e estava fora do período escolar.

Eles deslizaram para dentro.

Dr. Espinheiro hesitou. Não tinha certeza do porquê, mas ele não entrou no museu. Ele virou e partiu através do shopping. Decidi em uma fração de segundo e o segui.

Dr. Espinheiro atravessou a rua e subiu os degraus do Museu de História Natural. Havia uma grande placa na porta. Primeiro achei que dizia FECHADO PARA EVENTO PIRADO. Então percebi que PIRADO deveria ser PRIVADO.

Segui Dr. Espinheiro e entrei, através de uma enorme câmara cheia de mastodontes e esqueletos de dinossauros. Havia vozes à frente, vindo de uma série de portas fechadas. Dois guardas estavam em pé do lado de fora. Eles abriram a porta para Dr. Espinheiro, e tive que correr para entrar antes que fechassem a porta de novo.

Dentro, o que eu vi era tão terrível que quase ofeguei alto, o que provavelmente teria me matado.

Eu estava em uma imensa sala circular com uma varanda rodeando o segundo andar. Pelo menos uma dúzia de guardas mortais estava na sacada, mais dois monstros – mulheres reptilianas com cintura de cobras-duplas em vez de pernas. Eu as tinha visto antes. Annabeth as chamou de dracaenae da Cítia.

Mas isso não era o pior. Em pé entre as mulheres serpentes – eu podia jurar que ele estava olhando direto para mim – estava meu antigo inimigo Luke. Ele estava horrível. Sua pele estava pálida e seu cabelo loiro parecia quase cinza, como se tivesse envelhecido dez anos em apenas alguns meses. O brilho de raiva em seus olhos ainda estava lá, e também a cicatriz no lado de seu rosto, onde um dragão uma vez o arranhou. Mas agora a cicatriz estava de um vermelho feio, como se tivesse sido reaberta recentemente.

Ao seu lado, sentado de forma que as sombras o ocultassem,

estava outro homem. Tudo que eu conseguia ver eram os nós dos seus dedos nos braços dourados da cadeira, como um trono.

— Bem? — perguntou o homem na cadeira. Sua voz era como a que eu tinha escutado no meu sonho — não tão arrepiante quanto a de Cronos, porém mais profunda e grave, como se a própria terra estivesse falando. Preenchia toda a sala ainda que ele não estivesse gritando.

Dr. Espinheiro tirou os óculos escuros. Seus olhos de duas cores, castanho e azul, brilhavam de excitação. Ele se curvou de forma rígida, então falou no seu estranho sotaque francês:

— Eles estão aqui, General.

— Eu sei disso, seu tolo — ressoou o homem. — Mas onde?

— No museu dos foguetes.

— O Museu do Ar e Espaço — Luke corrigiu, irritado.

Dr. Espinheiro olhou fixamente para Luke.

— Como quiser, *senhor*.

Tive a sensação que Dr. Espinheiro iria em breve atravessar Luke com um de seus espinhos ao chamá-lo de senhor.

— Quantos? — Luke perguntou.

Dr. Espinheiro fingiu não escutar.

— *Quantos?* — o General exigiu.

— Quatro, General — Dr. Espinheiro disse. — O sátiro, Grover Underwood. E a garota com cabelo preto espetado e as - como se diz - roupas *punks* e horrível escudo.

— Thalia — Luke disse.

— E outras duas garotas - Caçadoras. Uma usa uma tiara prateada.

— *Essa* eu conheço — rosnou o General.

Todos na sala mudaram de posição, desconfortáveis.

— Deixe-me pegá-los — Luke disse ao General. — Nós temos mais que suficiente...

— Paciência — o General disse. — Eles já vão estar de mãos cheias. Enviei um coleguinha para mantê-los ocupados.

— Mas...

— Nós não podemos arriscar você, meu garoto.

— Sim, *garoto* — Dr. Espinheiro disse com um sorriso cruel. — Você é frágil demais para correr o risco. Permita que *eu* acabe com eles.

— Não. — O General levantou de sua cadeira, e eu o olhei pela primeira vez.

Ele era alto e musculoso, com pele morena clara e cabelo escuro engomado para trás. Vestia um caro terno de seda marrom como os caras da Wall Street usam, mas você nunca confundiria esse homem com um corretor. Ele tinha um rosto bruto, ombros largos, e mãos que podiam quebrar um poste ao meio. Seus olhos eram como pedra. Senti como se estivesse olhando para uma estátua viva. Era inacreditável como ele conseguia sequer se mexer.

— Você já falhou comigo, Espinheiro — ele disse.

— Mas, General...

— Sem desculpas!

Dr. Espinheiro recuou. Eu achei que Dr. Espinheiro era assustador quando o vi pela primeira vez em seu uniforme preto na academia militar. Mas agora, perante o General, Dr. Espinheiro parecia um apalermado soldado aspirante. O General era pra valer. Ele não precisava de uniforme. Nasceu para ser comandante.

— Devia jogar você nas profundezas do Tártaro por sua incompetência — o General disse. — Eu o enviei para capturar uma criança de um dos Três Grandes deuses, e você me traz

uma magricela filha de Atena.

— Mas você me prometeu vingança — Espinheiro protestou. — Um comando próprio!

— *Eu* sou o comandante sênior do Lorde Cronos — o General disse. — E vou escolher os tenentes que me tragam resultados! Foi somente graças a Luke que recuperamos nosso plano afinal. Agora saia da minha frente, Dr. Espinheiro, até que eu ache outra tarefa inferior para você.

O rosto de Dr. Espinheiro ficou roxo de raiva. Pensei que ele ia começar a espumar pela boca ou atirar espinhos, mas ele apenas fez uma reverência desajeitada e deixou a sala.

— Agora, meu garoto — o General se virou para Luke. — A primeira coisa que devemos fazer é isolar a meio-sangue Thalia. O monstro que procuramos virá então para ela.

— As Caçadoras serão difíceis de enganar — Luke disse. — Zoë Doce-Amarga...

— Não fale o nome dela!

Luke engoliu em seco.

— De-desculpe, General. Eu apenas...

O General o calou com um aceno de sua mão.

— Deixe-me mostrar a você, meu garoto, como nós vamos derrotar as Caçadoras.

Ele apontou para um guarda no térreo.

— Você tem os dentes?

O rapaz cambaleou para frente com um pote de cerâmica.

— Sim, General!

— Plante-os — ele disse.

No centro da sala havia um grande círculo de terra, onde acho que uma exposição de dinossauros devia estar. Olhei nervosamente enquanto o guarda tirava dentes brancos afiados de dentro do pote e os enterrava no solo. Ele bateu a terra por

cima deles enquanto o General sorria friamente.

O guarda deu um passo para longe da sujeira e limpou as mãos.

— Pronto, General!

— Excelente! Regue-os, e vamos deixar que farejem sua presa.

O guarda pegou um pequeno regador de metal com margaridas pintadas nele, o que era meio bizarro, porque o que ele derramou não era água. Era um líquido vermelho escuro, e tive a sensação que não era Ponche Havaiano.

O solo começou a borbulhar.

— Em breve — o General disse, — vou mostrar a você, Luke, soldados que vão fazer seu exército daquele barquinho parecer insignificante.

Luke cerrou os punhos.

— Gastei um ano treinando minhas forças! Quando o *Princesa Andrômeda* chegar na montanha, eles serão os melhores...

— Rá — o General disse. — Não vou negar que suas tropas vão servir como uma boa guarda de honra para Lorde Cronos. E você, com certeza, vai ter um papel a desempenhar...

Achei que Luke ficou mais pálido quando o General falou isso.

— Mas sob a minha liderança, as forças de Lorde Cronos vão aumentar cem vezes. Ninguém poderá nos deter. Contemple minhas definitivas máquinas mortíferas.

O solo entrou em erupção. Dei um passo atrás, nervoso.

Em cada lugar que um dente havia sido plantado, uma criatura estava se debatendo para fora da lama.

A primeira delas disse:

— Miau?

Era um gatinho. Um pequeno malhado laranja com listras

como um tigre. Então apareceu outro, até que havia uma dúzia, rolando e brincando na lama.

Todos os encararam sem acreditar. O General rugiu:

— *O que é isso? Gatinhos fofinhos? Onde você achou esses dentes?*

O guarda que trouxe os dentes recuou de medo.

— Da exibição, senhor! Como você disse. O tigre dente de sabre...

— Não, seu idiota! Falei tiranossauro! Junte essas... essas ferinhas peludas infernais e leve-as para fora. E nunca mais me deixe ver sua cara de novo.

O guarda espantado deixou cair o regador. Ele juntou os gatinhos e desembestou para fora da sala.

— Você. — O General apontou outro guarda. — Pegue os *dentes certos* para mim. *AGORA!*

O novo guarda saiu correndo para obedecer às ordens.

— Imbecis — murmurou o General.

— É por isso que não uso mortais — Luke disse. — Eles não são confiáveis.

— Eles têm a mente fraca, são fáceis de comprar e violentos — o General disse. — Eu os amo.

Um minuto depois, o guarda entrou apressado na sala com suas mãos cheias de dentes pontudos e largos.

— Excelente — disse o General. Ele subiu no batente da sacada e pulou, a uma altura de seis metros.

Onde ele aterrissou, o chão de mármore rachou debaixo de seus sapatos de couro. Ele levantou, fazendo uma careta, e esfregou seus ombros.

— Maldito torcicolo.

— Outra bolsa quente, senhor? — um guarda perguntou.
— Mais analgésico?

— Não! Vai passar. — O General alisou seu terno de seda,

depois apanhou os dentes. — Devo fazer isso eu mesmo.

Ele segurou um dos dentes e sorriu.

— Dentes de dinossauro - rá! Esses tolos mortais nem ao menos sabem quando possuem dentes de dragão. E não é *qualquer* dente de dragão. Estes vêm da própria antiga Síbaris! Devem servir muito bem.

Ele os plantou na terra, doze ao todo. Então ele esvaziou o regador. Regou o solo com um líquido vermelho, jogou o regador fora e abriu bem os braços.

— Ergam-se!

A lama tremeu. Uma única, esquelética mão surgiu da terra, agarrando o ar. O General olhou para a sacada.

— Rápido, você tem o aroma?

— Ssssssim, lorde — uma das mulheres cobra falou. Ela pegou uma faixa de tecido prateado, do tipo que as Caçadoras usavam.

— Excelente — o General disse. — Uma vez que meus guerreiros captem esse aroma, eles vão perseguir seu dono sem descanso. Nada pode pará-los, nenhuma arma conhecida por meio-sangue ou Caçadora. Eles vão dilacerar as Caçadoras e seus aliados em pedaços. Jogue para cá!

Assim que ele falou isso, esqueletos emergiram do solo. Havia doze deles, um para cada dente que o General tinha plantado. Não eram nada parecidos com os esqueletos de Dia das Bruxas, ou do tipo que se vê em filmes extravagantes. Estes estavam criando carne enquanto eu assistia, tornando-se homens, mas homens com pele cinza desbotada, olhos amarelos e roupas modernas – camisas cinza apertadas, calças de exército e botas de combate. Se você não olhasse bem de perto, quase podia acreditar que eram humanos, mas sua carne era transparente e seus ossos cintilavam por debaixo, como imagens de raio X.

Um deles olhou diretamente para mim, observando-me friamente, e eu sabia que nenhum boné de invisibilidade iria enganá-lo.

A mulher cobra soltou o lenço e ele flutuou para baixo em direção à mão do General. Assim que ele o entregasse aos guerreiros, eles iriam caçar Zoë e as outras até que fossem extintas.

Eu não tinha tempo para pensar. Corri e pulei com toda a minha vontade, abrindo caminho entre os guerreiros e capturando o lenço no ar.

— O que é isso? — gritou o General.

Aterrissei no pé de um guerreiro esqueleto, que sibilou.

— Um intruso — o General rugiu. — Um camuflado na escuridão. Fechem as portas!

— É Percy Jackson! — Luke gritou. — Só pode ser.

Corri para a saída, mas ouvi um som de rasgado e percebi que o guerreiro esqueleto havia tirado um pedaço da minha manga. Quando olhei de relance para trás, ele estava segurando o tecido perto do nariz, farejando o aroma, passando em volta para seus amigos. Eu queria gritar, mas não podia. Eu me espremi pela porta justamente quando os guardas a bateram atrás de mim.

E então eu corri.

DESTRUO ALGUNS FOGUETES

Eu corri pelo shopping, sem me atrever a olhar para trás. Eu surgi no Museu do Ar e Espaço e tirei meu boné de invisibilidade logo que entrei na área de admissão.

A parte principal do museu era uma grande sala com foguetes e aviões pendurados no teto. Três níveis de balcões circundavam, então você podia olhar as exposições de todas as diferentes alturas. O lugar não estava lotado, somente algumas famílias e alguns grupos de crianças, provavelmente fazendo uma excursão escolar. Eu queria gritar para que eles saíssem, mas supus que isso só me faria ser preso. Eu tinha que achar Thalia e Grover e as Caçadoras. A qualquer momento, os caras esqueleto iriam invadir o museu, e eu não achava que eles se acalmariam para um áudio tour.

Eu corri para Thalia – literalmente. Eu estava subindo descontroladamente a rampa para o balcão superior e me choquei com ela, lançando-a dentro da cápsula espacial de Apolo.

Grover gritou em surpresa.

Antes que pudesse recuperar meu equilíbrio, Zoë e Bianca tinham flechas preparadas, apontadas para o meu peito. Seus arcos haviam aparecido do nada.

Quando Zoë percebeu quem eu era, ela não pareceu ansiosa

para abaixar seu arco.

— Tu! Como te atreves a mostrar tua face aqui?

— Percy! — Grover disse. — Graças aos deuses.

Zoë olhou fixamente para ele, e ele ruborizou.

— Quero dizer, hum, pelos deuses. Você não deveria estar aqui!

— Luke — eu disse, tentando recuperar o fôlego. — Ele está aqui.

A raiva nos olhos de Thalia imediatamente derreteu. Ela pôs sua mão em seu bracelete prata.

— Onde?

Eu contei a eles sobre o Museu de História Natural, Dr. Espinheiro, Luke, e o General.

— O General está *aqui*? — Zoë parecia surpresa. — Isso é impossível! Tu mentes.

— Por que eu mentiria? Olhe, não há tempo. Guerreiros esqueleto...

— *O quê?* — Thalia demandou. — Quantos?

— Doze — eu disse. — E isso não é tudo. Aquele cara, o General, ele disse que ia enviar algo, um “colega”, para distrair vocês aqui. Um monstro.

Thalia e Grover trocaram olhares.

— Nós estávamos seguindo o rastro de Ártemis — Grover disse. — Eu estava certo que trazia aqui. Algum odor monstruoso... Ela deve ter parado aqui procurando pelo monstro misterioso. Mas nós ainda não achamos nada.

— Zoë — Bianca disse nervosamente, — *se é o General...*

— *Não pode ser!* — Zoë disparou. — Percy deve ter visto uma mensagem de Íris ou alguma outra ilusão.

— Ilusões não quebram pisos de mármore — eu disse a ela.

Zoë respirou fundo, tentando se acalmar. Eu não sabia por

que ela estava levando isso para o lado pessoal, ou como ela conhecia esse General, mas presumi que agora não seria o momento pra perguntar.

— Se Percy está dizendo a verdade sobre os guerreiros esqueleto — ela disse, — nós não temos tempo para discutir. Eles são os piores, os mais horríveis... Nós devemos ir agora.

— Boa ideia — eu disse.

— Eu *não* estou incluindo a ti, garoto — Zoë disse. — Tu não fazes parte dessa missão.

— Ei, estou tentando salvar suas vidas!

— Você não deveria ter vindo, Percy — Thalia disse severamente. — Mas você está aqui agora. Vamos. Vamos voltar para a van.

— Esta decisão não é tua! — Zoë atirou.

Thalia fechou a cara para ela.

— Você não é a chefe aqui, Zoë. Eu não ligo para o quão velha você é! Você ainda é uma pirralha convencida!

— Tu nunca tiveste sabedoria quando se tratava de garotos — Zoë rosnou. — Nunca pudeste deixá-los para trás!

Thalia parecia que ia bater em Zoë. Então todo mundo congelou, eu ouvi um rosnado tão alto que parecia que o motor de um dos foguetes estava arrancando.

Abaixo de nós, alguns adultos gritaram. A voz de uma criança pequena guinchou com prazer:

— Gatinho!

Algo enorme veio pela rampa. Era do tamanho de uma pick-up grande, com garras prateadas e um pelo dourado brilhante. Eu havia visto esse monstro antes. Dois anos atrás, eu o vi brevemente do trem. Agora, ao vivo e em cores, parecia ainda maior.

— O leão da Nemeia — Thalia disse. — Não se mexam.

O leão rugiu tão alto que repartiu meu cabelo. Seus dentes brilhavam como aço inoxidável.

— Separai-vos ao meu comando — Zoë disse. — Tentai mantê-lo distraído.

— Até quando? — Grover perguntou.

— Até que eu pense em uma forma de matá-lo. Ide!

Eu desencapei Contracorrente. Flechas assobiavam por mim, e Grover tocava uma cadência *tweet-tweet* penetrante na sua flauta. Eu me virei e vi Zoë e Bianca subindo na cápsula de Apolo. Elas estavam disparando flechas, uma após a outra, todas batendo sem ferir no pelo metálico do leão. O leão bateu fortemente na lateral da cápsula, esparramando as Caçadoras de costas. Grover tocou um frenético, horrível tom, e o leão se virou para ele, mas Thalia entrou em seu caminho, segurando Égide, e o leão se retraiu.

“ROOOAAAR!”

— Hi-yah! — Thalia disse. — Pra trás!

O leão rosnou e arranhou o ar, mas recuou como se o escudo ardesse em chamas.

Por um segundo, eu achei que Thalia tinha tudo sob controle. Então eu vi o leão se agachando, os músculos de sua perna tensionando. Eu tinha visto lutas suficientes de gatos nos becos em volta do apartamento em Nova Iorque. Eu sabia que o leão ia saltar.

— Ei! — gritei. Não sei no que eu estava pensando, mas eu investi para a fera. Eu só queria afastá-la dos meus amigos. Golpeei com Contracorrente, um bom golpe no flanco que deveria ter cortado o monstro em ração de gato, mas a lâmina apenas ressoou contra o pelo em uma explosão de faíscas.

O leão me procurou com suas garras, rasgando um grosso pedaço do meu casaco. Eu recuei contra a grade. Ele saltou para

mim, meia tonelada de monstro, e eu não tinha escolha salvo me virar e pular.

Eu pousei na asa de um antiquado avião prateado, o qual balançou e quase me derrubou no chão, três andares abaixo.

Uma flecha assobiou pela minha cabeça. O leão pulou na aeronave, e as cordas que seguravam o avião começaram a gemer.

O leão balançou fortemente em minha direção, e eu caí na próxima peça, uma estranha aeronave com lâminas como um helicóptero. Eu olhei para cima e vi o leão rosnar — dentro de sua boca, língua e garganta rosadas.

Sua boca, eu pensei. Seu pelo era completamente invulnerável, mas se eu pudesse acertá-lo na boca... O único problema era que o monstro se movia muito rapidamente. Entre suas garras e presas, eu não conseguia chegar perto o suficiente sem ser feito em pedaços.

— Zoë! — eu gritei. — Mire a boca!

O monstro bufou. Uma flecha zuniu por ele, errando completamente, e eu pulei da nave espacial em direção ao topo de uma peça térrea da exposição, um enorme modelo da terra. Eu deslizei para baixo da Rússia e pulei do equador.

O leão da Nemeia rosnou e se estabilizou na aeronave, mas o seu peso era muito. Uma das cordas estalou. Conforme o aparato balançou o leão pulou para o Polo Norte do modelo da terra.

— Grover! — eu gritei. — Libere a área!

Grupos de crianças estavam correndo e gritando. Grover tentou guiá-las para longe do monstro justamente quando a outra corda da aeronave estalou e a peça espatifou-se no chão. Thalia pulou do segundo piso queixando-se e aterrissou em frente a mim, do outro lado do globo. O leão nos considerou,

tentando decidir qual de nós matar primeiro.

Zoë e Bianca estavam acima de nós, arcos prontos, mas elas se mantinham movendo em volta para ter um bom ângulo.

— Sem ângulo claro! — Zoë gritou. — Faze com que abra mais a boca!

O leão rosnou do topo do globo.

Eu olhei em volta. *Opções*. Eu precisava...

A loja de presentes. Eu tinha uma fraca lembrança de minha passagem por aqui quando era uma criancinha. Algo que eu havia feito minha mãe comprar para mim, e tinha me arrependido. Se eles ainda vendessem aquela coisa...

— Thalia — eu disse, — mantenha-o ocupado.

Ela concordou severamente.

— Hi-yah! — Ela apontou sua lança e um arco de eletricidade azul em forma de aranha disparou, atingindo o leão na cauda.

“ROOOOOOOOAR”

O leão se virou e pulou. Thalia rolou para fora de seu caminho, segurando Égide para manter o monstro no limite, e eu corri para a loja de presentes.

— Não é hora para lembrancinhas, garoto! — Zoë gritou.

Eu me arremessei para a loja, batendo em fileiras de camisas, pulando sobre mesas cheias de brilho-do-planeta-escuro e lama espacial. A vendedora não protestou. Ela estava muito ocupada se escondendo atrás da caixa registradora.

Ali! Na parede mais distante — pacotes prateados brilhantes. Uma prateleira cheia deles. Eu recolhi todos os tipos que pude achar e corri para fora da loja com os braços cheios.

Zoë e Bianca ainda despejavam flechas no monstro, mas inutilmente. O leão parecia saber que era melhor não abrir

muito a boca. Ele gritou para Thalia, golpeando com suas garras. Ele até mantinha seus olhos apertados em pequenas fendas.

Thalia golpeou o monstro e recuou. O leão a pressionou.

— Percy — ela chamou, — seja o que for que você esteja pensando em fazer...

O leão rosnou e a golpeou como um gato de brinquedo, mandando-a voando para o lado de um foguete Titã. Sua cabeça bateu no metal e ela deslizou para o chão.

— Ei! — gritei para o leão. Eu estava muito longe para atacar, então me arrisquei: arremessei Contracorrente violentamente como uma faca de atirar. Ela não atingiu o leão, mas foi o suficiente para chamar a atenção do monstro. Ele se virou na minha direção e rosnou.

Só havia um jeito de chegar perto o suficiente. Eu ataquei, e o leão saltou para me interceptar, eu joguei um pacote de comida espacial na sua boca — um pedaço de sorvete de morango congelado e embrulhado em celofane.

Os olhos do leão ficaram selvagens como um gato com uma bola de pelo na garganta.

Eu não podia culpá-lo. Eu me lembro de me sentir do mesmo jeito quando experimentei comida espacial quando criança. Aquela coisa era bem nojenta.

— Zoë, fique pronta! — eu gritei.

Atrás de mim, eu podia ouvir pessoas gritando. Grover estava tocando outra horrível música em sua flauta.

Eu me afastei do leão. Ele conseguiu desengasgar o pacote de comida espacial e me olhou com puro ódio.

— Hora do lanche! — gritei.

Ele cometeu o erro de rugir para mim, e eu joguei um sanduíche de sorvete em sua garganta. Felizmente, eu sempre fui um arremessador muito bom, apesar de beisebol não ser o meu

jogo. Antes que o leão pudesse parar de engasgar, eu atirei mais dois sabores de sorvete e um espaguete seco e congelado.

Os olhos do leão saltaram. Ele arregalou sua boca selvagemmente e ficou nas patas traseiras, tentando ficar longe de mim.

— Agora! — gritei.

Imediatamente, flechas perfuraram a boca do leão — duas, quatro, seis. O leão refugou ferozmente, virou-se, e caiu para trás. E então ficou quieto.

Alarmes soaram pelo museu. Pessoas debandavam pelas saídas. Seguranças estavam correndo em pânico sem ideia do que estava acontecendo.

Grover se ajoelhou ao lado de Thalia e a ajudou a se levantar. Ela parecia estar bem, só um pouco tonta. Zoë e Bianca pularam do balcão e aterrissaram do meu lado.

Zoë me olhou cautelosamente.

— Aquela foi... uma estratégia interessante.

— Ei, funcionou.

Ela não argumentou.

O leão parecia estar derretendo, do jeito que monstros mortos faziam às vezes, até que nada mais restava além de seu pelo dourado brilhante, e mesmo isso parecia estar encolhendo para o tamanho de um leão normal.

— Pega — Zoë me disse.

Eu olhei para ela.

— O quê, a pele do leão? Não é, tipo, uma violação dos direitos dos animais?

— É um espólio de guerra — ela me falou. — É teu por direito.

— Você o matou — eu disse.

Ela balançou a cabeça, quase sorrindo.

— Eu acho que o teu sorvete fez isso. Justo é justo, Percy

Jackson. Apanha a pele.

Eu a levantei; era surpreendentemente leve. A pele era suave e macia. Não parecia mesmo como algo que pudesse parar uma lâmina. Conforme eu olhava, o couro mudou e se transformou em um casaco — um sobretudo marrom dourado.

— Não é exatamente o meu estilo — eu murmurei.

— Nós temos que sair daqui — Grover disse. — Os seguranças não vão ficar confusos por muito tempo.

Eu notei pela primeira vez quão estranho era os guardas não terem se apressado para nos prender. Eles estavam indo em todas as direções exceto na nossa, como se estivessem desesperadamente procurando por algo. Alguns estavam indo de encontro às paredes ou entre eles.

— Você fez aquilo? — eu perguntei a Grover.

Ele concordou, parecendo um pouco envergonhado.

— Uma pequena música para confundir. Eu toquei um pouco de Barry Manilow. Funciona toda vez. Mas só vai durar alguns segundos.

— Os seguranças não são nossa maior preocupação — Zoë disse. — Olhai.

Através das paredes de vidro do museu, eu pude ver um grupo de homens andando pelo gramado. Homens cinzentos em roupas de camuflagem cinzentas. Eles estavam muito distantes para que pudéssemos ver seus olhos, mas eu pude sentir seus olhares fixos em mim.

— Vão — eu disse. — Eles vão me caçar. Vou distraí-los.

— Não — Zoë disse. — Nós vamos juntos.

Eu olhei para ela.

— Mas, você disse...

— Tu és parte desta missão agora — Zoë disse de má von-

tade. — Eu não gosto disso, mas não há mudança no destino. *Tu* és o quinto membro da missão. E não vamos deixar ninguém para trás.



GROVER FICA COM UM LAMBORGHINI

Nós estávamos cruzando o Rio Potomac quando avistamos o helicóptero. Era um modelo militar preto e lustroso, como o que vimos no Westover Hall. E estava vindo diretamente para nós.

— Eles conhecem a van — falei. — Temos que despistá-los.

Zoë desviou para a pista rápida. O helicóptero estava nos alcançando.

— Talvez os militares atirem neles — Grover disse esperançoso.

— Os militares provavelmente acham que é um deles — eu disse. — Em todo caso, como o General pode usar mortais?

— Mercenários — Zoë disse, amargurada. — É desagradável, mas muitos mortais lutam por qualquer causa desde que sejam pagos.

— Mas esses mortais não veem para quem estão trabalhando? — perguntei. — Não percebem todos os monstros ao seu redor?

Zoë balançou a cabeça.

— Não sei o quanto eles veem através da Névoa. Duvido que se importariam se soubessem a verdade. Às vezes mortais

podem ser mais horríveis que monstros.

O helicóptero continuava vindo, tendo um momento bem melhor que o nosso pelo meio do trânsito de Washington D.C.

Thalia fechou os olhos e rezou firme.

— Ei, Pai. Um relâmpago seria bom agora. Por favor?

Mas o céu continuou cinza e com neve. Nem sinal de uma trovoada de ajuda.

— Ali! — disse Bianca. — Aquele estacionamento!

— Seremos encurralados — Zoë disse.

— Acredite em mim — falou Bianca.

Zoë disparou através de duas pistas de trânsito e para dentro do estacionamento de um shopping na margem sul do rio. Nós deixamos a van e seguimos Bianca descendo alguns degraus.

— Entrada do metrô — Bianca disse. — Vamos para o sul. Alexandria.

— Qualquer coisa — Thalia concordou.

Compramos passagens e passamos pelas catracas, olhando para trás por algum sinal de perseguição.

Alguns minutos depois nós estávamos seguros a bordo de um vagão em direção ao sul, indo para longe de Washington D.C. Quando nosso trem veio para superfície, pudemos ver o helicóptero rodeando o estacionamento, mas ele não veio atrás de nós.

Grover soltou um suspiro.

— Bom trabalho, Bianca, pensando no metrô.

Bianca parecia satisfeita.

— Sim, bem. Vi essa estação quando eu e Nico passamos por aqui no verão passado. Eu me lembro de ter ficado bastante surpresa em vê-la, porque não estava lá quando nós moramos na capital.

Grover franziu as sobrancelhas.

— Nova? Mas aquela estação parecia bem velha.

— Eu acho — Bianca disse. — Mas confiem em mim, no tempo em que moramos aqui quando criancinhas, não havia metrô.

Thalia ajeitou-se para frente.

— Espere um minuto. Nada de metrô?

Bianca assentiu.

Agora, eu não sabia nada sobre D.C., mas não via como todo o seu sistema de metrô poderia ter menos de doze anos. Acho que todos estavam pensando a mesma coisa, porque eles pareciam bem confusos.

— Bianca — disse Zoë. — Há quanto tempo atrás... — A voz dela esmoreceu. O barulho do helicóptero estava ficando mais alto de novo.

— Precisamos trocar de trem — eu disse. — Próxima estação.

Durante a próxima meia hora, tudo no que pensávamos era escapar em segurança. Trocamos de trem duas vezes. Eu não tinha ideia para onde estávamos indo, mas depois de um tempo despistamos o helicóptero.

Infelizmente, quando finalmente saímos do trem nos encontrávamos no fim da linha, em uma área industrial com nada além de armazéns e trilhos de ferrovias. E neve. Muita neve.

Aparentava estar mais frio aqui. Eu estava contente pelo meu novo casaco de pele de leão.

Vagamos pelo pátio da ferrovia, pensando que poderia haver outro trem de viagem em algum lugar, mas havia apenas fileiras e fileiras de carros de carregamento, a maioria coberta de neve, como se não tivessem se mexido em anos.

Um sem-teto estava junto a uma fogueira acesa em uma lata

de lixo. Nós devemos ter parecido bem patéticos, porque ele nos deu um sorriso banguela e disse:

— Tão precisando se aquecer? Venham pra cá!

Nós nos amontoamos ao redor da fogueira dele, Thalia estava batendo os dentes. Ela disse:

— Bem, isso é ó-ó-ótimo.

— Meus cascos estão congelados — Grover se lamentou.

— *Pés* — eu corriji, por causa do sem-teto.

— Talvez devêssemos comunicar o acampamento — Bianca disse. — Quíron...

— Não — disse Zoë. — Eles não podem mais nos ajudar. Nós devemos terminar a missão.

Fixei o olhar miseravelmente no pátio da ferrovia. Em algum lugar, no extremo oeste, Annabeth estava em perigo. Ártemis estava acorrentada. Um monstro do juízo final estava solto. E nós estávamos presos nas periferias da capital, dividindo a fogueira com um sem-teto.

— Sabe — o sem-teto disse, — você nunca está completamente sem amigos. — Seu rosto estava encardido e sua barba emaranhada, mas sua expressão parecia amigável. — Vocês crianças precisam de um trem que vai para oeste?

— Sim, senhor — eu disse. — Você sabe de algum?

Ele apontou uma mão sebosa.

De repente percebi um trem de carregamento, brilhando e sem neve. Era um daqueles trens que carregam automóveis, com cortinas de malha de aço e três andares de carros dentro. Ao lado do trem de carga dizia LINHAS SOL OESTE.

— Isso é... conveniente — disse Thalia. — Obrigado, hã...

Ela se virou para o homem sem-teto, mas ele tinha sumido. A lata de lixo à nossa frente estava fria e vazia, como se ele tivesse levado as chamas consigo.

Uma hora depois estávamos nos movendo ruidosamente para oeste. Não houve problema sobre quem iria dirigir agora, porque todos nós pegamos nossos próprios carros de luxo. Zoë e Bianca estavam esparramadas em um Lexus no andar de cima. Grover estava brincando de piloto de corrida atrás do volante de uma Lamborghini. E Thalia tinha feito ligação direta no rádio de uma Mercedes SLK preta para poder escutar as estações de rádio de rock alternativo da capital.

— Posso me juntar a você? — perguntei a ela.

Ela deu de ombros, então subi no assento do carona.

O rádio estava tocando The White Stripes. Eu conhecia a música porque era um dos únicos CDs que eu tinha que minha mãe gostava. Ela falava que lembrava o Led Zeppelin. Pensar na minha mãe me deixou triste, porque não parecia que eu estaria em casa para o Natal. Talvez eu não vivesse tanto assim.

— Casaco legal — Thalia me disse.

Puxei o casaco para me cobrir, agradecido pelo aquecimento.

— É, mas o Leão de Nemeia não era o monstro que estamos procurando.

— Nem chegou perto. Temos um longo caminho a percorrer.

— O que quer que seja esse misterioso monstro, o General disse que virá atrás de você. Queriam isolar você do grupo. Aí o monstro apareceria e lutaria com você no mano a mano.

— Ele falou isso?

— Bem, alguma coisa assim. É.

— Isso é ótimo. Amo ser usada como isca.

— Nenhuma ideia do que o monstro pode ser?

Ela balançou a cabeça sombriamente.

— Mas você sabe para onde estamos indo, não sabe? São Francisco. Era para lá que Ártemis estava indo.

Lembrei de algo que Annabeth havia falado durante a dança: como seu pai estava se mudando para São Francisco e não tinha como ela ir. Meio-sangues não podiam viver lá.

— Por quê? — perguntei. — O que tem de tão ruim em São Francisco?

— A Névoa é realmente densa lá, pois é muito perto da Montanha do Desespero. Magia dos Titãs... o que restou dela... ainda resiste. Monstros são atraídos para aquela área de um jeito inacreditável.

— O que é a Montanha do Desespero?

Thalia levantou uma sobrancelha.

— Você realmente não sabe? Pergunte para a estúpida da Zoë. Ela é a especialista.

Ela olhou fixamente através do para-brisa. Queria perguntar sobre o que ela estava falando, mas também não queria soar como um idiota. Odiava a sensação de que Thalia sabia mais do que eu, então fiquei de boca fechada.

O sol da tarde brilhou através da malha de aço da lateral do vagão de carga, fazendo uma sombra no rosto de Thalia. Pensei no quanto ela era diferente de Zoë — Zoë toda formal e indiferente como uma princesa, Thalia com suas roupas surradas e comportamento rebelde. Mas havia algo similar entre elas, também. O mesmo tipo de tenacidade. Nesse momento, sentada nas sombras com uma expressão carregada, Thalia parecia uma das Caçadoras.

Então, de repente, eu me dei conta.

— É por isso que você não se entende com Zoë.

Thalia franziu a testa.

— O quê?

— As Caçadoras tentaram recrutar você — eu presumi.

Seus olhos ficaram perigosamente brilhantes. Achei que ela ia me atirar para fora da Mercedes, mas ela apenas suspirou.

— Eu quase me juntei a elas — ela admitiu. — Luke, Annabeth e eu encontramos com elas uma vez, e Zoë tentou me convencer. Ela quase conseguiu, mas...

— Mas?

Os dedos de Thalia agarraram o volante.

— Eu teria que abandonar Luke.

— Ah.

— Zoë e eu começamos uma briga. Ela disse que eu estava sendo estúpida. Afirmou que eu iria me arrepender da minha escolha. Disse que Luke ia me desapontar algum dia.

Observei o sol através da cortina de metal. Parecia que estávamos viajando mais rápido a cada segundo — sombras tremeluzindo como um velho projetor de filmes.

— Isso é desagradável — eu disse. — Difícil admitir que Zoë estava certa.

— Ela *não* estava certa! Luke *nunca* me desapontou. Nunca.

— Teremos que combatê-lo — falei. — Não há outro caminho.

Thalia não respondeu.

— Você não o viu ultimamente — avisei. — Sei que é difícil acreditar, mas...

— Farei o que tiver que fazer.

— Mesmo que isso signifique matá-lo?

— Faça-me um favor — ela disse. — Saia do meu carro.

Eu me senti tão mal por ela que nem reclamei.

No momento em que eu estava prestes a sair, ela falou:

— Percy.

Quando olhei para trás, seus olhos estavam vermelhos, mas

eu não podia dizer se era de raiva ou tristeza.

— Annabeth também queria se juntar às Caçadoras. Talvez você devesse pensar por qual motivo.

Antes que eu pudesse responder, ela levantou os vidros elétricos e me trancou para fora.

Sentei no banco do motorista da Lamborghini de Grover. Grover estava dormindo atrás. Ele finalmente havia desistido de tentar impressionar Zoë e Bianca com sua música de flauta depois que ele tocou ‘Hera Venenosa’ e fez essa mesma coisa brotar do ar condicionado do Lexus delas.

Enquanto observava o sol se pôr, pensei em Annabeth. Estava com medo de dormir. Preocupado com o que poderia sonhar.

— Ah, não fique com medo dos sonhos — uma voz disse à minha direita.

Eu olhei para o lado. De algum modo, não estava surpreso em encontrar o sem-teto do pátio da ferrovia sentado no banco do carona. Seus jeans estavam tão desbotados que eram quase brancos. Seu casaco estava rasgado, com estofamento saindo. Ele parecia um tipo de ursinho de pelúcia que tinha sido atropelado por um caminhão.

— Se não fosse pelos sonhos — ele disse. — Eu não saberia metade das coisas que sei sobre o futuro. Eles são melhores que os tabloides do Olimpo. — Ele pigarreou, então levantou as mãos dramaticamente:

Sonhos como um podcast

Fazendo download pelos meus ouvidos

Eles me contam coisas legais

— Apolo? — adivinhei, porque imaginei que ninguém mais poderia fazer um *haicai* tão ruim.

Ele colocou o dedo nos lábios.

— Estou incógnito. Pode me chamar de Fred.

— Um deus chamado Fred?

— Hã, bem... Zeus insiste em algumas regras. Sem interferências quando há uma missão humana. Mesmo quando algo realmente grande está errado. Mas ninguém mexe com a minha irmãzinha. *Ninguém*.

— Você pode nos ajudar, então?

— Shhh. Já estou ajudando. Você já olhou para fora?

— O trem. Quão rápido estamos indo?

Apolo abafou o riso.

— Rápido o suficiente. Infelizmente, estamos ficando sem tempo. É quase pôr do sol. Mas imagino que atravessaremos um grande pedaço dos Estados Unidos com vocês, pelo menos.

— Mas onde está Ártemis?

Seu rosto escureceu.

— Eu sei muita coisa, e vejo muito. Mas mesmo eu não sei isso. Ela está... nublada para mim. Não gosto disso.

— E Annabeth?

Ele franziu a testa.

— Ah, quer dizer aquela garota que você perdeu? Hum. Eu não sei.

Tentei não ficar com raiva. Sabia que os deuses tinham dificuldade em levar a sério os mortais, mesmo meio-sangues. Nós vivíamos vidas tão curtas, comparados aos deuses.

— E o monstro que Ártemis estava perseguindo? — perguntei. — Você sabe o que era?

— Não. — Apolo disse. — Mas tem um que deve saber. Se vocês ainda não tiverem achado o monstro quando chegarem

a São Francisco, procurem por Nereu, o Velho Homem do Mar. Ele tem uma boa memória e um olho afiado. Ele tem o dom do conhecimento sobre coisas às vezes obscuras para o meu Oráculo.

— Mas é o *seu* Oráculo — protestei. — Não pode nos dizer o que significa a profecia?

Apolo suspirou.

— Você pode da mesma forma pedir a um artista para explicar sua arte, ou pedir a um poeta para explicar seu poema. Isso acaba com o propósito. O significado somente fica claro através da busca.

— Em outras palavras, você não sabe.

Apolo checkou seu relógio.

— Ah, veja as horas! Tenho que correr. Duvido que possa me arriscar a ajudá-lo de novo, Percy, mas lembre do que eu disse! Durma um pouco! E quando retornar espero um bom *haikai* sobre sua jornada!

Queria protestar que não estava cansado e nunca tinha feito um haikai na minha vida, mas Apolo estalou os dedos, e a próxima coisa de que me lembro era estar fechando os olhos.

No meu sonho, eu era outra pessoa. Estava vestindo uma antiga túnica grega, que era arejada demais lá embaixo, e sandálias de couro laçadas. A pele do Leão da Nemeia estava amarrada nas minhas costas como uma capa, e eu estava correndo para algum lugar, sendo puxado ao longo do caminho por uma garota que segurava firme minha mão.

— Depressa! — ela disse. Estava muito escuro para ver o rosto dela claramente, mas podia ouvir o medo em sua voz. — Ele vai nos encontrar!

Era noite. Um milhão de estrelas resplandeciam no alto.

Estávamos correndo pelo meio da grama alta, e o aroma de mil diferentes flores intoxicava o ar. Era um bonito jardim, ainda assim a garota me guiava através dele como se estivéssemos prestes a morrer.

— Não tenho medo — tentei falar para ela.

— Devia ter! — ela disse, puxando-me para perto. Ela tinha longos cabelos negros trançados até as costas. Suas roupas de seda brilhavam fracamente à luz das estrelas.

Corremos pelo lado da colina. Ela me puxou para trás de um arbusto com espinhos e nós caímos, os dois respirando pesadamente. Não sabia por que a garota estava com medo. O jardim parecia tão pacífico. E eu me sentia forte. Mais forte do que jamais havia me sentido.

— Não há necessidade de correr — falei para ela. Minha voz soou mais grave, muito mais confiante. — Já superei centenas de monstros com as mãos nuas.

— Não esse aqui — a garota disse. — Ladão é muito forte. Você deve dar a volta, subir a montanha até o meu pai. É o único jeito.

A dor na voz dela me surpreendeu. Ela estava realmente preocupada, quase como se ela se importasse comigo

— Não confio no seu pai — eu disse.

— Não deveria — a garota concordou. — Você terá que enganá-lo. Mas não pode pegar o prêmio diretamente. Você morrerá.

Eu abafei um riso.

— Então por que você não me ajuda, linda?

— Eu... eu tenho medo. Ladão irá me parar. Minhas irmãs, se elas descobrirem... vão me renegar.

— Então nada pode ser feito sobre isso. — Levantei, esfregando minhas mãos.

— Espere — a garota disse.

Ela parecia estar agonizando sobre uma decisão. Então, com seus dedos tremendo, levou as mãos acima da cabeça e arrancou um longo broche branco do seu cabelo.

— Se você deve lutar, leve isto. Minha mãe, Pleione, deu para mim. Ela era filha do oceano, e o poder do oceano está dentro disto. *Meu* poder imortal.

A garota soprou o alfinete e ele brilhou fracamente. Resplandecia a luz das estrelas como uma concha polida.

— Pegue — ela me falou. — E faça disto uma arma.

Eu ri.

— Um alfinete de cabelo? Como isso vai destruir Ladão, linda?

— Talvez não — ela admitiu. — Mas é tudo que posso oferecer, se você insiste em ser teimoso.

A voz da garota amoleceu meu coração. Abaixei e peguei o broche, e quando o fiz, ele cresceu longo e pesado em minha mão, até que segurei uma espada de bronze familiar.

— Bem equilibrada — eu disse. — Ainda que eu prefira usar apenas as mãos. Como devo chamar essa lâmina?

— Anaklusmos — a garota falou, triste. — A corrente que pega de surpresa. E antes que você saiba, foi varrido para o mar.

Antes que eu pudesse agradecê-la, houve um som de passos na grama, um sibilo como ar saindo de um pneu, e a garota disse:

— Tarde demais! Ele está aqui!

Eu me levantei ereto no banco do motorista da Lamborghini de Grover. Grover estava balançando o meu braço.

— Percy — ele disse. — É de manhã. O trem parou. Vamos!

Tentei mandar embora minha sonolência. Thalia, Zoë e Bianca já haviam enrolado para cima as cortinas de metal. Lá fora havia montanhas cheias de neve salpicadas de pinheiros, o sol nascendo vermelho entre dois picos.

Pesquei minha caneta de dentro do bolso e prestei atenção nela. *Anaklusmos*, o nome em grego antigo para Contracorrente. Um modelo diferente, mas eu tinha certeza que era a mesma lâmina que tinha visto em meu sonho.

E tinha certeza de outra coisa também. A garota que eu tinha visto era Zoë Doce-Amarga.



PRÁTICO SNOWBOARD COM UM PORCO

Nós chegamos à periferia de uma pequena cidade de esqui localizada nas montanhas. O aviso dizia: BEM VINDO A CLOUDCROFT, NOVO MÉXICO. O ar estava frio e fino. Os telhados dos chalés estavam cobertos de neve, e grandes montes dela estavam empilhados nas laterais das ruas. Altos pinheiros teciam o vale, formando sombras escuras, embora a manhã estivesse ensolarada.

Mesmo com o meu casaco de pele de leão, eu estava congelando quando chegamos à rua principal, que ficava a mais ou menos 800 metros da linha de trem. Conforme andávamos, contei ao Grover sobre minha conversa com Apolo na noite anterior — como ele me disse para procurar por Nereu em São Francisco.

Grover olhou apreensivo.

— Isso é bom, eu acho. Mas temos que chegar lá antes.

Eu tentei não ficar deprimido com as nossas chances. Não queria deixar Grover em pânico, mas eu sabia que nós tínhamos outro prazo se esgotando, além de salvar Ártemis a tempo de seu concílio dos deuses. O General havia dito que Annabeth seria mantida viva apenas até o solstício. Isso seria na sexta-feira, distante apenas quatro dias. E ele falara algo sobre um

sacrifício. Eu não gostava mesmo de como isso soava.

Nós paramos no meio da cidade. Você podia ver tudo muito bem dali: a escola, algumas lojas e cafeterias para turistas, algumas cabines de esqui e um armazém.

— Ótimo — Thalia disse, olhando em volta. — Sem estação de ônibus. Sem táxi. Sem aluguel de carros. Sem saída.

— Há uma lanchonete! — disse Grover.

— Sim — Zoë disse. — Café é bom.

— E pastéis — Grover disse sonhadoramente. — E papel encerado.

Thalia olhou.

— Certo. Que tal se vocês forem pegar alguma comida para nós e Percy, Bianca e eu vamos checar na mercearia. Talvez eles possam nos dar algumas direções.

Nós combinamos de nos encontrar em frente à mercearia em quinze minutos. Bianca não pareceu muito à vontade, mas foi.

Na mercearia, nós descobrimos algumas coisas valiosas sobre Cloudcroft: não havia neve suficiente para esquiar, a mercearia vendia ratos de borracha a um dólar cada, e não havia meio fácil de sair ou entrar da cidade, a menos que você tivesse seu próprio carro.

— Você poderia chamar um táxi de Alamogordo — o balconista falou duvidosamente. — É lá embaixo, na base das montanhas, mas levaria pelo menos uma hora para chegar lá. Custa centenas de dólares.

O balconista parecia muito solitário e eu comprei um rato de borracha. Então voltamos e esperamos na entrada.

— Maravilha — Thalia disse. — Eu vou descer a rua e ver se alguém nas outras lojas tem alguma sugestão.

— Mas o balconista disse...

— Eu sei — ela me disse. — Eu vou checar mesmo assim.

Eu a deixei ir. Eu sabia como é ser inquieto. Todos os meios-sangues têm problemas de déficit de atenção por causa de nossos reflexos natos nos campos de batalha. Nós não podíamos simplesmente ficar esperando. Além disso, eu achava que Thalia ainda estava chateada por causa da nossa conversa noite passada sobre Luke.

Bianca e eu ficamos sozinhos de modo constrangedor. Quero dizer... eu nunca me senti confortável conversando frente a frente com garotas de qualquer jeito, e eu nunca estive sozinho com Bianca antes. Eu não sabia bem o que dizer, principalmente agora que ela era uma Caçadora e tudo o mais.

— Belo rato — ela disse por fim.

Eu o coloquei na grade do portão. Talvez atraísse mais clientela para a loja.

— Então... o que você tem achado de ser uma Caçadora até agora? — perguntei.

Ela franziu os lábios.

— Você não está mais chateado comigo por ter me juntado a elas, está?

— Que nada. Desde que, você sabe... você esteja feliz.

— Não sei se “feliz” é a palavra certa, com Lady Ártemis desaparecida. Mas ser uma Caçadora é realmente legal. Eu me sinto mais calma de algum jeito. Tudo parece ter desacelerado ao meu redor. Acho que é a imortalidade.

Eu a olhei, tentando ver alguma diferença. Ela parecia mesmo mais confiante do que antes, mais em paz. Ela já não escondia seu rosto sob um gorro verde. Ela mantinha o cabelo amarrado atrás, e me olhava bem nos olhos quando falava. Com um calafrio, eu me toquei de que daqui a quinhentos ou mil anos, Bianca di Angelo estaria exatamente como estava hoje.

Ela estaria conversando com outro meio-sangue bem depois da minha morte, mas Bianca ainda pareceria ter doze anos de idade.

— Nico não entendeu minha decisão — Bianca murmurou. Ela me olhou como se quisesse garantia de que estava tudo bem.

— Ele vai ficar bem — eu disse. — O Acampamento Meio-Sangue cuida de várias crianças menores. Eles cuidaram de Annabeth.

Bianca assentiu.

— Espero que a encontremos. Annabeth, quero dizer. Ela tem sorte de ter um amigo como você.

— Muito bem fez a ela.

— Não se culpe, Percy. Você arriscou sua vida para salvar ao meu irmão e a mim. Quero dizer, isso foi seriamente corajoso. Se eu não tivesse te conhecido, eu não me sentiria bem em deixar Nico no Acampamento. Eu acho que se há pessoas como você lá, Nico ficará bem. Você é um cara legal.

O elogio me pegou de surpresa.

— Mesmo eu tendo te derrubado na captura da bandeira? Ela riu.

— Tá tudo bem. Tirando isso, você é um cara legal.

Alguns metros a frente, Grover e Zoë saíram da lanchonete carregados com pastéis e bebidas. Eu meio que não queria que eles voltassem ainda. Era estranho, mas eu percebi que gostava de conversar com Bianca. Ela não era tão má. Bem mais fácil de conversar do que Zoë Doce-Amarga, aliás.

— Então qual é a história de você e Nico? — perguntei a ela. — Onde vocês estudavam antes de Westover?

Ela franziu as sobrancelhas.

— Eu acho que era um internato em D.C. Parece que foi

há muito tempo.

— Vocês nunca moraram com seus pais? Quero dizer, com o mortal?

— Disseram-nos que nossos pais estavam mortos. Havia um fundo pra nós. Muito dinheiro, eu acho. Um advogado viria de vez em quando nos ver. Aí Nico e eu tivemos que deixar a escola.

— Por quê?

Ela uniu as sobrancelhas.

— Tínhamos que ir a algum lugar. Eu me lembro que era importante. Viajamos um longo caminho. Ficamos nesse hotel por algumas semanas. E depois... não sei. Certo dia um advogado diferente veio nos buscar. Disse que era hora de partirmos. Ele nos levou de volta para o leste, por D.C. Depois a Maine. E começamos a frequentar Westover.

Era uma história estranha. Porém, Bianca e Nico eram meio-sangues, nada seria normal para eles.

— Então você tem cuidado do Nico praticamente sua vida toda? — perguntei. — Só vocês dois?

Ela assentiu.

— É por isso que eu quis tanto aderir às Caçadoras, afinal. Digo, eu sei que é egoísta, mas eu queria minha própria vida e amigos. Eu amo Nico - não me entenda mal - eu só precisava descobrir como seria não ser a irmã mais velha vinte e quatro horas por dia.

Eu pensei sobre o último verão, em como eu me senti quando descobri que tinha um ciclope como irmão mais novo. Eu pude entender o que Bianca disse.

— Zoë parece confiar em você — eu disse. — Sobre o que vocês estavam conversando afinal - alguma coisa perigosa sobre a missão?

— Quando?

— Ontem de manhã no pavilhão — eu disse, antes que pudesse me conter. — Alguma coisa sobre o General.

Seu rosto escureceu.

— Como você... O boné da invisibilidade. Você estava bisbilhotando?

— Não! Quero dizer, não realmente. Eu só...

Fui salvo de tentar me explicar quando Zoë e Grover chegaram com as bebidas e pastéis. Chocolate quente para Bianca e para mim. Café para eles. Eu peguei um bolinho de framboesa, e estava tão bom que eu quase pude ignorar o olhar raivoso que Bianca estava me dando.

— Nós devíamos fazer o feitiço de rastreamento. — Zoë disse. — Grover, tens alguma bolota sobrando?

— Umm — Grover resmungou. Ele estava mastigando um bolinho de frutas embrulhado no papel. — Eu acho que sim. Eu só preciso...

Ele congelou.

Eu estava para perguntar o que havia de errado, quando uma brisa quente passou, como uma rajada de primavera perdida no meio do inverno. Ar fresco temperado com flores do campo e luz do sol. E outra coisa — quase como uma voz, tentando dizer algo. Um aviso.

Zoë suspirou.

— Grover, tua xícara.

Grover derrubou sua xícara de café, que era decorada com figuras de pássaros. De repente os pássaros saíram da xícara e voaram livres — um bando de minúsculas pombas. Meu rato de borracha guinchou. Ele correu da grade até as árvores — pelo de verdade e bigode de verdade.

Grover desmoronou perto de seu café, que derretia a neve.

Nós nos reunimos em volta dele e tentamos acordá-lo. Ele gemeu e seus olhos tremeluziram.

— Ei! — Thalia disse, correndo pela rua. — Eu só... O que há com Grover?

— Eu não sei — eu disse. — Ele desmaiou.

— Uuuuuhhhh — Grover grunhiu.

— Bem, levantem-no! — Thalia disse.

Ela tinha sua lança na mão. Ela olhou para trás como se estivesse sendo seguida.

— Nós temos que dar o fora daqui.

Chegamos ao final da cidade antes que os dois primeiros guerreiros esqueleto aparecessem. Eles saíram dentre as árvores de cada lado da estrada. Ao invés de camuflagem cinza, eles usavam agora uniformes azuis da Polícia do Novo México, mas tinham as mesmas peles acinzentadas e transparentes e os olhos amarelos.

Eles sacaram suas armas. Vou admitir que costumava pensar que seria legal aprender como atirar com uma arma, mas mudei de ideia assim que os guerreiros esqueleto apontaram as deles para mim.

Thalia deu um tapa em seu bracelete. Égide ganhou vida em seu braço, mas os guerreiros não recuaram. Seus brilhantes olhos amarelos me focavam.

Peguei Contracorrente, apesar de não saber bem como ela seria útil contra armas.

Zoë e Bianca se apoderaram de seus arcos, mas Bianca estava tendo problemas porque Grover continuava desfalecendo e se inclinando contra ela.

— Recuem. — Thalia disse,

Nós começamos — mas então eu ouvi um tilintar de correntes. Dois outros esqueletos apareceram na estrada atrás de nós. Estávamos cercados.

Imaginei onde estariam os outros esqueletos. Eu vi uma dúzia no Museu Nacional do Ar e do Espaço. Então um dos esqueletos levou um celular à boca e falou nele.

Porém ele não estava falando. Ele fez um som ruidoso, de estalos, como dente seco no osso. De repente eu entendi o que se passava. Os esqueletos haviam se separado para nos procurar. Estes estavam agora chamando seus irmãos. Em breve teríamos uma festa completa nas mãos.

— Está perto — Grover gemeu.

— Está aqui — eu disse.

— Não — ele insistiu. — O presente. O presente da Natureza.

Eu não sabia sobre o que ele estava falando, mas me preocupei com sua condição. Ele não estava bem para andar, muito menos para lutar.

— Teremos que ir um contra um — Thalia disse. — Quatro deles. Quatro nossos. Talvez eles ignorem Grover nesse estado.

— Concordo — disse Zoë.

— A Natureza! — Grover gemeu.

Um vento quente veio através do cânion, balançando as árvores, mas mantive meus olhos no esqueleto. Eu me lembrei do General se vangloriando sobre o destino de Annabeth. Eu me lembrei de como Luke a traiu.

Então eu investi.

O primeiro esqueleto atirou. O tempo passou devagar. Não vou dizer que podia ver a bala, mas eu podia sentir sua trajetó-

ria, do mesmo jeito que sentia as correntes marítimas. Eu a desviei com a borda da minha espada e continuei atacando.

O esqueleto sacou um cassetete e eu decepei seus braços na altura dos cotovelos. Então passei Contracorrente por sua cintura e o cortei ao meio.

Seus ossos se desmontaram em uma pilha estalando no asfalto. Quase imediatamente, eles começaram a se mover, unindo-se. O segundo esqueleto bateu os dentes para mim e tentou disparar, mas derrubei sua arma na neve.

Pensei que estivesse indo bem, até que os outros dois esqueletos atiraram nas minhas costas.

— Percy! — Thalia gritou.

Eu caí de cara na rua. Então percebi uma coisa... eu não estava morto. O impacto das balas foi tremendo, como um empurrão por trás, mas elas não me machucaram.

O pelo do Leão da Nemeia! Meu casaco era a prova de balas.

Thalia atacou o segundo esqueleto. Zoë e Bianca começaram a disparar flechas no terceiro e no quarto. Grover ficou lá e levantou as mãos para as árvores, como se quisesse abraçá-las.

Houve um som de colisão na floresta a nossa esquerda, como uma escavadeira. Talvez os reforços dos esqueletos estivessem chegando. Eu me levantei e peguei o cassetete de policial. O esqueleto que eu havia cortado ao meio já estava totalmente remontado, vindo atrás de mim.

Não havia meio de pará-los. Zoë e Bianca disparavam diretamente em suas cabeças, mas as flechas apenas passavam sibilando através de suas caveiras vazias. Um investiu contra Bianca, e eu pensei que ela estava perdida, mas ela puxou sua faca de caça e apunhalou o guerreiro no peito. O esqueleto inteiro explodiu em chamas, deixando uma pequena pilha de cinzas e

um distintivo policial.

— Como fizeste aquilo? — Zoë perguntou.

— Eu não sei — Bianca disse nervosa. — Golpe de sorte?

— Bem, faze de novo!

Bianca tentou, mas os três esqueletos que sobraram estavam atentos a ela agora. Eles nos forçaram para trás, deixando-nos ao alcance do cassetete.

— Plano? — Eu disse conforme recuávamos.

Ninguém respondeu. As árvores atrás dos esqueletos estavam tremendo. Galhos estavam se quebrando.

— Um presente — Grover balbuciou.

Então, com um possante rugido, o maior porco que eu já havia visto entrou na estrada. Era um javali selvagem, nove metros de altura, com um ranhoso focinho rosa e presas do tamanho de canoas. Suas costas eriçadas com pelos marrons, e seus olhos eram selvagens e furiosos.

“*REEEEEEEEET*”, ele guinchou, e jogou os três esqueletos para o lado com suas presas. A força foi tamanha que eles foram voando sobre as árvores para o flanco da montanha, onde se quebraram em pedaços, fêmures e ossos do braço rodopiando para todos os lados.

O porco se virou para nós.

Thalia ergueu sua lança, mas Grover gritou:

— Não o mate.

O javali grunhiu e deu patadas no chão, pronto para atacar.

— É o Javali da Erimanto — Zoë disse, tentando permanecer calma. — Eu não acho que nós *possamos* matá-lo.

— É um presente — Grover disse. — Uma bênção da Natureza!

O javali disse “*REEEEEEEEET*!” e moveu suas presas. Zoë e Bianca saíram do caminho. Eu tive que empurrar Grover, para

que ele não fosse arremessado para a montanha na 'Presca do Expresso Javalí'.

— É, eu me sinto abençoado! — falei. — Espalhem-se!

Nós corremos em direções diferentes, e por um momento o javali ficou confuso.

— Ele quer nos matar! — Thalia disse.

— Mas é claro — Grover disse. — Ele é selvagem!

— Então como é uma bênção? — Bianca perguntou.

Parecia uma pergunta justa para mim, mas o porco se ofendeu e a atacou. Ela era mais rápida do que eu havia imaginado. Ela rolou fora do caminho dos cascos dele e saiu atrás da besta. A besta investiu errado com suas presas e pulverizou o aviso BEM VINDO A CLOUDCROFT.

Eu forcei meu cérebro, tentando me lembrar da lenda do javali. Eu tinha plena certeza de que Hércules havia lutado com essa coisa antes, mas não podia recordar como ele o havia derrotado. Eu tinha uma vaga memória do javali ter posto abaixo algumas cidades gregas antes que Hércules o vencesse. Eu esperava que Cloudcroft fosse segurada contra-ataques de javalis gigantes.

— Continuai andando! — Zoë gritou. Ela e Bianca corriam em direções opostas. Grover dançou ao redor do javali, tocando sua flauta enquanto o javali bufava e tentava pegá-lo. Mas Thalia e eu vencemos o prêmio de má sorte. Quando o javali se virou, Thalia cometeu o erro de segurar Égide em modo defensivo. A visão da cabeça da medusa fez o javali guinchar injuriado. Talvez parecesse muito com um de seus parentes. O javali nos atacou.

Nós apenas conseguimos nos manter à frente dele porque corremos ladeira acima, e podíamos nos esquivar das árvores enquanto o javali tinha que colocá-las abaixo.

Do outro lado da colina, eu vi um antigo trecho de linhas de trem, parcialmente enterradas na neve.

— Por aqui. — Eu agarrei o braço de Thalia e corremos pelos trilhos enquanto o javali rugia atrás de nós, escorregando e deslizando enquanto tentava correr sobre a encosta íngreme. Seus cascos não foram feitos para isso, graças aos deuses.

À nossa frente, vi um túnel coberto. Além dele uma ponte velha sobre um desfiladeiro. Eu tive uma ideia maluca.

— Sigam-me!

Thalia desacelerou — eu não tive tempo de perguntar por que — mas eu a puxei e ela seguiu relutante. Atrás de nós, um porco tanque de dez toneladas estava derrubando pinheiros e esmagando rochedos sob seus cascos enquanto nos perseguia.

Thalia e eu entramos no túnel e saímos do outro lado.

— Não! — Thalia gritou.

Ela ficou branca como gelo. Estávamos na borda do precipício. Abaixo, a montanha descia em um desfiladeiro de vinte metros recoberto de neve.

O javali estava bem atrás de nós.

— Vamos! — eu disse. — Vai aguentar o nosso peso, provavelmente.

— Eu não posso! — Thalia berrou.

Seus olhos estavam selvagens de medo.

O javali esmagava o túnel, destruindo tudo em alta velocidade.

— Agora — eu gritei para Thalia.

Ela olhou para baixo e engoliu em seco. Eu juro que ela estava ficando verde.

Eu não tive tempo para processar o porquê. O javali estava investindo através do túnel, na nossa direção. Plano B. Eu puxei Thalia e nos coloquei ao lado da borda da ponte, dentro da

lateral da montanha. Nós deslizamos em Égide como um *snowboard*, sobre rochas e lama e neve, acelerando montanha abaixo. O javali foi menos afortunado; ele não conseguiu se virar tão rápido, então todas as dez toneladas de monstro atacaram o fino suporte, o qual arrebentou sob seu peso. O javali entrou em queda livre no desfiladeiro com um poderoso guincho e aterrissou em um monte de neve com um grande

POOOOOOF!

Thalia e eu derrapamos para parar. Estávamos ofegando. Eu estava ferido e sangrando. Thalia tinha pedaços de pinheiro no cabelo. Perto de nós, o javali selvagem estava guinchando e lutando. Tudo o que eu pude ver foi uma ponta de suas costas. Estava enterrado completamente na neve como um pacote de isopor. Não parecia estar machucado, mas não ia a lugar algum, de qualquer forma.

Eu olhei para Thalia.

— Você tem medo de altura.

Agora que estávamos salvos na base da montanha, seus olhos tinham a aparência zangada de sempre.

— Não seja estúpido.

— Isso explica por que você se apavorou no furgão do Apolo. Por que você não queria falar com ninguém sobre isso.

Ela respirou fundo. Então ela limpou as agulhas de pinheiro do seu cabelo.

— Se você contar para alguém, eu juro...

— Não, não — eu disse. — Está bem. É só que... a filha de Zeus, o Senhor do Céu, com medo de altura?

Ela estava para enfiar minha cabeça na neve, quando a voz de Grover chamou:

— Alôôôôôôôôô?

— Aqui embaixo! — eu gritei.

Alguns minutos depois, Zoë, Bianca e Grover chegaram até nós. Nós ficamos olhando o javali lutando na neve.

— Uma bênção da Natureza — Grover disse, apesar de agora parecer agitado.

— Eu concordo — Zoë disse. — Nós devemos usá-lo.

— Espere aí — Thalia disse irritada. Ela ainda parecia como se tivesse perdido uma luta contra uma árvore de Natal.

— Explique por que você tem tanta certeza de que esse porco é uma bênção.

Grover olhou adiante, distraído.

— É nossa carona para o oeste. Você faz ideia de quão rápido esse javali pode viajar?

— Divertido — falei. — Como... peões de porco.

Grover assentiu.

— Nós precisamos montá-lo. Eu queria... eu queria ter mais tempo para olhar em volta. Mas já se foi agora.

— O que se foi?

Grover não pareceu me ouvir. Ele andou até o javali e pulou em suas costas. O javali já estava começando a abrir caminho no monte de neve. Uma vez que estivesse livre, não haveria como segurá-lo. Grover pegou sua flauta. Ele começou a tocar uma música horrível e jogou uma maçã a frente do javali. A maçã flutuou e ficou logo acima do focinho do javali, e o javali ficou doido, esforçando-se para pegá-la.

— Direção automática — Thalia murmurou. — Ótimo.

Ela montou atrás de Grover, e ainda sobrou bastante espaço para o resto de nós.

Zoë e Bianca caminharam para o javali também.

— Espere um segundo — eu disse. — Vocês duas sabem sobre o que Grover estava falando — sobre essa bênção da natureza?

— É claro — Zoë falou. — Não sentiste no vento? Foi tão forte... eu nunca pensei que sentiria essa presença novamente.

— Que presença?

Ela me encarou como se eu fosse um idiota.

— O Senhor da Natureza, é claro. Apenas por um momento, na chegada do javali, eu senti a presença de Pã.



VISITAMOS O FERRO-VELHO DOS DEUSES

Nós viajamos no javali até o pôr do sol, o que era o máximo que as minhas costas poderiam aguentar. Imagine viajar em uma escova de aço gigante por um leito de cascalho o dia todo. É o quanto é confortável viajar em um javali.

Eu não tinha ideia de quantos quilômetros nós cobrimos, mas as montanhas desapareceram na distância e foram substituídas por quilômetros de terra seca e plana. A grama ficava espessa enquanto nós galopávamos (javalis galopam?) pelo deserto.

Quando a noite caiu, o javali parou em um riacho, cansado e resfolegando. Ele começou a beber a água lamacenta, então arrancou um cacto saguaro do chão e o mastigou com espinhos e tudo.

— Isso é o mais longe que ele irá — disse Grover. — Precisamos ir embora enquanto ele está comendo.

Ninguém discutiu. Nós saímos das costas do javali enquanto ele estava ocupado devorando cactos. Então gingamos para longe do melhor jeito que pudemos com nossas assaduras de sela.

Depois do seu terceiro saguaro e outro gole de água lamacenta, o javali grunhiu e arrotou, então se virou e galopou de

volta em direção ao leste.

— Ele gosta mais das montanhas — eu imaginei.

— Eu não posso culpá-lo — Thalia disse. — Olhe.

À nossa frente estava uma estrada de duas pistas coberta pela metade com areia. Do outro lado da estrada estava um grupo de construções muito pequeno para ser um povoado: uma casa murada, uma loja de tacos que parecia não ter sido aberta desde antes de Zoë Doce-Amarga ter nascido e um escritório dos correios de reboco branco que tinha uma placa que dizia GILA CLAW, ARIZONA suspensa tortamente acima da porta. Mais além, havia uma cordilheira de colinas... mas então eu percebi que elas não eram colinas comuns. O interior estava muito plano para isso. As colinas eram enormes montes de carros velhos, ferramentas e outras sucatas. Era um ferro-velho que parecia não terminar nunca.

— Uau — eu falei.

— Algo me diz que não vamos encontrar um carro pra alugar aqui — Thalia disse. Ela olhou para Grover. — Imagino que você não tenha outro javali selvagem na manga?

Grover estava farejando o vento, parecendo nervoso. Ele pegou suas bolotas e as jogou na areia, então tocou sua flauta. Elas se rearranjaram em um padrão que não fazia sentido para mim, mas Grover olhou preocupado.

— Somos nós — ele disse. — Aquelas cinco nozes ali.

— Qual delas sou eu? — perguntei.

— A pequena e deformada — Zoë sugeriu.

— Ah, cale a boca.

— Aquele aglomerado logo ali — Grover disse, apontando para a esquerda, — aquilo é problema.

— Um monstro? — Thalia perguntou.

Grover parecia desconfortável.

— Eu não farejo nada, o que não faz sentido. Mas as bolotas não mentem. Nosso próximo desafio...

Ele apontou na direção do ferro-velho. Com a luz do sol quase inexistente agora, as colinas de metal pareciam algo de outro planeta.

Decidimos acampar a noite e tentar o ferro-velho pela manhã. Nenhum de nós quis mergulhar na caçamba de lixo no escuro.

Zoë e Bianca produziram cinco sacos de dormir e colchões de espuma de suas mochilas. Eu não sei como elas fizeram isso, porque as mochilas eram minúsculas, mas deviam ter sido encantadas para aguentar tanta coisa. Eu havia notado que seus arcos e aljavas também eram mágicos. Eu nunca tinha pensado sobre isso, mas quando as Caçadoras precisavam deles, eles apenas surgiam nas suas costas. E quando não eram necessários, eles desapareciam.

A noite ficou fria rapidamente, então eu e Grover pegamos tábuas velhas da casa em ruínas e Thalia as fulminou com um choque elétrico para fazer uma fogueira. Então logo nós estávamos tão confortáveis quanto se pode ficar em uma cidade fantasma em ruínas no meio do nada.

— As estrelas apareceram — Zoë disse.

Ela estava certa. Havia milhões delas, sem as luzes da cidade para tornar o céu laranja.

— Incrível — disse Bianca. — Eu nunca tinha realmente visto a Via Láctea.

— Isso não é nada — Zoë disse. — Nos dias antigos, existiam mais. Várias constelações desapareceram devido à luz da poluição humana.

— Você fala como se não fosse humana — eu disse.

Zoë levantou uma sobrancelha.

— Eu sou uma Caçadora. Eu ligo para o que acontece nos locais selvagens do mundo. Pode-se dizer o mesmo sobre ti?

— Sobre você — Thalía corrigiu. — Não ti.

— Mas se usa *você* para o início da sentença.

— E para o final — Thalía disse. — Sem *tu*, sem *ti*. Só *você*.

Zoë jogou suas mãos para o alto em irritação.

— Eu *odeio* essa língua. Ela muda muito frequentemente!

Grover suspirou. Ele ainda estava olhando para as estrelas pensando no problema da poluição.

— Se pelo menos Pã estivesse aqui ele poderia consertar as coisas.

Zoë concordou tristemente.

— Talvez tenha sido o café — Grover disse. — Eu estava bebendo café, e então o vento veio. Talvez se eu bebesse mais café...

Eu estava certo de que café não tinha nada a ver com o que aconteceu em Cloudcroft, mas eu não tinha a coragem para contar ao Grover. Eu pensei no rato de borracha e nos pequenos pássaros que de repente ganharam vida quando o vento soprou.

— Grover, você realmente acha que foi Pã? Quero dizer, eu sei que você *quer* que seja.

— Ele nos mandou ajuda — insistiu Grover. — Eu não sei como ou por quê. Mas era a presença dele. Depois que essa missão acabar, eu vou voltar ao Novo México e beber muito café. É a melhor pista que nós tivemos em dois mil anos, eu estava tão *perto*.

Eu não respondi. Não queria esmagar as esperanças de Grover.

— O que eu quero saber — disse Thalía, olhando para Bianca, — é como você destruiu um daqueles zumbis. Tem mais

um monte deles por aí. Precisamos descobrir como lutar contra eles.

Bianca sacudiu a cabeça.

— Eu não sei. Eu só o apunhalei e ele ficou em chamas.

— Talvez haja algo especial com a sua faca — eu disse.

— É a mesma que a minha — disse Zoë. — Bronze celestial, sim. Mas a minha não os afetou da mesma maneira.

— Talvez você tenha que acertar o esqueleto em um local exato — eu disse.

Bianca parecia desconfortável com todo mundo prestando atenção nela.

— Não tem importância — Zoë disse a ela. — Nós vamos achar a resposta. Enquanto isso nós devíamos planejar nosso próximo movimento. Quando entrarmos no ferro-velho, nós precisamos continuar a oeste. Se pudermos encontrar uma estrada, podemos pegar carona até a próxima cidade. Eu acho que será Las Vegas.

Eu estava a ponto de protestar que eu e Grover tivemos péssimas experiências naquela cidade, mas Bianca foi mais rápida.

— Não! — ela disse. — Lá não!

Ela parecia realmente assustada, como se tivesse caído da escarpa de uma montanha-russa.

Zoë franziu as sobrancelhas.

— Por quê?

Bianca tomou um fôlego instável.

— Eu... eu acho que nós ficamos lá por um tempo. Eu e Nico. Quando estávamos viajando. Então não consigo me lembrar...

De repente eu tive um pensamento realmente ruim.

Eu me lembrei de Bianca ter me contado que Nico e ela

estiveram em um hotel por um tempo. Eu encontrei o olhar de Grover e percebi que ele estava pensando a mesma coisa.

— Bianca — eu disse. — O hotel que vocês ficaram. Por acaso se chamaria Lótus Hotel e Cassino?

Os olhos dela se alargaram.

— Como você pode saber disso?

— Ah, ótimo — falei.

— Espere — Thalia disse. — O que é o Lótus Cassino?

— Dois anos atrás — eu disse, — Grover, Annabeth e eu ficamos presos lá. Ele é feito para que você nunca queira sair. Nós ficamos por cerca de uma hora. Quando saímos, cinco dias tinham se passado. Ele faz o tempo acelerar.

— Não — Bianca disse. — Não, isso não é possível.

— Você disse que alguém veio e pegou vocês — eu lembrei.

— Sim.

— Como ele parecia? O que ele disse?

— Eu... eu não me lembro. Por favor, eu realmente não quero falar sobre isso.

Zoë sentou mais à frente, suas sobrancelhas unidas com preocupação.

— Tu dissesse que Washington D.C mudou desde que vós estivestes lá no último verão. Tu não te lembras do metrô estar lá.

— Sim, mas...

— Bianca — disse Zoë, — podes me dizer o nome do presidente dos Estados Unidos neste momento?

— Não seja boba — disse Bianca. Ela nos disse o nome certo do presidente.

— E quem foi o presidente antes dele? — Zoë perguntou.

Bianca pensou por um momento.

— Roosevelt.

Zoë engoliu em seco.

— Theodore ou Franklin?

— Franklin — disse Bianca. — F.D.R.

— Tipo FDR Drive? — eu perguntei. Porque, sério, essa é a única coisa que sei sobre F.D.R.

— Bianca — disse Zoë. — F.D.R não foi o último presidente. Isso foi há cerca de setenta anos atrás.

— Isso é impossível — disse Bianca. — Eu... eu não sou tão velha.

Ela olhou para suas mãos como que para ter certeza de que não estavam enrugadas.

Os olhos de Thalia ficaram tristes. Eu imaginei que ela sabia como era ser tirada do tempo por um período.

— Está tudo bem, Bianca, o importante é que você e Nico estão a salvo. Vocês conseguiram sair de lá.

— Mas como? — eu disse. — Nós ficamos lá por uma hora e nós mal escapamos. Como você pode ter saído depois de ter ficado lá por tanto tempo?

— Eu já disse a você — Bianca parecia a ponto de chorar. — Um homem veio e disse que era hora de ir. Então...

— Mas quem? Por que ele fez isso?

Antes que ela pudesse responder, nós fomos atingidos por uma luz ofuscante vinda da estrada. As luzes de um carro apareceram do nada. Eu estava meio esperançoso de que fosse Apolo, vindo nos dar uma carona de novo, mas o motor era muito silencioso para a carruagem solar e, além disso, era noite. Nós pegamos nossos sacos de dormir e saímos do caminho assim que uma limusine mortalmente branca parou na nossa frente.

A porta traseira da limusine abriu bem próxima a mim. Antes

que eu pudesse me afastar a ponta de uma espada tocou minha garganta.

Eu ouvi o som de Zoë e Bianca armando seus arcos. Quando o dono da espada saiu do carro, eu recuei bem devagar. Eu tive que fazê-lo porque ele estava pressionando a ponta da espada embaixo do meu queixo.

Ele riu cruelmente.

— Não está tão rápido agora, não é mesmo, moleque?

Ele era um homem grande com um corte baixo, uma jaqueta de couro preta, jeans pretos, uma camisa branca e botas de combate. Lentes escurecidas escondiam seus olhos, mas eu sabia o que havia atrás daqueles óculos — órbitas vazias preenchidas com chamas.

— Ares — eu rosnei.

O deus da guerra deu uma olhada nos meus amigos.

— Relaxe, pessoal.

Ele estalou os dedos e suas armas caíram no chão.

— Este é um encontro amigável. — Ele afundou a ponta de sua espada um pouco mais embaixo do meu queixo. — É claro que eu *gostaria* de ter sua cabeça como um troféu, mas alguém quer ver você. E eu nunca decapito meus inimigos na frente de uma dama.

— Que dama? — Thalia perguntou.

Ares olhou para ela.

— Bem, bem. Eu ouvi que você tinha voltado.

Ele abaixou sua espada e me empurrou para o lado.

— Thalia, filha de Zeus — Ares disse. — Você não está andando em boa companhia.

— O que você quer, Ares? — ela disse. — Quem está no carro?

Ares sorriu, aproveitando a atenção.

— Oh, eu duvido que ela queira conhecer o resto de vocês. Particularmente *elas*. — Ele apontou o queixo na direção de Zoë e Bianca. — Por que vocês não vão todos pegar alguns tacos enquanto esperam? Só vai tomar de Percy alguns minutos.

— Nós não vamos deixá-lo sozinho contigo, Lorde Ares — Zoë disse.

— Além disso — Grover constatou, — a loja de tacos está fechada.

Ares estalou os dedos de novo. As luzes dentro do restaurante de tacos de repente ganharam vida. As tábuas voaram da porta e o FECHADO se tornou ABERTO.

— Você estava dizendo, garoto-bode?

— Podem ir — eu disse aos meus amigos. — Eu vou cuidar disso.

Eu tentei parecer mais confiante do que me sentia. Eu não acho que Ares foi enganado.

— Vocês ouviram o garoto — disse Ares. — Ele é grande e forte. Ele tem as coisas sob controle.

Meus amigos relutantemente seguiram para o restaurante de tacos. Ares me considerou com ódio e então abriu a porta da limusine como um chofer.

— Entre, moleque — ele disse. — E meça suas maneiras. Ela não perdoa falta de educação como eu.

Quando eu a vi meu queixo caiu.

Eu esqueci meu nome. Esqueci quem eu era. Esqueci como falar sentenças completas.

Ela estava usando um vestido vermelho de cetim e seu cabelo estava enrolado em uma cascata de presilhas. Sua face era a mais bonita que eu já havia visto: maquiagem perfeita, olhos deslumbrantes, um sorriso que iluminaria o lado escuro da lua.

Pensando melhor, eu não posso dizer com quem ela se parecia.

Nem mesmo de que cor seus olhos ou cabelos eram. Pegue a mais bonita atriz que você possa pensar. A deusa era dez vezes mais bonita do que ela. Pegue sua cor de cabelo favorita, cor de olho, qualquer coisa. A deusa tinha aquilo.

Quando ela sorriu pra mim, só por um momento ela se pareceu com Annabeth. E depois com uma atriz de televisão por quem eu costumava ter uma queda na quinta série. Então... bem, você pegou a ideia.

— Ah, aí está você, Percy — a deusa disse. — Eu sou Afrodite.

Eu escorreguei para o assento em frente a ela e disse algo como:

— Um uh gá.

Ela sorriu.

— Você é um fofo. Segure isto, por favor.

Ela me entregou um espelho polido do tamanho de um prato de jantar para que eu segurasse para ela. Ela se inclinou para frente e retocou seu batom, embora eu não pudesse ver nada de errado com ele.

— Você sabe por que está aqui?

Eu quis responder. Por que eu não podia formar uma sentença completa? Ela era apenas uma mulher. Uma mulher seriamente bonita. Com olhos que pareciam lagoas de nascente. Uau.

Eu belisquei meu próprio braço, com força.

— Eu... eu não sei — concluí.

— Ah, querido — Afrodite disse. — Ainda em negação?

Fora do carro, eu pude ouvir Ares gargalhando. Eu tive a sensação de que ele podia ouvir cada palavra que dizíamos. A

ideia de ele estar lá fora me deixou com raiva, o que ajudou a clarear minha mente.

— Eu não sei sobre o que você está falando — eu disse.

— Bem, então por que você está nessa missão?

— Ártemis foi capturada!

Afrodite rolou seus olhos.

— Ah, Ártemis. *Por favor.* Fale sobre um caso irremediável. Digo, se eles fossem sequestrar uma deusa, ela deveria ser linda de tirar o fôlego, não acha? Eu tenho pena dos pobres queridos que tiveram que aprisionar Ártemis. Cha-to!

— Mas ela estava perseguindo um monstro — eu protestei.

— Um monstro realmente, realmente mau. Temos que achá-lo.

Afrodite me fez segurar o espelho um pouco mais alto. Ela parecia ter achado um microscópico problema no canto do seu olho e pincelou a sua máscara.

— Sempre algum monstro. Mas meu querido Percy, isso é o porquê dos *outros* estarem nessa missão. Eu estou mais interessada em *você*.

Meu coração martelou. Eu não queria responder, mas seus olhos extraíram a resposta da minha boca.

— Annabeth está com problemas.

Afrodite sorriu radiante.

— Exato.

— Eu tenho que ajudá-la — eu disse. — Eu venho tendo esses sonhos.

— Ah, você até sonha com ela! É tão *fofo*!

— Não! Quero dizer... não foi isso que eu quis dizer.

Ela fez um barulho de *tsc-tsc*.

— Percy, eu estou do seu lado. Eu sou a razão de você estar aqui, no fim das contas.

Eu olhei para ela.

— O quê?

— A camiseta envenenada que os irmãos Stoll deram a Phoebe — ela disse. — Você acha que foi um acidente? Mandar Blackjack para encontrá-lo? Ajudá-lo a fugir do acampamento?

— *Você* fez aquilo?

— Claro! Porque, realmente, como essas Caçadoras são chatas! Uma missão por algum monstro blá, blá, blá. Salvar Ártemis. Deixe-a continuar perdida, eu digo. Mas uma missão pelo amor verdadeiro...

— Espere um segundo, eu nunca disse...

— Ah, meu querido. Você não precisa dizer. Você *sabe* que Annabeth estava perto de se unir às Caçadoras, não é?

Eu corei.

— Eu não tinha certeza...

— Ela estava a ponto de jogar a vida dela fora! E você, meu querido, você pode salvá-la disso. É tão romântico!

— Hum...

— Ah, abaixe o espelho — Afrodite ordenou. — Eu pareço bem.

Eu não tinha notado que ainda o estava segurando, mas assim que o abaixei, percebi que meus braços estavam doloridos.

— Agora preste atenção, Percy — Afrodite disse. — As Caçadoras são suas inimigas. Esqueça-as e a Ártemis e ao monstro. Isso não é importante. Você tem que se concentrar em achar e salvar Annabeth.

— Você sabe onde ela está?

Afrodite moveu sua mão irritadamente.

— Não, não, eu deixo os detalhes para você. Mas já faz eras que não temos uma boa história de amor trágica.

— Opa, em primeiro lugar, eu nunca disse nada sobre amor.

E segundo, o que é que há com *trágica!*

— O amor conquista tudo — Afrodite prometeu. — Olhe Helena e Páris. Eles deixaram algo ficar entre eles?

— Eles não começaram a Guerra de Tróia e fizeram milhares de pessoas morrerem?

— Besteira. Esse não é o ponto. Siga seu coração.

— Mas... eu não sei aonde ele está indo. Digo, meu coração.

Ela sorriu simpaticamente. Ela realmente era bonita. E não só por que ela tinha uma linda face ou algo assim. Ela acreditava tanto no amor, que era impossível não se sentir tonto quando ela falava a respeito.

— Não saber é metade da diversão — Afrodite disse. — Esquisitamente doloroso, não é? Não ter certeza de quem você ama e quem ama você? Oh, vocês crianças! É tão fofo que eu vou chorar.

— Não, não — eu disse. — Não faça isso.

— E não se preocupe — ela falou. — Eu não vou deixar isso ser chato e fácil para você. Não, eu tenho algumas surpresas maravilhosas na manga. Angústia. Indecisão. Oh, espere só.

— Está tudo realmente bem — eu disse a ela. — Não precisa se incomodar.

— Você é *tão* fofo. Eu gostaria que todas as minhas filhas pudessem quebrar o coração de um garoto tão amável quanto você. — Os olhos de Afrodite estavam se enchendo de lágrimas. — Agora, é melhor você ir. E seja cuidadoso no território do meu marido, Percy. Não pegue nada. Ele é altamente meticoloso em relação às suas porcarias e tranqueiras.

— O quê? — perguntei. — Você diz Hefesto?

Mas a porta do carro se abriu e Ares pegou meu ombro, colocando-me pra fora do carro e de volta na noite do deserto.

Minha audiência com a deusa do amor havia acabado.

— Você é sortudo, moleque — Ares me afastou da limusine.

— Seja grato.

— Pelo quê?

— Por nós sermos tão legais. Se fosse por mim...

— Então por que você não me matou? — eu atirei de volta. Era uma coisa estúpida para se dizer ao deus da guerra, mas estar perto dele sempre me deixa imprudente e zangado.

Ares acenou com a cabeça, como se eu finalmente tivesse dito algo inteligente.

— Eu adoraria matar você, sério — ele disse. — Mas veja, eu estou em uma situação. A conversa no Olimpo é que você pode começar a maior guerra da história. Eu não posso arriscar bagunçar isso. Além disso, Afrodite pensa que você é algum tipo de astro de novela ou algo assim. Se eu matar você, isso vai me deixar mal com ela. Mas não se preocupe. Eu não esqueci minha promessa. Algum dia em breve, garoto - *muito* em breve — você irá levantar sua espada pra lutar, e se lembrará da ira de Ares.

Eu fechei meus punhos.

— Por que esperar? Eu venci você uma vez. Como aquele tornozelo está se curando?

Ele deu um sorriso torto irônico.

— Nada mal, moleque. Mas você não conseguirá nada do mestre das provocações. Eu vou começar a luta quando eu estiver bem e pronto. Até lá... Dê o fora.

Ele estalou os dedos e o mundo deu uma volta completa, girando em uma nuvem de poeira vermelha. Eu caí no chão.

Quando eu me levantei de novo, a limusine se fora. A estrada, o restaurante de tacos, toda a cidade de Gila Claw se fora. Meus amigos e eu estávamos no meio do ferro-velho,

montanhas de metal sucateado espalhadas em todas as direções.

— O que ela *queria* com você? — Bianca perguntou, após eu ter contado a eles sobre Afrodite.

— Ah, hum, não tenho certeza — menti. — Ela disse para ser cuidadoso no ferro-velho do marido dela. Disse para não pegar nada.

Zoë estreitou seus olhos.

— A deusa do amor não faria uma viagem especial para contar a ti apenas isso. Sê cuidadoso, Percy. Afrodite já extraviou muitos heróis.

— Pela primeira vez eu concordo com Zoë — Thalia disse. — Você não pode confiar em Afrodite.

Grover estava me olhando de um jeito engraçado. Com a ligação empática e tudo mais, ele podia geralmente ler minhas emoções, e eu percebi que ele sabia exatamente sobre o que Afrodite conversou comigo.

— Então — eu disse ansioso para mudar de assunto, — como saímos daqui?

— Naquela direção — Zoë disse. — É o oeste.

— Como você sabe?

Na claridade da lua cheia eu fiquei surpreso do quão bem eu podia vê-la rolar os olhos pra mim.

— Ursa maior está ao norte — ela disse, — o que significa que *lá* é o oeste.

Ela apontou para o oeste, e então para uma constelação ao norte, que era difícil de perceber porque havia muitas outras estrelas.

— Ah, sim — eu disse. — A coisa do urso.

Zoë pareceu ofendida.

— Mostra algum respeito. Era um bom urso. Um oponente

digno.

— Você age como se fosse real.

— Caras — Grover cortou. — Olhem.

Nós havíamos chegado ao topo de uma montanha de sucata. Pilhas de objetos metálicos cintilavam à luz da lua: cabeças quebradas de cavalos de bronze, pernas de metal de estátuas humanas, carruagens destruídas, toneladas de escudos e espadas e outras armas, junto com coisas mais modernas, como carros que cintilavam ouro e prata, refrigeradores, máquinas de lavar e monitores de computador.

— Uau — disse Bianca. — Aquela coisa... parte dela parece com ouro de verdade.

— E é — disse Thalia severamente. — Como Percy disse, não toque em nada. Esse é o ferro-velho dos deuses.

— Sucata? — Grover pegou uma bonita coroa feita de ouro, prata e joias. Estava quebrada em um lado, como se tivesse sido partida por um machado. — Você chama isso de sucata? — Ele mordeu uma ponta e começou a mastigar. — É delicioso!

Thalia tomou a coroa de suas mãos.

— Estou falando sério!

— Olhe! — Bianca disse. Ela correu colina abaixo tropeçando em rolos de bronze e pratos de ouro. Ela pegou um arco que resplandecia prateado à luz da lua. — Um arco de Caçadora!

Ela uivou em surpresa quando o arco começou a encolher, e se tornou um grampo de cabelo com feitiço de uma lua crescente.

— É como a espada do Percy!

A expressão de Zoë era severa.

— Deixa-o, Bianca.

— Mas...

— Está aqui por alguma razão. Qualquer coisa que foi jogada neste ferro-velho deve permanecer nele. É defeituosa. Ou amaldiçoada.

Bianca relutantemente largou o grampo no chão.

— Eu não gosto deste lugar — Thalia disse. Ela apertou a haste de sua lança.

— Você acha que seremos atacados por refrigeradores assassinos? — perguntei.

Ela me deu uma olhada dura.

— Zoë está certa, Percy. Coisas são jogadas aqui por algum motivo. Agora venha, vamos atravessar este campo.

— Esta é a segunda vez que você concorda com Zoë — eu murmurei, mas Thalia me ignorou.

Nós começamos a trilhar nosso caminho através das colinas e vales de sucata. As coisas pareciam não ter fim, e se não fosse pela Ursa Maior nós ficaríamos perdidos. Todas as colinas se pareciam.

Eu gostaria de dizer que não mexemos em nada, mas tinha muita sucata legal pra não checarmos algumas. Eu achei uma guitarra elétrica no formato da lira de Apolo que era tão legal que eu tive que pegá-la. Grover achou uma árvore quebrada feita de metal. Ela foi fatiada em pedaços, mas alguns dos galhos ainda tinham pássaros dourados, e eles se balançaram quando Grover os pegou, tentando bater suas asas.

Finalmente, nós vimos o limite do ferro-velho cerca de um quilômetro a nossa frente, as luzes de uma autoestrada se alongando pelo deserto. Mas entre nós e a estrada...

— O que é aquilo? — Bianca ofegou.

Diante de nós estava uma colina muito maior e mais longa do que as outras. Era como um morro de metal com o topo

plano, da largura de um campo de futebol americano e tão alto quanto os postes do gol. No final do morro estava uma fileira de dez grossas colunas de metal forçadas hermeticamente juntas.

Bianca franziu suas sobrancelhas.

— Elas se parecem com...

— Dedos do pé — disse Grover.

Bianca acenou.

— Dedos muito, muito largos.

Zoë e Thalia trocaram olhares nervosos.

— Vamos contornar — Thalia disse. — *Bem longe.*

— Mas a estrada está logo ali — eu protestei. — É mais rápido escalarmos.

Ping.

Thalia preparou sua lança e Zoë sacou seu arco, mas então eu percebi que foi apenas Grover. Ele havia jogado um pedaço de metal sucateado nos dedos e acertou um, fazendo um longo eco, como se a coluna fosse oca.

— Por que fizeste isso? — Zoë exigiu.

Grover se encolheu.

— Eu não sei. Eu, hã, não gosto de pés falsos?

— Vamos — Thalia olhou para mim. — *Dar a volta.*

Eu não argumentei. Os dedos estavam começando a me assustar também. Quero dizer, quem esculpe dedos de metal de mais de três metros de altura e depois os crava em um ferrovelho?

Depois de vários minutos de caminhada, nós finalmente pisamos na autoestrada, uma abandonada, porém bem iluminada linha de asfalto negro.

— Nós conseguimos — disse Zoë. — Graças aos deuses.

Mas aparentemente os deuses não queriam ser agradecidos.

Naquele momento, eu ouvi um som parecido com mil compressores de lixo triturando metal.

Eu me virei. Atrás de nós, a montanha de sucata estava em ebulição, erguendo-se. Os dez dedos se moveram e eu percebi por que eles pareciam dedos. Eles *eram* dedos. A coisa que se ergueu do metal era um gigante de bronze em uma armadura grega completa. Ele era impossivelmente alto — um arranha-céu com pernas e braços. Ele brilhou assustadoramente à luz da lua. Ele olhou para nós e sua face estava deformada. O lado esquerdo estava parcialmente derretido. Suas juntas rangeram enferrujadas e no seu peito blindado, escrito em grossa poeira por algum dedo gigante, estavam as palavras LAVE-ME.

— Talos! — Zoë ofegou.

— Que.. quem é Talos? — eu gaguejei.

— Uma das criações de Hefesto — Thalia disse. — Mas não pode ser o original. É muito pequeno. Um protótipo talvez. Um modelo defeituoso.

O gigante de metal não gostou da palavra *defeituoso*.

Ele moveu uma mão para o cinturão de sua espada e desembainhou sua arma. O som dela saindo da bainha era horrível, metal chiando contra metal. A lâmina tinha mais de trinta metros de comprimento, fácil. Ela parecia enferrujada e cega, mas eu não imaginei que isso importasse. Ser atingido por aquela coisa seria como ser atingido por um navio de batalha.

— Alguém pegou algo — Zoë disse. — Quem pegou algo? Zoë olhou para mim acusadoramente.

Eu balancei minha cabeça.

— Eu sou um monte de coisas, mas eu não sou ladrão.

Bianca não disse nada. Eu poderia jurar que ela parecia culpada, mas eu não tive muito tempo para pensar sobre isso, porque o gigante defeituoso Talos deu um passo na nossa direção,

cobrindo metade da distância e fazendo a terra tremer.

— Corram! — Grover gritou.

Ótimo conselho, exceto pelo fato de que era inútil. Em um passo lento, aquela coisa poderia nos ultrapassar facilmente.

Nós nos separamos do modo como fizemos com o Leão da Nemeia. Thalia armou seu escudo e o segurou no alto enquanto corria na direção da autoestrada. O gigante brandiu sua espada e acertou uma fileira de cabos de força, os quais explodiram em faíscas que se espalharam no caminho de Thalia.

As flechas de Zoë assobiaram na direção da face do gigante, mas se despedaçaram inofensivamente contra o metal. Grover zurrou como um bebê bode e escalou uma montanha de metal.

Bianca e eu acabamos perto um do outro, escondendo-nos atrás de uma carruagem quebrada.

— Você pegou algo — eu disse. — Aquele arco.

— Não! — ela disse, mas a voz dela estava trêmula.

— Devolva! — falei. — Jogue isso fora!

— Eu... eu não peguei o arco! Além disso, é tarde demais.

— O que você pegou?

Antes que ela pudesse responder, eu ouvi um imenso barulho de rangido, e uma sombra escondeu o céu.

— Mova-se! — eu rasguei colina abaixo, Bianca logo atrás de mim, assim que o pé do gigante esfaляlhou uma cratera no lugar onde estávamos nos escondendo.

— Ei, Talos! — Grover gritou, mas o monstro levantou sua espada, olhando para Bianca e para mim.

Grover tocou uma rápida melodia em sua flauta. Lá na estrada, as linhas de força caídas começaram a dançar. Eu entendi o que Grover ia fazer um segundo antes de acontecer. Um dos postes com cabos de força ainda atados voou na direção da

parte de trás da perna de Talos e se amarrou em sua panturrilha. As linhas faiscaram e mandaram um choque de eletricidade para o traseiro do gigante.

Talos rodopiou, faiscando e rangendo. Grover havia conseguido alguns segundos para nós.

— Vamos! — eu disse a Bianca, mas ela continuou congelada.

Do seu bolso ela tirou uma pequena figura de metal, uma estátua de um deus.

— Era... era para Nico. Era a única estátua que ele ainda não tinha.

— Como você pode pensar em Mitomagia em uma hora dessas? — eu disse.

Havia lágrimas nos olhos dela.

— Jogue isso fora — falei. — Talvez o gigante nos deixe em paz.

Ela largou a estátua relutantemente, mas nada aconteceu.

O gigante continuou indo atrás de Grover. Ele apunhalou uma colina de sucata, errando Grover por alguns metros, mas a sucata fez uma avalanche sobre ele, e então eu não pude vê-lo mais.

— Não! — Thalia gritou. Ela apontou sua lança e um arco de relâmpagos azuis foram lançados, acertando o monstro em seu joelho enferrujado, que falhou. O gigante desmoronou, mas imediatamente começou a se levantar novamente. Era difícil dizer se ele podia sentir alguma coisa. Não havia nenhuma emoção em sua cara meio derretida, mas eu tive a impressão de que ele estava tão furioso quanto um guerreiro de metal de vinte andares de altura poderia estar.

Ele levantou seu pé para pisotear e eu vi que a sola era igual ao solado de um tênis. Tinha um buraco no calcanhar, como

um grande poço de serviço, e havia palavras vermelhas pintadas ao redor, as quais eu só decifrei quando o pé desceu: APENAS PARA MANUTENÇÃO.

— Hora da ideia maluca — eu disse.

Bianca olhou para mim nervosamente.

— Qualquer coisa.

Eu contei a ela sobre a escotilha de manutenção.

— Talvez haja um modo de controlar a coisa. Botões ou algo do tipo. Eu vou entrar lá.

— Como? Você vai ter que ficar embaixo do pé dele! Você vai ser esmagado.

— Distraia-o — eu disse. — Eu só tenho que acertar o tempo.

A mandíbula de Bianca travou.

— Não. Eu vou.

— Você não pode. É nova nisso! Você vai morrer.

— É minha culpa que o monstro veio atrás de nós — ela disse. — É minha responsabilidade. Aqui.

Ela pegou a pequena estátua de deus e apertou contra a minha mão.

— Se acontecer alguma coisa, dê isso a Nico. Diga a ele... diga a ele que sinto muito.

— Bianca, não!

Mas ela não estava esperando por mim. Ela correu na direção do pé esquerdo do monstro.

Thalia tinha a atenção dele no momento. Ela tinha aprendido que o gigante era grande, mas lento. Se você pudesse ficar perto dele e não ser esmagado, poderia correr ao redor e continuar vivo. Pelo menos estava funcionando até agora.

Bianca ficou perto do pé do gigante, tentando se equilibrar nas sucatas que balançavam e mexiam com o peso dele.

Zoë gritou.

— O que é que tu estás fazendo?

— Faça com que ele levante o pé! — ela disse.

Zoë atirou uma flecha na direção da face do monstro e ela voou direto para dentro de uma das narinas. O gigante se endireitou e balançou sua cabeça.

— Ei, Garoto Sucata! — gritei. — Aqui embaixo.

Eu corri até o seu dedão e o furei com Contracorrente. A lâmina mágica fez um corte no bronze.

Infelizmente, meu plano funcionou. Talos olhou para baixo e levantou seu pé para me esmagar como um inseto. Não vi o que Bianca estava fazendo. Tive que me virar e correr. O pé desceu cerca de cinco centímetros atrás de mim e eu fui jogado no ar.

Atingi algo duro e me sentei atordoado. Eu tinha sido jogado em um refrigerador de ar do Olimpo.

O monstro estava a ponto de acabar comigo, mas Grover de algum modo conseguiu se livrar da pilha de sucata. Ele tocou sua flauta freneticamente e sua música mandou outro poste de linha de força castigar a coxa de Talos. O monstro se virou. Grover deveria ter corrido, mas ele devia estar muito cansado pelo esforço de usar tanta mágica. Ele deu dois passos, caiu e não se levantou mais.

— Grover! — Thalía e eu corremos na direção dele, mas eu sabia que era tarde demais pra nós.

O monstro levantou sua espada para esmagar Grover. Então ele parou.

Talos acertou sua cabeça de um lado como se ele estivesse ouvindo uma estranha nova música. Ele começou a mover seus braços e pernas de maneiras estranhas, fazendo a Galinha Funk. Então ele fechou o punho e se deu um soco na cara.

— Vai, Bianca! — eu gritei.

Zoë pareceu horrorizada.

— Ela está *dentro*?

O monstro cambaleou, e eu percebi que nós ainda estávamos em perigo. Thalia e eu pegamos Grover e corremos com ele em direção à autoestrada. Zoë já estava à nossa frente. Ela gritou:

— Como Bianca vai sair?

O gigante se acertou na cabeça mais uma vez e largou sua espada. Uma tremedeira correu por todo o seu corpo e ele cambaleou na direção dos cabos de força.

— Cuidado! — gritei, mas já era muito tarde.

O tornozelo do gigante se embolou nas linhas e faíscas azuis de eletricidade passaram pelo seu corpo. Torci para que o interior fosse isolado. Eu não fazia ideia do que estava acontecendo lá. O gigante cambaleou de volta ao ferro-velho, e sua mão direita se soltou, caindo na sucata com um horrível CLANG!

Seu braço esquerdo se desprende também. Ele estava se partindo nas juntas.

Talos começou a correr.

— Espera!

Zoë gritou. Nós corremos atrás dele, mas não havia como nós acompanharmos. Pedacos do robô continuavam caindo, ficando no nosso caminho.

O gigante desmontou de cima a baixo: sua cabeça, seu peito e, finalmente, suas pernas desmoronaram. Quando alcançamos as ruínas nós procuramos freneticamente gritando o nome de Bianca. Nós engatinhamos entre as vastas partes vazias e as pernas e a cabeça. Nós procuramos até o sol começar a nascer, mas sem sorte.

Zoë se sentou e chorou. Eu estava atordoado por vê-la chorar.

Thalia gritou enfurecida e enfiou sua lança na face esmagada do gigante.

— Nós podemos continuar procurando — falei. — Está claro agora. Nós vamos encontrá-la.

— Não, nós não vamos — Grover disse miseravelmente. — Aconteceu exatamente como foi previsto.

— Do que você está falando? — perguntei.

Ele olhou pra mim com grandes olhos úmidos.

— A profecia. *Um se perderá na terra ressecada.*

Por que eu não tinha visto isso? Por que eu a deixei ir em meu lugar?

Ali estávamos nós no deserto. E Bianca di Angelo se fora.



TENHO UM PROBLEMA DE BARRAGEM

No limite do ferro-velho encontramos um reboque tão velho que deve ter se jogado fora por conta própria. Mas o motor ligou, e ele estava com o tanque cheio, então decidimos pegá-lo emprestado.

Thalia dirigiu. Ela não parecia tão atordoada quanto Zoë ou Grover ou eu.

— Os esqueletos ainda estão lá fora — ela nos lembrou.
— Precisamos continuar.

Ela navegou pelo deserto, debaixo do céu limpo e azul, a areia tão brilhante que doía olhar. Zoë sentou na frente com Thalia. Grover e eu nos sentamos no banco traseiro, encostados contra o reboque. O ar estava frio e seco, mas o clima bom parecia um insulto depois de perder Bianca.

Minha mão se fechou em volta da estatueta que tinha custado a vida dela. Eu ainda não podia dizer sequer de que deus ela deveria ser. Nico saberia.

Ó, deuses... o que eu ia dizer ao Nico?

Queria acreditar que Bianca ainda estava viva em algum lugar. Mas eu tinha o mau pressentimento de que ela realmente se fora.

— Deveria ter sido eu — disse. — Eu devia ter entrado no

gigante.

— Não diga isso! — Grover entrou em pânico. — É ruim o suficiente que Annabeth se foi, e agora Bianca. Você acha que eu suportaria se... — Ele fungou. — Você acha que *mais alguém* seria meu melhor amigo?

— Ah, Grover...

Ele enxugou os olhos com um pano oleoso que deixou seu rosto sujo, como se tivesse feito pintura de guerra.

— Eu... Eu estou bem.

Mas ele não estava bem. Desde o encontro no Novo México — o que quer que tenha acontecido quando aquele vento selvagem passou — ele aparentava estar realmente frágil, ainda mais emotivo que o normal. Eu estava com medo de falar com ele sobre isso, pois ele podia começar a berrar.

Pelo menos tem uma coisa boa em ter um amigo que perde o controle mais do que você. Eu percebi que não podia ficar deprimido. Precisava deixar de lado os pensamentos sobre Bianca e nos manter indo em frente, do jeito que Thalia estava fazendo. Imaginei sobre o que ela e Zoë estavam falando na parte da frente do reboque.

O reboque ficou sem combustível na beirada de um desfiladeiro de rio. Isso estava bem, uma vez que a estrada havia terminado.

Thalia saiu e bateu a porta. Imediatamente um dos pneus furou.

— Ótimo. Agora o quê?

Examinei o horizonte. Não havia muito para ver. Deserto em todas as direções, amontoados ocasionais de montanhas áridas apareciam aqui e ali. O desfiladeiro era a única coisa interessante. O rio em si não era muito grande, talvez uns quarenta metros de largura, água esverdeada com poucas corredeiras,

mas entalhava uma enorme cicatriz no deserto. Os penhascos rochosos desciam longe abaixo de nós.

— Há uma trilha — disse Grover. — Podemos chegar ao rio.

Tentei ver sobre o que ele estava falando, e finalmente notei uma minúscula saliência serpenteando ao longo da face do penhasco.

— É um caminho para bodes — eu disse.

— E? — ele perguntou.

— O resto de nós não é bode.

— Nós vamos conseguir — Grover falou. — Eu acho.

Pensei sobre isso. Já tinha encarado penhascos antes, mas não gostava deles. Então olhei para Thalia e vi o quanto ela tinha ficado pálida. O problema dela com alturas... ela nunca conseguiria fazer isso.

— Não — eu disse. — Eu, hã, acho que devemos ir mais longe rio acima.

Grover falou:

— Mas...

— Vamos — eu disse. — Uma caminhada não vai nos machucar.

Olhei de relance para Thalia. Os olhos dela diziam *obrigada* de forma breve.

Nós seguimos o rio durante quase um quilômetro antes de chegarmos a um declive mais leve que descia até a água. Na margem havia um serviço de aluguel de canoas que estava fechado para a temporada, mas eu deixei uma pilha de dracmas dourados em cima do balcão e uma nota dizendo *peguei duas canoas*.

— Devemos subir o rio — Zoë disse. Era a primeira vez que eu a escutava falar desde o ferro-velho, e estava preocupado

com como ela parecia mal, como uma pessoa gripada. — As corredeiras são muito velozes.

— Deixe isso comigo — falei. Nós colocamos as canoas na água.

Thalia me puxou de lado quando estávamos pegando os remos.

— Obrigada pelo que fez lá atrás.

— Não foi nada.

— Você realmente pode... — ela indicou as corredeiras com a cabeça. — Você sabe.

— Acho que sim. Geralmente sou bom com água.

— Você pode levar Zoë? — ela perguntou. — Acho que, hum, talvez você possa falar com ela.

— Ela não vai gostar disso.

— Por favor? Não sei se aguento ficar no mesmo bote que ela. Ela... ela está começando a me preocupar.

Era quase a última coisa que eu queria fazer, mas eu assenti.

Os ombros de Thalia relaxaram.

— Eu te devo uma.

— Duas.

— Uma e meia — Thalia disse.

Ela sorriu, e por um segundo me lembrei de que na verdade gostava dela quando ela não estava gritando comigo. Ela se virou e ajudou Grover a botar a canoa na água.

No final das contas, nem precisei controlar as correntezas. Logo que entramos no rio, olhei para a beirada do bote e encontrei um par de náiades me encarando.

Elas pareciam garotas adolescentes comuns, do tipo que você encontra no shopping, exceto pelo fato de que estavam embaixo d'água.

Ei, eu disse.

Elas fizeram um som borbulhante que deve ter sido uma risada. Eu não estava certo. Tinha dificuldade para entender náíades.

Estamos subindo o rio, contei a elas. Vocês acham que podem...

Antes que eu pudesse terminar, cada náíade escolheu uma canoa e começou a empurrar rio acima. Nós partimos tão rápido que Grover caiu dentro de sua canoa com os cascos balançando no ar.

— Odeio náíades — resmungou Zoë.

Um jato de água esguichou da traseira do bote e atingiu Zoë na cara.

— Diabinhas! — Zoë buscou seu arco.

— Opa — eu disse. — Elas estão apenas brincando.

— Malditos espíritos aquáticos. Eles nunca me perdoaram.

— Perdoaram pelo quê?

Ela jogou o arco de volta sobre o ombro.

— Foi há muito tempo. Não tem importância.

Nós aceleramos rio acima, os penhascos se elevando de ambos os lados.

— O que aconteceu com Bianca não foi culpa sua — disse a ela. — Foi minha culpa. Eu a deixei ir.

Pensei que isso daria a Zoë uma desculpa para começar a gritar comigo. Pelo menos isso poderia sacudi-la para que parasse de se sentir deprimida.

Em vez disso, seus ombros caíram bruscamente.

— Não, Percy. Eu a forcei a vir na missão. Eu estava muito ansiosa. Ela era uma poderosa meio-sangue. Tinha um coração gentil, também. Eu... eu pensei que ela seria a próxima tenente.

— Mas você é a tenente.

Ela agarrou a alça de sua aljava. Parecia mais cansada do que jamais a tinha visto.

— Nada dura para sempre, Percy. Por mais de dois mil anos eu liderei a Caça, e minha sabedoria não melhorou. Agora a própria Ártemis está em perigo.

— Olhe, você não pode se culpar por isso.

— Se eu tivesse insistido em ir com ela...

— Você acha que poderia ter lutado com algo poderoso o bastante para raptar Ártemis? Não há nada que você pudesse ter feito.

Zoë não respondeu.

Os penhascos ao longo do rio estavam ficando mais altos. Longas sombras caíam sobre a água, deixando-a muito mais gelada, ainda que o dia estivesse claro.

Sem pensar sobre isso, tirei Contracorrente do meu bolso. Zoë olhou para a caneta e sua expressão era sofrida.

— Você fez isso — eu disse.

— Quem contou a ti?

— Eu tive um sonho sobre isso.

Ela me estudou. Eu tinha certeza de que ela me chamaria de louco, mas ela apenas suspirou.

— Foi um presente. E um engano.

— Quem era o herói? — perguntei.

Zoë balançou a cabeça.

— Não me faças dizer o nome dele. Jurei nunca mais pronunciá-lo.

— Você age como se eu devesse conhecê-lo.

— Tenho certeza que conheces, herói. Vocês garotos não querem todos ser justamente como ele?

Sua voz estava tão amargurada que decidi não perguntar o que ela quis dizer. Olhei para Contracorrente e, pela primeira vez, imaginei se era amaldiçoada.

— Sua mãe era uma deusa da água? — perguntei.

— Sim, Pleione. Ela teve cinco filhas. Minhas irmãs e eu. As Hespérides.

— Essas eram as garotas que viviam em um jardim nos limites do Oeste. Com a árvore de maçãs douradas e um dragão que a guardava.

— Sim — Zoë disse, saudosa. — Ladão.

— Mas não eram somente quatro irmãs?

— Agora são. Fui exilada. Esquecida. Obscurecida como se nunca tivesse existido.

— Por quê?

Zoë apontou para a minha caneta.

— Porque eu traí minha família e ajudei um herói. Tu também não vais achar isso na lenda. Ele nunca falou sobre mim. Depois que seu ataque direto a Ladão falhou, dei a ele a ideia de como roubar as maçãs, como enganar meu pai, mas *ele* levou todo o crédito.

— Mas...

Glub, glub, a náíade falou em minha mente. A canoa estava desacelerando.

Olhei à frente, e vi por quê.

Isto era o mais longe que elas poderiam nos levar.

O rio estava bloqueado. Uma represa do tamanho de um campo de futebol estava no nosso caminho.

— Represa Hoover — disse Thalia. — É enorme.

Nós ficamos na beira do rio, olhando acima para uma curva de concreto que se elevava entre os penhascos. Pessoas estavam caminhando ao longo do topo da represa. Elas eram tão pequenas que pareciam pulgas.

As náíades foram embora resmungando muito — não com

palavras que eu pudesse entender, mas era óbvio que elas odiavam essa represa bloqueando o seu bonito rio.

Nossas canoas flutuaram de volta rio abaixo, rodopiando no rescaldo de uma das aberturas de descarga da represa.

— Mais de duzentos metros de altura — eu disse. — Construída na década de 30.

— Cinco milhões de acres cúbicos de água — Thalia falou. Grover suspirou.

— Maior projeto de construção dos Estados Unidos.

Zoë nos encarou.

— Como vós sabeis tudo isso?

— Annabeth — eu disse. — Ela gostava de arquitetura.

— Ela era louca por monumentos — Thalia falou.

— Despejava fatos o tempo todo — Grover fungou. — Tão irritante.

— Queria que ela estivesse aqui — falei.

Os outros assentiram. Zoë ainda estava olhando estranhamente para nós, mas eu não me importei. Parecia ser um destino cruel que nós tínhamos chegado até a Represa Hoover, uma das favoritas de Annabeth, e ela não estava aqui para ver.

— Nós devíamos subir lá — eu disse. — Por ela. Apenas para dizer que fomos.

— Sois malucos — Zoë decidiu. — Mas é lá que a estrada está. — Ela apontou para um imenso estacionamento perto do topo da represa. — Então, passeio turístico será.

Tivemos que andar por quase uma hora antes de acharmos uma passagem que levasse para a estrada. Ela ficava no lado leste do rio. Então nós caminhamos de volta na direção da represa. Estava frio e ventando no topo. De um lado, um grande lago se espalhava, rodeado por áridas montanhas do deserto. No outro

lado, a represa descia como a mais perigosa rampa de skate do mundo, indo até o rio mais de duzentos metros abaixo, e a água que espumava pelas aberturas da represa.

Thalia andava no meio da estrada, bem longe das beiradas. Grover continuava farejando o vento e parecendo nervoso. Ele não falou nada, mas eu sabia que ele havia sentindo cheiro de monstros.

— Quão perto eles estão? — perguntei.

Ele balançou a cabeça.

— Talvez não estejam perto. O vento na represa, o deserto ao nosso redor... o cheiro pode ser carregado por quilômetros. Mas está vindo de várias direções. Não gosto disso.

Eu também não. Já era quarta-feira, apenas dois dias antes do solstício de inverno, e nós tínhamos um longo caminho a percorrer. Não precisávamos de mais nenhum monstro.

— Tem uma lanchonete no centro de visitantes. — Thalia disse.

— Você esteve aqui antes? — perguntei.

— Uma vez. Para ver os guardiões. — Ela apontou para o fim da represa. Entalhadas na lateral do penhasco havia uma pequena praça e duas grandes estátuas de bronze. Elas meio que se pareciam com estatuetas do Oscar aladas.

— Elas foram dedicadas a Zeus quando a represa foi construída — disse Thalia. — Um presente de Atena.

Turistas estavam aglomerados em volta delas. Eles pareciam estar olhando para os pés das estátuas.

— O que eles estão fazendo? — perguntei.

— Esfregando os dedos — Thalia disse. — Eles acham que traz sorte.

— Por quê?

Ela balançou a cabeça.

— Mortais têm ideias malucas. Eles não sabem que as estátuas são consagradas para Zeus, mas sabem que há alguma coisa especial sobre elas.

— Quando você esteve aqui da última vez, elas falaram com você ou algo assim?

A expressão de Thalia escureceu. Eu podia dizer que ela viera aqui antes esperando exatamente isso...algum tipo de sinal do seu pai. Alguma ligação.

— Não. Elas não fazem nada. São apenas grandes estátuas de metal.

Pensei na última grande estátua de metal que havíamos encontrado. Aquilo não tinha ido muito bem. Mas decidi não tocar no assunto.

— Vamos achar a droga da lanchonete — Zoë disse. — Devemos comer enquanto podemos.

Grover esboçou um sorriso.

— A droga da lanchonete?

Zoë piscou.

— Sim. O que é engraçado?

— Nada — Grover disse, tentando manter a cara firme. — Eu poderia comer algumas drogas de batatas fritas.

Até Thalia riu com essa.

— E eu preciso usar a droga do banheiro.

Talvez fosse o fato de que nós estávamos tão cansados e esgotados emocionalmente, mas comecei a gargalhar, e Thalia e Grover se juntaram a mim, enquanto Zoë olhava para nós.

— Eu não entendo.

— Eu quero tomar água na droga do bebedouro — Grover disse.

— E... — Thalia tentou tomar fôlego. — Quero comprar uma droga de camiseta.

Rolei de rir, e continuaria gargalhando o dia inteiro, mas escutei um barulho:

— Moooo.

O sorriso derreteu no meu rosto. Imaginei se o barulho estava apenas na minha cabeça, mas Grover também parara de rir. Ele estava olhando ao redor, confuso.

— Eu acabei de escutar uma vaca?

— Uma droga de vaca? — riu Thalia.

— Não — disse Grover. — É sério.

Zoë escutou.

— Eu ouço nada.

Thalia estava olhando para mim.

— Percy, você está bem?

— Sim — eu disse. — Vão na frente. Eu alcanço vocês daqui a pouco.

— O que está errado? — Grover perguntou.

— Nada — falei. — Eu... eu apenas preciso de um minuto. Para pensar.

Eles hesitaram, mas acho que eu aparentava estar chateado, porque eles finalmente entraram no centro de visitantes sem mim. Assim que eles se foram, corri até o limite norte da represa e olhei em volta.

— Moo.

Ela estava no lago, quase dez metros abaixo, mas eu podia vê-la claramente: minha amiga do Estuário de Long Island, a vaca-serpente Bessie.

Olhei ao redor. Havia grupos de crianças correndo ao longo da represa. Vários cidadãos idosos. Algumas famílias. Mas ninguém aparentava estar prestando atenção em Bessie ainda.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei a ela.

— Moo!

A voz dela era alarmada, como se estivesse tentando me avisar sobre algo.

— Como você chegou aqui? — perguntei. Estávamos a milhares de quilômetros de Long Island, centenas de quilômetros no interior. De maneira nenhuma ela poderia ter nadado até aqui. Ainda assim, aqui estava ela.

Bessie nadou em círculo e bateu sua cabeça contra a lateral da represa.

— Moo!

Ela queria que eu fosse com ela. Estava me dizendo para me apressar.

— Não posso — disse a ela. — Meus amigos estão lá dentro.

Ela olhou para mim com seus tristes olhos castanhos. Então ela fez mais um ruído de urgência “Mooo!”, deu uma cambalhota e desapareceu dentro d’água.

Eu hesitei. Algo estava errado. Ela estava tentando me dizer isso. Considerei pular por cima da borda e segui-la, mas então eu fiquei tenso. Os pelos dos meus braços se eriçaram. Olhei abaixo para a estrada da represa em direção ao leste e vi dois homens andando vagarosamente na minha direção. Eles vestiam roupas de camuflagem cinza que tremeluziam por cima de seus corpos esqueléticos.

Eles passaram por um grupo de crianças e as empurraram para o lado. Uma criança gritou “Ei!”. Um dos guerreiros se virou, sua face se transformando momentaneamente em uma caveira.

— Ah! — a criança berrou, e todo seu grupo recuou.

Corri para o centro de visitantes.

Estava quase nas escadas quando escutei pneus cantando. No lado oeste da represa, um furgão preto desviou rapidamente

para uma parada no meio da estrada, quase batendo em alguns idosos.

As portas do furgão se abriram e mais guerreiros esqueletos se precipitaram para fora. Eu estava cercado.

Desci disparado pelas escadas e através da entrada do museu. O segurança no detector de metais berrou “Ei, garoto!” Mas eu não parei.

Corri pelo meio das exposições e me agachei atrás de um grupo de passeio. Procurei pelos meus amigos, mas não conseguia vê-los em lugar nenhum. Onde era a droga da lanchonete?

— Pare! — o cara do detector de metais gritou.

Não havia outro lugar para ir a não ser o elevador com o grupo de passeio. Eu me esgueirei para dentro assim que a porta se fechou.

— Vamos descer mais de duzentos metros — nossa guia turística falou, animada. Ela era uma guarda-florestal, com longo cabelo preto puxado para trás num rabo-de-cavalo e óculos coloridos. Acho que ela não percebeu que eu estava sendo perseguido. — Não se preocupem, senhoras e senhores, o elevador dificilmente quebra.

— Ele vai até a lanchonete? — perguntei a ela.

Algumas pessoas atrás de mim abafaram o riso. A guia turística me olhou. Alguma coisa no olhar dela fez minha pele formigar.

— Para as turbinas, meu jovem — a moça falou. — Você não estava escutando a minha fascinante apresentação lá em cima?

— Oh, hum, claro. Tem outro jeito de sair da represa?

— É um beco sem saída — um turista atrás de mim disse.

— Pelos céus. O único jeito de sair é pelo outro elevador.

As portas se abriram.

— Sigam em frente, pessoal — a guia turística nos disse. — Outro guarda-florestal está esperando por vocês no fim do corredor.

Não tive muita escolha a não ser sair com o grupo.

— E meu jovem — a guia turística chamou. Olhei para trás. Ela havia tirado seus óculos. Seus olhos eram surpreendentemente cinzas, como nuvens de tempestade. — Existe sempre uma saída para aqueles inteligentes o bastante para encontrá-la.

As portas se fecharam com a guia turística ainda dentro, deixando-me sozinho.

Antes que eu pudesse pensar muito sobre a mulher no elevador, um *ding* veio do canto. O segundo elevador estava abrindo, e eu escutei um som inconfundível — o tinir de dentes esqueléticos.

Corri até o grupo turístico, por um túnel entalhado na pedra sólida. Parecia continuar para sempre. As paredes eram úmidas, e o ar zunia com eletricidade e o rugido da água.

Saí em uma sacada em forma de U que dava vista para esta enorme área de armazéns. Quinze metros abaixo, enormes turbinas estavam ligadas. Era uma sala grande, mas eu não via nenhuma outra saída, a menos que eu quisesse pular dentro das turbinas e ser triturado para gerar eletricidade. E eu não queria.

Outro guia turístico estava falando no microfone, contando aos turistas sobre os suprimentos de água em Nevada. Rezei para que Thalia, Zoë e Grover estivessem bem. Eles podiam já ter sido capturados, ou estar comendo na lanchonete, completamente ignorantes de que estávamos sendo cercados. E que estupidez a minha: eu havia me aprisionado num buraco centenas de metros abaixo da superfície.

Fiz meu caminho ao redor da multidão, tentando não parecer óbvio. Havia um corredor no outro lado da sacada — talvez um lugar onde pudesse me esconder. Mantive minha mão em Contracorrente, pronto para atacar.

No momento em que cheguei ao lado oposto da sacada, meus nervos dispararam. Fiquei de costas para o pequeno corredor e observei o túnel pelo qual viera.

Então, bem atrás de mim eu escutei um agudo *Cbbb!* como a voz de um esqueleto.

Sem pensar, destampeí Contracorrente e girei, golpeando com minha espada.

A garota que eu tinha acabado de tentar fatiar ao meio gritou e deixou cair seu guardanapo.

— Ó, meu deus! — ela gritou. — Você sempre mata as pessoas quando elas assoam o nariz?

A primeira coisa que me veio à cabeça foi que a espada não a tinha machucado. Havia passado limpa através do seu corpo, inofensivamente.

— Você é mortal!

Ela olhou para mim incrédula.

— O que *isso* quer dizer? É claro que sou mortal! Como você passou essa espada pela segurança?

— Eu não... Espera, você pode ver que é uma espada?

A garota rolou os olhos, que eram verdes como os meus. Ela tinha cabelo crespo castanho avermelhado. Seu nariz também estava vermelho, como se estivesse gripada. Ela vestia um grande moletom marrom de Harvard e jeans cobertos de manchas de canetinha e pequenos buracos, como se ela usasse o tempo livre para espetá-los com um garfo.

— Bem, ou é uma espada ou é o maior palito de dente do mundo — ela disse. — E por que não me feriu? Quero dizer,

não que eu esteja reclamando. Quem é você? E, uau, o que é isso que você está vestindo? É feito de pelo de leão?

Ela me fez tantas perguntas, tão rápido, que era como se ela estivesse jogando pedras em mim. Eu não conseguia pensar no que falar. Olhei para as minhas mangas para ver se o casaco do Leão de Nemeia tinha de algum jeito voltado a ser pelo, mas continuava parecendo um casaco marrom de inverno pra mim.

Eu sabia que os guerreiros esqueleto ainda estavam me perseguindo. Não havia tempo a perder. Mas eu apenas encarei a menina ruiva. Então me lembrei do que Thalia fizera no Westover Hall para enganar os professores. Talvez eu pudesse manipular a Névoa.

Eu me concentrei bastante e estalei meus dedos.

— Você não vê uma espada — eu disse à garota. — É apenas uma caneta esferográfica.

Ela piscou.

— Hum... não. É uma espada, seu esquisito.

— Quem é você? — exigi.

Ela retrucou, indignada.

— Rachel Elizabeth Dare. Agora, você vai responder às minhas perguntas ou devo gritar pelos seguranças?

— Não! — eu disse. — Quero dizer, estou meio que com pressa. Estou com problemas.

— Com pressa ou com problemas?

— Hum, acho que os dois.

Ela olhou sobre os meus ombros e seus olhos se arregalaram.

— Banheiro!

— O quê?

— Banheiro! Atrás de mim! Agora!

Não sei por que, mas eu a escutei. Escorreguei para dentro

do banheiro masculino e deixei Rachel Elizabeth Dare permanecer do lado de fora. Depois, aquilo me pareceu covarde. Também estou quase certo de que salvou minha vida.

Ouvi os sons tiritantes e sibilantes dos esqueletos enquanto eles se aproximavam.

Meu aperto se intensificou em Contracorrente. O que eu estava pensando? Eu deixei uma garota mortal lá fora para morrer. Estava me preparando para surgir e lutar quando Rachel Elizabeth Dare começou a falar no seu jeito de metralhadora automática.

— Ó, meu deus! Vocês *viram* aquele garoto? Já era tempo de vocês chegarem aqui. Ele tentou me matar! Ele tinha uma espada, pelo amor de Deus. Vocês da segurança deixaram um espadachim lunático entrar em um monumento nacional? Quero dizer, nossa! Ele correu na direção daquelas coisas das turbinas. Acho que ele foi pela lateral ou algo assim. Talvez tenha caído.

Os esqueletos tiritaram excitadamente. Eu os escutei indo embora.

Rachel abriu a porta.

— Tudo limpo. Mas é melhor você se apressar.

Ela parecia abalada. Sua face estava pálida e suada.

Espiei o canto. Três guerreiros esqueleto estavam correndo em direção ao outro extremo da sacada. O caminho para o elevador estava livre por poucos segundos.

— Eu te devo uma, Rachel Elizabeth Dare.

— O que são essas coisas? — ela perguntou. — Pareciam...

— Esqueletos?

Ela assentiu, apreensiva.

— Faça um favor a si mesma — eu disse. — Esqueça isso. Esqueça que alguma vez me viu.

— Esquecer que você tentou me matar?
— É. Isso também.
— Mas quem é você?
— Percy — eu comecei a dizer. Então os esqueletos se viraram. — Tenho que ir!
— Que tipo de nome é Percy Tenho-que-ir?
Eu disparei para a saída.

A lanchonete estava repleta de crianças aproveitando a melhor parte do passeio — o almoço da represa. Thalia, Zoë e Grover estavam justamente se sentando com suas comidas.

— Temos que ir — ofeguei. — Agora!
— Mas nós acabamos de pegar nossos burritos! — Thalia disse.

Zoë se levantou, murmurando um antigo insulto grego.

— Ele está certo! Olhai.

As janelas da lanchonete envolviam todo o andar de observação, o que nos dava uma linda visão panorâmica do exército de esqueletos que viera nos matar.

Contei dois no lado leste da estrada da represa, bloqueando o caminho para o Arizona. Mais três no lado oeste, guardando Nevada. Todos estavam armados com cassetes e pistolas.

Mas nosso problema imediato estava bem mais próximo. Os três guerreiros esqueleto que estiveram me perseguindo na sala das turbinas apareciam agora nas escadas. Eles me viram do outro lado da lanchonete e rangeram seus dentes.

— Elevador! — Grover disse. Disparamos naquela direção, mas as portas se abriram com um agradável *ding*, e mais três guerreiros pisaram para fora. Todos os guerreiros foram contabilizados, menos o que Bianca tinha explodido em chamas no Novo México. Estávamos completamente cercados.

Então Grover teve uma ideia brilhante, totalmente no estilo Grover.

— Guerra de burritos! — ele gritou, e arremessou seu Guacamole Grande no esqueleto mais próximo.

Agora, se você nunca foi atingido por um burrito voador, considere-se sortudo. Em termos de projéteis letais, está no topo da lista junto com granadas e balas de canhão. O lanche de Grover acertou o esqueleto e derrubou completamente seu crânio de seus ombros. Não tenho certeza do que as outras crianças na lanchonete viram, mas elas enlouqueceram e começaram a jogar seus burritos e cestas de batatas fritas e refrigerantes umas nas outras, guinchando e gritando.

Os esqueletos tentaram mirar suas armas, mas foi inútil. Corpos e comidas e bebidas estavam voando por toda parte.

No caos, Thalia e eu derrubamos os outros dois esqueletos nas escadas e os mandamos voando para a mesa de condimentos. Então nós todos corremos escada abaixo, Guacamoles Grandes zunindo pelas nossas cabeças.

— E agora? — Grover perguntou quando fomos para o ar livre.

Eu não tinha uma resposta. Os guerreiros na estrada estavam se aproximando por ambos os lados. Atravessamos a rua correndo para o pavilhão com as estátuas aladas de bronze, mas isso apenas colocou nossas costas contra a montanha.

Os esqueletos se adiantaram, formando um semicírculo à nossa volta. Seus irmãos da lanchonete estavam correndo para se juntar a eles. Um ainda estava colocando seu crânio de volta sobre os ombros. Outro estava coberto de ketchup e mostarda. Mais dois tinham burritos alojados entre as suas costelas. Eles não pareciam felizes com isso. Sacaram seus cassetetes e avançaram.

— Quatro contra onze — Zoë murmurou. — E *eles* não podem morrer.

— Foi legal me aventurar com vocês — Grover disse, sua voz trêmula.

Algo brilhante capturou minha atenção pelo canto do meu olho. Olhei às minhas costas, para o pé da estátua.

— Uau — eu disse. — Os dedos deles realmente são brilhantes.

— Percy! — Thalia falou. — Este não é o momento.

Mas não consegui parar de encarar os dois caras gigantes de bronze com altas asas cortantes como abridores de cartas. Eles estavam marrons por sua exposição ao clima, exceto pelos dedos dos pés, que brilhavam como moedas novas por causa de todas as vezes que as pessoas os esfregaram para ter sorte.

Boa sorte. A benção de Zeus.

Pensei sobre a guia turística no elevador. Seus olhos cinzentos e seu sorriso. O que ela dissera? *Existe sempre uma saída para aqueles inteligentes o bastante para encontrá-la.*

— Thalia — eu disse. — Reze para o seu pai.

Ela me olhou fixamente.

— Ele nunca responde.

— Apenas esta vez — pedi. — Peça ajuda. Acho... acho que as estátuas podem nos dar alguma sorte.

Seis esqueletos ergueram suas armas. Os outros cinco avançaram com cassetetes. Quinze metros de distância. Dez metros.

— Faça logo! — gritei.

— Não! — Thalia disse. — Ele não vai me responder.

— Desta vez é diferente!

— Quem disse?

Eu hesitei.

— Atena, eu acho.

Thalia franziu a testa como se tivesse certeza que eu havia enlouquecido.

— Tente. — Grover pediu.

Thalia fechou os olhos. Seus lábios se mexeram em uma prece silenciosa. Coloquei minha própria prece para a mãe de Annabeth, esperando que eu estivesse certo sobre ter sido ela naquele elevador — sobre ela estar tentando nos ajudar a salvar sua filha.

E nada aconteceu.

Os esqueletos se aproximaram. Levantei Contracorrente para me defender. Thalia ergueu seu escudo. Zoë empurrou Grover para trás dela e mirou uma flecha na cabeça de um esqueleto.

Uma sombra caiu sobre mim. Pensei que talvez fosse a sombra da morte. Então percebi que era a sombra de uma asa enorme. Os esqueletos olharam para cima tarde demais. Um lampejo de bronze, e todos os cinco carregando cassetetes foram varridos para o lado.

Os outros esqueletos abriram fogo. Levantei meu casaco de leão para me proteger, mas nem precisava. Os anjos de bronze passaram à nossa frente e entrelaçaram suas asas como escudos. Balas retiniam nelas como chuva em teto ondulado. Ambos os anjos golpearam para fora, e os esqueletos saíram voando pela estrada.

— Cara, é tão bom levantar! — o primeiro anjo disse. Sua voz soava metálica e rústica, como se ele não tivesse bebido nada desde que fora construído.

— ‘Cê’ vai olhar pros meus dedos? — o outro falou. — Santo Zeus, o que esses turistas estavam pensando?

Por mais atordoado que eu estivesse com os anjos, eu estava mais preocupado com os esqueletos. Alguns deles estavam se

levantando de novo, reagrupando-se, mãos ossudas tateando por suas armas.

— Problema! — eu disse.

— Tirem-nos daqui! — Thalia gritou.

Os dois anjos olharam para ela.

— Filha de Zeus?

— Sim!

— Posso ter um *por favor*, Senhorita Filha de Zeus? — um anjo perguntou.

— Por favor!

Os anjos olharam um para o outro e deu de ombros.

— Podia me esticar um pouco — um decidiu.

De repente um deles agarrou Thalia e a mim, o outro agarrou Zoë e Grover, e nós voamos direto para cima, sobre a represa e o rio, os guerreiros esqueleto diminuindo até serem minúsculos pontos abaixo de nós e o som de tiros ecoando nas laterais das montanhas.

LUTO COM O GÊMEO MALVADO DO PAPAI
NOEL

— Avise-me quando acabar — Thalia disse. Seus olhos bem fechados. A estátua estava nos segurando de forma a que não pudéssemos cair, mas ainda assim Thalia agarrava seu braço como se fosse a coisa mais importante no mundo.

— Está tudo bem — prometi.

— Estamos... nós estamos muito alto?

Eu olhei para baixo. Abaixo de nós, uma cordilheira de montanhas nevadas ziguezagueava. Eu estiquei meu pé e chutei a neve de um dos picos.

— Não — falei. — Não tão alto.

— Nós estamos nas Sierras. — Zoë gritou. Ela e Grover estavam pendurados nos braços da outra estátua. — Eu cacei aqui antes. A essa velocidade, nós devemos estar em São Francisco em algumas horas.

— Ei, ei, Frisco! — nosso anjo disse. — Ei, Chuck! Nós podemos visitar aqueles caras do Monumento Mechanics de novo! Eles sabem como fazer uma festa!

— Ah, cara — o outro anjo disse. — Eu *já* estou lá!

— Vocês já visitaram São Francisco? — eu perguntei.

— Nós autômatos precisamos nos divertir de vez em

quando, certo? — nossa estátua disse. — Aquelas máquinas nos levaram para o Museu Young e nos apresentaram para essas damas estátuas de mármore, sabe. E...

— Hank! — a outra estátua Chuck cortou. — Eles são crianças, cara.

— Ah, certo. — Se bronze podia corar, eu juro que Hank corou. — De volta ao voo.

Nós aceleramos, então eu podia dizer que os anjos estavam animados. As montanhas se tornaram morros, e então estávamos ziguezagueando sobre propriedades agrícolas e cidades e rodovias.

Grover tocava sua flauta para passar o tempo. Zoë ficou entediada e começou a atirar flechas a esmo em painéis conforme voávamos por eles. Toda vez que ela via uma loja de departamento alvo — e nós passamos por várias delas — ela cravava o letreiro da loja com alguns olhos de touro a cento e sessenta quilômetros por hora.

Thalia manteve seus olhos fechados o tempo todo. Ela murmurava muito para si mesma, como se estivesse rezando.

— Você fez bem lá trás — eu disse a ela. — Zeus ouviu.

Era difícil dizer o que ela estava pensando com os olhos dela fechados.

— Talvez — ela disse. — Como você escapou dos esqueletos na sala do gerador, de qualquer forma? Você disse que eles o encurralaram.

Eu contei a ela sobre a estranha garota mortal, Rachel Elizabeth Dare, que parecia ser capaz de ver através da Névoa. Eu pensei que Thalia ia me chamar de louco, mas ela apenas assentiu.

— Alguns mortais são assim — ela falou. — Ninguém sabe por quê.

De repente eu tive uma revelação sobre algo que eu nunca havia considerado.

Minha mãe era assim. Ela viu o Minotauro na Colina Meio-Sangue e soube exatamente o que era. Ela não havia ficado nem um pouco surpresa ano passado quando eu disse a ela que meu amigo Tyson era realmente um Ciclope. Talvez ela soubesse o tempo todo. Não é de surpreender que ela tenha temido tanto por mim conforme eu crescia. Ela via através da Névoa melhor do que eu.

— Bem. A garota era irritante — eu disse. — Mas estou feliz que eu não a vaporizei. Isso teria sido ruim.

Thalia assentiu.

— Deve ser bom ser uma simples mortal. — Ela disse isso como se tivesse pensado muito sobre o assunto.

— Onde vocês querem pousar? — Hank perguntou, acordando-me de uma soneca.

Eu olhei para baixo e disse:

— Uau.

Eu havia visto São Francisco em fotografias, mas nunca ao vivo. Era provavelmente a cidade mais bonita que eu já tinha visto: um tipo menor, e mais limpo de Manhattan, se Manhattan fosse cercada de colinas verdes e neblina. Havia uma enorme baía e navios, ilhas e veleiros, e a Ponte Golden Gate projetando-se da neblina. Eu me sentia como se devesse tirar uma foto ou algo assim. *Saudações de Frisco. Não Morri Ainda. Querria Que Você Estivesse Aqui.*

— Lá — Zoë sugeriu. — No Edifício Embarcadero.

— Bem pensado — Chuck disse. — Eu e Hank podemos nos misturar com os pombos.

Nós todos olhamos para ele.

— Tô brincando — ele disse. — Nossa, estátuas não podem ter senso de humor?

Como ficou demonstrado, não havia necessidade de se misturar. Era cedo pela manhã e não havia muitas pessoas ao redor. Nós assustamos um sem-teto na doca quando pousamos. Ele berrou quando viu Hank e Chuck e fugiu gritando algo sobre anjos de metal de Marte.

Nós dissemos adeus aos anjos, que voaram para farrear com seus amigos estátuas. Foi aí que eu percebi que não tinha ideia sobre o que iríamos fazer em seguida.

Nós havíamos chegado à Costa Oeste. Ártemis estava aqui em algum lugar. Annabeth também, eu esperava. Mas eu não fazia ideia de como achá-las, e amanhã seria o solstício de inverno. E eu também não tinha nenhuma pista sobre qual monstro Ártemis estava caçando. Imaginava-se que iria *nos* encontrar durante a missão. Supostamente iria ‘mostrar a trilha’, mas nunca o fez. Agora estávamos empacados na doca das balsas com pouco dinheiro, sem amigos, e sem sorte.

Depois de uma breve discussão, nós concordamos que precisávamos descobrir quem era o misterioso monstro.

— Mas como? — perguntei.

— Nereu — Grover disse.

Eu olhei para ele.

— O quê?

— Não foi isso que Apolo lhe disse para fazer? Achar Nereu?

Eu assenti. Havia esquecido completamente minha última conversa com o deus do sol.

— O velho homem do mar — eu me lembrei. — Eu devo encontrá-lo e forçá-lo a nos dizer o que ele sabe. Mas como vou achá-lo?

Zoë fez uma cara.

— Velho Nereu, é?

— Você o conhece? — Thalia perguntou.

— Minha mãe era uma deusa do mar. Sim, eu o conheço. Infelizmente, ele não é difícil de ser encontrado. É só seguir o cheiro.

— O que você quer dizer? — eu perguntei.

— Vamos — ela disse sem entusiasmo. — Eu vos mostrarei.

Eu sabia que estava com problemas quando nós paramos na caixa de doações. Cinco minutos depois, Zoë me vestiu com uma esfarrapada camisa de flanela e jeans três vezes o meu tamanho, tênis vermelhos brilhantes, e um desleixado chapéu colorido.

— Ah, é — Grover disse, tentando não estourar de rir, — você parece completamente imperceptível agora.

Zoë acenou com satisfação.

— Um típico mendigo.

— Muito obrigado — resmunguei. — Novamente, por que estou fazendo isso?

— Eu disse a ti. Para se misturar.

Ela foi na frente no caminho de volta para a margem. Depois de um longo tempo procurando nas docas, Zoë finalmente parou de rastrear. Ela apontou para um píer onde vários sem-teto estavam amontoados com cobertores, esperando pela cozinha da sopa abrir para o almoço.

— Ele vai estar lá embaixo em algum lugar — Zoë disse. — Ele nunca viaja muito longe da água. Ele gosta de se aquecer durante o dia.

— Como eu sei qual deles é ele?

— Investiga — ela disse. — Age como sem-teto. Vais reconhecerê-lo. Ele vai cheirar... diferente.

— Ótimo. — Eu não quis perguntar por detalhes. — E quando eu o encontrar?

— Agarra-o — ela disse. — E segura firme. Ele vai tentar qualquer coisa para se livrar de ti. Independente do que ele faça, não o deixa ir. Força-o a dizer-te sobre o monstro.

— Nós protegeremos as suas costas — Thalia disse. Ela pegou algo nas costas da minha camiseta — um grande monte de fiapos que veio sabe-se-lá-de-onde.

— Hãã. Pensando melhor... eu não quero as suas costas. Mas nós vamos ficar firmes por você.

Grover me deu um sinal de aprovação.

Eu resmunguei como era bom ter amigos superpoderosos. Então fui para a doca.

Eu baixei meu chapéu e cambaleei como se estivesse prestes a desmaiar, o que não era difícil considerando o quão cansado eu estava. Eu passei pelo nosso amigo sem-teto do Embarcadero, o qual ainda estava tentando avisar os outros sobre os anjos de metal de Marte.

Ele não cheirava bem, mas não cheirava... diferente. Eu continuei caminhando.

Um par de caras encardidos que usavam sacolas de plástico de supermercado como chapéus me checaram quando me aproximei.

— Cai fora, garoto! — um deles balbuciou.

Eu me afastei. Eles cheiravam realmente mal, mas somente o ruim usual. Nada fora do comum.

Havia uma senhora com um bando de flamingos de plástico saindo de um carrinho de compras. Ela me olhou como se eu fosse roubar seus pássaros.

No final do píer, um cara que parecia ter um milhão de anos passou por uma faixa de luz. Ele usava pijamas e um roupão esfiapado que provavelmente devia ter sido branco. Ele era gordo, com uma barba branca que havia se tornado amarela, como uma espécie de Papai Noel, se Noel tivesse rolado da cama e se arrastado por um aterro.

E o cheiro dele?

Conforme eu cheguei perto, eu congelei. Ele cheirava mal, certo — mas *oceano* mal. Como algas marinhas quentes e peixe morto e salmoura. Se o oceano tinha um lado feio... este cara era esse lado.

Eu tentei não passar mal quando me sentei perto dele como se estivesse cansado. Noel abriu um olho suspeitamente. Eu podia senti-lo me encarando, mas eu não olhei. Eu balbuciei algo sobre escola estúpida e estúpidos pais, calculando que pareceria razoável.

Papai Noel voltou a dormir.

Eu enrijeci. Eu sabia que isso ia parecer estranho. Eu não sabia como os outros sem-teto iriam reagir. Mas eu pulei no Papai Noel.

— Ahhhhh! — ele gritou. Eu pretendia agarrá-lo, mas ao invés disso ele pareceu me agarrar. Era como se ele não estivesse adormecido absolutamente. Ele certamente não agia como um homem velho e fraco. Ele tinha um aperto de aço. — Ajudem-me! — ele gritou enquanto me espremia até a morte.

— Isso é crime! — um dos outros sem-teto gritou. — Garoto rolando um velho assim!

Eu rolei, certo — direto pra baixo do píer até que minha cabeça bateu em um poste. Eu fiquei tonto por um segundo, e o aperto de Nereu afrouxou. Ele estava fazendo uma pausa.

Antes que ele conseguisse, eu recuperei meus sentidos e o ataquei pelas costas.

— Eu não tenho dinheiro! — Ele tentou ficar de pé e correr, mas eu travei meus braços em torno do seu peito. Seu cheiro de peixe podre era horrível, mas eu persisti.

— Eu não quero dinheiro — eu disse enquanto ele lutava. — Eu sou um meio-sangue! Eu quero informação.

Isso só o fez se debater mais.

— Heróis! Por que vocês sempre vêm atrás de mim?

— Porque você sabe tudo!

Ele rosnou e tentou me sacudir para fora de suas costas. Era como me segurar a uma montanha russa. Ele batia a sua volta, tornando impossível ficar em pé, mas eu cerrei meus dentes e apertei mais. Nós fomos em direção à beirada do píer e eu tive uma ideia.

— Oh, não! — falei. — A água não!

O plano funcionou. Imediatamente, Nereu gritou em triunfo e pulou da beirada. Juntos, nós mergulhamos na Baía de São Francisco.

Ele deve ter ficado surpreso quando eu apertei com mais força, o oceano me suprindo com energia extra. Mas Nereu tinha alguns truques também. Ele mudou de forma até que eu estava segurando uma lustrosa foca negra.

Eu já ouvi pessoas fazendo piadas sobre tentar agarrar um porco besuntado, mas eu vou te contar, agarrar uma foca na água é mais difícil. Nereu mergulhou, torcendo, debatendo e espiralando através da água escura. Se eu não fosse filho de Poseidon, de jeito nenhum teria conseguido segurá-lo.

Nereu girou e se expandiu, tornando-se uma baleia assassina, mas eu agarrei sua barbatana dorsal quando ele surgiu da água.

Todo um grupo de turistas gritou:

— Uau!

Eu consegui acenar para a multidão.

É, nós fazemos isso todos os dias em São Francisco.

Nereu mergulhou na água e se tornou uma enguia viscosa. Eu comecei a dar um nó nele até que ele percebeu o que eu estava fazendo e voltou para a forma humana.

— Por que você não se afoga? — ele se lamentou, agredindo-me com seus punhos.

— Eu sou filho de Poseidon — eu disse.

— Maldito oportunista! Eu estava aqui primeiro!

Finalmente ele desmoronou na beira da doca. Acima de nós estava um daqueles píeres turísticos com lojas alinhadas, como um shopping na água. Nereu estava se agitando e ofegando. Eu me sentia ótimo. Poderia ter continuado por todo o dia, mas não disse isso a ele. Queria que ele sentisse como se tivesse me dado trabalho.

Meus amigos desceram correndo os degraus do píer.

— Tu o pegaste! — Zoë disse.

— Você não precisa soar tão surpresa — eu disse.

Nereu lastimou-se.

— Oh, maravilha. Uma audiência para minha humilhação! O acordo usual, imagino? Você me deixará ir se eu responder a sua pergunta?

— Eu tenho mais de uma pergunta — falei.

— Somente uma pergunta por captura! Essa é a regra.

Eu olhei para os meus amigos.

Isso não era bom. Eu precisava achar Ártemis, e precisava descobrir o que a criatura apocalíptica era. E também precisava saber se Annabeth ainda estava viva, e como resgatá-la. Como eu poderia perguntar tudo isso em uma questão?

Uma voz dentro de mim estava gritando: *Pergunte sobre Annabeth!*

Era com o que eu mais me importava.

Mas então eu imaginei o que Annabeth diria. Ela nunca me perdoaria se eu a salvasse e não salvasse o Olimpo. Zoë iria querer que eu perguntasse sobre Ártemis, mas Quíron nos disse que o monstro era ainda mais importante.

Eu suspirei.

— Tudo bem, Nereu. Diga-me onde achar este terrível monstro que pode trazer um fim aos deuses. O que Ártemis estava caçando.

O Velho Homem do Mar sorriu, mostrando seus dentes verdes musgosos.

— Ah, isso é muito fácil — ele disse diabolicamente. — Ele está bem aqui.

Nereu apontou para a água aos meus pés.

— Onde? — eu disse.

— O acordo está completo! — Nereu se alegrou. Com um pop, ele se tornou um peixe dourado e se arremessou para trás no mar.

— Você me enganou! — gritei.

— Espere. — Os olhos de Thalia se alargaram. — O que é isso?

— MOOOOOOOOO!

Eu olhei para baixo, e lá estava minha amiga a vaca-serpente, nadando perto da doca. Ela cutucou meu calçado e me deu o triste olhar castanho.

— Ah, Bessie — eu disse. — Agora não.

— Moou!

Grover ofegou.

— Ele diz que seu nome não é Bessie.

— Você pode entendê-la... er, entendê-lo?

Grover assentiu.

— É uma forma antiga de linguagem animal. Mas ele diz que o nome dele é o Ofiotauro.

— O Ofi-quê?

— Significa vaca serpente em grego — Thalia disse. — Mas o que ele faz aqui?

— Moooooooooo!

— Ele disse que Percy é seu protetor — Grover anunciou. — E ele está fugindo das pessoas más. Disse que eles estão próximos.

Eu estava me perguntando como você captou tudo isso de um simples *mooooooooo*.

— Espera — Zoë disse, olhando para mim. — Conheces essa vaca?

Eu estava me sentindo impaciente, mas contei a eles a história.

Thalia balançou sua cabeça em descrença.

— E você simplesmente se esqueceu de mencionar isso antes?

— Bem... é. — Isso pareceu tolo, agora que ela havia falado, mas as coisas tinham acontecido tão depressa. Bessie, o Ofiotauro, pareceu um detalhe menor.

— Eu sou uma tola — Zoë disse subitamente. — Eu conheço a história!

— Qual história?

— Da Guerra dos Titãs — ela falou. — Meu... meu pai me contou a lenda, milhares de anos atrás. Está é a besta que estamos procurando.

— Bessie? — eu olhei para a vaca-serpente. — Mas... ele é tão fofo. Ele não poderia destruir o mundo.

— Isto é o porquê de estarmos errados — Zoë disse. — Nós vínhamos antecipando um monstro enorme e perigoso, mas o Ofiotauro não traz o fim dos deuses dessa forma. Ele deve ser sacrificado.

— MMMM — Bessie mugiu.

— Eu não acho que ele goste da palavra com S — Grover disse.

Eu dei um tapinha na cabeça de Bessie, tentando acalmá-lo. Ele me deixou coçar sua orelha, mas ele estava tremendo.

— Como qualquer um poderia machucá-lo? — falei. — Ele é inofensivo.

Zoë assentiu.

— Mas há poder em matar um inocente. Um terrível poder. As Parcas fizeram uma profecia eras atrás, quando esta criatura nasceu. Elas disseram que quem matasse o Ofiotauro e sacrificasse suas entranhas no fogo teria o poder de destruir os deuses.

— MMMMMM!

— Hum — Grover disse. — Talvez pudéssemos evitar falar em *entranhas*, também.

Thalia olhou para a vaca-serpente com espanto.

— O poder para destruir os deuses... como? Eu quero dizer, o que poderia acontecer?

— Ninguém sabe — Zoë disse. — Da primeira vez, durante a Guerra dos Titãs, o Ofiotauro foi na verdade assassinado por um gigante aliado dos Titãs, mas teu pai, Zeus, enviou uma águia para agarrar as entranhas antes que elas pudessem ser jogadas no fogo. Foi por pouco. Agora, depois de três mil anos, o Ofiotauro renasceu.

Thalia se sentou na doca. Ela esticou sua mão. Bessie foi direto para ela. Thalia colocou sua mão na cabeça dele. Bessie tremeu.

A expressão de Thalia me incomodou. Ela quase parecia... faminta.

— Nós temos que protegê-lo — eu disse a ela. — Se Luke puser as mãos nele...

— Luke não hesitaria — Thalia murmurou. — O poder para derrubar o Olimpo. Isto é... isto é grande.

— Sim, é, minha querida — disse a voz de um homem com um sotaque francês carregado. — E é um poder que *você* deve libertar.

O Ofiotauro fez um som de lamúria e submergiu.

Eu olhei para cima. Nós estivéramos tão ocupados conversando, que permitidos sermos cercados.

Parado atrás de nós, seus olhos de duas cores reluzindo cruelmente, estava o Dr. Espinheiro, a manticora em pessoa.

— Isto é simplesmente perrrr-feito — a manticora se alegrou.

Ele estava usando um roto sobretudo preto sobre seu uniforme da Westover Hall, o qual estava rasgado e manchado. Seu cabelo cortado em estilo militar havia crescido espigado e gorduroso. Ele não havia se barbeado recentemente, de forma que seu rosto estava coberto por uma penugem prateada. Basicamente ele não parecia muito melhor que os caras lá na cozinha da sopa.

— Há muito tempo, os deuses me baniram para a Pérsia — a manticora disse. — Eu fui forçado a furtar comida nos limites do mundo, escondendo-me em florestas, devorando insignificantes fazendeiros humanos em minhas refeições. Eu nunca pude lutar com grandes heróis. Eu não era temido e admirado nas histórias antigas! Mas agora isso vai mudar. Os Titãs me honrarão, e eu me banqueteari na carne de meio-sangues!

Em ambos os lados dele estavam dois seguranças armados,

alguns dos mortais mercenários que eu havia visto em D.C. Mais dois estavam na próxima doca, para o caso de tentarmos escapar por lá. Havia turistas por todos os lados — descendo para a margem do mar, comprando no píer acima de nós — mas eu sabia que isso não impediria a manticora de agir.

— Onde... onde estão os esqueletos? — eu perguntei à manticora.

Ele sorriu com escárnio.

— Eu não preciso daqueles mortos-vivos estúpidos! O General pensa que sou inútil? Ele vai mudar de ideia quando eu mesmo derrotar você!

Eu precisava de tempo para pensar. Eu precisava salvar Bes-sie. Eu podia mergulhar no mar, mas como poderia realizar uma fuga rápida com uma vaca-serpente de mais de duzentos quilos? E o que seria dos meus amigos?

— Nós já vencemos você antes — eu disse.

— Ha! Vocês mal conseguiram lutar comigo com uma deusa do seu lado. E, aliás... aquela deusa está ocupada no momento. Não haverá ajuda para vocês agora.

Zoë encaixou uma flecha e mirou diretamente na cabeça da manticora. Os guardas em ambos os lados levantaram suas armas.

— Espere! — falei. — Zoë, não!

A manticora sorriu.

— O garoto está certo, Zoë Doce-Amarga. Coloque seu arco de lado. Seria uma pena matar vocês antes que testemunhem a maior vitória de Thalia.

— Do que você está falando? — Thalia rosnou. Ela tinha seu escudo e lança prontos.

— Certamente está claro — a manticora disse. — Este é o seu momento. Isto é o porquê de Lorde Cronos ter trazido você

de volta à vida. Você sacrificará o Ofiotauro. Você trará as entranhas para o fogo sagrado da montanha. Você ganhará poder ilimitado. E no seu décimo sexto aniversário, você derrubará o Olimpo.

Ninguém falou. Fazia um sentido terrível. Thalia estava a apenas dois dias de fazer dezesseis. Ela era filha de um dos Três Grandes. E aqui estava uma escolha, uma terrível escolha que poderia significar o fim dos deuses. Era justamente como a profecia disse. Eu não sabia se me sentia aliviado, horrorizado, ou desapontado. Eu não era o garoto da profecia afinal. O juízo final estava acontecendo agora.

Eu esperei que Thalia repreendesse a manticora, mas ela hesitou. Ela parecia completamente surpresa.

— Você sabe que é a escolha certa — a manticora disse a ela. — Seu amigo Luke reconheceu isso. Você se reunirá a ele. Vocês governaram este mundo juntos sob a égide dos Titãs. Seu pai a abandonou, Thalia. Ele não liga para você. E agora você ganhará poder sobre ele. Esmague os Olímpianos sob seus pés, como eles merecem. Chame a besta! Ela virá até você. Use sua lança.

— Thalia — eu disse, — acabe com isso!

Ela olhou para mim do mesmo jeito que na manhã em que acordou na Colina Meio-Sangue, confusa e incerta. Era quase como se ela não me conhecesse.

— Eu... eu não...

— Seu pai a ajudou — falei. — Ele enviou os anjos de metal. Ele a transformou em árvore para preservar você.

Sua mão apertou o cabo de sua lança.

Eu olhei para Grover desesperadamente. Graças aos deuses, ele entendeu o que eu precisava. Ele ergueu sua flauta para sua boca e tocou uma rápida repetição de notas.

A manticora gritou:

— Impeça-o!

Os guardas estavam mirando em Zoë, e antes que eles pudessem perceber que o garoto com a flauta era o maior problema, das tábuas de madeira aos seus pés brotaram novos ramos que se emaranharam em suas pernas. Zoë soltou duas flechas rápidas que explodiram aos pés deles em uma nuvem amarela de gás sulfuroso. Flechas de peido!

Os guardas começaram a tossir. A manticora atirou espinhos na nossa direção, mas eles ricochetearam no meu casaco de leão.

— Grover — eu disse, — diga a Bessie para mergulhar fundo e ficar lá!

— Moooooo! — Grover traduziu. Eu podia apenas esperar que Bessie entendesse a mensagem.

— A vaca... — Thalia murmurou, ainda confusa.

— Vamos! — eu a puxei conforme corríamos pela escadaria para o shopping center no píer. Nós arrancamos pela esquina da loja mais próxima. Eu ouvia a manticora gritando com seus seguranças, “Peguem-nos!”. Turistas gritavam conforme os guardas atiravam cegamente para o ar.

Nós nos misturamos no fim do píer. Escondemo-nos atrás de um pequeno quiosque cheio de lembrancinhas de cristal — sinos de vento e pescadores sonhadores e coisas do tipo, brilhando à luz do sol. Havia uma fonte perto de nós. Abaixo, havia um monte de leões-marinhos tomando sol nas rochas. Toda a Baía de São Francisco espalhava-se à nossa frente: a Ponte Golden Gate, a Ilha de Alcatraz, e as colinas verdes e além para o norte a neblina. Uma imagem perfeita, salvo pelo fato de que estávamos prestes a morrer e o mundo iria acabar.

— Vai pelo outro lado! — Zoë me disse. — Podes escapar

pelo mar, Percy. Pede ajuda a teu pai. Talvez possas salvar o Ofiotauro.

Ela estava certa, mas eu não podia fazer isso.

— Eu não vou deixar vocês — falei. — Nós lutaremos juntos.

— Você deve avisar o acampamento! — Grover disse. — Pelos menos os deixe saber o que está acontecendo!

Então eu notei os cristais fazendo arco-íris na luz do sol. Era a fonte perto de mim...

— Avisar o acampamento — murmurei. — Boa ideia.

Eu desencapei Contracorrente e golpeei o topo da fonte. Água surgiu pelo cano cortado e nos borrifou.

Thalia se sobressaltou quando a água a atingiu. A névoa pareceu clarear em seus olhos.

— Você está maluco? — ela perguntou.

Mas Grover entendeu. Ele já estava procurando em seus bolsos por uma moeda. Ele jogou um dracma de ouro no arco-íris criado pela névoa e gritou:

— Ó deusa, aceite minha oferenda!

A névoa ondulou.

— Acampamento Meio-Sangue — eu disse.

E lá, tremulando na Névoa ao nosso lado, estava a última pessoa que eu queria ver: Sr. D, usando agasalho de pele de leopardo e remexendo na geladeira.

Ele levantou o olhar preguiçosamente.

— Vocês se importam?

— Onde está Quíron! — eu gritei.

— Que grosseria. — Sr. D tomou um gole de um jarro com suco de uva. — É assim que você diz oi?

— Oi — emendei. — Nós estamos prestes a morrer! Onde está Quíron?

Sr. D considerou isso. Eu queria gritar para que ele se apressasse, mas eu sabia que isso não iria funcionar. Atrás de nós, passos e gritos — a tropa da manticora estava se aproximando.

— Prestes a morrer — Sr. D meditou. — Que animador. Temo que Quíron não esteja aqui. Vocês gostariam que eu anotasse o recado?

Eu olhei para os meus amigos.

— Estamos mortos.

Thalia apertou sua lança. Ela se parecia novamente como ela mesma zangada.

— Então vamos morrer lutando.

— Que nobre — Sr. D disse, segurando um bocejo. — Então qual é o problema, exatamente?

Eu não via no que aquilo faria diferença, mas eu contei a ele sobre o Ofiotauro.

— Mmm. — Ele estudou o conteúdo da geladeira. — Então é isso. Entendo.

— Você sequer se importa! — gritei. — Você logo nos assistirá morrer!

— Deixe-me ver. Eu acho que estou no humor para comer pizza esta noite.

Eu queria golpear o arco-íris e desconectar, mas eu não tive tempo. A manticora gritou:

— Ali!

E nós estávamos cercados. Dois dos guardas ficaram atrás dele. Os outros dois apareceram nos telhados das lojas do shopping no píer sobre nós. A manticora tirou seu casaco e se modificou para sua verdadeira forma, suas garras de leão se estenderam e sua cauda com espinhos eriçou com farpas venenosas.

— Excelente — ele disse. Ele olhou para a aparição na névoa e bufou. — Sozinhos, sem qualquer ajuda *real*. Maravilhoso.

— Você poderia *pedir* por ajuda — Sr. D murmurou para mim, como se isso fosse um pensamento interessante. — Você poderia dizer por favor.

Quando javalis selvagens voarem, pensei. De jeito nenhum eu iria morrer implorando a um preguiçoso como o Sr. D, somente para que ele pudesse gargalhar enquanto todos nós morríamos.

Zoë aprontou suas flechas. Grover levantou sua flauta. Thalia ergueu seu escudo, e eu notei uma lágrima escorrendo pela sua face. Subitamente me ocorreu: isto já havia acontecido a ela. Ela tinha sido encurralada na Colina Meio-Sangue. Ela havia, de boa vontade, abdicado de sua vida por seus amigos. Mas desta vez, ela não poderia nos salvar.

Como eu poderia deixar isso acontecer com ela?

— Por favor, Sr. D — murmurei. — Nos ajude.

Claro, nada aconteceu.

A manticora sorriu.

— Poupem a filha de Zeus. Ela logo se juntará a nós. Matem os outros.

Os homens ergueram suas armas, e algo estranho aconteceu. Sabe como você se sente quando todo o sangue se agita na sua cabeça, como se estivesse pendurado de cabeça para baixo e se erguesse rápido demais? Houve uma agitação como aquela a toda minha volta, e um som como um enorme suspiro. A luz do sol se tingiu de roxo. Eu senti o cheiro de uvas e de algo mais ácido – vinho.

SNAP!

Era o som de várias mentes quebrando ao mesmo tempo. O

som da loucura. Um guarda pôs sua pistola entre seus dentes como se fosse um osso e correu de quatro em volta. Dois outros largaram suas armas e começaram a valsar juntos. O quarto começou a fazer o que parecia uma dança irlandesa. Isso teria sido engraçado se não fosse tão assustador.

— Não! — gritou a manticora. — Eu mesmo lidarei com vocês!

Sua cauda eriçou, mas as tábuas sob suas patas explodiram em vinhas, as quais imediatamente começaram a se enroscar ao redor do corpo do monstro, brotando novas folhas e ramos de uvas que amadureceram em segundos conforme a manticora guinchava, até que ela foi engolfada por uma grande massa de vinhas, folhas e ramos cheios de uvas roxas. Finalmente as uvas pararam de nascer, e eu tive a sensação que em algum lugar lá dentro, a manticora não existia mais.

— Bem. — disse Dioniso, fechando a geladeira. — Isso foi divertido.

Eu olhei para ele, aterrorizado.

— Como você pôde... Como você fez...

— Tanta gratidão — ele murmurou. — Os mortais ficarão bem. Muita explicação para dar se eu tornasse a condição deles permanente. Eu detesto escrever relatórios ao meu Pai.

Ele olhou ressentidamente para Thalia.

— Eu espero que você tenha aprendido a sua lição, garota. Não é fácil resistir ao poder, é?

Thalia corou como se estivesse envergonhada.

— Sr. D — Grover disse admirado. — O senhor... o senhor nos salvou.

— Mmm. Não me faça me arrepender disso, sátiro. Agora ande, Percy Jackson. Eu ganhei no máximo mais algumas horas para vocês.

— O Ofiotauro — eu disse. — Pode levá-lo para o acampamento?

Sr. D inalou.

— Eu não transporto carga viva. Isso é problema seu.

— Mas para onde nós vamos?

Dioniso olhou para Zoë.

— Ah, eu acho que a caçadora sabe. Vocês devem entrar ao pôr do sol, sabe, ou tudo estará perdido. Agora adeus. Minha pizza está esperando.

— Sr. D — eu disse.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Você me chamou pelo meu nome correto — falei. — Você me chamou de Percy Jackson.

— Eu certamente não o fiz, Peter Johnson. Agora fora com você!

Ele acenou com a mão, e sua imagem desapareceu na névoa.

A toda nossa volta, os subordinados da manticora estavam agindo completamente amalucados. Um deles havia achado o nosso amigo sem-teto, e eles estavam tendo uma conversa séria sobre anjos metálicos de Marte. Vários outros guardas acossavam os turistas, fazendo sons de animais e tentando roubar seus sapatos.

Eu olhei para Zoë.

— O que ele quis dizer com “Você sabe para onde ir”?

Sua face estava da cor da neblina. Ela apontou para além da baía, além da Golden Gate. Distante, uma única montanha se erguia além da camada de nuvens.

— O jardim de minhas irmãs — ela disse. — Eu devo ir para casa.



ENCONTRAMOS O DRAGÃO DO MAU HÁLITO ETERNO

— Nós nunca vamos conseguir — Zoë disse. — Estamos indo muito devagar. Mas não podemos abandonar o Ofiotauro.
— Moou.

Bessie disse. Ela nadou ao meu lado enquanto caminhávamos ao longo da margem do lago. Tínhamos deixado o píer do shopping center bem para trás. Estávamos nos dirigindo para a Ponte Golden Gate, mas era muito mais longe do que eu havia pensado. O sol já estava mergulhando no oeste.

— Não entendo — eu disse. — Por que temos que chegar lá ao pôr do sol?

— As Hespérides são as ninfas do pôr do sol — Zoë disse. — Só podemos entrar no jardim delas quando o dia muda para noite.

— O que acontece se chegarmos tarde?

— Amanhã é o solstício de inverno. Se perdermos o pôr do sol esta noite, teremos que esperar até a tarde de amanhã. E a essa altura, o Conselho Olímpiano já teria terminado. Devemos libertar Lady Ártemis hoje à noite.

Ou Annabeth será morta, pensei, mas não falei.

— Precisamos de um carro — Thalia disse.

— Mas como fica Bessie? — perguntei.

Grover parou subitamente.

— Tenho uma ideia! O Ofiotauro pode aparecer em diferentes ambientes aquáticos, certo?

— Bem, sim — eu falei. — Quero dizer, ele estava no Estuário de Long Island. Então apareceu de repente na água da Represa Hoover. E agora está aqui.

— Então talvez possamos persuadi-lo a voltar para o Estuário de Long Island. — Grover disse. — Aí Quíron pode nos ajudar a levá-lo para o Olimpo.

— Mas ele estava *me* seguindo — eu disse. — Se eu não estiver lá, ele saberia para onde está indo?

— Moo. — Bessie disse, desesperada.

— Eu... eu posso mostrar a ele — Grover falou. — Vou com ele.

Olhei fixamente para ele. Grover não era nenhum fã de água. Ele quase tinha se afogado no último verão no Mar de Monstros, e não conseguia nadar muito bem com seus cascos de bode.

— Sou o único que consegue conversar com ele — Grover disse. — Faz sentido.

Ele se curvou e disse algo no ouvido de Bessie. Bessie se arrepiou, então fez um som de mugido, contente.

— A bênção da Natureza — Grover falou. — Isso deve ajudar com uma passagem segura. Percy, reze para o seu pai também. Veja se ele nos garante uma travessia a salvo pelos mares.

Não entendi como eles poderiam de algum jeito nadar de volta para Long Island partindo da Califórnia. Mas de novo, monstros não viajam do mesmo jeito que humanos. Já tinha visto muitas provas disso.

Tentei me concentrar nas ondas, no cheiro do oceano, no som da correnteza.

— Pai — falei. — Ajude-nos. Leve o Ofiotauro e Grover em segurança até o acampamento. Proteja-os no mar.

— Uma prece como essa precisa de um sacrifício — Thalia disse. — Algo grande.

Pensei por um segundo. Então tirei meu casaco.

— Percy — Grover disse. — Tem certeza? Essa pele de leão... é realmente útil. Hércules usou isso!

Logo que ele falou isso, percebi uma coisa.

Olhei de relance para Zoë, que estava me observando cautelosamente. Percebi que *sabia* quem tinha sido o herói de Zoë — o que havia arruinado sua vida, feito com que fosse expulsa da família, e nunca tinha sequer mencionado como ela o ajudara: Hércules, um herói que admirei a minha vida inteira.

— Se eu vou sobreviver — eu disse. — Não será porque tenho uma capa de pele de leão. Não sou Hércules.

Joguei o casaco na baía. Voltou a ser uma pele de leão dourada, brilhando na luz. Então, assim que ela começou a afundar entre as ondas, pareceu se dissolver em luz solar na água.

A brisa do mar levou.

Grover respirou fundo.

— Bem, sem tempo a perder.

Ele pulou na água e imediatamente começou a afundar. Bessie deslizou até o seu lado e deixou Grover segurar em seu pescoço.

— Tenham cuidado — falei para eles.

— Nós teremos — Grover disse. — Ok, hum... Bessie? Estamos indo para Long Island. É no leste. Por aquele caminho.

— Moooo? — disse Bessie.

— Sim — Grover respondeu. — Long Island. É essa ilha.

E... é grande. Ah, vamos logo.

— Moool!

Bessie deu uma guinada para frente. Ele começou a submergir e Grover disse:

— Não consigo respirar debaixo d'água! Achei que tinha mencionado!

Glub!

Eles foram para baixo, e esperei que a proteção do meu pai se estendesse para pequenas coisas, como respiração.

— Bom, isso é um problema resolvido — Zoë disse. — Mas como podemos chegar ao jardim das minhas irmãs?

— Thalia está certa — eu disse. — Precisamos de um carro. Mas não tem ninguém para nos ajudar aqui. A menos que nós, hum, peguemos um emprestado.

Não gostei dessa opção. Quero dizer, claro que era uma situação de vida ou morte, mas ainda assim, era roubo, e era a fronteira para que nos percebessem.

— Espere — Thalia falou. Ela começou a remexer em sua mochila. — *Existe* alguém em São Francisco que pode nos ajudar. Tenho o endereço aqui em algum lugar.

— Quem? — perguntei.

Thalia retirou um pedaço amassado de folha de caderno e o segurou no alto.

— Professor Chase. O pai de Annabeth.

Depois de escutar as reclamações de Annabeth sobre seu pai durante dois anos, eu esperava que ele tivesse chifres diabólicos e presas. Eu *não* esperava que ele estivesse vestindo boné e óculos de aviação à moda antiga. Ele parecia tão estranho, com seus olhos esbugalhados através dos óculos, que todos nós demos um passo atrás no pórtico da frente.

— Olá — ele disse numa voz amigável. — Vocês vieram entregar meus aeroplanos?

Thalia, Zoë e eu nos entreolhamos com cautela.

— Hum, não, senhor.

— Droga — ele falou. — Preciso de mais três Sopwith Camels.

— Certo — eu disse, ainda que não tivesse ideia do que ele estava falando. — Somos amigos de Annabeth.

— Annabeth? — Ele se empertigou como se tivesse recebido um choque elétrico. — Ela está bem? Alguma coisa aconteceu?

Nenhum de nós respondeu, mas nossas expressões devem ter dito a ele que algo estava muito errado. Ele tirou seu boné e os óculos. Ele tinha cabelos cor de areia como Annabeth e intensos olhos castanhos. Ele era bonito, acho, para um cara mais velho, mas parecia que ele não tinha se barbeado nos últimos dias, e sua camisa estava abotoada errada, então um lado de seu colarinho estava mais alto que o outro.

— É melhor vocês entrarem.

Não parecia uma casa pra qual eles tinham acabado de se mudar. Havia robôs LEGO nas escadas e dois gatos dormindo no sofá da sala de estar. A mesa do café estava cheia de revistas, e o casaco de inverno de uma criancinha estava jogado no chão. A casa inteira cheirava a biscoitos de chocolate recém-assados. Havia jazz vindo da cozinha. Parecia um tipo bagunçado, feliz de lar — o tipo de lugar no qual se mora desde sempre.

— Pai! — um garotinho gritou. — Ele está desmontando meus robôs.

— Bobby — Dr. Chase chamou, ausente, — não desmonte os robôs do seu irmão.

— *Eu sou Bobby!* — o garotinho protestou. — Ele é o Matthew!

— Matthew — Dr. Chase chamou, — não desmonte os robôs do seu irmão!

— Ok, pai!

Dr. Chase se virou para nós.

— Vamos subir para o meu escritório. Por aqui.

— Querido? — uma mulher chamou. A madrastra de Annabeth apareceu na sala de estar, enxugando as mãos com um pano de prato. Ela era uma bonita mulher asiática com mechas vermelhas nos cabelos amarrados em um coque.

— Quem são nossas visitas? — ela perguntou

— Oh — Dr. Chase disse. — Este é...

Ele nos encarou sem expressão.

— Frederick — ela censurou. — Você se esqueceu de perguntar os nomes deles?

Nós nos apresentamos um pouco apreensivos, mas a Sra. Chase parecia realmente legal. Ela perguntou se estávamos com fome. Nós admitimos que estávamos, e ela disse que iria nos trazer alguns biscoitos, sanduíches e refrigerantes.

— Querida — Dr. Chase disse. — Eles vieram por causa de Annabeth.

Eu meio que esperava que a Sra. Chase virasse uma lunática desvairada com a menção de sua enteada, mas ela apenas franziu os lábios e pareceu preocupada.

— Tudo bem. Subam para o escritório e vou levar alguma comida para vocês. — Ela sorriu para mim. — Prazer em conhecê-lo, Percy. Ouvi muito sobre você.

Escada acima, entramos no escritório do Dr. Chase e eu disse:

— Uau!

A sala era coberta de livros em todas as paredes, mas o que realmente me chamou a atenção foram os brinquedos de guerra. Havia um grande tabuleiro com miniaturas de tanques e soldados batalhando ao longo de um rio pintado de azul, com colinas e árvores falsas e coisas assim. Aviões bimotores antigos pendurados em fios presos ao teto, inclinados em ângulos malucos como se estivessem no meio de um combate aéreo.

Dr. Chase sorriu.

— Sim. A Terceira Batalha de Ypres. Estou escrevendo um artigo, veja bem, sobre o uso dos Sopwith Camels para bombardear as linhas inimigas. Acredito que eles desempenharam um papel maior do que lhes foi dado crédito.

Ele arrancou um bimotor de seu fio e varreu com ele o campo de batalha, fazendo barulhos de motor de avião enquanto ele derrubava pequenos soldados alemães.

— Oh, certo — eu disse. Sabia que o pai de Annabeth era um professor de história militar. Ela nunca tinha mencionado que ele brincava com soldadinhos.

Zoë se aproximou e estudou o campo de batalha.

— As linhas alemãs estavam mais distantes do rio.

Dr. Chase olhou fixamente para ela.

— Como você sabe isso?

— Eu estava lá — ela disse casualmente. — Ártemis queria nos mostrar o quanto a guerra era horrível, o jeito como homens mortais lutavam uns contra os outros. E como era insensato, também. A batalha foi um desperdício completo.

Dr. Chase abriu sua boca em choque.

— Você...

— Ela é uma Caçadora, senhor — Thalia falou. — Mas não é por isso que estamos aqui. Precisamos...

— Você viu os Sopwith Camels? — Dr. Chase disse. —

Quantos havia lá? Em quais formações eles voavam?

— Senhor — Thalia interrompeu de novo. — Annabeth está em perigo.

Isso chamou a atenção dele. Ele baixou o bimotor.

— É claro — ele disse. — Contem-me tudo.

Não foi fácil, mas nós tentamos. Nesse meio tempo, a luz da tarde foi enfraquecendo do lado de fora. Estávamos ficando sem tempo.

Quando terminamos, Dr. Chase desabou na sua cadeira reclinável de couro. Ele entrelaçou as mãos.

— Minha pobre corajosa Annabeth. Devemos nos apressar.

— Senhor, precisamos de transporte para o Monte Tamalpais — Zoë disse. — E precisamos imediatamente.

— Eu vou levar vocês. Humm, seria mais rápido voar no meu Camel, mas só tem dois assentos.

— Uau, você tem um bimotor de verdade? — eu disse.

— Lá no Campo Crissy — Dr. Chase falou, orgulhoso. — Essa foi a razão por que tive que me mudar para cá. Meu patrocinador é um colecionador privado com algumas das maiores relíquias da Primeira Guerra Mundial no mundo. Ele me deixou restaurar o Sopwith Camel...

— Senhor — Thalia disse. — Apenas um carro seria ótimo. E seria melhor se nós fôssemos sem você. É muito perigoso.

Dr. Chase franziu a testa, desconfortável.

— Agora espere um minuto, mocinha. Annabeth é minha filha. Perigoso ou não, eu... eu não posso apenas...

— Lanches — a Sra. Chase anunciou. Ela entrou empurrando a porta com uma bandeja cheia de sanduíches com manteiga de amendoim e geleia, Cocas e biscoitos frescos saídos do forno, as gotas de chocolate ainda moles.

Thalia e eu cheiramos alguns biscoitos enquanto Zoë disse:
— Eu posso dirigir, senhor. Não sou tão jovem quanto pareço. Prometo não destruir teu carro.

A Sra. Chase juntou as sobrancelhas.

— O que está acontecendo?

— Annabeth está em perigo — Dr. Chase disse. — No Monte Tam. Eu os levaria, mas... aparentemente não é lugar para mortais.

Pareceu que era realmente difícil para ele soltar essa última parte.

Esperei que a Sra. Chase dissesse não. Quero dizer, que pais mortais deixariam três adolescentes menores de idade pegarem emprestado seu carro? Para minha surpresa, a Sra. Chase assentiu.

— Então é melhor eles irem logo.

— Certo! — Dr. Chase pulou e começou a apalpar os bolsos. — Minhas chaves...

Sua esposa suspirou.

— Frederick, honestamente. Você perderia a cabeça se não estivesse amarrada dentro do seu chapéu de aviator. As chaves estão penduradas no cabide perto da porta da frente.

— Certo! — Dr. Chase disse.

Zoë agarrou um sanduíche.

— Obrigada aos dois. Devemos ir. *Agora!*

Nós passamos apressados pela porta e descemos as escadas, os Chase bem atrás de nós.

— Percy — a Sra. Chase chamou quando eu estava saindo, — diga a Annabeth... Diga que ela ainda tem um lar aqui, você dirá? Lembre-a disso.

Dei uma última olhada na bagunçada sala de estar. Os meios-irmãos de Annabeth espalhando Legos e discutindo, o

cheiro de biscoitos enchendo o ar. Não era um lugar ruim, pensei.

— Direi a ela — prometi.

Nós corremos para o lado de fora até o Volkswagen conversível estacionado na entrada da garagem. O sol estava se pondo. Percebi que tínhamos menos de uma hora para salvar Annabeth.

— Essa coisa não pode ir mais rápido? — Thalia exigiu.

Zoë a encarou.

— Eu não posso controlar o tráfego.

— Vocês duas parecem a minha mãe — eu disse.

— Cala a boca! — elas falaram ao mesmo tempo.

Zoë costurou por dentro e por fora do trânsito na Ponte Golden Gate. O sol estava afundando no horizonte quando nós finalmente chegamos em Condado de Marin e saímos da rodovia.

As estradas eram estupidamente estreitas, serpenteando através de florestas e por cima de encostas de colinas e ao redor de beiradas de ravinas íngremes. Zoë não diminuiu a velocidade de jeito nenhum.

— Por que tudo cheira como pastilhas para tosse? — perguntei.

— Eucaliptos — Zoë apontou para as enormes árvores à nossa volta.

— Aquilo que os coalas comem?

— E monstros — ela disse. — Eles amam mastigar as folhas. Especialmente dragões.

— Dragões mascam folhas de eucalipto?

— Crê em mim — Zoë falou. — Se tivesses hálito de dragão, mascarias eucalipto também.

Eu nem a questioneei, mas mantive meus olhos abertos com mais cautela enquanto nos movíamos. À nossa frente erguia-se o Monte Tamalpais. Acho que, em termos de montanhas, era pequena, mas parecia bem grande enquanto nos dirigíamos a ela.

— Então essa é a Montanha do Desespero? — perguntei.

— Sim — Zoë disse ríspidamente.

— Por que eles a chamam assim?

Ela ficou em silêncio por mais de um quilômetro antes de responder.

— Depois da guerra entre os Titãs e os deuses, muitos dos Titãs foram punidos e aprisionados. Cronos foi fatiado em pedaços e jogado no Tártaro. O braço direito de Cronos, o general de suas forças, foi aprisionado lá em cima, no topo, logo além do Jardim das Hespérides.

— O General — eu disse. Nuvens pareciam rodopiar ao redor do pico, como se a montanha as estivesse sugando para dentro, girando-as como um pão. — O que está acontecendo lá em cima? Uma tempestade?

Zoë não respondeu. Tive a sensação de que ela sabia exatamente o que as nuvens significavam, e não gostava disso.

— Temos que nos concentrar — Thalia disse. — A Névoa é realmente forte aqui.

— Do tipo mágico ou do tipo natural? — perguntei.

— Ambas.

As nuvens cinzas espiralavam ainda mais densas sobre a montanha, e continuávamos nos dirigindo diretamente para elas. Estávamos fora da floresta agora, em amplos espaços de penhascos e grama e pedras e nevoeiro.

Olhei de relance abaixo, para o oceano, enquanto passáva-

mos numa curva exagerada, e vi algo que me fez pular do assento.

— Olhem! — Mas nós viramos em um canto e o oceano desapareceu atrás das colinas.

— O quê? — perguntou Thalia.

— Um grande navio branco — eu disse. — Atracado perto da praia. Parecia um navio de cruzeiro.

Os olhos dela se arregalaram.

— O navio de Luke?

Queria falar que não tinha certeza. Poderia ser uma coincidência. Mas eu sabia bem. O *Princesa Andrômeda*, navio de cruzeiro demoníaco de Luke, estava atracado naquela praia. Foi por isso que ele mandou seu navio por todo o Canal do Panamá. Era o único jeito de navegar vindo da Costa Leste até a Califórnia.

— Teremos companhia, então. — Zoë disse, sombriamente. — O exército de Cronos.

Eu estava prestes a responder, quando de repente os pelos da minha nuca se arrepiaram. Thalia gritou:

— Pare o carro. AGORA!

Zoë deve ter sentido que alguma coisa estava errada, porque ela pisou no freio sem questionar. O Volkswagen amarelo rodou duas vezes antes de parar na beira do penhasco.

— Para fora! — Thalia abriu a porta e me empurrou com força. Nós dois rolamos no chão. No próximo segundo: *BOOOM!*

Um relâmpago brilhou e o Volkswagen do Dr. Chase explodiu como uma granada amarelo canário. Eu provavelmente teria sido morto pelos estilhaços se não fosse o escudo de Thalia, que apareceu sobre mim. Escutei um barulho parecido com um bate-estacas metálico, e quando abri meus olhos, estávamos

rodeados por destroços. Parte do para-lama do Volkswagen tinha empalado a si mesmo na rua. A cobertura de fumaça estava rodando em círculos. Pedacos de metal amarelo estavam espalhados pelo meio da estrada.

Engoli o gosto da fumaça na minha boca e olhei para Thalia.

— Você salvou minha vida.

— *E pela mão do pai, um irá expirar* — ela murmurou. — Maldito seja. Ele destruiria a mim? *A mim?*

Levou um segundo para eu perceber que ela falava de seu pai.

— Ah, ei, esse não pode ter sido o relâmpago de Zeus. De jeito nenhum.

— De quem, então? — Thalia exigiu.

— Eu não sei. Zoë falou o nome de Cronos. Talvez ele...

Thalia agitou a cabeça, parecendo com raiva e atordoada.

— Não. Não foi isso.

— Espere — falei. — Onde está Zoë? Zoë!

Ambos levantamos e corremos em volta do Volkswagen explodido. Nada dentro. Nada em nenhuma direção da estrada. Olhei penhasco abaixo. Nem sinal dela.

— Zoë! — gritei.

Então ela estava de pé ao meu lado, puxando-me pelo braço.

— Silêncio, tolo! Queres acordar Ladão?

— Quer dizer que já chegamos?

— Bem perto — ela disse. — Segui-me.

Camadas de neblina estavam flutuando pela estrada. Zoë pisou numa delas, e quando a neblina passou, ela não estava mais lá. Thalia e eu nos entreolhamos.

— Concentre-se em Zoë — Thalia avisou. — Nós a estamos seguindo. Vá direto para a neblina e mantenha isso em

mente.

— Espere, Thalia. Sobre o que aconteceu lá no píer... Quero dizer, com a manticora e o sacrifício...

— Não quero falar sobre isso.

— Você não teria realmente... você sabe?

Ela hesitou.

— Eu apenas estava chocada. Só isso.

— Zeus não mandou aquele relâmpago no carro. Foi Cronos. Ele está tentando te manipular, fazendo você ficar com raiva do seu pai.

Ela respirou fundo.

— Percy, sei que você está tentando fazer eu me sentir melhor. Obrigada. Mas vamos lá. Precisamos ir.

Ela pisou na neblina, para dentro da Névoa, e eu segui.

Quando a neblina clareou, eu ainda estava na encosta da montanha, mas a estrada era lamacenta. A grama era mais grossa. O pôr do sol fez um corte vermelho sangue através do mar. O pico da montanha parecia mais próximo agora, rodopiando com nuvens de tempestade e poder bruto. Havia apenas um caminho até o topo, diretamente à nossa frente. E levava através de um exuberante campo de sombras e flores: os jardins do crepúsculo, exatamente como eu havia visto em meus sonhos.

Se não fosse pelo enorme dragão, o jardim seria o lugar mais bonito que eu já tinha visto. A grama cintilava com luz prateada do entardecer, e as flores eram de cores tão brilhantes que quase resplandeciam no escuro. Lajotas de mármore preto polidas conduziam em volta dos dois lados de uma macieira do tamanho de um prédio de cinco andares, cada galho reluzindo com

maças douradas, e eu não quis dizer maçãs douradas *amarelas* como na mercearia. Quero dizer maçãs douradas *de verdade*. Não consigo descrever por que elas eram tão atraentes, mas logo que senti sua fragrância, soube que uma mordida seria a coisa mais deliciosa que eu já teria provado.

— As maçãs da imortalidade — Thalia disse. — O presente de casamento de Hera dado por Zeus.

Queria passar à frente e arrancar uma, salvo pelo dragão enrolado em volta da árvore.

Agora, não sei o que você pensa quando eu digo *dragão*. O que quer que seja, não é assustador o suficiente. O corpo de serpente era grosso como um foguete detonador, tremeluzindo com escamas de cobre. Ele tinha mais cabeças do que eu podia contar, como se uma centena de pítons mortíferas estivessem fundidas juntas. Ele aparentava estar dormindo. As cabeças deitadas enroladas num monte parecido com um espaguete na grama, todos os olhos fechados.

Então as sombras à nossa frente começaram a se mover. Havia uma bela e misteriosa cantoria, como vozes vindas do fundo de um poço. Procurei Contracorrente, mas Zoë deteve minha mão.

Quatro figuras cintilaram para a existência, quatro jovens mulheres que se pareciam muito com Zoë. Todas usavam túnicas gregas brancas. A pele delas era como caramelo. Sedosos cabelos negros caíam soltos em volta dos ombros. Era estranho, mas eu nunca havia reparado no quanto Zoë era bonita até ver suas irmãs, as Hespérides. Elas se pareciam exatamente com Zoë – deslumbrantes, e provavelmente muito perigosas.

— Irmãs — Zoë disse.

— Não vemos irmã alguma — uma das garotas disse fria-

mente. — Vemos dois meio-sangues e uma Caçadora. Vós todos deveis morrer em breve.

— Você entendeu errado — dei um passo à frente. — Ninguém vai morrer.

As garotas me estudaram. Elas tinham olhos de pedra vulcânica, inexpressivos e completamente negros.

— Perseu Jackson — uma delas disse.

— Sim — meditou a outra. — Não vejo por que ele é uma ameaça.

— Quem disse que eu era uma ameaça?

A primeira Hespéríde olhou rapidamente às suas costas, na direção do topo da montanha.

— Eles temem a ti. Estão descontentes que *esta* aqui ainda não te matou.

Ela apontou para Thalia.

— Tentador algumas vezes — Thalia admitiu. — Mas não, obrigada. Ele é meu amigo.

— Não há amigos aqui, filha de Zeus — a garota disse. — Somente inimigos. Regressai.

— Não sem Annabeth — Thalia disse.

— E Ártemis — Zoë disse. — Devemos nos aproximar da montanha.

— Sabes que ele vai te matar — a garota disse. — Tu não és páreo para ele.

— Ártemis deve ser libertada — insistiu Zoë. — Deixai-nos passar.

A garota balançou a cabeça.

— Tu não tens mais nenhum direito aqui. Nós só temos que elevar nossas vozes e Ladão vai acordar.

— Ele não vai me ferir — Zoë disse.

— Não? E quanto aos teus supostos amigos?

Então Zoë fez a última coisa que eu esperava. Ela gritou:

— Ladão! Acorda!

O dragão se agitou, brilhando como uma montanha de moedas. As Hespérides ganiram e se dispersaram. A garota líder falou para Zoë:

— És louca?

— Nunca tiveste coragem alguma, irmã — Zoë declarou.
— Esse é o teu problema.

O dragão Ladão estava se contorcendo agora, uma centena de cabeças chicoteando ao redor, línguas tremeluzindo e provando o ar. Zoë deu um passo à frente, seus braços levantados.

— Zoë, não — Thalia falou. — Você não é mais uma Hespéride. Ele vai matar você.

— Ladão é treinado para proteger a árvore — Zoë disse.
— Beirai em volta dos limites do jardim. Subi a montanha. Enquanto eu for uma ameaça maior, ele deverá vos ignorar.

— Deverá — falei. — Não é muito tranquilizador.

— É o único jeito — ela disse. — Mesmo nós três juntos não conseguiremos lutar com ele.

Ladão abriu suas bocas. O som de cem cabeças sibilando de uma vez mandou um calafrio pelas minhas costas, e isso foi antes de seu hálito me atingir. O cheiro era como ácido. Fez meus olhos queimarem, minha pele arrepiar, e meu cabelo ficar todo em pé. Eu me lembrei da vez em que um rato morrera dentro da parede do nosso apartamento em Nova Iorque no meio do verão. Esse fedor era parecido, exceto que cem vezes mais forte, e misturado com o cheiro de eucalipto mascado. Prometi a mim mesmo naquela hora que *nunca* iria pedir para a enfermeira da escola outra pastilha para tosse.

Queria sacar minha espada. Mas então me lembrei do meu sonho sobre Zoë e Hércules, e como Hércules havia falhado

em um ataque direto. Decidi confiar no julgamento de Zoë.

Thalia foi pela esquerda. Fui pela direita. Zoë caminhou direto para o monstro.

— Sou eu, meu dragãozinho — Zoë disse. — Zoë voltou.

Ladão moveu-se pra frente, então para trás. Algumas bocas se fecharam. Algumas continuaram sibilando. Confusão de dragão. Enquanto isso, as Hespérides cintilaram e se transformaram em sombras. A voz da mais velha sussurrou:

— Tola.

— Eu costumava alimentar a ti na mão — Zoë continuou, falando numa voz tranquila enquanto dava passos em direção à árvore dourada. — Ainda gostas de carne de cordeiro?

Os olhos do dragão brilharam.

Thalia e eu estávamos quase na metade do caminho em volta do jardim. À frente, eu podia ver uma única trilha pedregosa dirigindo-se acima até o cume negro da montanha. A tempestade rodopiava sobre ele, girando no topo como se fosse o eixo do mundo inteiro.

Tínhamos quase atravessado o campo quando algo saiu errado. Senti o humor do dragão mudar. Talvez

Zoë tivesse chegado perto demais. Talvez o dragão tivesse percebido que estava faminto. Qualquer que fosse a razão, ele investiu em Zoë.

Dois mil anos de treinamento a mantiveram viva. Ela se esquivou de uma série de presas cortantes e saltou sob outra, serpenteando através das cabeças do dragão enquanto corria em nossa direção, engasgando com o hálito horrível do monstro.

Saquei Contracorrente para ajudar.

— Não! — Zoë ofegou. — Correi!

O dragão a acertou do lado, e Zoë gritou. Thalia revelou Égide, e o dragão sibilou. No momento de indecisão dele, Zoë

correu em nossa direção, subindo a montanha, e nós seguimos.

O dragão não tentou nos perseguir. Ele sibilou e pisoteou o solo, mas acho que ele era bem treinado para proteger aquela árvore. Ele não seria fisgado nem pela succulenta perspectiva de comer alguns heróis.

Corremos montanha acima enquanto as Hespérides retomavam sua canção nas sombras atrás de nós. A música não soava tão bonita para mim agora — parecia mais a trilha sonora para um funeral.

No topo da montanha havia ruínas, blocos de granito e mármore pretos, grandes como casas. Colunas quebradas. Estátuas de bronze que aparentavam terem sido derretidas pela metade.

— As ruínas do Monte Ótris — Thalia sussurrou com receio.

— Sim — Zoë disse. — Não estava aqui antes. Isso é ruim.

— O que é Monte Ótris? — perguntei, sentindo-me bobo como sempre.

— A fortaleza dos Titãs nas montanhas — Zoë disse. — Na primeira guerra, Olimpo e Ótris eram as duas capitais rivais do mundo. Ótris era — Ela estremeceu e segurou o lado do corpo.

— Você está ferida — falei. — Deixe-me ver.

— Não! Não é nada. Estava dizendo... na primeira Guerra, Ótris foi feita em pedaços.

— Mas... como está aqui?

Thalia olhou em volta cuidadosamente enquanto buscávamos nosso caminho através dos escombros, passando por blocos de mármore e arcadas quebradas.

— Ela se move do mesmo jeito que o Olimpo. Sempre existe nos limites da civilização. Mas o fato dela estar

aqui, *nesta* montanha, não é bom.

— Por quê?

— Esta é a montanha de Atlas — Zoë disse. — Onde ele sustenta — ela congelou. Sua voz estava rasgada de desespero. — Onde ele costumava sustentar o céu.

Tínhamos chegado ao pico. Alguns metros à nossa frente, nuvens cinzas rodopiavam num denso vórtice, formando um funil de nuvens que quase tocava o topo da montanha, mas ao invés disso descansava nos ombros de uma garota de doze anos com cabelos castanho avermelhados e um vestido prateado retalhado: Ártemis, suas pernas presas à rocha por correntes de bronze celestial. Foi isto que vi em meu sonho. Não foi o teto de uma caverna que Ártemis foi forçada a carregar. Foi o teto do mundo.

— Minha senhora! — Zoë correu à frente, mas Ártemis disse:

— Pare! É uma armadilha. Vocês devem ir agora.

Sua voz estava extenuada. Ela estava banhada em suor. Eu nunca vira uma deusa sentir dor antes, mas o peso do céu claramente era demais para Ártemis.

Zoë estava chorando. Ela correu para frente apesar dos protestos de Ártemis, e forçou as correntes.

Uma voz estrondosa falou atrás de nós:

— Ah, que comovente.

Nós nos viramos. O General estava lá em pé com seu terno de seda marrom. Ao seu lado estava Luke e meia dúzia de *dracaenae* carregando o sarcófago dourado de Cronos.

Annabeth estava do lado de Luke. Ela tinha as mãos algemadas às costas, uma mordaca em sua boca, e Luke estava segurando a ponta de sua espada na garganta dela.

Encontrei os olhos dela, tentando fazer mil perguntas. Contudo, havia apenas uma mensagem que ela estava me enviando: *CORRA*.

— Luke — Thalia rosnou. — Deixe-a ir.

O sorriso de Luke era fraco e pálido. Ele parecia ainda pior do que três dias atrás em D.C.

— Essa é uma decisão do General, Thalia. Mas é bom vê-la de novo.

Thalia cuspiu nele.

O General abafou uma risada.

— Tudo isso pelos velhos amigos. E você, Zoë. Faz muito tempo. Como está minha pequena traidora? Eu vou apreciar matar você.

— Não responda — Ártemis gemeu. — Não o desafie.

— Espere um minuto — eu disse. — Você é Atlas?

O General olhou de relance para mim.

— Então até o mais estúpido dos heróis consegue finalmente descobrir alguma coisa. Sim, eu sou Atlas, o general dos Titãs e terror dos deuses. Parabéns. Vou matá-lo em breve, assim que lidar com essa garota miserável.

— Você não vai ferir Zoë — falei. — Eu não vou deixar.

O General zombou.

— Você não tem o direito de interferir, pequeno herói. Este é um assunto de família.

Eu franzi a testa.

— Um assunto de família?

— Sim — Zoë disse friamente. — Atlas é meu pai.



LEVANTO ALGUNS MILHÕES DE QUILOS

A coisa mais horrível era: eu conseguia ver a semelhança familiar. Atlas tinha a mesma expressão régia de Zoë, o mesmo aspecto orgulhoso e frio nos olhos que Zoë de vez em quando tinha quando ficava com raiva, ainda que nele parecesse cem vezes mais maligno. Ele era todas as coisas que eu originalmente não gostara em Zoë, sem nada das coisas boas que eu vim a apreciar.

— Deixa Ártemis ir — Zoë exigiu.

Atlas caminhou mais para perto da deusa acorrentada.

— Talvez você queira carregar o céu por ela, então? Fique à vontade.

Zoë abriu a boca para falar, mas Ártemis disse:

— Não! Não se ofereça, Zoë! Eu a proíbo!

Atlas sorriu afetado. Ele se ajoelhou perto de Ártemis e tentou tocar o rosto dela, mas a deusa mordeu, quase arrancando os dedos dele.

— Hoo-hoo — Atlas riu. — Você vê, filha? Lady Ártemis gosta de seu novo trabalho. Acho que terei todos os Olímpianos revezando-se para carregar meu fardo, uma vez que Lorde Cronos governe novamente, e este é o centro do nosso palácio. Isto vai ensinar àqueles fracotes um pouco de humildade.

Olhei para Annabeth. Ela estava tentando desesperadamente me contar alguma coisa. Ela acenou com a cabeça na direção de Luke. Mas tudo que eu podia fazer era encará-la. Não tinha percebido antes, mas algo nela havia mudado. Seu cabelo louro estava agora com mechas cinzas.

— De carregar o céu — Thalia murmurou, como se tivesse lido minha mente. — O peso deveria tê-la matado.

— Não entendo — eu disse. — Por que Ártemis não pode apenas largar o céu?

Atlas riu.

— Quão pouco você entende, jovem. Este é o ponto onde o céu e terra se encontraram pela primeira vez, onde Urano e Gaia deram origem aos seus poderosos filhos, os Titãs. O céu ainda anseia por abraçar a terra. Alguém deve segurar, senão desabaria sobre este lugar, achatando instantaneamente a montanha e tudo mais no raio de mais de seiscentos quilômetros. Uma vez que você tenha segurado o fardo, não há escapatória. — Atlas sorriu. — Salvo se outra pessoa o tomar de você.

Ele se aproximou de nós, estudando Thalia e a mim.

— Então estes são os melhores heróis da época, hum? Não parece desafiador.

— Lute conosco — eu disse. — E veremos.

— Os deuses não lhe ensinaram nada? Um imortal não enfrenta um mero mortal diretamente. Está abaixo da nossa dignidade. Luke irá destruí-lo em vez disso.

— Então você é mais um covarde — falei.

Os olhos de Atlas brilharam de ódio. Com dificuldade, ele desviou sua atenção para Thalia.

— Quanto a você, filha de Zeus, parece que Luke estava errado sobre você.

— Eu não estava errado — Luke afirmou. Ele parecia terrivelmente fraco, e falava cada palavra como se estivesse doendo. Se eu não o odiasse tanto, quase teria sentido pena dele. — Thalía, você ainda pode se juntar a nós. Chame o Ofiotauro. Ele virá até você. Veja!

Ele acenou com a mão, e perto de nós um tanque de água apareceu: um reservatório circundado de mármore preto, grande o suficiente para o Ofiotauro. Eu podia imaginar Bessie naquele tanque. Na verdade, quanto mais eu pensava sobre isso, mais tinha certeza de que podia ouvir Bessie mugindo.

Não pense nele! De repente a voz de Grover estava dentro da minha mente — a conexão empática. Eu podia sentir as suas emoções. Ele estava à beira do pânico. *Estou perdendo Bessie. Bloqueie os pensamentos!*

Tentei esvaziar minha mente. Tentei pensar em jogadores de basquete, skates, os diferentes tipos de doces da loja da minha mãe. Tudo menos Bessie.

— Thalía, chame o Ofiotauro — Luke persistiu. — E você será mais poderosa que os deuses.

— Luke... — A voz dela estava cheia de dor. — O que aconteceu com você?

— Você não se lembra de todas as vezes que conversamos? Todas aquelas vezes que amaldiçoamos os deuses? Nossos pais não fizeram nada por nós. Eles não têm o direito de governar o mundo!

Thalía balançou a cabeça.

— Liberte Annabeth. Deixe-a ir.

— Se você se juntar a mim — Luke prometeu, — pode ser como nos velhos tempos. Nós três juntos. Lutando por um mundo melhor. Por favor, Thalía, se você não concordar... — A voz dele vacilou. — É minha última chance. Ele vai usar o

outro jeito se você não concordar. Por favor.

Eu não sabia o que ele queria dizer, mas o medo em sua voz pareceu bastante real. Acreditei que Luke estava em perigo.

A vida dele dependia que Thalia se juntasse a sua causa. E eu estava com medo que Thalia acreditasse nisso também.

— Não, Thalia — Zoë avisou. — Devemos combatê-los.

Luke acenou com a mão novamente, e fogo apareceu. Um braseiro de bronze, como o do acampamento. Uma chama de sacrifício.

— Thalia — eu disse. — Não.

Atrás de Luke, o sarcófago dourado começou a brilhar. Enquanto isso, vi imagens na névoa a toda nossa volta: paredes de mármore preto se erguendo, as ruínas tornando-se inteiras, um terrível e bonito palácio surgindo em torno de nós, feito de medo e sombra.

— Vamos erguer o Monte Ótris aqui mesmo — Luke prometeu, numa voz tão deformada que mal parecia a dele. — Uma vez mais, será mais forte e maior que o Olimpo. Veja, Thalia. Não somos fracos.

Ele apontou na direção do oceano, e meu coração afundou. Marchando, subindo pela encosta da montanha, vindo da praia onde o *Princesa Andrômeda* estava atracado, havia um grande exército. *Dracaenae* e lestrigões, monstros e meio-sangues, cães infernais, harpias, e outras coisas que eu sequer conseguia nomear. O navio inteiro devia ter sido esvaziado, porque havia centenas, muito mais do que eu tinha visto no último verão. E eles estavam marchando em nossa direção. Em poucos minutos, estariam aqui.

— Esta é só uma prova do que está por vir — Luke disse. — Logo estaremos prontos para invadir o Acampamento Meio-Sangue. E depois disso, o próprio Olimpo. Tudo que

precisamos é da sua ajuda.

Por um terrível momento, Thalia hesitou. Ela olhou fixamente para Luke, seus olhos cheios de dor, como se a única coisa que ela quisesse no mundo fosse acreditar nele. Então ela nivelou sua lança.

— Você não é Luke. Não conheço mais você.

— Sim, você conhece, Thalia — ele alegou. — Por favor. Não me faça... não o faça destruir você.

Não havia mais tempo. Se aquele exército chegasse ao topo da colina, seríamos massacrados. Encontrei novamente os olhos de Annabeth. Ela assentiu.

Olhei para Thalia e Zoë, e decidi que não seria a pior coisa do mundo morrer lutando ao lado de amigas como essas.

— Agora — eu disse.

Juntos, nós atacamos.

Thalia foi direto em Luke. O poder de seu escudo era tão grande que suas mulheres dragão guarda-costas fugiram em pânico, derrubando o caixão dourado e deixando-o sozinho. Mas apesar de sua aparência doentia, Luke ainda era rápido com sua espada.

Ele rosnou como um animal selvagem e contra-atacou. Quando sua espada, Mordecostas, encontrou-se com o escudo de Thalia, uma esfera de relâmpagos explodiu entre eles, fritando o ar com espirais amarelas de energia.

Quanto a mim, fiz a coisa mais estúpida da minha vida, o que é dizer muito. Ataquei o Lorde Titã Atlas.

Ele gargalhou enquanto eu me aproximava. Um enorme dardo apareceu em suas mãos. Sua roupa de seda derreteu em uma completa armadura grega de batalha.

— Venha, então!

— Percy! — Zoë disse. — Cuidado!

Eu sabia sobre o que ela estava me alertando. Quíron me falara há muito tempo: *Imortais são restringidos por regras antigas. Mas um herói pode ir a qualquer lugar, desafiar qualquer um, contanto que tenha ousadia.* Uma vez que eu ataquei, entretanto, Atlas estava livre para atacar em resposta diretamente, com todo seu poder.

Brandi minha espada, e Atlas me jogou para o lado com a haste de seu dardo. Voei pelo ar e bati em um muro negro. Não era mais a Névoa. O palácio estava se erguendo, tijolo por tijolo. Estava se tornando real.

— Tolo! — Atlas gritou contente, golpeando para o lado uma das flechas de Zoë. — Você pensou, simplesmente porque você pôde desafiar aquele insignificante deus da guerra, que você poderia se levantar contra *mim?*

A menção de Ares deu um choque em mim. Afastei meu atordoamento e investi novamente. Se eu conseguisse chegar àquele tanque de água, poderia dobrar minha força.

A ponta do dardo golpeou em minha direção como uma foice. Levantei Contracorrente, planejando cortar a arma dele na haste, mas meu braço parecia de chumbo. Minha espada de repente pesava uma tonelada.

E me lembrei do aviso de Ares, dito na praia de Los Angeles há tanto tempo atrás: *Quando você mais precisar, sua espada falará com você.*

Não agora! Implorei. Mas não fez bem algum. Tentei esquivar, mas o dardo me pegou pelo peito e me mandou voando como um boneco de trapos. Bati com força no chão, minha cabeça girando. Olhei para cima e descobri que estava aos pés de Ártemis, ainda esforçando-se sob o peso do céu.

— Corra, garoto — ela me falou. — Você deve correr!

Atlas estava aproveitando seu tempo vindo em minha direção. Minha espada se fora. Ela havia escorregado pela beirada do penhasco. Deveria reaparecer no meu bolso — talvez em alguns segundos — mas isso não importava. Já estaria morto até lá. Luke e Thalia estavam lutando como demônios, relâmpagos crepitando ao redor deles.

Annabeth estava no chão, debatendo-se desesperadamente para libertar as mãos.

— Morra, pequeno herói — Atlas disse.

Ele ergueu seu dardo para me transpassar.

— Não! — exclamou Zoë, e uma saraivada de flechas brotou da fenda axilar na armadura de Atlas.

— ARGH! — Ele berrou e se virou na direção de sua filha.

Procurei e senti Contracorrente de volta em meu bolso. Eu não podia enfrentar Atlas, mesmo com uma espada. Então um calafrio desceu pelas minhas costas. Eu me lembrei das palavras da profecia: *A maldição do titã um deve sustentar*. Não tinha esperança de vencer Atlas. Mas havia outra pessoa que podia ter uma chance.

— O céu — falei para a deusa. — Entregue pra mim.

— Não, garoto — Ártemis disse. Sua testa estava banhada em suor metálico, como mercúrio. — Você não sabe o que está pedindo. Vai destruí-lo!

— Annabeth aguentou!

— Ela quase não sobreviveu. Ela teve o espírito de uma verdadeira caçadora. Você não vai durar tanto.

— Vou morrer de qualquer jeito — eu disse. — Entregue o peso do céu!

Não esperei pela resposta dela. Saquei Contracorrente e golpeei as correntes. Então dei um passo para perto dela e me dei suporte em um joelho — mantendo as mãos no alto — e

toquei as geladas, pesadas nuvens. Por um momento, Ártemis e eu suportamos o peso juntos. Era a coisa mais pesada que eu já havia sentido, como se estivesse sendo esmagado embaixo de mil caminhões. Quis recuar da dor, mas respirei profundamente.

Eu posso fazer isso.

Então Ártemis deslizou de baixo do fardo, e eu o segurei sozinho.

Depois disso, tentei muitas vezes explicar qual foi a sensação. Não consegui.

Todos os músculos do meu corpo queimavam. Meus ossos pareciam estar derretendo. Eu queria gritar, mas não tinha força para abrir minha boca. Comecei a afundar, cada vez mais perto do chão, o peso do céu esmagando-me.

Reaja! A voz de Grover disse dentro da minha cabeça. *Não desista.*

Concentrei-me na respiração. Se eu ao menos pudesse manter o céu no alto por mais alguns segundos. Pensei em Bianca, que dera sua vida para que pudéssemos estar aqui. Se ela podia fazer aquilo, eu podia carregar o céu.

Minha visão ficou borrada. Tudo estava tingido de vermelho. Eu capturava lampejos da batalha, mas não tinha certeza se estava vendo claramente. Havia Atlas numa armadura de batalha completa, golpeando com seu dardo, gargalhando insanamente enquanto lutava. E Ártemis, um borrão de prata. Ela tinha duas cruéis facas de caça, cada uma tão longa quanto seu braço, e ela golpeava o Titã com selvageria, esquivando e saltando com uma graça inacreditável. Ela parecia mudar de forma enquanto manobrava. Era um tigre, uma gazela, um urso, um falcão. Ou talvez fosse apenas meu cérebro febril. Zoë disparava flechas em seu pai, mirando nas fendas de sua armadura.

Ele rugia de dor cada vez que uma achava seu lugar, mas elas o afetavam como picadas de abelha. Ele apenas ficava mais irado e continuava lutando.

Thalia e Luke continuavam lança contra espada, relâmpagos lampejando em volta deles. Thalia pressionou Luke para trás com a aura de seu escudo. Mesmo ele não era imune a isso. Ele recuou, estremecendo e rosnando de frustração.

— Renda-se! — Thalia gritou. — Você nunca conseguiu me derrotar, Luke.

Ele mostrou os dentes.

— Veremos, minha velha amiga.

Suor escorria pelo meu rosto. Minhas mãos estavam escorregadias. Meus ombros teriam gritado de agonia se pudessem. Senti como se as vértebras da minha coluna estivessem sendo soldadas por um maçarico.

Atlas avançou, pressionando Ártemis. Ela era rápida, mas a força dele era impossível de ser parada. Seu dardo atingiu o lugar onde Ártemis estivera uma fração de segundo antes, e uma rachadura se abriu nas rochas. Ele pulou a fissura e continuou a persegui-la.

Ela o estava guiando de volta em minha direção.

Prepare-se, ela disse na minha mente.

Eu estava perdendo a capacidade de pensar em meio à dor. Minha resposta foi algo como: *Agggghh-owwwwwwww*.

— Você luta bem para uma garota — Atlas riu. — Mas você não é páreo para mim.

Ele simulou com a ponta do seu dardo e Ártemis se esquivou. Eu vi o truque chegando. O dardo de Atlas varreu em volta e arrancou as pernas de Ártemis do chão. Ela caiu, e Atlas trouxe a ponta de seu dardo para matar.

— Não! — Zoë gritou. Ela saltou entre seu pai e Ártemis

e atirou uma flecha diretamente na testa do Titã, onde se fixou como um chifre de unicórnio. Atlas gritou de raiva. Ele varreu sua filha para o lado com as costas de sua mão, mandando-a voando para dentro das rochas negras.

Eu quis gritar o nome dela, correr em seu auxílio, mas não conseguia falar ou me mexer. Nem ao menos conseguia ver onde Zoë tinha aterrissado. Então Atlas se virou para Ártemis com um olhar de triunfo em seu rosto. Ártemis parecia estar ferida. Ela não se levantou.

— O primeiro sangue em uma nova guerra — Atlas se vangloriou. E ele apunhalou para baixo.

Rápida como o pensamento, Ártemis agarrou a haste de seu dardo. O objeto atingiu o chão bem ao lado dela e ela o puxou para trás, usando o dardo como uma alavanca, chutando o Lorde Titã e mandando-o voando sobre ela, eu o vi caindo em cima de mim e percebi o que aconteceria. Afrouxei minha pegada no céu, e enquanto Atlas me atingia eu não tentei segurar. Eu me deixei ser empurrado para fora do caminho e rolei com tudo.

O peso do céu recaiu sobre as costas de Atlas, quase achatando-o até que ele conseguiu se ajoelhar, debatendo-se para sair debaixo do peso esmagador do céu. Mas era tarde demais.

— *Nãããooo!* — ele berrou tão forte que sacudiu a montanha.
— *De novo não!*

Atlas estava preso sob seu antigo fardo.

Tentei me levantar e caí de novo, tonto de dor. Meu corpo parecia estar queimando.

Thalia cercou Luke na beira do penhasco, mas eles ainda duelavam, próximos ao caixão dourado. Thalia tinha lágrimas nos olhos. Luke tinha um corte ensanguentado em seu peito e sua face pálida reluzia com o suor.

Ele atacou Thalia e ela o acertou com o escudo. A espada de Luke girou para fora de sua mão e tilintou nas pedras. Thalia pôs a ponta de sua lança na garganta dele.

Por um momento, houve silêncio.

— Bem? — Luke perguntou. Ele tentou esconder, mas eu podia escutar medo em sua voz.

Thalia tremeu de fúria.

Atrás dela, Annabeth veio arrastando-se, finalmente livre de suas amarras. O rosto dela estava machucado e riscado de sujeira.

— Não o mate!

— Ele é um traidor — Thalia disse. — Um traidor!

Atordoados, percebi que Ártemis não estava mais comigo. Ela tinha corrido em direção às rochas negras onde Zoë caíra.

— Nós vamos trazer Luke de volta — Annabeth pediu. — Para o Olimpo. Ele... ele será útil.

— É isso que você quer, Thalia? — Luke zombou. — Voltar para o Olimpo triunfante? Agradar ao seu pai?

Thalia hesitou, e Luke agarrou desesperadamente a lança dela.

— Não! — Annabeth gritou. Mas era tarde demais. Sem pensar, Thalia chutou Luke para longe. Ele perdeu o equilíbrio, terror em seu rosto, e então caiu.

— Luke! — Annabeth gritou.

Corremos até a beirada do penhasco. Abaixo de nós, o exército do *Princesa Andrômeda* parara de espanto. Eles olhavam fixamente para a forma quebrada de Luke nas rochas.

Por mais que eu o odiasse, não aguentava ver. Queria acreditar que ele ainda estava vivo, mas era impossível. A queda era de cinco metros no mínimo, e ele não estava se mexendo.

Um dos gigantes olhou para cima e rugiu:

— Matem-nos!

Thalia estava rígida de pesar, lágrimas descendo por sua face. Eu a puxei para trás quando uma onda de dardos passou por cima de nossas cabeças. Corremos para as rochas, ignorando as maldições e ameaças de Atlas enquanto passávamos.

— Ártemis! — gritei.

A deusa olhou para cima, seu rosto quase tão arrasado de pesar quanto o de Thalia. Zoë estava deitada nos braços da deusa. Ela estava respirando. Os olhos dela estavam abertos. Mas ainda assim...

— A ferida está envenenada — Ártemis disse.

— Atlas a envenenou? — perguntei.

— Não — a deusa disse. — Não Atlas.

Ela nos mostrou a ferida no lado de Zoë. Quase tinha esquecido o arranhão do dragão Ladão. A mordida era muito pior do que Zoë demonstrara. Eu quase não conseguia olhar para o ferimento. Ela tinha investido na batalha contra seu pai com um corte horrível já extraíndo suas forças.

— As estrelas — Zoë murmurou. — Não consigo vê-las.

— Néctar e ambrosia — eu disse. — Vamos! Temos que pegar um pouco pra ela.

Ninguém se mexeu. Tristeza pairava no ar. O exército de Cronos estava logo abaixo da saliência. Até mesmo Ártemis estava chocada demais para se mover. Devíamos ter encontrado nossa perdição lá, mas então escutei um estranho zumbido.

Assim que o exército de monstros subiu a colina, um Sowith Camel desceu rapidamente do céu.

— Fiquem longe da minha filha! — Dr. Chase gritou, e suas metralhadoras explodiram com vida, salpicando o chão com buracos de bala e assustando todo o grupo de monstros num estardalhaço.

— Pai? — gritou Annabeth, incrédula.

— Corram! — ele falou de volta, sua voz ficando mais fraca enquanto o avião atacava.

Isso sacudiu Ártemis para fora de sua tristeza. Ela encarou o antigo avião, o qual estava agora fazendo a volta para outro bombardeamento.

— Um homem corajoso — Ártemis disse, aprovando de má vontade. — Vamos, devemos tirar Zoë daqui.

Ela levou seu berrante aos lábios, e seu som claro ecoou nos vales de Marin. Os olhos de Zoë estavam tremendo.

— Agente firme! — eu disse a ela. — Vai ficar tudo bem!

O Sopwith Camel atacou de novo. Alguns gigantes jogaram dardos, e um voou diretamente entre as asas do avião, mas as metralhadoras arderam em chamas. Percebi com admiração que de algum jeito Dr. Chase obtivera bronze celestial para modelar suas balas. A primeira fileira de mulheres serpente gritou de dor quando uma saraivada da metralhadora as explodiu em poeira amarela sulfurosa.

— Esse... é meu pai! — Annabeth disse, admirada.

Não tivemos tempo para apreciar o voo dele. Os gigantes e as mulheres serpente já estavam se recuperando da surpresa. Dr. Chase logo estaria com problemas.

Bem nesse momento, o luar brilhou, e uma carruagem prateada apareceu no céu, puxada pela mais bela rena que eu já vira. Ela aterrissou bem ao nosso lado.

— Subam — Ártemis disse.

Annabeth me ajudou a colocar Thalia a bordo. Então ajudei Ártemis com Zoë.

Enrolamos Zoë em um cobertor enquanto Ártemis puxava as rédeas e a carruagem acelerava para longe da montanha, direto para o céu.

— Como o trenó do Papai Noel — murmurei, ainda atordado de dor.

Ártemis levou um tempo para olhar de volta para mim.

— De fato, jovem meio-sangue. E de onde você acha que surgiu a lenda?

Vendo-nos ir embora em segurança, Dr. Chase virou seu bimotor e nos seguiu como uma escolta de honra. Deve ter sido uma das mais estranhas visões, mesmo para a Área da Baía: uma carruagem prateada puxada por uma rena, escoltada por um Sopwith Camel.

Atrás de nós, o exército de Cronos rugia de raiva conforme se aglomerava no topo do Monte Tamalpais, mas o som mais alto era a voz de Atlas, gritando maldições contra os deuses enquanto se debatia sob o peso do céu.



UMA AMIGA DIZ ADEUS

Nós pousamos no Campo Crissy depois de anoitecer.

Assim que o Dr. Chase desceu de seu Sopwith Camel, Annabeth correu para ele e lhe deu um enorme abraço.

— Pai! Você voou... você atirou!... ah, meus deuses! Isso foi a coisa mais legal que eu já vi!

O pai dela corou.

— Bem, nada mal para um mortal de meia-idade, eu acho.

— Mas balas de bronze celestial! Como você *conseguiu* aquelas?

— Ah, bem. Você deixou umas armas de meio-sangue no seu quarto na Virginia, da última vez que você... foi embora.

Annabeth abaixou a cabeça, envergonhada. Eu percebi que o Dr. Chase teve muito cuidado para não dizer *fugiu*.

— Eu decidi derreter algumas para fazer cápsulas — ele continuou. — Apenas um pequeno experimento.

Ele disse isso como se não fosse nada, mas tinha um brilho no olhar. Subitamente, eu entendi por que Atena, Deusa da Sabedoria e da Tecelagem, gostara dele. No fundo ele era um excelente cientista maluco.

— Pai... — Annabeth hesitou.

— Annabeth, Percy — Thalia interrompeu. Sua voz era

urgente. Ela e Ártemis estavam ajoelhadas ao lado de Zoë, colocando ataduras nos ferimentos da Caçadora.

Annabeth e eu corremos para ajudar, mas não havia muito que pudéssemos fazer. Nós não tínhamos ambrosia nem néctar. Nenhuma medicina usual ajudaria. Estava escuro, mas eu podia ver que Zoë não parecia bem. Ela estava tremendo, e o fraco brilho que geralmente a rodeava estava se apagando.

— Você não pode curá-la com magia? — perguntei a Ártemis. — Quero dizer... você é uma deusa.

Ártemis pareceu abalada.

— A vida é algo frágil, Percy. Se as Parcas decidem cortar a linha, há pouco que eu possa fazer. Mas eu posso tentar.

Ela tentou pôr a mão na lateral do corpo de Zoë, mas Zoë segurou seu pulso. Ela olhou fundo nos olhos da deusa, e uma espécie de entendimento se passou entre elas.

— Eu... servi bem a ti? — Zoë sussurrou.

— Com grande honra — Ártemis disse suavemente. — A melhor de minhas ajudantes.

O rosto de Zoë relaxou.

— Descanso. Afinal.

— Eu posso tentar eliminar o veneno, minha corajosa.

Mas naquele momento, eu soube que não era apenas o veneno que a estava matando. Era o golpe final de seu pai. Zoë soubera o tempo inteiro que a profecia do Oráculo era sobre ela: que ela morreria pelas mãos do pai. E mesmo assim aceitou a jornada.

Ela escolheu me salvar, e a fúria de Atlas a quebrou por dentro.

Ela olhou para Thalia, e pegou sua mão.

— Desculpe-me por termos brigado — Zoë disse. — Nós poderíamos ter sido irmãs.

— É minha culpa — Thalia falou, piscando muito. — Você estava certa sobre Luke, sobre heróis, homens... sobre tudo.

— Talvez não sobre todos os homens — Zoë murmurou. Ela sorriu fracamente para mim. — Ainda tens aquela espada, Percy?

Eu não conseguia falar, mas tirei Contracorrente do bolso e coloquei a caneta em sua mão. Ela a pegou, satisfeita.

— Disseste a verdade, Percy Jackson. Tu não és como... como Hércules. Sinto-me honrada por carregares esta espada.

Um tremor correu pelo seu corpo.

— Zoë — eu disse.

— Estrelas — ela sussurrou. — Posso ver as estrelas novamente, minha senhora.

Uma lágrima rolou pela face de Ártemis.

— Sim, minha corajosa. Elas estão lindas esta noite.

— Estrelas — Zoë repetiu. Seus olhos se fixaram no céu noturno. E ela não se mexeu mais.

Thalia abaixou a cabeça. Annabeth reprimiu um soluço, e seu pai colocou as mãos sobre seus ombros. Eu observei conforme Ártemis pôs suas mãos em concha sobre os lábios de Zoë e pronunciou algumas palavras em grego antigo. Uma fina linha de fumaça prateada exalou dos lábios abertos de Zoë e foi parar nas mãos da deusa. O corpo de Zoë cintilou e desapareceu.

Ártemis se levantou, emitiu algum tipo de bênção, soprou em suas mãos unidas e liberou a poeira prateada para o céu. A poeira flutuou, reluzindo, e sumiu.

Por um momento eu não vi nada diferente. Então Annabeth engasgou. Olhando acima para o céu, eu vi que as estrelas estavam mais brilhantes agora. Elas formavam um padrão que eu nunca tinha percebido antes — uma constelação brilhante que

parecia muito a figura de uma garota – uma garota com um arco, correndo através do céu.

— Deixe o mundo honrá-la, minha Caçadora — Ártemis disse. — Viva para sempre nas estrelas.

Não foi fácil para nós dizer adeus. Os raios e trovões ainda estavam se agitando sobre o Monte Tamalpais ao norte. Ártemis estava tão zangada que tremeluzia numa luz prateada. Isso me deixou nervoso, porque se ela de repente perdesse o controle e aparecesse em sua plena forma divina, nós iríamos nos desintegrar ao olhar para ela.

— Eu preciso ir ao Olimpo imediatamente — disse Ártemis. — Não serei capaz de levá-los, mas mandarei ajuda.

A deusa pôs a mão no ombro de Annabeth.

— Você foi valente além dos limites, minha garota. Você fará o que é certo.

Então ela olhou interrogativamente para Thalia, como se ela não estivesse certa sobre o que fazer com essa filha mais nova de Zeus. Thalia parecia relutante em olhar para cima, mas algo a compeliu, e ela sustentou o olhar da deusa. Não sei ao certo o que se passou entre elas, mas o olhar de Ártemis se suavizou com simpatia. Então ela se voltou para mim.

— Você foi bem — ela disse. — Para um homem.

Eu quis protestar. Mas então percebi que era a primeira vez que ela não me chamava de garoto.

Ela subiu em sua carruagem, que começou a brilhar. Nós desviamos os olhos. Houve um lampejo prateado, e a deusa se foi.

— Bem — Dr. Chase suspirou. — Ela era impressionante; embora eu deva assinalar que ainda prefiro Atena.

Annabeth se voltou para ele.

— Pai, eu... eu sinto muito que...

— Shh. — Ele a abraçou. — Faça o que for preciso, minha querida. Eu sei que isso não é fácil pra você.

Sua voz estava um pouco falha, mas ele deu a Annabeth um corajoso sorriso.

Então eu ouvi o barulho de grandes asas. Três pégasos desceram através da neblina: dois cavalos brancos alados e um puramente preto.

— Blackjack! — chamei.

E aí, chefe! Ele saudou. *Conseguiu ficar vivo e bem sem mim?*

— Foi difícil — eu admiti.

Eu trouxe Guido e Porkpie comigo.

E aí? Beleza?

Os outros dois pégasos disseram em minha mente.

Blackjack me olhou com preocupação, e então examinou Dr. Chase, Thalia e Annabeth.

Quer que a gente coloque algum desses manés pra correr?

— Não — eu disse em voz alta. — Esses são meus amigos. Nós precisamos chegar ao Olimpo bem rápido.

Sem problemas, Blackjack falou. Exceto pelo mortal ali. Espero que ele não vá.

Assegurei a ele que o Dr. Chase não iria. O professor estava encarando boquiaberto os pégasos.

— Fascinante — ele disse. — Mas que maneabilidade! Como a envergadura das asas compensa o peso do corpo do cavalo, eu pergunto?

Blackjack ergueu sua cabeça.

Heeeein?

— Porque, se os ingleses tivessem esses pégasos nos ataques da cavalaria na Crimeia — Dr. Chase falou, — o ataque da brigada da luz...

— Pai! — Annabeth interrompeu.

Dr. Chase piscou. Ele olhou para sua filha e sorriu.

— Desculpe, querida, eu sei que você deve ir.

Ele lhe deu um último abraço desajeitado e bem-intencionado. Quando ela se virou para montar no pégaso Guido, Dr. Chase a chamou:

— Annabeth. Eu sei... eu sei que São Francisco é um lugar perigoso para você. Mas, por favor, lembre-se que você sempre terá um lar conosco. Nós a manteremos segura.

Annabeth não respondeu, mas seus olhos estavam vermelhos quando ela se virou. Dr. Chase começou a dizer mais, mas pareceu pensar melhor sobre isso. Ele levantou sua mão em um aceno triste e caminhou pesadamente através do campo escuro.

Thalia e Annabeth e eu montamos em nossos pégasos. Juntos nós sobrevoamos a baía e fomos rumo às colinas orientais. Logo, São Francisco era apenas um brilho crescente atrás de nós, com um ocasional raio lampejando ao Norte.

Thalia estava tão exausta que caiu no sono nas costas de Porkpie. Eu sabia que ela devia estar realmente cansada para dormir em pleno ar, apesar do seu medo de altura, mas ela não tinha muito com o que se preocupar. O seu pégaso voava suavemente, ajustando-se de vez em quando para que Thalia ficasse segura em suas costas.

Annabeth e eu voávamos juntos, lado a lado.

— Seu pai parece ser legal — eu disse a ela.

Estava escuro demais para ver sua expressão. Ela olhou para trás, mesmo que a Califórnia estivesse bem atrás de nós agora.

— Eu acho que sim — ela falou. — Nós discutimos por tantos anos.

— É, você disse.

— Você acha que eu estava mentindo sobre isso? — Isso

soou como um desafio, mas feito sem força, como se ela estivesse perguntando a si mesma.

— Eu não disse que você estava mentindo. É só que... ele parece ser legal. E sua madrastra também. Talvez eles tenham, hum, ficado mais simpáticos desde a última vez em que você os viu.

Ela hesitou.

— Eles ainda estão em São Francisco, Percy. Eu não posso viver tão longe do acampamento.

Eu não queria fazer minha próxima pergunta. Estava com medo da resposta. Mas eu perguntei de qualquer jeito.

— Então o que você vai fazer agora?

Nós voávamos sobre uma cidade, uma ilha de luzes no meio da escuridão. Ela passou por nós tão rápido que podíamos estar em um avião.

— Eu não sei — ela admitiu. — Mas obrigada por me resgatar.

— Ei, não foi nada. Nós somos amigos.

— Você não acreditou que eu estava morta?

— Nunca.

Ela hesitou.

— Nem Luke, sabe. Quero dizer... ele não está morto.

Eu a encarei. Não sabia se ela estava desmoronando por causa do estresse ou o quê.

— Annabeth, aquela queda foi bem feia. Não há como...

— Ele não está morto — ela insistiu. — Eu sei disso. Do mesmo jeito que você sabia sobre mim.

Essa comparação não me fez muito feliz.

As cidades estavam passando rapidamente agora, ilhas de luz bem juntas, até que toda a paisagem abaixo era um tapete brilhante. A alvorada estava próxima. O céu oriental estava se

tornando cinza. E um pouco acima, um imenso brilho branco e amarelo se estendia à nossa frente — as luzes de Nova York.

E quanto à velocidade, chefe? Blackjack se vangloriou. *Ganhamos feno extra no café da manhã ou o quê?*

— Você é o cara, Blackjack — eu disse. — Er, o cavalo, quero dizer.

— Você não acredita em mim sobre Luke — Annabeth falou, — mas nós o veremos de novo. Ele está com problemas, Percy. Ele está sob o feitiço de Cronos.

Não me senti com humor para discutir, apesar disso ter me deixado zangado. Como ela ainda podia ter sentimentos por aquele canalha? Como ela podia arranjar desculpas para ele? Ele mereceu aquela queda. Ele mereceu... ok, eu vou dizer, ele mereceu morrer. Diferente de Bianca. Diferente de Zoë. Luke não podia estar vivo. Não seria justo.

— Ali está. — A voz de Thalia; ela havia acordado. Ela estava apontando na direção de Manhattan, que estava aparecendo rapidamente. — Começou.

— O que começou? — perguntei.

Então eu olhei para onde ela estava apontando. Bem acima do Edifício Empire State, o Olimpo era sua própria ilha de luz, uma montanha flutuante brilhando com tochas e braseiros, palácios de mármore branco reluzindo no céu matinal.

— O solstício de inverno — disse Thalia. — O Conselho dos Deuses.



OS DEUSES VOTAM EM COMO NOS MATAR

Voar era suficientemente ruim para um filho de Poseidon, mas voar direto para o palácio de Zeus, com trovões e relâmpagos rodopiando em volta, era ainda pior.

Nós circulamos sobre o centro de Manhattan, fazendo uma órbita completa em torno do Monte Olimpo. Eu estivera lá apenas uma vez, viajando de elevador até o secreto sexcentésimo andar do Edifício Empire State. Dessa vez, se possível, o Olimpo me fascinou ainda mais.

Na escuridão do começo da manhã, tochas e fogueiras faziam os palácios da encosta da montanha reluzirem em vinte cores diferentes, de vermelho sangue a azul índigo. Aparentemente, ninguém dormia no Olimpo. As ruas retorcidas estavam cheias de semideuses, espíritos da natureza, e deuses menores fazendo alvoroço, montando carruagens ou liteiras carregadas por ciclopes. O inverno parecia não existir aqui.

Capturei o aroma de jardins em plena florescência, jasmims, rosas e coisas ainda mais doces que eu não sabia o nome. Música flutuava vinda de várias janelas, os sons suaves de liras e flautas de bambu.

Elevando-se no pico da montanha estava o mais grandioso palácio de todos, o reluzente salão branco dos deuses.

Nossos pégasos nos deixaram no pátio externo, em frente a enormes portões de prata. Antes que eu sequer pensasse em bater, os portões se abriram por conta própria.

Boa sorte, chefe, Blackjack disse.

— É. — Não sabia por que, mas eu tinha uma sensação de condenação. Eu nunca tinha visto todos os deuses juntos. Sabia que qualquer um deles poderia me reduzir a pó, e alguns deles gostariam de fazê-lo.

Ei, se você não voltar, posso usar seu chalé como meu estábulo?

Olhei para o pégaso.

Só pensando, ele disse. *Desculpe*.

Blackjack e seus amigos voaram, deixando Thalia, Annabeth e eu sozinhos. Por um minuto nós ficamos lá observando o local, do jeito que ficamos juntos em frente ao Westover Hall, o que parecia ter acontecido há um milhão de anos.

E então, lado a lado, entramos na sala do trono.

Doze enormes tronos faziam um U em volta da lareira central, como o posicionamento dos chalés no acampamento. O teto acima brilhava com constelações — até mesmo a mais nova, Zoë a Caçadora, fazendo seu caminho através dos céus com seu arco preparado.

Todos os assentos estavam ocupados. Cada deus e deusa tinha cerca de cinco metros, e eu te digo, se você alguma vez teve uma dúzia de indivíduos todo-poderosos e superenormes voltando seus olhos para você de uma vez... Bem, de repente, enfrentar monstros parecia um piquenique.

— Bem-vindos, heróis — Ártemis disse.

— Moool!

Foi quando eu notei Bessie e Grover.

Uma esfera de água estava pairando no centro da sala, próxima à fogueira da lareira. Bessie estava nadando em volta alegre, balançando sua cauda de serpente e cutucando com a cabeça as laterais e o fundo da esfera. Ele parecia estar curtindo a novidade de nadar numa bolha mágica. Grover estava se ajoelhando perante o trono de Zeus, como se tivesse acabado de dar um relatório, mas quando nos viu, ele gritou:

— Vocês conseguiram!

Ele começou a correr em minha direção, então se lembrou que estava dando as costas para Zeus, e olhou pedindo permissão.

— Pode ir — Zeus disse. Mas ele não estava realmente prestando atenção em Grover. O Senhor dos Céus estava encarando atentamente Thalia.

Grover trotou até mim. Nenhum dos deuses falou. Cada ruído dos cascos de Grover ecoava no piso de mármore. Bessie fazia estardalhaço em sua bolha de água. A fogueira central crepitava.

Olhei nervosamente para meu pai, Poseidon. Ele estava vestido de forma parecida com a última vez que eu o vira: bermuda de praia, uma camiseta havaiana e sandálias. Ele tinha o rosto ressecado e bronzeado com uma barba escura e profundos olhos verdes. Eu não tinha certeza de como ele se sentiria me vendo de novo, mas os cantos de seus olhos enrugaram com linhas de sorriso. Ele acenou com a cabeça como se fosse dizer *Está tudo bem*.

Grover deu grandes abraços em Annabeth e Thalia. Então ele agarrou meus braços.

— Percy, Bessie e eu conseguimos! Mas você tem que convencê-los! Eles não podem fazer isso!

— Fazer o quê? — perguntei.

— Heróis — Ártemis chamou.

A deusa deslizou de seu trono e adquiriu tamanho humano, uma jovem garota de cabelo castanho avermelhado, perfeitamente sossegada em meio aos gigantes Olímpianos. Ela andou em nossa direção, suas roupas prateadas cintilando. Não havia emoção em seu rosto. Ela parecia caminhar em uma coluna de luar.

— O Conselho foi informado dos seus feitos — Ártemis nos disse. — Eles sabem que o Monte Ótris está se erguendo no Oeste. Eles sabem da tentativa de libertação de Atlas, e dos exércitos reunidos de Cronos. Votamos por agir.

Houve um balbuciar e conversas confusas entre os deuses, como se eles não estivessem todos muito felizes com este plano, mas ninguém protestou.

— Ao comando de meu Lorde Zeus — Ártemis disse, — meu irmão Apolo e eu devemos caçar os mais poderosos monstros, buscando atacá-los antes que eles se unam à causa dos Titãs. Lady Atena deve checar pessoalmente os outros Titãs para ter certeza de que eles não escapem de suas diversas prisões. Lorde Poseidon obteve permissão para liberar toda sua fúria no navio de cruzeiro *Princesa Andrômeda* e mandá-lo para o fundo do mar. E quanto a vocês, meus heróis...

Ela se virou para encarar os outros imortais.

— Estes meio-sangues prestaram um ótimo serviço para o Olimpo. Alguém aqui negaria isso?

Ela olhou em volta para os deuses reunidos, encontrando as faces deles individualmente. Zeus em seu escuro terno risca de giz, sua barba preta impecavelmente aparada, e seus olhos faiscando com energia. Ao seu lado se sentava uma bela mulher com cabelo prateado trançado sobre um ombro e um vestido que cintilava cores parecidas com as das penas de pavão. A

Lady Hera.

À direita de Zeus, meu pai Poseidon. Ao lado dele, uma grande massa que era um homem com a perna em um suporte de aço, uma cabeça disforme, uma selvagem barba castanha, fogo tremeluzindo através de suas suíças. O Senhor das Forjas, Hefesto.

Hermes piscou para mim. Ele estava vestindo um terno empresarial hoje, checando mensagens em seu celular caduceu. Apolo estava inclinado para trás em seu trono dourado usando seus óculos escuros. Ele estava usando fones de iPod, então eu não tinha certeza se ele ao menos estava escutando, mas ele levantou o polegar para mim.

Dioniso parecia entediado, enrolando uma vinha entre os dedos. E Ares, bem, ele estava sentado em seu trono de cromo e couro olhando ameaçadoramente para mim enquanto afiava uma faca.

No lado feminino da sala do trono, uma deusa de cabelos escuros em roupas verdes sentava-se ao lado de Hera em um trono tecido com ramos de macieira. Deméter, Deusa da Colheita. Ao lado dela se sentava uma bonita mulher de olhos cinzentos em um elegante vestido branco. Ela só podia ser a mãe de Annabeth, Atena. Então lá estava Afrodite, que sorria para mim de propósito e me fez enrubescer contra a minha vontade.

Todos os Olímpianos em um só lugar. Tanto poder nesta sala, era um milagre que o palácio inteiro não explodisse.

— Tenho que dizer — Apolo quebrou o silêncio, — essas crianças se saíram muito bem. — Ele pigarreou e começou a recitar: — *Heróis ganham louros...*

— Hum, sim, primeira classe — Hermes interrompeu, como se estivesse ansioso para evitar a poesia de Apolo. —

Todos a favor de não desintegrá-los?

Algumas mãos subiram na tentativa – Deméter, Afrodite.

— Espere só um minuto — Ares rosnou. Ele apontou para Thalia e para mim. — Esses aí são perigosos. Seria muito mais seguro, enquanto temos os dois aqui...

— Ares — Poseidon interrompeu. — Eles são heróis notáveis. Não vamos explodir meu filho em pedaços.

— Nem minha filha — Zeus resmungou. — Ela se saiu bem.

Thalia corou. Ela estudou o chão. Eu sabia como ela se sentia. Eu quase nunca falava com meu pai, menos ainda ganhava um elogio.

A deusa Atena pigarreou e sentou mais a frente.

— Também estou orgulhosa de minha filha. Mas há um risco de segurança aqui com os outros dois.

— Mãe! — Annabeth disse. — Como você pode...

Atena a cortou com um olhar calmo, mas firme.

— É lamentável que meu pai, Zeus, e meu tio, Poseidon, tenham escolhido quebrar seu juramento de não ter mais filhos. Apenas Hades manteve sua palavra, um fato que acho irônico. Como nós sabemos pela Grande Profecia, crianças dos três deuses mais velhos... como Thalia e Percy... são perigosas. Mesmo sendo cabeça dura como ele é, Ares tem um argumento.

— Certo! — Ares disse. — Ei, espere um minuto. Quem você está chamando...

Ele começou a se levantar, mas uma videira cresceu ao redor de sua cintura como um cinto de segurança e o puxou de volta.

— Oh, por favor, Ares — Dioniso suspirou. — Poupe a briga para depois.

Ares xingou e arrancou a videira.

— Você é quem deve falar, seu velho bêbado. Você seriamente quer proteger esses pirralhos?

Dioniso olhou para nós enfadonhamente.

— Não tenho amor por eles. Atena, você realmente pensa que é mais seguro destruí-los?

— Eu não passo o julgamento — Atena disse. — Apenas aponto o risco. O que nós fazemos, o Conselho deve decidir.

— Eu não vou puni-los — Ártemis falou. — Vou recompensá-los. Se nós destruimos heróis que nos fazem um grande favor, então não somos melhores que os Titãs. Se esta é a justiça Olímpiana, não terei nada com ela.

— Calma, maninha — Apolo disse. — Céus, você precisa relaxar.

— Não me chame de *maninha*! Eu vou recompensá-los.

— Bem — Zeus resmungou. — Talvez. Mas pelo menos o monstro tem que ser destruído. Concordamos quanto a isso?

Muitas de cabeças assentiram.

Levou um segundo para eu perceber do que eles estavam falando. Então meu coração se transformou em chumbo.

— Bessie? Vocês querem destruir Bessie?

— Moooooooooo! — Bessie protestou.

Meu pai franziu a testa.

— Você deu o nome de Bessie para o Ofiotauro?

— Pai — eu disse, — ele é apenas uma criatura marinha. Uma criatura marinha realmente *legal*. Você não pode destruí-lo.

Poseidon mudou de posição, desconfortável.

— Percy, o poder do monstro é considerável. Se os Titãs o roubarem, ou...

— Vocês não podem — insisti. Olhei para Zeus. Eu provavelmente deveria estar com medo dele, mas encarei seus olhos

diretamente. — Controlar profecias nunca funciona. Não é verdade? Além do mais Bess - o Ofiotauro é inocente. Matar algo desse jeito é errado. É tão errado quanto... Cronos comer seus filhos, apenas por causa de alguma coisa que eles *poderiam* fazer. É errado!

Zeus pareceu considerar isto. Seus olhos flutuaram para sua filha Thalia.

— E quanto ao risco? Cronos sabe muito bem, se um de vocês sacrificar as entranhas da fera, teria o poder para nos destruir. Você acha que nós podemos deixar essa possibilidade permanecer? Você, minha filha, vai fazer dezesseis anos amanhã, justamente como diz a profecia.

— Vocês têm que confiar neles — Annabeth falou. — Senhor, você tem que confiar neles.

Zeus franziu as sobrancelhas.

— Confiar em um herói?

— Annabeth está certa — Ártemis disse. — E é por isso que devo fazer primeiro a retribuição. Minha fiel companheira, Zoë Doce-Amarga, passou para as estrelas. Eu devo ter uma nova tenente. E eu pretendo escolher uma. Mas primeiro, Pai Zeus, devo falar com você em particular.

Zeus acenou para Ártemis vir à frente. Ele se inclinou e escutou enquanto ela falava em seu ouvido.

Um sentimento de pânico se apoderou de mim.

— Annabeth — eu disse em um sussurro. — Não.

Ela franziu a testa para mim.

— O quê?

— Olhe, eu preciso te contar uma coisa — continuei. As palavras vieram tropeçando para fora de mim. — Eu não conseguiria aguentar se... Não quero que você...

— Percy? — ela disse. — Parece que você vai passar mal.

E era assim que eu me sentia. Queria falar mais, mas minha língua me traiu. Ela não se movia por causa do medo em meu estômago. E então Ártemis se virou.

— Terei uma nova tenente — ela anunciou. — Se ela aceitar.

— Não — eu murmurei.

— Thalia — Ártemis disse. — Filha de Zeus. Você deseja se juntar às Caçadoras?

Um silêncio pasmo encheu a sala. Olhei fixamente para Thalia, incapaz de acreditar no que estava ouvindo. Annabeth sorriu. Ela apertou a mão de Thalia e depois a soltou, como se estivesse esperando por isso o tempo todo.

— Eu desejo — Thalia disse, firme.

Zeus se levantou, seus olhos cheios de preocupação.

— Minha filha, considere bem...

— Pai — ela disse. — Eu não vou fazer dezesseis amanhã. Nunca farei dezesseis. Não deixarei essa profecia ser minha. Eu fico com minha irmã Ártemis. Cronos nunca mais vai me tentar.

Ela se ajoelhou perante a deusa e iniciou as palavras que eu me lembrava do juramento de Bianca, o que parecia ter acontecido há tanto tempo.

— Eu me submeto à deusa Ártemis. Eu abandono a companhia dos homens...

Depois disso, Thalia fez algo que me surpreendeu quase tanto quanto o juramento. Ela veio até mim, sorriu, e na frente de toda a assembleia me deu um grande abraço.

Eu corei.

Quando ela se afastou e apertou meus ombros, eu disse:

— Hum... supostamente você não deveria não mais fazer isso? Abraçar garotos, quero dizer?

— Estou honrando um amigo — ela corrigiu. — Eu *devo* me juntar às Caçadoras, Percy. Eu não sei o que é paz desde... desde a Colina Meio-Sangue. Eu finalmente sinto que tenho um lar. Mas você é um herói. Você vai ser aquele da profecia.

— Ótimo — sussurrei.

— Estou orgulhosa de ser sua amiga.

Ela abraçou Annabeth, que estava tentando arduamente não chorar. Então ela até abraçou Grover, que parecia prestes a desmaiar, como se alguém tivesse dado a ele um cupom de tudo-o-que-você-puder-comer de *enchiladas*.

Então Thalia foi se postar ao lado de Ártemis.

— Agora quanto ao Ofiotauro — Ártemis disse.

— Este garoto ainda é perigoso — Dioniso alertou. — A fera é uma tentação para um grandioso poder. Mesmo se pouparmos o garoto...

— Não — olhei em volta para todos os deuses. — Por favor. Mantenham o Ofiotauro seguro. Meu pai pode escondê-lo em algum lugar no fundo do mar, ou mantê-lo num aquário aqui no Olimpo. Mas vocês têm que protegê-lo.

— E por que nós deveríamos confiar em você? — atirou Hefesto.

— Tenho apenas catorze anos — falei. — Se essa profecia é sobre mim, ainda tem mais dois anos.

— Dois anos para Cronos enganar você — Atena disse. — Muito pode mudar em dois anos, meu jovem herói.

— Mãe! — Annabeth disse, irritada.

— É unicamente a verdade, criança. É uma estratégia ruim manter o animal vivo. Ou o garoto.

Meu pai se levantou.

— Não terei uma criatura marinha destruída, se eu puder

ajudar. E eu *posso* ajudar.

Ele estendeu a mão, e um tridente apareceu nela: uma haste de bronze de seis metros de comprimento com três pontas de lança que cintilava com uma luz azul aquosa.

— Vou garantir pelo garoto e pela segurança do Ofiotauro.

— Você não vai levá-lo para o fundo do mar! — Zeus se levantou rapidamente. — Não deixarei esse tipo de moeda de troca em seu poder.

— Irmão, por favor — Poseidon suspirou.

O relâmpago de Zeus apareceu em sua mão, uma lança de eletricidade que encheu a sala inteira com o cheiro de ozônio.

— Está bem — Poseidon disse. — Construirei um aquário para a criatura aqui. Hefesto pode me ajudar. A criatura ficará segura. Nós devemos protegê-la com todos os nossos poderes. O garoto não nos trairá. Eu garanto isso por minha honra.

Zeus pensou sobre isso.

— Todos a favor?

Para minha surpresa, muitas mãos se levantaram. Dioniso se absteve. Assim como Ares e Atena. Mas todos os outros...

— Temos uma maioria — Zeus decretou. — E então, já que não vamos destruir esses heróis... Imagino que devemos homenageá-los. Que comece a celebração do triunfo!

Existem festas, e existem festas enormes, maiores e de arrasar. E então existem as festas Olímpianas. Se alguma vez você tiver escolha, vá para a Olímpiana.

As Nove Musas deram início às melodias, e percebi que a música era o que você queria que fosse: os deuses podiam escutar as clássicas e os jovens semideuses ouviam hip-hop ou qualquer outra coisa, e era tudo a mesma trilha sonora. Sem discussões. Sem brigas para mudar a estação de rádio. Apenas

pedidos para aumentar o volume.

Dioniso andava em volta fazendo crescer do chão barracas de refrescos, e uma bela mulher caminhava com ele de braços dados — sua esposa, Ariadne. Dioniso parecia feliz pela primeira vez. Néctar e ambrosia transbordavam das fontes douradas, e travessas de petiscos mortais lotavam as mesas do banquete. Cálices de ouro cheios com qualquer bebida que você quisesse. Grover trotou por aí com um prato cheio de latas de alumínio e enchiladas, e seu cálice estava cheio de café expresso duplo com leite, sobre o qual ele continuava murmurando como um encantamento:

— Pã! Pã!

Deuses continuavam chegando para me parabenizar. Fiquei agradecido por eles terem se reduzido ao tamanho humano, assim eles não esmagavam acidentalmente os convidados debaixo de seus pés. Hermes começou a conversar comigo, e ele estava tão animado que eu odiava ter que contar a ele o que tinha acontecido com o seu filho menos favorito, Luke, mas antes que eu ao menos reunisse coragem, Hermes recebeu uma ligação em seu caduceu e foi embora.

Apolo me contou que eu poderia dirigir sua carruagem solar a qualquer hora, e se alguma vez eu quisesse aulas de arco e flecha, estaria a disposição.

— Obrigado — falei para ele. — Mas é sério, não sou nada bom no arco e flecha.

— Ah, bobagem — ele disse. — Treino com alvos enquanto voamos na carruagem sobre os Estados Unidos? Melhor diversão que existe!

Dei algumas desculpas e costurei pelos grupos que estavam dançando nos jardins do palácio. Estava procurando por Annabeth. Da última vez que a vi, ela estava dançando com algum

deus menor.

Então uma voz masculina atrás de mim disse:

— Você não vai me desapontar, espero.

Eu me virei e achei Poseidon sorrindo para mim.

— Pai... oi.

— Olá, Percy. Você se saiu bem.

O elogio dele me deixou desconfortável. Quero dizer, eu me senti bem, mas sabia o quanto ele tinha se posto no limite, garantindo por mim. Teria sido muito mais fácil deixar os outros me desintegrarem.

— Não vou desapontar você — prometi.

Ele assentiu. Eu tinha problemas em ler as emoções dos deuses, mas imaginei se ele tinha algumas dúvidas.

— Seu amigo Luke...

— Ele não é meu amigo — eu disse rapidamente. Então percebi que provavelmente era rude interromper. — Desculpe.

— Seu *ex*-amigo Luke — corrigiu Poseidon. — Ele certa vez prometeu coisas assim. Ele era o orgulho e a alegria de Hermes. Apenas tenha isso em mente, Percy. Mesmo os mais valentes podem cair.

— Luke caiu pra valer — concordei. — Ele está morto.

Poseidon balançou a cabeça.

— Não, Percy. Ele não está.

Eu o encarei.

— O quê?

— Acredito que Annabeth lhe contou isso. Luke ainda vive. Eu vi. Seu barco parte de São Francisco com os restos de Cronos mesmo agora. Ele vai recuar e reagrupar antes de atacar você novamente. Vou fazer o máximo para destruir o barco dele com tempestades, mas ele está fazendo alianças com meus inimigos, os antigos espíritos do oceano. Eles vão lutar para

protegê-lo.

— Como ele pode estar vivo? — falei. — Com aquela queda ele deveria estar morto!

Poseidon pareceu incomodado.

— Eu não sei, Percy, mas tenha cuidado com ele. Ele está mais perigoso do que nunca. E o caixão dourado ainda está com ele, ainda ganhando força.

— E quanto ao Atlas? — eu disse. — O que existe para evitar que ele escape de novo? Ele não poderia apenas forçar algum gigante ou algo do tipo a carregar o céu por ele?

Meu pai bufou de escárnio.

— Se fosse tão fácil, ele já teria escapado há muito tempo. Não, meu filho. A maldição do céu só pode ser forçada sobre um Titã, uma das crianças de Gaia e Urano. Qualquer outra pessoa deve *escolher* levar o fardo por sua própria e livre vontade. Somente um herói, alguém com força, um coração verdadeiro, e grande coragem, faria tal coisa. Ninguém no exército de Cronos se arriscaria a tentar carregar esse peso, mesmo sob pena de morte.

— Luke conseguiu — eu disse. — Ele libertou Atlas. Então ele iludiu Annabeth para salvá-lo e a usou para convencer Ártemis a carregar o céu.

— Sim — Poseidon disse. — Luke é... um caso interessante.

Acho que ele queria falar mais, mas bem nesse momento, Bessie começou a mugir do outro lado do jardim. Alguns semi-deuses estavam brincando com sua esfera de água, alegremente empurrando para frente e para trás por cima da multidão.

— É melhor eu cuidar disso — Poseidon resmungou. — Não podemos deixar o Ofiotauro ser arremessado por aí como uma bola de praia. Fique bem, meu filho. Não devemos nos

falar de novo por algum tempo.

E desse jeito ele se foi.

Estava prestes a continuar procurando pela multidão quando outra voz falou.

— Seu pai corre um grande risco, sabe.

Eu me encontrei frente a frente com uma mulher de olhos cinzentos que se parecia tanto com Annabeth que quase a chamei assim.

— Atena — tentei não soar ressentido, depois da forma como ela me descartara no conselho, mas acho que não escondi muito bem.

Ela sorriu secamente.

— Não me julgue tão rigorosamente, meio-sangue. Sábios conselhos não são sempre populares, mas falo a verdade. Você é perigoso.

— Você nunca corre riscos?

Ela assentiu.

— Eu admito o argumento. Talvez você seja útil. E ainda... seu defeito mortal pode nos destruir tanto quanto a você mesmo.

Meu coração foi parar na minha garganta. Um ano atrás, Annabeth e eu tivemos uma conversa sobre defeitos mortais. Todo herói tinha um. O dela, ela disse, era orgulho. Ela acreditava que podia fazer qualquer coisa... como carregar o mundo, por exemplo. Ou salvar Luke. Mas eu realmente não sabia qual era o meu.

Atena quase pareceu arrependida por mim.

— Cronos conhece o seu defeito, mesmo que você não. Ele sabe como estudar seus inimigos. Pense, Percy. Como ele manipulou você? Primeiro, sua mãe foi tirada de você. Depois seu melhor amigo, Grover. Agora minha filha, Annabeth. — Ela

parou, reprovando. — Em cada caso, aqueles que você ama foram usados para fisgar você em uma das armadilhas de Cronos. Seu defeito mortal é a lealdade pessoal, Percy. Você não sabe quando é hora de cortar suas perdas. Para salvar um amigo, você sacrificaria o mundo. No herói da profecia, isso é muito, muito perigoso.

Cerrei meus punhos.

— Isso não é um defeito. Só porque eu quero ajudar meus amigos...

— Os defeitos mais perigosos são aqueles bons com moderação — ela disse. — O mal é fácil de combater. A falta de sabedoria... isso é muito difícil, certamente.

Eu quis argumentar, mas descobri que não conseguiria. Atena era inteligente demais.

— Espero que a decisão do Conselho se prove sábia — Atena disse. — Mas estarei vigiando, Percy Jackson. Não aprovo sua amizade com a minha filha. Não acho sábio para nenhum dos dois. E você deveria começar a vacilar em suas lealdades...

Ela fixou em mim seu olhar frio e cinza, e percebi que terrível inimiga Atena seria, dez vezes pior que Ares ou Dioniso ou talvez até meu pai. Atena nunca desistiria. Ela nunca faria algo precipitado ou estúpido somente porque te odiava, e se ela fizesse um plano para te destruir, ele não falharia.

— Percy! — Annabeth disse, correndo através da multidão. Ela parou rapidamente quando viu com quem eu estava falando. — Oh... Mãe.

— Vou deixar vocês — Atena disse. — Por agora.

Ela se virou e caminhou pelo meio da multidão, que se repartia diante dela como se ela estivesse carregando Égide.

— Ela estava sendo difícil com você? — Annabeth perguntou.

— Não — falei. — Está... tudo bem.

Ela me estudou com preocupação. Ela tocou a nova mecha cinza em meu cabelo que combinava exatamente com a dela — nossa dolorosa lembrança por ter carregado o fardo de Atlas. Havia muito que eu queria falar para Annabeth, mas Atena tirara a confiança de mim. Senti como se tivesse levado um soco no estômago.

Não aprovo sua amizade com a minha filha.

— Então — Annabeth disse. — O que você queria me falar mais cedo?

A música estava tocando. Pessoas estavam dançando nas ruas. Eu disse:

— Eu, hã, estava pensando que fomos interrompidos em Westover Hall. E... acho que lhe devo uma dança.

Ela sorriu vagarosamente.

— Tudo bem, Cabeça de Alga.

Então peguei a mão dela, e não sei o que todo o resto ouvia, mas para mim soava como uma música lenta: um pouco triste, mas talvez um pouco esperançosa, também.

GANHO UM INIMIGO COMO PRESENTE DE
NATAL

Antes de deixar o Olimpo, decidi fazer alguns telefonemas. Não foi fácil, mas eu finalmente encontrei uma fonte em um lugar sossegado e enviei uma mensagem de Íris para meu irmão Tyson, no fundo do mar. Conteí a ele sobre nossas aventuras, e Bessie — ele queria saber todos os detalhes sobre a fofa vaca-serpente bebê — e eu assegurei a ele que Annabeth estava segura. Finalmente consegui explicar como o escudo que ele me fez no verão passado foi danificado pelo ataque da manticora.

— Legal! — falou Tyson. — Isso significa que ele era bom! Salvou sua vida!

— Realmente salvou, grandão — disse. — Mas agora está destruído.

— Não destruído — Tyson prometeu. — Eu vou visitar você e consertar o escudo no próximo verão.

A ideia me pegou instantaneamente. Acho que não tinha percebido o quanto eu sentia falta de ter Tyson por perto.

— Sério? — perguntei. — Eles vão deixar você tirar férias?

— Sim! Eu fiz duas mil setecentos e quarenta e uma espadas mágicas — Tyson falou orgulhosamente, mostrando-me a lâmina mais recente. — O chefe disse “bom trabalho!” Ele vai

me deixar tirar o verão todo de folga. Eu vou visitar o acampamento!

Nós falamos algum tempo sobre os preparativos de guerra e a luta do nosso pai contra os antigos deuses do mar, e todas as coisas legais que poderíamos fazer juntos no próximo verão, mas então o chefe de Tyson começou a gritar e ele teve que voltar ao trabalho.

Eu joguei meu último dracma de ouro e fiz mais uma mensagem de Íris.

— Sally Jackson! — falei. — Upper East Side, Manhattan.

A névoa tremulou, e lá estava ela na nossa mesa de cozinha, rindo e segurando as mãos do amigo dela, Sr. Baiacu.

Eu me senti constrangido, e estava prestes a agitar minha mão através da névoa e cortar a ligação, mas antes que eu pudesse, minha mãe me viu.

Seus olhos se arregalaram. Ela soltou a mão do Sr. Baiacu realmente rápido.

— Oh, Paul! Você sabe o quê? Eu deixei meu diário na sala de estar. Você poderia pegar para mim?

— Claro, Sally. Sem problemas.

Ele deixou a sala, e instantaneamente minha mãe olhou para mensagem de Íris.

— Percy! Você está bem?

— Eu estou, hum, bem. Como vai aquele seminário de redação?

Ela franziu os lábios.

— Está indo bem. Mas isso não é importante. Diga o que aconteceu!

Eu contei a ela o mais rápido que pude. Ela suspirou aliviada quando ouviu que Annabeth estava salva.

— Eu sabia que você podia fazer isso! — ela falou. — Estou tão orgulhosa.

— É, bem, é melhor eu deixar você voltar pro seu dever de casa.

— Percy, eu... Paul e eu...

— Mãe, você está feliz?

A pergunta pareceu surpreendê-la. Ela pensou por um momento.

— Sim. Eu realmente estou, Percy. Estar perto dele me faz feliz.

— Então está bem. Sério. Não se preocupe comigo.

A coisa engraçada foi que eu quis dizer aquilo. Considerando a pergunta que eu tinha feito, talvez eu devesse ficar preocupado com minha mãe. Eu acabara de ver como pessoas ruins eram para as outras, como Hércules foi para Zoë Doce-Amarga, como Luke foi para Thalia. Eu havia conhecido Afro-dite, Deusa do amor, em pessoa, e os poderes dela me assustaram mais do que Ares. Mas vendo minha mãe rindo e sorrindo, depois de todos os anos que ela sofreu com meu ex-padrasto nojento, Gabe Ugliano, eu não pude evitar me sentir feliz por ela.

— Você promete não chamá-lo de Sr. Baiacu? — ela perguntou.

Eu dei de ombros.

— Bem, talvez não na frente dele, de qualquer maneira.

— Sally? — S.r Blofis a chamou da nossa sala. — Você precisa do de capa verde ou vermelha?

— Acho melhor eu ir — ela me falou. — Vejo você no Natal?

— Você está colocando doce azul na minha meia?

Ela sorriu.

- Se você não estiver velho demais pra isso.
- Eu nunca estou velho demais pra doces.
- Verei você então.

Ela passou a mão na névoa. Sua imagem desapareceu, e eu pensei comigo mesmo que Thalia estivera certa há tantos dias atrás em Westover Hall: minha mãe realmente era muito legal.

Comparada ao Monte Olimpo, Manhattan estava calma. Sexta-feira antes do Natal, mas era de manhã cedo, e dificilmente alguém estaria na Quinta Avenida. Argos, o chefe de segurança cheio de olhos, apanhou Annabeth, Grover, e a mim no Empire State e nos levou de volta ao acampamento através de uma leve nevasca. A via expressa de Long Island estava quase deserta.

Conforme nós subíamos a Colina Meio-Sangue até o pinheiro onde o Velocino de Ouro brilhava, eu meio que esperava ver Thalia ali, esperando por nós. Mas ela não estava.

Ela já havia partido com Ártemis e o resto das Caçadoras, para sua próxima aventura.

Quíron nos saudou na Casa Grande com chocolate quente e sanduíches de queijo. Grover foi com seus amigos sátiros para espalhar a palavra sobre nosso estranho encontro com Pã. Dentro de uma hora, os sátiros estavam todos correndo em volta agitados, perguntando onde era a cafeteria mais próxima.

Annabeth e eu nos sentamos com Quíron e alguns dos campistas mais velhos: Beckendorf, Silena Beauregard, e os irmãos Stoll. Até Clarisse do chalé de Ares estava lá, de volta da sua missão secreta de exploração. Eu sabia que a missão devia ter sido difícil, porque ela sequer tentou me pulverizar. Ela tinha uma nova cicatriz no queixo, e seu cabelo sujo e loiro foi cortado curto e irregular, como se alguém a tivesse atacado com uma tesoura cega.

— Eu tenho novidades — ela falou inquieta. — Novidades *ruins*.

— Eu contarei a vocês mais tarde — Quíron falou com uma alegria forçada. — O importante é que vocês prevaleceram, e você salvou Annabeth!

Annabeth sorriu para mim gratamente, o que me fez olhar para o lado.

Por alguma estranha razão, eu me encontrei pensando sobre a Represa Hoover, e a estranha garota mortal que eu conheci, Rachel Elizabeth Dare. Eu não sabia por que, mas eu ficava relembrando seus comentários irritantes. *Você sempre mata as pessoas quando elas assoam o nariz?* Eu estava vivo somente porque tantas pessoas tinham me ajudado, até uma aleatória garota mortal como aquela. Eu sequer havia explicado a ela quem eu era.

— Luke está vivo — falei. — Annabeth estava certa.

Annabeth sentou ereta.

— Como você sabe?

Eu tentei não me sentir irritado com o interesse dela. Eu contei a ela o que meu pai falara sobre o *Princesa Andrômeda*.

— Bem — Annabeth se mexeu desconfortável em sua cadeira. — Se a batalha final ocorrer quando Percy tiver dezesseis anos, pelo menos nós temos mais dois anos para pensar em alguma coisa.

Eu tive a impressão que quando ela falou “pensar em alguma coisa”, ela quis dizer “fazer Luke mudar sua conduta”, o que me aborreceu ainda mais.

A expressão de Quíron era sombria. Sentado perto do fogo em sua cadeira de rodas ele parecia realmente velho. Quer dizer... ele *era* realmente velho, mas normalmente ele não aparentava.

— Dois anos podem parecer ser um longo tempo — ele

disse. — Mas é um piscar de olhos. Eu ainda espero que você não seja a criança da profecia, Percy. Mas se for, a segunda guerra dos Titãs está próxima. O primeiro ataque de Cronos será aqui.

— Como você sabe? — perguntei. — Por que ele se preocuparia com o acampamento?

— Porque os deuses usam os heróis como ferramentas — Quíron falou simplesmente. — Destrua as ferramentas, e os deuses ficam sem armas. As forças de Luke virão para cá. Mortais, semideuses, monstros... Nós precisamos estar preparados. As novidades de Clarisse podem nos dar uma pista sobre como eles irão atacar, mas...

Houve uma batida na porta, e Nico di Angelo entrou na sala respirando pesadamente, suas bochechas vermelhas por causa do frio.

Ele estava sorrindo, mas olhou ao redor ansioso.

— Ei! Onde está... onde está minha irmã?

Silêncio absoluto. Eu encarei Quíron. Não podia acreditar que ninguém havia contado a ele ainda. E então eu entendi a razão. Eles estiveram esperando que nós aparecêssemos, para contar a Nico em pessoa.

Essa era a última coisa que eu queria fazer. Mas eu devia a Bianca.

— Ei, Nico. — Eu levantei da minha cadeira confortável. — Vamos caminhar, ok? Nós precisamos conversar.

Ele recebeu as notícias em silêncio, o que de alguma forma fez parecer pior. Eu continuei falando, tentando explicar como havia acontecido, como Bianca se sacrificara para salvar a missão. Mas eu senti como se estivesse somente tornando as coisas piores.

— Ela queria que você tivesse isso. — Mostrei a pequena estatueta de deus que Bianca tinha encontrado no ferro-velho. Nico a colocou na palma de sua mão e olhou fixamente para ela.

Nós estávamos no pavilhão-refeitório, exatamente onde nós tínhamos conversado pela última vez antes de eu ir para a missão. O vento estava dolorosamente frio, mesmo com a proteção climática mágica do acampamento. Neve caía levemente nos degraus de mármore. Eu imaginei fora dos limites do acampamento, devia estar acontecendo uma nevasca.

— Você prometeu que iria protegê-la. — Nico falou.

Ele poderia muito bem ter me esfaqueado com uma adaga enferrujada.

Teria machucado menos do que me lembrar da minha promessa.

— Nico — eu disse. — Eu tentei. Mas Bianca se entregou para salvar o resto de nós. Eu falei para ela não fazer. Mas ela...

— Você prometeu!

Ele olhou fixamente para mim, os contornos de seus olhos vermelhos. Ele fechou seu punho em volta da estatueta de deus.

— Eu não devia ter confiado em você. — Sua voz quebrou. — Você mentiu pra mim. Meus pesadelos estavam certos.

— Espere. Que pesadelos?

Ele atirou a estatueta no chão. Ela retiniu pelo mármore gelado.

— Eu odeio você!

— Ela pode estar viva — falei desesperadamente. — Eu não sei ao certo...

— Ela está morta. — Ele fechou os olhos. Todo o seu corpo tremia de raiva. — Eu devia saber disso mais cedo. Ela está nos campos de Asfódelos, diante dos juízes neste exato

momento, sendo avaliada. Eu posso sentir isso.

— O que você quer dizer, você pode sentir isso?

Antes que ele pudesse responder, eu ouvi um novo som atrás de mim. Um sibilar, um tiritar que reconheci muito bem.

Eu saquei minha espada e Nico ofegou. Eu me virei e me encontrei encarando quatro guerreiros esqueletos. Eles sorriram um sorriso descarnado e avançaram com suas espadas na mão. Eu não sei como eles entraram no acampamento, mas isso não importava. Eu nunca conseguiria ajuda a tempo.

— Você esta tentando me matar! — Nico gritou. — Você trouxe essas... essas coisas?

— Não! Quero dizer, sim, eles me seguiram, mas *não!* Nico, corra. Eles não podem ser destruídos.

— Eu não confio em você!

O primeiro esqueleto atacou. Eu joguei sua lâmina para o lado, mas os outros três continuavam vindo. Eu cortei um ao meio, mas imediatamente ele começou a se juntar. Eu arranquei a cabeça de outro, mas ele continuou lutando.

— Corra Nico! — gritei. — Consiga ajuda!

— Não! — Ele pressionou suas mãos nos ouvidos.

Eu não poderia lutar com quatro de uma vez, não se eles não morressem. Eu cortei, girei, bloqueei, estoquei, mas eles continuaram avançando. Era uma questão de segundos antes que os zumbis me dominassem.

— Não! — Nico gritou mais alto. — Vão embora!

O chão tremeu sob mim. Os esqueletos congelaram. Eu saí do caminho no momento em que uma fenda se abriu aos pés dos quatro guerreiros. O chão se partiu como uma boca aberta. Fogo surgiu da fissura, e a terra engoliu os esqueletos com um sonoro *CRUNCH!*

Silêncio.

No lugar onde os esqueletos estiveram uma cicatriz de seis metros atravessava o chão de mármore do pavilhão. De outra maneira não havia sinal dos guerreiros.

Horrorizado, eu olhei para Nico.

— Como você...?

— Vá embora! — ele gritou. — Eu odeio você! Eu gostaria que você estivesse morto!

O chão não *me* engoliu, mas Nico desceu os degraus correndo, indo em direção à floresta. Eu comecei a segui-lo, mas escorreguei e caí nos degraus gelados. Quando me levantei, percebi em que eu havia escorregado.

Eu peguei a estátua de deus que Bianca havia retirado do ferro-velho para Nico. *A única estátua que ele não tem*, ela falou. O último presente de sua irmã.

Eu olhei para ela com pavor, pois agora eu entendia porque a face me pareceu familiar. Eu já a tinha visto antes.

Era a estátua de Hades, Senhor dos Mortos.

Annabeth e Grover me ajudaram a procurar na floresta por horas, mas não havia sinal de Nico di Angelo.

— Nós temos que contar a Quíron — Annabeth falou, sem ar.

— Não — eu disse.

Ela e Grover me olharam.

— Hum — Grover disse nervoso, — o que você quer dizer com... não?

Eu ainda estava tentando entender por que eu tinha dito aquilo, mas as palavras saíram de mim.

— Nós não podemos deixar ninguém saber. Eu acho que ninguém sabe que Nico é...

— Filho de Hades — Annabeth falou. — Percy, você

tem *alguma ideia* de como isso é sério? Até Hades quebrou o juramento! Isso é horrível!

— Eu acho que não — falei. — Eu não acho que Hades quebrou o juramento.

— *O quê?*

— Ele é pai dele — eu disse, — mas Bianca e Nico estiveram fora de circulação por um longo período, antes mesmo da Segunda Guerra Mundial.

— O Lótus Cassino! — Grover falou, e ele contou a Annabeth sobre as conversas que tivemos com Bianca na missão. — Ela e Nico ficaram presos lá por décadas. Eles nasceram antes do juramento ser feito.

Eu assenti.

— Mas como eles saíram? — Annabeth protestou.

— Eu não sei — admiti. — Bianca disse que um advogado veio, pegou os dois e os levou para o Westover Hall. Eu não sei quem fez isso ou por quê. Talvez seja parte dessa coisa de Grande Agitação. Eu não acho que Nico entende quem ele é. Mas nós não podemos sair contando para ninguém. Nem mesmo para Quíron. Se os Olimpianos descobrirem...

— Isso poderia iniciar uma luta entre eles novamente — Annabeth falou. — Isso é a última coisa de que precisamos.

Grover parecia preocupado.

— Mas não se pode esconder coisas dos deuses. Não para sempre.

— Eu não preciso esconder para sempre — falei. — Apenas dois anos. Até eu ter dezesseis.

Annabeth empalideceu.

— Mas, Percy, isso significa que a profecia pode *não* ser sobre você. Pode ser sobre Nico. Nós temos que...

— Não — falei. — Eu escolho a profecia. Será sobre mim.

— Por que você está falando isso? — ela gritou. — Você quer ser responsável pelo mundo inteiro?

Era a última coisa que eu queria, mas não falei isso. Eu sabia que devia dar um passo a frente e reivindicá-la.

— Eu não deixarei Nico correr mais nenhum perigo — disse. — Devo isso a sua irmã. Eu... falhei com os dois. Não vou deixar essa pobre criança sofrer mais.

— A pobre criança que te odeia e quer te ver morto — Grover me lembrou.

— Talvez nós possamos encontrá-lo — falei. — Nós podemos convencê-lo que está tudo bem, escondê-lo em algum lugar seguro.

Annabeth se arrepiou.

— Se Luke chegar nele...

— Luke não vai — eu disse. — Farei com que ele tenha outras coisas com que se preocupar. Isto é, eu.

Eu não tinha certeza se Quíron acreditara na história que Annabeth e eu contamos. Acho que ele sabia que eu estava escondendo algo sobre o desaparecimento de Nico, mas no final ele aceitou. Infelizmente, Nico não foi o primeiro meio-sangue a desaparecer.

— Tão jovem — Quíron suspirou, suas mãos na grade da varanda. — Aliás, eu espero que ele tenha sido comido por monstros. Seria melhor do que entrar para o exército dos Titãs.

A ideia me deixou realmente inquieto. Eu quase mudei minha decisão sobre não contar a Quíron, mas não o fiz.

— Você realmente pensa que o primeiro ataque será aqui? — perguntei.

Quíron olhou para a neve que caía nas colinas. Eu consegui

ver a fumaça do dragão guardião no pinheiro, o brilho do Velocino à distância.

— Isso não acontecerá até o verão, pelo menos — Quíron falou. — Este inverno será difícil... o mais difícil por muitos séculos. É melhor você ir para casa na cidade, Percy; tente manter sua mente na escola. E descanse. Você precisará de descanso.

Eu olhei para Annabeth.

— E quanto a você?

Suas bochechas enrubesceram.

— Vou tentar São Francisco, afinal. Talvez eu possa vigiar o Monte Tam, ter certeza que os Titãs não vão tentar mais nada.

— Você vai enviar uma mensagem de Íris se alguma coisa der errado?

Ela assentiu.

— Mas eu acho que Quíron está certo. Isso não será até o verão. Luke vai precisar de tempo para recuperar sua força.

Eu não gostei de ter que esperar. Mas então, próximo agosto eu farei quinze anos. Tão perto dos dezesseis que eu não queria pensar sobre isso.

— Tudo bem — falei. — Apenas tome cuidado. E nada de acrobacias malucas com o Sopwith Camel.

Ela sorriu timidamente.

— Combinado. E, Percy...

Seja o que for que ela ia dizer foi interrompido por Grover, que cambaleou para fora da Casa Grande, tropeçando em latas. Seu rosto estava desfigurado e pálido, como se ele tivesse visto um fantasma.

— Ele falou. — Grover gritou.

— Acalme-se, meu jovem sátiro — Quíron disse, confuso.

— Qual é o problema?

— Eu... Eu estava tocando música na sala — ele gaguejou,
— e bebendo café. Muito, muito café! E ele falou na minha mente!

— Quem? — Annabeth demandou.

— Pã! — Grover se lamentou. — O próprio Senhor da Natureza. Eu o ouvi! Eu tenho que... tenho que encontrar uma mala.

— Ei, ei, ei — falei. — O que ele disse?

Grover olhou para mim.

— Apenas três palavras. Ele disse, “*Eu espero você...*”

SOBRE O AUTOR



Rick Riordan nasceu em 1964, em San Antonio, Texas, e hoje mora em Boston com a esposa e os dois filhos. Autor best-seller do The New York Times, premiado pelo YALSA e pela American Library Association, por quinze anos ensinou inglês e história em escolas de São Francisco, e é essa experiência que atribui sua habilidade em escrever para o público jovem. Além das séries *Percy Jackson e os Olimpianos*, *Os Heróis do Olimpo* e *As Provações de Apolo*, inspiradas na mitologia greco-romana, Riordan assina as séries *As Crônicas dos Kane*, que visita deuses e mitos do Egito Antigo e *Magnus Chase e os Deuses de Asgard*, sobre mitologia nórdica.

OUTRAS SÉRIES DO AUTOR

PERCY JACKSON

E OS OLIMPIANOS



Livro Um



Livro Dois



Livro Três



Livro Quatro



Livro Cinco

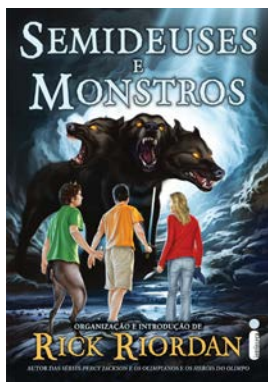


Livro Extra

OUTRAS SÉRIES DO AUTOR

PERCY JACKSON

E OS OLIMPIANOS



Livro Extra



Livro Extra



Livro Extra

OUTRAS SÉRIES DO AUTOR



Livro Um



Livro Dois



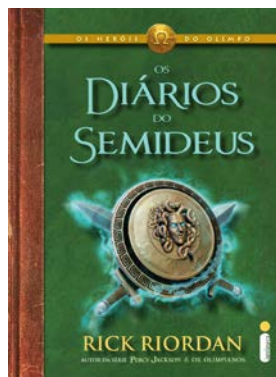
Livro Três



Livro Quatro



Livro Cinco

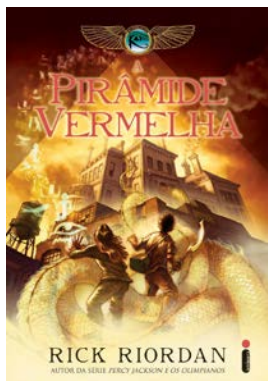


Livro Extra

Clique na imagem da série para ser direcionado para a página de download.

Clique nas imagens ou nos textos dos livros para ser direcionado para as páginas de download.

OUTRAS SÉRIES DO AUTOR



Livro Um



Livro Dois

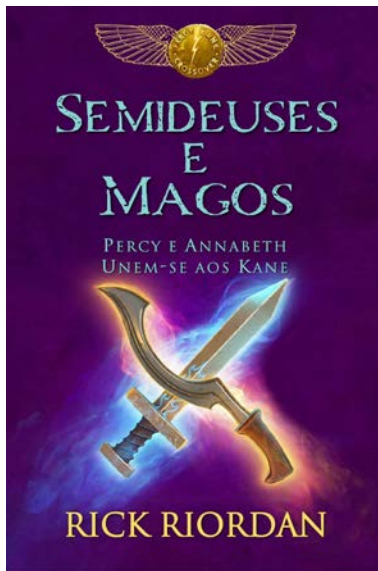


Livro Três



Livro Extra

CROSSOVER



Livro Crossover
(Percy Jackson e os Olimpianos, Os
Heróis do Olimpo e As Crônicas dos
Kane)

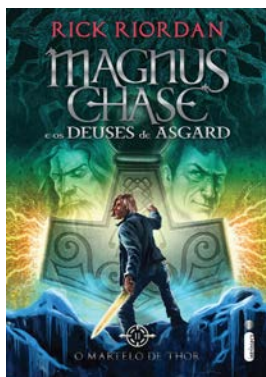
OUTRAS SÉRIES DO AUTOR

MAGNUS CHASE

e os DEUSES de ASGARD



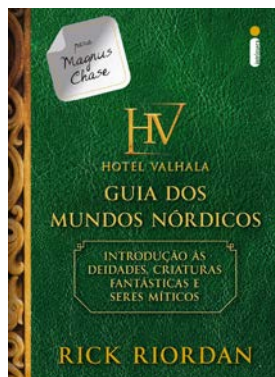
Livro Um



Livro Dois



Livro Três



Livro Extra

Clique na imagem da série para ser direcionado para a página de download.

Clique nas imagens ou nos textos dos livros para ser direcionado para as páginas de download.

OUTRAS SÉRIES DO AUTOR

AS PROVAÇÕES DE APOLO



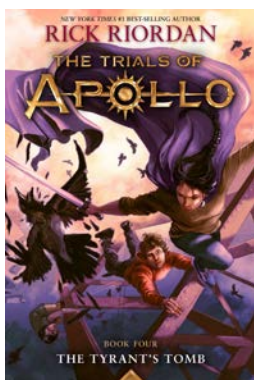
Livro Um



Livro Dois



Livro Três



Livro Quatro



Livro Extra

Clique na imagem da série para ser direcionado para a página de download.

Clique nas imagens ou nos textos dos livros para ser direcionado para as páginas de download.

“A oeste, cinco buscarão a deusa acorrentada,
Um se perderá na terra ressecada,
A desgraça do Olimpo aponta a trilha,
Campistas e Caçadoras, cada um brilha,
A maldição do titã um deve sustentar,
E, pela mão do pai, um irá expirar.”



Se você está familiarizado com esses personagens ancestrais, vai ficar impressionado pelo modo como Riordan os utiliza. Se não os conhece, esta será uma apresentação empolgante.

THE GUARDIAN



Arte de capa de SJI Associates, Inc.
Ilustração © 2014 John Rocco

